

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Susan Wiggs

Verão no Lago

{Diários do Lago}
LIVRO 1

"A interação e a intimidade entre os personagens são preciosas. Suas evocações dos eternos prazeres do verão, especialmente atraentes." — *Publishers Weekly*



HARLEQUIN
BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Susan Wiggs

Verão no Lago

{Diários do Lago}

Livro 1

Tradução de
ANA HELENA GARCIA



Rio de Janeiro
2012

BEM-VINDOS AO ACAMPAMENTO KIOGA

Franklin Delano Roosevelt disse, certa vez, que “o acampamento de férias foi a maior contribuição que os Estados Unidos deram ao mundo”. Qualquer pessoa que visite o acampamento Kioga descobre por si mesmo. O Kioga é um lugar onde os sonhos ainda existem e são reais, onde se pode mergulhar nas águas cristalinas de um lago natural, fazer longas caminhadas até o topo das montanhas e erguer o olhar para o céu, contemplar o brilho das brasas incandescentes de uma fogueira à noite e imaginar tudo que o futuro lhe reserva.

REGRAS DO ACAMPAMENTO KIOGA

No acampamento Kioga, hasteiam-se três bandeiras: a bandeira oficial do acampamento, a do estado de Nova York e a dos Estados Unidos, que são içadas diariamente ao amanhecer e saudadas por todos ao toque da alvorada. Quando todas as bandeiras estiverem na mesma corda, a bandeira dos Estados Unidos deve ficar acima das outras. Quando as bandeiras estiverem hasteadas em mastros diferentes, a dos Estados Unidos deve ser a primeira a ser hasteada e a última a ser baixada. Nenhuma bandeira ou flâmula poderá ficar acima nem à direita da bandeira dos Estados Unidos. Quando as bandeiras estiverem a meio pau, a dos Estados Unidos ficará na metade do mastro e as outras duas ficarão um pouco abaixo dela.

Prólogo

Olivia Bellamy tentava decidir o que era pior: ficar presa no alto do mastro de uma bandeira, sem nenhuma ajuda por perto, ou aceitar a ajuda de um Hell's Angel que acabara de chegar.

Seu plano de hastear as bandeiras no acampamento de férias Kioga, pela primeira vez em dez anos, a princípio parecia muito simples. Então, o cabo e a roldana haviam emperrado, mas Olivia não perdera a coragem. Ela abriu uma escada de alumínio velha e subiu até o último degrau para depois descobrir que mesmo assim não poderia alcançar a roldana. Escalar o mastro não seria difícil, disse a si mesma, até que chutou a escada acidentalmente.

Sua imbecil, pensou Olivia, presa ao mastro para salvar a vida. Estava a uma altura considerável e, se descesse escorregando pelo mastro de ferro, velho e corroído, arrancaria a pele das mãos e da parte interna das coxas.

Olivia começara a descer muito lentamente quando ouviu o ronco de um motor com o escapamento aberto vindo da estrada. Ela ficou tão assustada que por pouco não largou o mastro. Instintivamente, agarrou-se com força e fechou os olhos. *Vá embora*, pensou. Não posso enfrentar quem quer que seja agora.

O barulho do motor ficou mais alto e ela abriu os olhos. Viu então que o intruso era um motociclista todo vestido de couro preto e com o rosto encoberto por um capacete ameaçador e óculos espelhados. Por trás da moto preta e cromada subia uma coluna de fumaça.

Que sorte a minha, pensou. Aqui estou, no meio do nada, e um aventureiro tipo personagem de *Sem destino* vem me socorrer.

Seus braços e ombros já começavam a tremer. De nada adiantou perder tantas horas fazendo exercícios na academia.

Lá embaixo, junto à base do mastro, o estranho desmontou da moto e colocou-a no descanso. Em seguida, inclinou-se para trás e olhou diretamente para ela.

Apesar da circunstância, Olivia ficou imaginando como seria a imagem do seu traseiro visto da perspectiva dele. Do modo como crescera, compensando suas frustrações com comida e ganhando vários apelidos nada lisonjeiros por causa disso, nunca superou por inteiro a insegurança com o próprio corpo.

Fique calma, pensou.

— Olá — disse ela.

— Oi. Tudo em cima? — perguntou ele.

Mesmo sem poder ver seu rosto, Olivia desconfiou que ele estivesse dando uma risadinha sarcástica. E teve certeza disso quando ele acrescentou:

— Desculpe, não resisti.

Legal. Como ela estava com sorte. Um espertinho.

Felizmente, ele não a torturou mais. Pegou a escada e apoiou-a no mastro.

— Desça devagar — ele orientou. — Estou segurando firme a escada.

Olivia suave agora, no limite da sua resistência. Ela deslizava lentamente enquanto seu short jeans subia. Ela ainda tinha esperança de que ele não estivesse notando.

— Está quase chegando — falou o estranho. — Só falta mais um pouco.

Quanto mais ela descia, menos estranha parecia a voz dele. Quando seu pé alcançou o primeiro degrau da escada, ela começou a ter sérias desconfianças a seu respeito. Ela não estivera nos arredores havia muito tempo, o acampamento onde vivera seus sonhos mais delirantes e também seus piores pesadelos. Agora, não conhecia mais ninguém daquela montanha remota e erma... ou conhecia?

No seu estilo neurótico, lembrou-se de que não tinha feito nada de especial no cabelo naquela manhã. Não usava maquiagem alguma nem se lembrava se tinha escovado os dentes. Seu short feito de calça jeans era curto demais e a camiseta, muito apertada.

Descendo pela escada, sabia que lá embaixo a humilhação certa a esperava. Para pisar no chão foi obrigada a passar entre os braços daquele homem que segurava a escada com firmeza. Ele cheirava a couro e a algo mais.

Os músculos, que até bem pouco estavam doloridos e cansados, agora ameaçavam bambear de exaustão. Usou o resto de suas forças para afastar um dos braços dele e não ficar presa. Ele largou a escada e levantou as mãos de ciborgue para sinalizar que era de paz. Mãos tipo Darth Vader, enormes, com luvas pretas. Mãos do Exterminador.

— Tudo bem — disse ele. — Está segura agora.

Olivia apoiou as costas na escada, e quando o encarou sentiu o chão desaparecer sob os pés. Nada mais parecia seguro.

Ele era imenso, a robustez ressaltada pelo couro preto, incluindo as pernas sobre o jeans desbotado e desgastado nos locais mais interessantes. Pela jaqueta entreaberta pôde ver sua camiseta rasgada. As botas gastas pareciam pertencer a um

homem que trabalhasse com elas. Exceto pelas correntes. Não imaginava o motivo de ele estar usando aquele adorno, mas na verdade era sexy. *Muito sexy.*

— Obrigada — disse enquanto dava um passo para o lado, evitando ficar entre ele e a escada. — Não sei o que teria feito se você não tivesse aparecido. — Em seus óculos espelhados ela pôde ver a própria imagem do seu rosto vermelho e o cabelo embaraçado pelo vento. Limpou as mãos no short. — O quê... — Ela falou sem jeito. Poderia *não ser ele*. Na certa, o excesso de sol e ar puro devia ter embaralhado suas ideias. Resolveu agir com bastante naturalidade. — Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Acho que as coisas estão meio invertidas aqui. Foi você quem deixou uma mensagem de voz para mim. Algo sobre um projeto de construção. — Então, ele tirou os óculos escuros e o capacete.

Oh, Deus! Eu desejaria que fosse qualquer um menos você, Olivia pensou.

Ele tirou as luvas, dedo por dedo, enquanto a olhava. Depois, piscou para ela.

— Eu já... nós nos conhecemos?

Olivia achou que ele só podia estar brincando. Será que não sabia mesmo?

Como Olivia não respondeu, ele se virou e, com muita habilidade, hasteou a bandeira. Imediatamente, a bandeira tremulou ao vento e se encheu como uma vela de barco.

Olivia ficou paralisada ao observá-lo. Parou de pensar e até de respirar. Bastou ver aqueles olhos sedutores para viajar no tempo, e os anos voaram como as folhas de um calendário. Ela não estava olhando para um aventureiro. Olhava para o rosto de um homem, mas naqueles olhos azuis ela via o garoto que ele fora um dia.

È não era um garoto qualquer. Mas era *o garoto*. Seu primeiro amor, aquele que a fizera dar os primeiros grandes passos de sua adolescência problemática e sofrida. O primeiro que amara... o primeiro que beijara... o primeiro que... o primeiro que partira seu coração.

Olivia sentiu seu corpo todo incendiar e corou. Deve ter sido por isso que inventaram o termo “chama antiga”. Alguém sempre acabava se queimando.

— Connor Davis — disse ela, falando alto seu nome pela primeira vez em nove anos. — Que prazer encontrá-lo aqui! — È por dentro ela pensava em morrer. *Deixe-me morrer, aqui e agora, e nunca mais pedirei nada enquanto viver.*

— O próprio.

Como se ela pudesse esquecer! Diante dela estava o menino que ele fora, agora na forma de um homem. Devia estar com 28 anos de idade, já que ela estava com 27. O garoto espichado agora era um homem alto e forte. Seu sorriso convencido e olhos brilhantes eram os mesmos, mas o maxilar parecia menos tenso, devido à barba por fazer. Olivia piscou ao notar que ele ainda usava um pequeno brinco numa das orelhas. Ela mesma o colocara, cerca de 13 anos atrás.

— Então você é... — ele conferiu a palma de sua mão esquerda onde parecia ter escrito alguma coisa com tinta roxa. — Você é Olive Bellamy?

— Olivia. — Torcia para que a reconhecesse da mesma forma como ela o reconheceria, como sendo alguém do passado, alguém importante, uma pessoa que mudou o rumo da sua vida. Meu Deus, uma pessoa que se arriscou a ser mandada de volta para casa por ter colocado um brinco na orelha dele.

— Desculpe-me, Olivia. — Connor olhou para ela de um jeito tipicamente masculino. E não entendeu por que ela se sentiu ultrajada. — Não tinha papel para anotar quando peguei a mensagem — ele explicou, e mostrou a mão com tinta roxa. — Nós já nos conhecemos?

Ela deu uma risada forçada.

— Você está gozando com a minha cara? Isto é uma piada? — Teria ela mudado tanto assim? Tudo bem, já tinham se passado quase dez anos. Ela emagrecera horrores, tinha clareado o cabelo castanho e trocado os óculos por lentes de contato. Mesmo assim...

Ele a encarava. Perdido.

— Eu deveria conhecer você?

Ela cruzou os braços, olhou para ele e pensou na frase que ele recordaria por ter sido uma das primeiras mentiras que disseram um para o outro.

— Sou sua nova melhor amiga — ela disse e viu aquele rosto bonito e bronzeado perder a cor.

Os lindos olhos azuis dele ficaram apertados para em seguida se arregalarem de espanto. Seu pomo de adão subiu e desceu, então ele pigarreou, antes de falar.

— Caramba — disse baixinho. E inconscientemente levou a mão até o brinco. — *Lolly?*

CÓDIGO DE CONDUTA DO ACAMPAMENTO KIOGA

Todo mundo deve participar de todas as atividades planejadas conforme o descrito na programação do acampamento e vestido de acordo com o regulamento. Os monitores são responsáveis por assegurar a participação dos acampantes em todas as sessões das atividades programadas, exceto quando forem dispensados pelo setor médico ou pelo diretor.

Capítulo 1

Verão de 1991

— Lolly. — O garoto alto e magricelo que vinha caminhando atrás dela falou pela primeira vez desde que tinham saído da sede do acampamento de férias. — Que tipo de nome imbecil é esse, Lolly?

— Do tipo que está estampado nas costas da minha camiseta — ela disse, trazendo o rabo de cavalo de cabelos castanhos para a frente. Insatisfeita, ela se sentiu corar. Droga, ele era só um garoto bobo e tudo que havia feito era uma simples pergunta.

Errado, pensou ela, como se ouvisse um alarme de programa de auditório. Ele era o garoto mais bonitinho do alojamento Eagle, de meninos de 12 a 14 anos. E não foi uma simples pergunta, mas um comentário mordaz, para provocá-la. E, ainda por cima, ele falou *imbecil*. Lolly detestava admitir, mas não gostava que xingassem. Sempre que experimentava dizer alguma palavra insultuosa, ela gaguejava e corava, e todos notavam como ela era certinha.

— Entendi — murmurou o garoto, e logo depois de uma curva na trilha ele passou por ela com um muxoxo que provavelmente queria dizer “com licença”. Ele continuou a marcha, assobiando uma música antiga dos Talking Heads sem perder o tom.

Estavam participando de uma caminhada em dupla que era a primeira atividade do verão. O objetivo era fazer a garotada se familiarizar com o terreno do acampamento e se conhecer melhor. Logo que desceram do ônibus, foram unidos em duplas, enquanto suas bagagens e pertences eram encaminhados para os seus chalés. Ela ficara com o garoto espichado por terem sido os últimos a desembarcar do ônibus. Ela cruzara os braços e fungara.

— Sou a sua mais nova melhor amiga.

Ele a fitou, encolheu os ombros e disse com um falso ar de nobreza:

— Barkis quer conhecê-la.

Exibido. Lolly não deixou transparecer que se impressionara com a citação de *David Copperfield*. Também fingiu não reparar como os outros garotos riram e o cutucaram com os cotovelos, caçoando dele por ter sido escolhido para fazer dupla com Lolly Bellamy.

Ele não possuía o perfil de um acampante típico do Kioga, e ela logo percebeu isso, por ser uma frequentadora assídua do acampamento, desde os oito anos de idade. Aquele garoto, um novato, parecia ser um rebelde com seu cabelo comprido demais e sua bermuda cargo bem abaixo da cintura. Sua aparência chegava a assustar, com olhos azul-claros e cabelo escuro, uma combinação interessante e, ao mesmo tempo, perturbadora.

Por entre as árvores ela via os outros acampantes, em duplas ou em grupos, conversando animadamente. Aquele era o primeiro dia no acampamento, no entanto o pessoal já estava escalando quais seriam seus amigos durante a temporada. Lolly já sabia que fora descartada, claro. Sempre faziam isso. Se não fosse por suas primas, ela estaria no alto de uma árvore, com toda a certeza.

Com um dedo, ela empurrou a armação dos óculos e sentiu uma pontada de inveja da garotada que já parecia bem à vontade uns com os outros. Até os novatos, como o garoto espichado, pareciam adaptados. Logo que saíam do ônibus eles caminhavam lado a lado, conversando e rindo. Algumas meninas usavam o casaco com capuz largado sobre os ombros, provando que até de uniforme elas tinham estilo. E os meninos usavam as bandanas do Kioga amarradas na cabeça que nem o Rambo. E todos circulavam pelo lugar como se fossem os donos.

O que era bem engraçado, porque nenhum deles era dono do Kioga. Mas Lolly era.

Bem, era, de certa maneira. O acampamento Kioga pertencia aos seus avós. Antigamente, quando Lolly ficava no alojamento Fledglings, para meninas de 8 a 11 anos, ela costumava se vangloriar diante das colegas de ser a dona daquela propriedade, mas na verdade nunca deu muito certo. A maioria das crianças não ligava a mínima para isso.

O garoto espichado encontrou um galho de árvore e o usou para bater na vegetação rasteira ou para se apoiar nele enquanto caminhava. Olhava em volta atentamente, como se esperasse que algo fosse pular em cima dele.

— Então seu nome é Ronnoc — disse ela finalmente.

Ele a fitou com uma cara zangada.

— Hã?

— É o que está escrito nas costas da sua camiseta.

— Ela está do avesso, gênio.

— E eu estava só brincando.

— Rá, rá. — Ele enterrou o galho na terra.

O destino deles era o topo da montanha Saddle, que não chegava a ser uma

montanha, estava mais para uma colina. Ao chegarem ao local encontrariam um buraco onde faziam uma fogueira, com bancos compridos formando um círculo em torno dela. Era um lugar de muitas tradições do acampamento. Sua avó lhe contara que na época da colonização os viajantes acendiam fogueiras em pontos altos para fazer sinais, que era a maneira de comunicação à distância. Ela estava quase contando esta história para o seu parceiro, mas resolveu manter a boca fechada.

Já tinha decidido que não ia gostar daquele garoto. Na verdade, ela decidira que não faria amizade com ninguém nesse verão. Suas primas preferidas, Frankie, apelido para Francine, e Dare geralmente vinham para o Kioga com ela, o que a fazia sentir que tinha amigos. Mas esse ano elas tinham ido para a Califórnia de carro com os pais, tia Peg e tio Clyde. Os pais de Lolly não faziam esse tipo de viagem. Só gostavam de fazer viagens sobre as quais pudessem se gabar depois. Aliás, seus pais gostavam de quase tudo sobre o qual pudessem contar vantagem, como viagens, propriedades, antiguidades e obras de arte. Até sobre Lolly eles se vangloriavam, mas isso foi durante algum tempo. Não mais agora, depois da sexta série, o ano em que suas notas haviam caído e seu peso subido. O ano do divórcio.

Agora, sim, existe algo para se gabar, ela pensou.

— Temos que conhecer três características um do outro — disse o garoto, que não tinha o menor senso de humor e de quem ela não queria ser amiga. — Porque, ao chegarmos ao topo da montanha, vamos ter que apresentar o parceiro ao grupo.

— Não quero conhecer três características suas — disse ela com ar esnobe.

— Bem, eu também não.

A conversa para se conhecer o companheiro que sentaria ao seu lado na fogueira era entediante, uma pena, porque não precisara sê-lo. As crianças menores faziam isso muito bem porque não sabiam que tipo de informação precisariam guardar para si e as que poderiam compartilhar. Lolly era um exemplo perfeito. No ano anterior, ingenuamente, ela fizera uma revelação indiscreta. “Meus pais vão se divorciar”, e em seguida caíra em prantos, e desde então sua vida vinha sendo um pesadelo. Mas ao menos naquela época sua revelação foi genuína. Agora, na atual faixa etária, eles já sabiam que as apresentações seriam monótonas, falsas ou ambas as coisas.

— Gostaria de poder pular essa parte — disse ela. — Vai ser uma chatice total. Os garotos menores são mais interessantes, porque falam o que vem à cabeça.

— Como assim?

— Coisa do tipo que o tio está sendo alvo de uma investigação do governo ou que o irmão tem um terceiro mamilo.

— Um o quê?!

Lolly sabia, agora, que não deveria ter dito isso, mas entendeu que ele a pressionaria até que explicasse.

— Você ouviu — ela disse.

— Um terceiro mamilo. Que besteira. Ninguém tem isso.

— Hã-hã. Bebe Blackmun uma vez contou ao grupo todo que seu irmão tem três.

— É você viu? — ele a desafiou.

— Nem queria ter visto. — Ela estremeceu. — Eca.

— Isso é mentira.

Ela fungou, não queria parecer impressionada com sua reação.

— Aposto que você também tem um a mais. — Não sabia por que tinha dito isso.

As chances eram praticamente nulas.

— É, tem razão — ele disse ao parar e se virar. Num só movimento ele tirou a camiseta bem ali no meio do mato, na frente dela, e tão rápido que ela nem teve tempo de reagir. — Quer contar? — perguntou-lhe.

Com o rosto vermelho de vergonha ela passou rapidamente por ele. *Idiota*, pensou. Sou uma idiota. O que podia esperar que acontecesse?

— Talvez *you* tenha três mamilos — falou ele num tom de deboche. — Acho melhor eu conferir.

— Ficou maluco? — Ela apressou o passo e seguiu em frente.

— Foi você quem puxou o assunto.

— Só estava tentando conversar, já que você é muuuuuuito chato.

— Hã-hã — disse ele. — Eu sou assim. Muuuuuuito chato. — Ele ficou andando em volta, imitando seu jeito de caminhar. Ainda não vestira a camiseta, ele a enfiara atrás, no cós da bermuda. Com a bandana na cabeça e a camiseta pendurada nas costas como se fosse uma tanga, parecia um selvagem como um dos personagens do livro *Lord of the Flies*, de William Golding.

Ele era um exibicionista. Ele...

Lolly tropeçou numa raiz e teve que procurar um galho para se segurar e não cair. Connor se virou e Lolly poderia jurar que o viu esticar o braço rapidamente para evitar que ela caísse, mas num instante ele retomou sua caminhada, sem tocá-la. Lolly olhou para ele sem querer ser rude ou intrometida, mas dessa vez estava preocupada.

— O que é isso nas suas costas? — ela perguntou.

— O quê? — O sr. Selvagem olhou zangado para ela.

— No início achei que você tinha esquecido de tomar banho, mas agora acho que está com um machucado grande aí. — Ela apontou para as costas dele.

Ele parou e se contorceu, o rosto todo retorcido, quase engraçado.

— Não tenho nenhuma porcaria de ferida. Cara, você é meio estranha. Primeiro, falou em mamilos demais, agora, em feridas fantasmas.

— Estou olhando bem para ela. — Apesar de aborrecida com ele, estava com um pouco de pena. A ferida estava cicatrizando. Via como a coloração era forte no centro e mais clara nas bordas. Mas devia ter doído bastante na hora.

Ele apertou os olhos e seu rosto ficou sério e por um momento até parecia ameaçador.

— Eu caí da bicicleta. Grande coisa. — Ele se virou e saiu andando tão rápido que Lolly teve que correr para alcançá-lo.

— Ei, não pretendia deixá-lo zangado.

— Não estou zangado com você — ele respondeu, ríspido, e acelerou mais o passo.

Estava batendo seu recorde, ela pensou. Já fizera seu primeiro inimigo do verão. Com certeza, ainda faria muitos mais. Ela possuía um dom para despertar a aversão das pessoas.

Mesmo que Connor tivesse dito que não se zangara com ela, alguma coisa o perturbava. Havia uma certa tensão em seus músculos, em seus movimentos ligeiros. Grande coisa, então ele se machucou por causa de um tombo de bicicleta. Geralmente, quando uma pessoa cai de bicicleta, fere o cotovelo, o joelho ou até a cabeça. Mas não as costas, a não ser que tenha rolado uma ribanceira e se chocado contra algo muito duro. Ou ele poderia estar mentindo sobre o que aconteceu de fato.

Lolly estava intrigada e ao mesmo tempo desapontada com ele. Desapontada porque queria desesperadamente detestá-lo e não ter que pensar nele pelo resto do verão. É intrigada porque ele era mais interessante do que devia ser. Ele era muito rebelde, também, com aquele cabelo comprido demais, bermudas folgadas e tênis de cano alto todo remendado com fita isolante. E havia algo em seus olhos além das bobagens dos garotos idiotas normais. Os mesmos olhos que haviam lido *David Copperfield* provavelmente teriam visto coisas que Lolly não poderia sequer imaginar.

A trilha fez uma curva bem fechada e eles encontraram uma cachoeira poderosa.

— Nossa! — disse Connor, e em seguida levantou a cabeça para admirar os 30 metros de cachoeira. A água vinha de alguma nascente bem alta e, ao bater nas pedras ao longo da queda, criava um chuvisco que formava vários arcos-íris com o reflexo do sol.

— É impressionante — disse ele, aparentemente de melhor humor.

— Meerskill Falls — ela comentou, num tom mais alto para ser ouvida acima do barulho das águas. — Uma das mais altas quedas-d'água do estado. Vamos até a ponte, de lá dá para vê-la melhor.

A ponte Meerskill fora construída na década de 1930. Vertiginosamente alta, a ponte tinha uma estrutura de concreto em forma de arco que atravessava o desfiladeiro, com a queda-d'água se precipitando estrondosamente lá embaixo.

— Os habitantes daqui a chamam de ponte do suicídio, porque muita gente já se matou aqui.

— Ah! Sim. — Ele parecia atraído pela cascata que cobria a trilha pelos dois lados fazendo surgir um tapete de musgo e viçosas samambaias.

— Estou falando sério. É por isso que existe uma tela de arame sobre a ponte. — Ela correu para alcançá-lo. — Dizem que foi colocada cerca de 50 anos atrás, depois que dois adolescentes pularam da ponte.

— Como sabe que eles pularam? — perguntou ele. O véu de gotículas cobria suas

pestanas e seu cabelo, o que o deixava ainda mais bonito.

Lolly imaginou se o mesmo acontecia com ela e se estaria bonita. Provavelmente, não. Só dava para embaçar as lentes dos seus óculos.

— Eles acham que sim — disse ela. Chegaram na ponte e passaram por baixo do arco formado pela tela de segurança.

— Talvez tenham caído acidentalmente. Ou foram empurrados. Ou talvez isso nunca tenha acontecido.

— Você é sempre assim tão cético?

— Só quando alguém enche os meus ouvidos com baboseiras.

— Não é baboseira. Pode perguntar a qualquer um. — Ela empinou o nariz e foi em frente, atravessou a ponte e seguiu seu caminho sem olhar para trás. Eles continuaram a caminhada por algum tempo em silêncio. Pelo tempo que já andavam, deviam estar bem afastados do grupo, mas ele não se preocupava com isso e Lolly decidiu que também não se importaria. De qualquer forma, a caminhada do dia não era uma disputa.

Lolly continuou olhando de esguelha para ele. Poderia tentar gostar daquele garoto, só um pouquinho.

— Ei, olhe só isso. — Ela baixou a voz para um sussurro quando o caminho foi margeado por um prado em declive cheio de flores silvestres e bétulas. — Duas corças e um cervo.

— Onde? — ele perguntou, enquanto procurava à volta.

— Shhh... Fique quieto. — Ela fez um gesto para que a seguisse por fora da trilha. Cervos eram vistos com certa frequência por ali, mas as corças sempre encantavam com seu pelo malhado e grandes olhos tímidos. Os filhotes acompanhavam a mãe enquanto ela se alimentava de grama e folhas numa clareira. Lolly e Connor ficaram próximos à clareira, observando.

Lolly fez sinal para Connor se sentar ao seu lado num tronco. Ela tirou o binóculo da pochete e o entregou a ele.

— Que impressionante — disse ele, olhando. — Nunca tinha visto um cervo solto assim no mato antes.

Lolly se perguntou de onde ele seria. Os cervos nem eram assim tão raros.

— Uma corça come o equivalente ao seu peso a cada 24 horas.

— Como sabe?

— Li num livro. Só no ano passado, li 60 livros.

— Puxa! — ele disse. — Por quê?

— Porque não tive tempo de ler mais — replicou com um ar de superioridade. — Não dá para acreditar que tenha gente que goste de caçar cervos, não acha? Eles são tão lindos. — Ela tomou um gole de água do cantil. Todo o cenário diante deles parecia uma pintura antiga, com a grama macia e verde, florzinhas azuis silvestres balançando ao vento e os cervos pastando.

— Posso ver perfeitamente até o lago — disse Connor. — Este binóculo é muito bom.

— Meu pai me deu. Um presente de culpa.

Ele abaixou o binóculo para fitá-la.

— O que é um presente de culpa?

— É quando seu pai não consegue chegar a tempo de assistir a seu recital de piano, sente-se culpado, e para aliviar sua culpa lhe compra um presente bem caro.

— Hã-hã. Existem coisas bem piores do que seu pai deixar de ir ao recital de piano. — Ele voltou a olhar pelo binóculo. — Aquilo ali é uma ilha no meio do lago?

— Exatamente. É a Spruce Island. É de lá que soltam os fogos de artifício no feriado de Quatro de Julho. Tentei nadar até lá no ano passado, mas não consegui.

— O que foi que aconteceu?

— Quando estava no meio do caminho precisei pedir ajuda. Ao chegar na margem precisei fingir que quase me afogara para não me acusarem de ter pedido ajuda só para chamar atenção. Chamaram meus pais. — Esta fora, claro, sua intenção desde o início. Agora preferia não ter falado sobre o incidente, mas, já que começara, ia até o fim. — Meus pais se divorciaram no ano passado, então planejei tudo para fazer com que os dois viessem aqui para me buscar. — A simples confissão provocou-lhe um nó na garganta.

— E funcionou?

— Não. A ideia de se fazer qualquer coisa como uma família acabou, fora de questão. Mandaram-me para um psicólogo, que me aconselhou a “reformular meu conceito de família e o meu papel dentro dela”. Então, vou ter que me adaptar. Meus pais agem como se um divórcio fosse a coisa mais natural, nada sério, nos dias de hoje. — Ela abraçou os joelhos junto ao peito e observou os cervos até os olhos ficarem embaçados. — Mas para mim foi muito difícil. Eu me senti como se tivessem me jogado ao mar para me afogar e ninguém acreditasse em mim.

Chegou a pensar que ele não a escutava mais, porque não disse nada. Ficou calado, tal como o dr. Schneider fazia durante as sessões de terapia. Até que Connor resolveu falar.

— Se estiver se afogando e ninguém acreditar em você, é melhor descobrir um jeito de nadar.

— Ah! Está bem. Vou me lembrar disso.

Não olhou para ela, como se soubesse que ela precisava de um tempo para se recompor. De vez em quando, dava uma espiada pelo binóculo e assobiava baixinho entre os dentes. Lolly achou que era aquela música “Stop Making Sense” do Talking Heads, e de certa maneira ela se sentiu frágil e vulnerável, do mesmo jeito que havia ficado quando a tiraram do lago no ano anterior. É pior, pois agora ela chorava. Não percebeu o momento exato em que começou a chorar e teve de fazer um esforço e tanto para se controlar.

— Acho melhor irmos agora — disse, sentindo-se uma idiota ao comprimir sua bandana contra o rosto. Por que ela tinha dito aquelas coisas a um garoto de quem nem gostava?

— Está bem.

Ele lhe devolveu o binóculo e retomou a trilha. Se as coisas entre eles já estavam esquisitas, agora então, depois de cair no choro, tornarem-se amigos seria impossível. Desesperada para mudar de assunto, ela resolveu falar.

— Você sabia que todos os monitores daqui já acamparam no Kioga?

— Não.

Ela ia ter que caprichar mais no departamento de fofocas se quisesse impressionar o garoto.

— Os monitores mantêm suas vidas em segredo — ela disse. — Nem todos sabem, mas eles fazem festas à noite. Muita bebida e agarramento, coisas desse tipo.

— Legal. Que tal me contar alguma novidade?

— Bem, tem o caso da cozinheira chefe, Gertie Romano, que ia participar de um concurso para escolher a Miss Nova York, mas ficou grávida e teve que desistir. E tem a Gina Palumbo, que está no meu alojamento, ela falou que seu pai é um chefão da máfia. E ainda, Terry Davis, o zelador, é um bêbado.

Nesse momento Connor se virou abruptamente para encará-la. A camiseta dele caiu no chão com o movimento repentino. Ela se abaixou para pegar a camiseta.

— Você deixou cair isto. — Havia vestígios de ketchup na frente dela e uma pequena etiqueta costurada por dentro da gola onde se lia Connor Davis. — Davis — ela disse. — É seu sobrenome?

— Você é uma intrometida — disse ele arrancando-lhe a camiseta da mão e colocando-a sobre a cabeça. — Claro que é, gênio, caso contrário não seria este o nome pregado na minha roupa.

Lolly perdeu o fôlego. Caramba! *Davis*. Como Terry Davis. Nossa!

— Então, ele é... o sr. Davis, o zelador é parente seu?

Connor se distanciou dela. Suas orelhas estavam vermelhas de raiva.

— Sim. Ele é meu pai, o bêbado.

Ela ficou sem fala, caminhando atrás dele.

— Ei! Espere. Perdoe-me. Eu não sabia... não imaginava... nossa! Nunca deveria ter dito aquilo. Foi só um boato que andei ouvindo por aí.

— Claro. Você é mesmo muito engraçada.

— Não, não sou. Sou horrível, eu me sinto horrível. — Ela teve de correr para alcançá-lo. Estava dominada pela culpa. Pior. Não se podia falar mal da família das pessoas. Ela devia saber disso. Os pais dela também tinham defeitos, mas ela ficaria ofendida se alguém falasse mal deles, com toda certeza.

Mas como poderia saber? Que chance teria? Todo mundo dizia que Terry Davis não tinha família, que nunca ninguém o visitava, portanto, não podia adivinhar que

ele tivesse um filho. Mesmo assim, deveria ter mantido sua língua grande dentro da boca.

Terry Davis tinha um filho. Espantoso. Em todos esses anos em que aquele homem quieto e melancólico trabalhava no Kioga, ela nunca soube da verdade. Só sabia que o pai de Terry e o avô dela tinham lutado juntos na Guerra da Coreia. O avô contava que eles se conheceram quando bombardeavam algo chamado rio Han, e que o sr. Davis tinha sido um herói, e por isso sempre haveria lugar para ele no Kioga, em qualquer circunstância. Mesmo que fosse, como ela falou indevidamente, um bêbado. Ele já fazia parte da propriedade, morava sozinho em um dos alojamentos destinado aos funcionários, na entrada do acampamento. Aqueles prédios acomodavam cozinheiros, zeladores, guardas, motoristas e faxineiros, todo o pessoal invisível que trabalhava dia e noite para manter o lugar como se fosse uma selva imaculada.

O sr. Davis era um homem muito solitário. Ele dirigia um utilitário e parecia sempre cansado, inclinado a ter o que seu avô chamava de um dia improdutivo.

— Estou arrasada — disse ela para Connor.

— Não sinta pena de mim.

— Não é isso, estou chateada pelo que falei sobre o seu pai. É diferente.

Connor fez um movimento brusco com a cabeça, tirando dos olhos uma mecha de cabelo escuro.

— É bom saber.

— Ele não disse que tinha um filho. — Logo que acabou de falar, ela se deu conta de que quanto mais falava, pior ficava. — Eu quis dizer, que nunca...

— Meu pai não queria que eu viesse aqui para o verão. Só vim porque minha mãe se casou novamente e o marido não me quis por perto — disse Connor. — Ele falou que três pessoas morando num trailer duplo era uma multidão.

Lolly pensou no ferimento que vira em suas costas e dessa vez se lembrou de manter a boca fechada.

— Um trailer duplo não tem muito espaço para três pessoas, mas acho que você não saberia — ele disse. — Provavelmente, deve morar numa mansão em algum lugar.

Na verdade, em duas mansões, ela pensou. Uma da mãe e outra do pai. O que era uma prova irrefutável de que se pode ser uma pessoa solitária morando na Quinta Avenida, de frente para o Central Park, ou em uma caçamba de lixo.

— Meus pais me mandam viajar nas férias desde que eu tinha oito anos de idade — contou para Connor. — Talvez fizessem isso para poderem brigar mais à vontade. Eu nunca presenciei uma briga deles. — Caso contrário, refletiu Lolly, não teria ficado tão abalada com o divórcio.

— Quando minha mãe lembrou que eu poderia vir para cá, sem gastar nada, por meu pai trabalhar aqui — explicou Connor —, minha sorte estava selada.

Mentalmente, Lolly começou a ligar os fatos. Se ele não ia pagar, significava que

era um bolsista. Graças a um programa que seus avós haviam criado, todo ano algumas famílias sem recursos mandavam os filhos para o Kioga sem pagar nada. Eram crianças de famílias de vida difícil e que, às vezes, estavam “em risco”, mas ela não tinha muita certeza sobre que tipo de risco se tratava.

No acampamento todos se vestiam da mesma maneira, viviam e comiam do mesmo modo. Teoricamente, não era para ninguém saber se o colega do lado era filho de um viciado ou de um príncipe saudita. Se bem que algumas vezes isso era meio evidente. Os bolsistas, em geral, eram diferentes tanto na maneira de falar quanto no jeito de ser. Às vezes, o estado precário dos dentes os denunciava. Ou a falta de educação. Outras vezes, como no caso de Connor, o garoto tinha um aspecto de gente perigosa. Nada indicava que ele fosse pobre, e nenhum sinal evidente denunciava que corresse riscos. Exceto a dor estampada em seus olhos quando ela chamou seu pai de bêbado.

— Sinto-me uma grosseira — ela repetiu. — Fiz uma coisa horrível, eu não deveria ter dito nada.

— Você está certa. Não deveria. Garota maluca, não é à toa que frequenta analista. — Ele enfiou a vareta na terra com uma estocada e acelerou o passo. Parecia que não ia trocar mais uma palavra com ela. Nunca mais.

Legal, ela pensou. Tinha estragado tudo, da maneira como sempre fazia com os outros. E ele, na certa, ia contar para todo mundo. Talvez contasse que ela estava traumatizada com a separação dos pais e que fazia terapia. Talvez falasse até que ela havia chorado. Conseguira ali um inimigo para toda a vida.

Ela foi em frente, e a cada passo sentia-se mais suada e irritada. *Você é uma idiota, Lolly Bellamy*, disse a si mesma. Todos os anos ela ia para o Kioga cheia de expectativas. *Este verão será diferente. Este verão farei novos amigos, praticarei um esporte, viverei minha vida, só por um verão.*

Mas, à medida que o tempo passava, ela caía na realidade. Sair da cidade, simplesmente, não significava deixar para trás os problemas. Eles vinham junto com ela, como uma sombra, se expandindo e contraindo com a luz.

Ela e Connor foram os últimos a chegar ao topo. Todos já estavam reunidos em torno do buraco da fogueira. Não havia fogo, pois ainda estava ensolarado e fazia calor. Todos os acampantes estavam sentados em compridas toras de madeira. Algumas toras já há tantos anos ali que tinham as marcas dos assentos bem desgastados.

Os principais monitores do alojamento Eagle eram, este ano, Rourke McKnight e Gabby Spaulding, que combinavam perfeitamente com o espírito do Kioga. Eram bonitos e animados. Ambos tinham frequentado o lugar como acampantes quando crianças. Agora, na faculdade, eles representavam o que vovó e vovô chamavam de *esprit de corps* do Kioga. Conheciam bem as regras, tinham curso de primeiros socorros, conheciam diversas palavras dos índios algonquinos e sabiam a letra de

todas as músicas que se costuma cantar em volta de uma fogueira. Sabiam distrair os acampantes mais saudosos de casa. A saudade de casa era uma verdadeira epidemia, principalmente entre os novatos.

Antigamente, a saudade não era problema porque a família podia alugar os chalés. O Kioga oferecia essa opção. Logo que terminava o ano letivo, mães e filhos se instalavam nos chalés, e nos fins de semana os pais pegavam o trem na cidade e se juntavam a eles. Assim surgiu o termo “colônias de chalés”. Uma colônia era um grupo de chalés próximos. Segundo sua avó, era comum as mesmas famílias voltarem sempre. As famílias faziam amizades entre si, e, mesmo não se encontrando durante o resto do ano, elas aguardavam ansiosamente as férias de verão.

Sua avó tinha fotos daquela época, e pareciam tempos bem felizes, congelados nas fotografias em preto e branco, as margens brancas picotadas, preservadas em álbuns de páginas pretas que remetiam aos primórdios do Kioga. Os pais fumavam cachimbos e bebiam uísque com água e gelo, apoiados em suas raquetes de tênis. As mães tomavam sol em espreguiçadeiras, de lenços na cabeça e blusas de marinheiro, enquanto as crianças brincavam juntas.

Lolly gostaria que a vida pudesse ser assim. Hoje em dia, isso não era mais possível. As mulheres seguiam suas carreiras e muitas não tinham maridos.

Por isso, agora os chalés abrigavam os monitores, que durante o dia eram universitários impecáveis e animados e à noite se transformavam em festeiros desvairados. No verão passado, Lolly e três primas dela, Ceci, Frankie e Dare, tinham fugido para espionar os monitores, depois que todos já estavam deitados e com a luz apagada, para dormir. No início, eles estavam bebendo. Depois começaram a dançar. Em seguida, vários casais começaram a se abraçar e beijar em tudo quanto era lugar. Na varanda, nas espreguiçadeiras e até no meio da pista de dança. Ceci, que era a mais velha das primas, estava animadíssima.

— Estou louca para chegar minha hora de ser monitora.

— Que nojo! — Lolly falou em uníssono com as outras, desviando os olhos.

Agora, passado um ano, Lolly já começava a compreender aquela excitação. Uma certa eletricidade parecia existir entre Rourke e Gabby. Era difícil explicar, mas fácil de reconhecer. Podia muito bem imaginar os dois dançando, flertando e se beijando.

Logo que a contagem das cabeças confirmou que todos os acampantes já estavam presentes, Rourke pegou o violão (sempre havia um violão) e começaram a cantar. Lolly se encantou com a voz de Connor. A maioria dos meninos fingia que conhecia a letra e cantava fora do tom, mas Connor era diferente. Ele cantou *We Are the World* sem afetação, com a confiança de um pop star. Quando alguns dos garotos o encaravam, ele encolhia os ombros e continuava cantando.

Um pouco de meninas ficaram boquiabertas. Não era imaginação dela. Ele era muito bonitinho mesmo. Pena ela ser tão imbecil e ter estragado tudo com ele.

Chegou o momento das apresentações, que foi tão chato quanto ela imaginava.

Cada parceiro tinha que se levantar e citar três fatos sobre a pessoa com quem tinha feito a caminhada. A ideia era que estranhos que partilhassem uma aventura poderiam acabar fazendo amizade.

Droga! Ela e Connor nem se preocuparam em se conhecer, mas haviam apenas criado uma inimizade. Ela não sabia onde ele morava, exceto que disse ser em algo duplo, não sabia se tinha irmão ou irmã, não sabia qual seu sorvete preferido.

Não havia nada de especial no grupo. Todos frequentavam as escolas mais caras do planeta: Exeter, Sidwell Friends, Dalton School e TASIS, em Lugano, na Suíça. Todos possuíam cavalos, iates ou casas nos Hamptons.

Grande coisa, ela pensou. Se a característica mais importante de um garoto era a escola que ele frequentava, então devia ser uma pessoa bem enfadonha. Um pouco mais interessante foi o caso do garoto Tarik, que frequentava uma escola muçulmana, e de uma menina, Stormy, que não ia à escola porque estudava em casa com os pais, que eram artistas de circo. Além disso, nada que despertasse algum interesse.

Quase todos os outros factoides eram igualmente aborrecidos ou arrogantes, às vezes ambas as coisas. O pai de um dos garotos era agente de publicidade e alguns de seus clientes eram celebridades. Outra menina tinha feito curso de mergulho. E vários vinham de famílias que haviam recebido honrosos prêmios como Pulitzer, Oscar e Clio. A garotada apresentava as credenciais como se fosse uma disputa de poder entre eles.

Ouvindo aqueles relatos, Lolly concluiu que a mentira podia causar maior impacto do que a verdade.

Então chegou sua vez. Ela ficou em pé e trocou olhares apreensivos com Connor, cheios de ameaças veladas. Ele tinha bastante informação sobre ela para humilhá-la, se quisesse. Este era o inconveniente quando se revelava a alguém segredos íntimos e verdadeiros. Era como se entregássemos um revólver a alguém e aguardássemos para ver se ele ia puxar o gatilho. Não tinha a menor ideia do que diria para o grupo. Só sabia que dera informação de sobra para ele usar contra ela.

Ela falou em primeiro lugar. Respirou fundo e começou a falar sem saber exatamente o que iria dizer.

— Este é Connor, e é a primeira vez que vem para o Kioga. Ele... — Ela pensou sobre o que sabia. Ele era um bolsista e seu pai bebia. A mãe se casara novamente e seu padrasto era mau, o motivo de ele ter saído de casa no verão. Lolly sabia que com poucas palavras podia direcionar o cano do revólver para ele. Também poderia fazer dele um garoto de quem ninguém ia querer ser amigo.

Olhou nos olhos dele e soube que pensava a mesma coisa que ela.

— Ele sempre coloca ketchup em sua comida, até no café da manhã — disse. — Seu grupo de rock preferido é o Talking Heads, e ele sempre ganha qualquer disputa de duplas no basquete. — Ela estava intuindo aquela última parte, devido a sua altura e por estar usando tênis de cano alto da marca Chuck Taylor. E ele parecia ser rápido

e suas mãos eram grandes. Aliás, tudo ali era fruto da sua adivinhação, mas ele não a desmentiu.

Então, foi a vez de Connor falar.

— Esta é Lolly — disse ele, com uma certa aversão.

Agora era chegada a hora da verdade, ela pensou, ajustando os óculos no lugar. Poderia destruí-la. Revelara a ele tantas coisas durante o trajeto... Ele pigarreou, jogou o cabelo para trás e assumiu uma postura de garoto rebelde. Lançou-lhe um olhar insolente e pigarreou de novo. Os outros acampantes, que estavam impacientes até então, se aquietaram. Inegavelmente, o garoto tinha uma forte personalidade e prendia a atenção de todos, como um professor rigoroso ou um ator em cena.

Odeio o acampamento, ela pensou, com tanta raiva que sentiu seu rosto queimar. *Odeio isto e odeio esse garoto que está prestes a me arruinar.*

Connor novamente pigarreou e deu uma olhada por todo o grupo.

— Ela gosta de ler, ela toca piano muito bem e pretende se aprimorar na natação.

Os dois se sentaram e não se olharam mais, exceto por uma vez. E quando seus olhos se cruzaram, ela se surpreendeu ao ver que estavam quase sorrindo.

Tudo bem, admitiu, então ele não tinha acabado com ela, dessa vez. Lolly estava em dúvida entre gostar do garoto e ficar ressentida com ele. De uma coisa Lolly tinha certeza: ela *de fato* odiava o acampamento de férias, e não se importava se tinha pertencido aos seus avós um dia. Enquanto vivesse, nunca mais voltaria. Jamais.

CONVITE

JANE E CHARLES BELLAMY
TÊM A HONRA DE CONVIDÁ-LO
PARA A FESTA DO SEU
50º ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO.

EM NOME DO AMOR E DA AMIZADE QUE SEMPRE
NOS DEDICOU,
QUEREMOS QUE VENHA SE JUNTAR A NÓS
PARA A FESTA COMEMORATIVA DAS NOSSAS
BODAS DE OURO.

SÁBADO, **26** DE AGOSTO DE **2006**
ACAMPAMENTO KIOGA, ESTRADA Nº **47**, AVALON.
CONDADO DE ULSTER, NOVA YORK.

ACOMODAÇÕES DISPONÍVEIS.

Capítulo 2

Olivia Bellamy colocou o convite impresso sobre a mesa e sorriu para sua avó.

— Que ideia formidável — disse. — Parabéns para você e para o vovô.

Sua avó, Jane, girou lentamente a travessa arrumada com filas de pequenos sanduíches e bolos. Uma vez por mês, independentemente do que estava acontecendo em suas vidas, avó e neta se encontravam para tomar chá no Astor Court, no Saint Regis Hotel, no centro da cidade. Faziam isso há anos, desde quando Olivia era uma menina de 12 anos, carente e rechonchuda. Ainda hoje, tinha uma sensação agradável ao entrar naquele ambiente suntuoso decorado com elegantes móveis de estilo, plantas ornamentais e um discreto som de harpa.

Sua avó pousou uma fatia de pepino decorada com musse de salmão.

— Obrigada. Ainda faltam três meses para as bodas, mas já estou ansiosa.

— Por que escolheu festejar no Kioga? — perguntou Olivia enquanto brincava com o coador de chá. Desde o último ano da escola ela não ia lá. Propositalmente, abandonara no acampamento todos os seus dramas e temores.

— O Kioga é um lugar especial para nós dois. — Agora, sua avó já experimentava um minissanduíche com manteiga trufada. — Foi onde nos conhecemos. E nos casamos sob o mirante, na Spruce Island, no meio do lago.

— É mesmo? Eu nunca soube disso. Por quê?

— Você desconhece muitas coisas sobre a nossa família. Eu e Charles vivemos uma história parecida com a de Romeu e Julieta.

— Você nunca me contou isso, vovó. O que foi que aconteceu?

— Deixe isso para lá. A maioria dos jovens não acha importante saber como seus avós se conheceram, se casaram. Nem deviam.

— Mas eu acho — falou ela. — Conte-me tudo.

— Foi há muito tempo, e agora parece sem importância. Meus pais, a família Gordon, e os Bellamy vieram de mundos diferentes. Eu cresci em Avalon e nunca

estive na cidade antes de me casar. Os pais do seu avô ameaçaram boicotar nosso casamento. Estavam determinados a arranjar um bom partido para o único filho deles. O que significava, naquela época, alguém com status social. Não queriam uma garota do interior, nascida na região de Catskill.

Olivia ficou surpresa ao ver a mágoa nos olhos da avó. Certas feridas nunca cicatrizavam totalmente.

— Sinto muito — disse.

Jane se esforçou para não se deixar abater.

— Havia muitas diferenças de classe naquela época.

— Ainda existem — comentou Olivia.

Sua avó arregalou os olhos e Olivia soube que era melhor mudar de assunto para não ter de explicar o que estava por trás daquela observação. Virou-se para ver se o chá estava pronto.

— Já está pronto?

Elas sempre dividiam um bule de chá Lady Grey, de sabor lavanda e tangerina. A avó de Olivia anuiu com a cabeça e serviu o chá.

— De qualquer jeito, você tem coisas mais importantes para se preocupar do que com minha história de vida — disse. Por trás dos elegantes óculos, em rosa e preto, seus olhos brilharam e por um instante ela pareceu vários anos mais jovem. — Mas é uma história e tanto. Na certa, alguém vai lhe contar neste verão. Espero que todos apareçam para a temporada. Eu e Charles vamos renovar nossos votos de casamento do mesmo jeito, no mirante, no local exato onde os proferimos da primeira vez. Dentro do possível, vamos repetir a mesma cerimônia do casamento.

— Oh! Vovó, que ideia maravilhosa. — Por dentro Olivia estava assustada. Sabia que a imagem que a avó fazia do lugar estava bem longe da realidade. O acampamento já deixara de funcionar havia nove anos e estava abandonado desde então, com um mínimo de manutenção feita por poucos funcionários que cortavam a grama e vigiavam os prédios. Alguns primos da família Bellamy usavam o lugar para reuniões ou para passar férias, mas Olivia desconfiava de que tudo estava em estado muito precário. Os avós se decepcionariam com o cenário atual, em suas bodas de ouro.

— Sabe, vovó — Olivia tentou ser delicada —, alguns dos seus amigos já estão com uma certa idade e o terreno não tem acesso para cadeiras de rodas. Seria mais provável que comparecessem se a festa fosse realizada no Waldorf-Astoria, ou até mesmo aqui, no Saint Regis.

Jane sorveu do chá.

— Charles e eu já discutimos e resolvemos fazer isso por nós. Por mais que amemos nossa família e nossos amigos, nossas bodas de ouro vão ser do jeito que queremos. Assim como foi nosso casamento, será a comemoração dos 50 anos. Escolhemos o Kioga para a festa. É uma forma de celebrar o que fomos no passado e

o que seremos no futuro: um casal feliz. — Sua xícara chocalhou ao tocar no pires. — Vai ser a despedida do Kioga.

— O que quer dizer com isso?

— A festa das bodas de ouro vai ser o último evento no Kioga. Depois disso, vamos decidir o que fazer com a propriedade.

— Vovó, será que entendi direito? — Olivia perguntou.

— Sim. Já está na hora. Temos que planejar o que fazer. São 400 mil metros quadrados de terreno da melhor qualidade, e pertence a minha família desde 1932. Temos esperança de que permaneça na família, para nossos filhos. — Ela olhou intencionalmente para Olivia. — Ou nossos netos. Nada é seguro nesta vida, mas esperamos que não seja vendido para um empresário qualquer do ramo imobiliário que irá lotear o terreno, fazer ruas e aquelas horríveis casas iguais.

Olivia não entendia o motivo de o projeto de passar adiante o terreno estar mexendo tanto com ela. Ela nem gostava do lugar. Gostava da *ideia* do acampamento. Seu bisavô recebera a propriedade como pagamento de uma dívida, no período da Grande Depressão. Ele mesmo construíra os chalés e o batizara Kioga, pois significava “tranquilidade” na língua algonquina, mas depois soube que o negócio não iria para a frente. Quando o acampamento foi fechado, nenhum dos descendentes quis assumir a propriedade.

Sua avó se serviu de um cone recheado com ganache de chocolate.

— Discutiremos o assunto depois da festa. Quero deixar tudo resolvido para evitar problemas no futuro, quando não estivermos mais aqui.

— Detesto quando fala assim. Você tem 68 anos e acabou de participar de uma competição na categoria sênior...

— Eu jamais teria concluído a prova de triatlon se não fosse a ajuda preciosa que você me prestou, treinando comigo. — Jane bateu de leve na mão da neta e depois ficou pensativa. — Passei tantos momentos importantes da minha vida lá. O acampamento de férias ajudou nossa família a superar o período da Grande Depressão. Depois que seu avô e eu nos casamos e assumimos a administração, o acampamento se tornou uma parte de nós.

È assim era o estilo de Jane, refletiu Olivia. Sempre encontrava maneiras de se agarrar às coisas mesmo quando o certo era se desfazer delas.

— Mas vamos deixar a questão para o futuro. — De repente, ela parecia animada ao se concentrar nas folhas de papel que provavelmente imprimira do site de Olivia. — Temos negócios para discutir agora. Quero que você prepare a propriedade para realizarmos nossas bodas de ouro.

— Não posso fazer isso. — Olivia soltou uma rápida risada.

— Bobagem. Está escrito aqui no seu site que você faz análise especializada, decoração e serviços para organizar e realçar a propriedade com o objetivo de obter uma boa valorização no mercado de imóveis.

— Tudo isso significa que sou especialista em enfeitar as casas — disse Olivia. Alguns colegas decoradores rejeitavam a expressão enfeitar porque não demonstrava muita seriedade. Eles preferiam chamar de decoradores de interiores ou de ambientes.

A expressão era uma descrição do que o trabalho representava. Na função de ajudar as pessoas a apresentar suas propriedades de maneira que as valorizasse, Olivia desenvolvera um talento de ilusionista. Uma artista da fantasia. Transformar uma propriedade para torná-la irresistível era um processo fácil e barato, bastava trabalhar alguns elementos que o proprietário já dispunha, porém com nova disposição.

Olivia adorava aquele trabalho, o fazia bem, e sua reputação no mercado estava cada vez maior. Em determinadas regiões de Manhattan os corretores não assumiam uma venda se a propriedade não tivesse passado pelas mãos da empresa Olivia Bellamy Transformations. O que não significava que os desafios não existissem. Desde o início de sua própria empresa Olivia aprendeu que havia muito mais a fazer numa propriedade do que semear os canteiros de flores, pintar tudo de branco e colocar em funcionamento a máquina de fazer pão caseiro.

Ainda assim, um projeto da dimensão do Kioga estava além do porte de sua empresa.

— Você está falando de um terreno de 400 mil metros quadrados, no campo, a 240 quilômetros daqui. Eu nem saberia por onde começar.

— Mas eu sei. — Jane puxou um velho álbum de fotos forrado de couro e o empurrou por cima da mesa para ela. — Todo mundo tem uma imagem na cabeça do que seja um acampamento de férias, não importa se chegou a conhecer um ou não. Você só terá que recriar essa imagem. Aqui vai encontrar algumas fotografias feitas ao longo dos anos, que podem servir como ponto de partida.

A maioria das fotografias mostrava os chalés construídos às margens do lago, em plena floresta virgem. Olivia tinha de admitir que o lugar transmitia muita paz. Mas sua avó estava certa sobre a ilusão de tranquilidade. De um certo ponto de vista, talvez fosse *desilusão*. Olivia tinha as piores recordações do acampamento de férias. Mas na sua mente existia um lugar ideal para se passar o verão, livre de crianças insolentes, queimaduras do sol e mosquitos.

Ao pensar na propriedade, sua imaginação já começou a funcionar. E na mesma hora surgiram algumas ideias para embelezar o lugar.

Pare com isso, disse a si mesma.

— Não tenho boas lembranças das férias que passei lá — falou.

— Eu sei, querida. Mas poderia ser sua chance de exorcizar demônios. Criar novas recordações.

Que interessante! Olivia nunca se dera conta de que sua avó tinha noção do seu sofrimento. Por que não fizera nada para aliviá-lo, então?

— Esse projeto poderia demorar o verão todo. Não sei se quero me ausentar da cidade por tanto tempo assim.

Jane ergueu uma das sobranceiras bem acima da armação dos óculos.

— Por quê?

Olivia não poderia mais se conter. Seu entusiasmo era evidente e ela acabou confessando.

— Porque tenho um bom motivo que me prende aqui.

— E o motivo poderia ser um tipo parecido com o Brad Pitt, com diploma de Direito em Harvard?

Respire fundo, Olivia, ela se alertou. Você já passou por isso e se decepcionou. Vá com calma. Mas ela não conseguia. Mal se conteve ao contar a novidade para a avó.

— Acho que Rand Whitney vai me pedir em casamento.

Jane tirou os óculos e colocou-os sobre a mesa.

— Ah! Minha querida Olivia. — Ela usou o guardanapo para enxugar uma lágrima.

Olivia estava feliz por ter revelado à avó. Certas pessoas de sua família teriam reagido com certo ceticismo. Alguns, como sua mãe, logo a lembrariam que, na sua idade avançada de 27 anos, ela já acumulava dois noivados frustrados.

Como se fosse possível ela se esquecer algum dia.

Ela se esforçou para não ficar pensando nos fracassos e acrescentou:

— Ele vai vender seu apartamento em Manhattan. Projeto meu, inclusive. Preciso conferir alguns detalhes finais ainda hoje porque a partir de amanhã já vai ser anunciado. Quando Rand chegar em casa do aeroporto, estarei lá esperando. Ele passou a semana toda em Los Angeles, no escritório da empresa na Costa Oeste. Disse que precisava conversar comigo assim que voltasse.

— Para pedi-la em casamento?

— Imagino que sim, só pode ser. — Olivia sentiu um ligeiro desconforto. Na verdade, não fora *exatamente* o que ele dissera.

— Então a venda do apartamento é um bom sinal.

Olivia ria por dentro de felicidade.

— Sim, ele está pesquisando algumas propriedades em Long Island.

— Nossa! O homem está querendo mesmo sossegar.

Olivia abriu um sorriso.

— Então você entende... porque preciso pensar sobre sua oferta.

— Claro, minha querida. — Ela pediu a conta, num gesto infalível para chamar um apressado garçom de luvas brancas. — Espero que dê tudo certo para vocês.

Olivia subiu correndo as escadas para o apartamento de Rand, sentindo-se a mulher mais feliz do mundo. Teria o raro prazer de enfeitar o cenário, nos mínimos detalhes, para seu próprio noivado. Quando Randall Whitney a pedisse em casamento, ele o

faria num ambiente decorado por ela própria. O mais comum era o homem se encarregar dessa tarefa e, normalmente, fazia tudo errado.

Agora seria diferente, pensou Olivia, cheia de entusiasmo. Tudo daria certo.

Ao contrário das outras vezes. O noivado com Pierce estava condenado desde o início por um detalhe que Olivia se recusava a enxergar até o dia em que o pegou tomando banho com outra mulher. No caso de Richard, a humilhação foi descobrir que ele usava o cartão de débito de Olivia para roubá-la. Duas tentativas e dois fracassos, e ela já começava a duvidar do seu poder de decisão... até conhecer Rand. Dessa vez não ia se enganar.

Enquanto estava no táxi, a caminho do apartamento, Olivia reviu todo o projeto mentalmente até ficar atordoada. Em menos de uma hora Rand estaria entrando no espaço que ela criara com tanto esmero. Provavelmente, não faria nenhum estardalhaço, pois não era do seu estilo. Mas assumiria aquele ar *blasé*, e tiraria do bolso a caixinha preta com o brasão de Harry Winston. Afinal, esta era uma das vantagens de Rand ser um Whitney.

Olivia abriu a porta da frente do apartamento e o imaginou com os olhos de Rand. Para ela, estava perfeito. O lugar era uma síntese do luxo contemporâneo, *clean* sem exageros (mesmo que ela tivesse se preocupado com todos os detalhes nos últimos dias), de bom gosto, porém sem visual de revista de decoração (mesmo que ela tivesse planejado tudo obsessivamente).

Esforçando-se para controlar a ansiedade, ela parou junto ao aparador para conferir se a garrafa de champanhe estava colocada corretamente no balde de gelo. O rótulo não precisava ficar totalmente à mostra. Qualquer entendido saberia que se tratava de um Dom Perignon, só pelo formato da garrafa.

Deu uma olhada rápida no espelho sobre o aparador, que na verdade era uma cômoda *tansu* japonesa que ela alugara de uma loja. Os espelhos desempenhavam um papel importante no seu negócio, não estavam ali para as pessoas se olharem, mas para refletir a luz e criar a sensação de amplitude, e para verificar, rapidamente, se havia batom nos dentes. Qualquer coisa além disso era pura perda de tempo.

Nesse instante percebeu um movimento refletido no espelho. Além de soltar um grito, ela pegou a garrafa de champanhe pelo gargalo, pronta para acertar alguém.

— Sempre quis tomar um champanhe com você, meu bem — disse Freddy Delgado. — Talvez seja melhor deixar que eu faça as honras da casa.

Seu melhor amigo é lindo, mesmo de avental emprestado e segurando um espanador de pó, cruzou a sala e tirou a garrafa de suas mãos. Olivia tomou a garrafa de volta e a recolocou no gelo.

— O que está fazendo aqui?

— Só cuidando dos últimos retoques. Peguei uma cópia da chave no seu escritório e vim para cá.

O “escritório” dela era um canto da sala de visitas do seu apartamento, que ficava

um pouco mais ao sul de Manhattan. Freddy tinha a chave do apartamento dela, e era a primeira vez que fazia uso deste privilégio. Quando ele tirou o avental, Olivia pôde ver que vestia uma calça cargo, botas de trilha e uma camiseta de um musical da Broadway colada ao corpo. O cabelo bem cortado tinha mechas loiras. Freddy era cenógrafo e pretendia ser ator. Solteiro, educado e sempre muito bem vestido, tinha tudo para ser gay, mas não era. Ele era apenas solitário.

— Já entendi. Desempregado de novo. — Ela puxou o pano de prato que estava no seu bolso de trás e enxugou as gotas de água derramadas pelo gelo.

— Como adivinhou?

— Porque está trabalhando para mim. O que só acontece quando você não tem nada para fazer. — Olhando ao redor, ela percebeu que Freddy fizera um bom trabalho de finalização da decoração, como sempre. Ela se perguntou se a amizade entre eles mudaria depois do seu casamento. Rand jamais gostara de Freddy e vice-versa. Ela detestava pensar que para ser sincera com um não podia ser leal ao outro.

— O patrocínio da peça não saiu. Detesto quando isso acontece. — Apesar de ser um cenógrafo talentoso, Freddy tinha uma tendência a escolher sempre montagens com verbas quase inexistentes para a produção, por isso vivia desempregado. Para sorte de Olivia, ele era excelente mestre de obras e pintor, além de um talento criativo e versátil. — Falando nisso — ele disse sorrindo —, você se superou com este projeto. Parece um apartamento de 1 milhão de dólares.

— Um milhão e duzentos, para ser exata.

Freddy deu um assobio baixo de espanto.

— Ambicioso. Opa, uma teia de aranha. — Ele se aproximou da estante embutida onde ficavam os aparelhos de vídeo e áudio e agitou o espanador. — Nossa, quase que deixei passar isso também.

— Passar o quê?

— A coleção de DVDs.

As finas caixas de DVDs estavam enfileiradas de forma organizada na prateleira.

— Qual é o problema? — Olivia quis saber.

— Está brincando! Nunca vai vender um apartamento que tenha *Moulin Rouge* bem à vista.

— Eu gosto do filme. E muitas pessoas gostam também.

Freddy era um fissurado por cinema. Conhecia absolutamente tudo sobre filmes, a ponto de ser chato. Ele fez uma rápida troca na prateleira dos filmes e escondeu o *Moulin Rouge* numa gaveta, junto com *Fantasma da Ópera* e *Ready to Wear*.

— São todos chatos — ele disse. — Ninguém vai querer fazer negócio com uma pessoa que goste dessas porcarias — Ele se abaixou e espiou dentro do armário onde estavam guardados os outros filmes. — Ah! Isto é muito melhor.

— Filmes pornográficos? — perguntou Olivia. — De jeito nenhum.

— Não se preocupe — insistiu Freddy. — É um detalhe sutil, mas indica que o

proprietário é um cara normal que não está se fazendo passar por aquilo que não é. E o que faz você ao lado de um sujeito que gosta de ver filmes pornô?

Os filmes tinham sido brindes de despedidas de solteiro, mas ela não estava querendo se explicar para Freddy. Então sorriu, enigmática.

— E quem disse que é Rand quem gosta de ver filmes pornográficos?

— Pare com isso!

— Estou falando sério. E da próxima vez que você resolver trabalhar para mim, converse comigo antes.

— Você toparia. — Ele enfiou o espanador no bolso de trás da calça. — Sempre diz sim. É por isso que estou aqui.

— Não entendi.

O sorriso luminoso de sempre desapareceu. Ele a fitou intensamente com seus olhos castanhos e se abaixou para se apoiar em um dos joelhos diante dela. E do bolso do avental tirou uma caixa preta.

— Olivia, tenho que lhe pedir uma coisa.

— Ah! Não. Isso é uma piada? — Ela riu, mas percebeu algo em seu olhar que a deixou irrequieta.

— Estou falando muito sério.

— Então se levante. Não posso levá-lo a sério com você aí no chão.

— Como quiser. — Com um suspiro angustiado, ele se levantou e abriu a caixa de joia. Dentro havia um par de brincos de prata. Um trazia a letra “N” e o outro a letra “O”. — Uma maneira delicada de dizer “não”, em inglês.

— Vamos! Freddy. — Ela deu-lhe um empurrão de brincadeira. — Você sempre implicou com Rand desde o primeiro momento. Pare com isso.

— Eu lhe imploro, Livvy. Não se case com ele. — Ele a pegou nos braços e a curvou dramaticamente. — Fique comigo.

— Você está desempregado. — Ela se desvencilhou dele.

— Não é verdade. Tenho o melhor patrão da cidade, você. E Rand está atrasado, não? Canalha. Que tipo de homem se atrasa quando vai pedir alguém em casamento?

— O tipo de homem que fica retido em um engarrafamento quando vem do aeroporto. — Olivia foi até a janela e olhou para baixo, bem lá embaixo, para a avenida tão cheia de táxis que mais parecia um rio de lama amarela. — E não o chame mais de canalha. Nem o condene com tanta rapidez, Freddy.

— Você tem razão. Fiz mal em dizer isso. Só não quero que você se magoe.

Novamente. Ele não disse, mas era o que os dois pensavam.

— Eu estou bem — disse Olivia. — Rand é diferente de... — Esforçou-se para segurar a emoção. — Não. Não vou ficar falando. Não vou compará-los.

Olivia se convenceu de que não seria aconselhável evocar tais lembranças. Não poderia fugir do próprio destino. O fato de ter tido dois noivados fracassados fazia parte da sua realidade tanto quanto seus olhos serem da cor cinza e seu pé tamanho

36. No seu círculo de amizades sua falta desorte com homens tornara-se uma piada, assim como caçoavam do seu peso quando criança. È, exatamente como fazia quando criança, ela ria com todos, mas sofria.

— Garota esperta — disse Freddy. — Rand Whitney tem um estilo que é só dele para desgraçar a vida dos outros.

— Ah! Agora você está sendo melodramático.

— Ele não serve para você, meu bem.

— Sabe de uma coisa? — ela disse. — Não sou obrigada a ficar escutando essas coisas. Você está despedido.

— Não pode me despedir. Para início de conversa, você nem me contratou!

Ela ficou batendo o pé no chão, impaciente.

— Caso não tenha entendido, estou querendo que você vá embora.

— È caso não tenha entendido, estou tentando convencê-la a se livrar de Rand.

Eles se encararam e o peso da amizade falou mais alto. Desde a época de Columbia, quando se conheceram, tinham se tornado grandes amigos. Chegaram a fazer tatuagens iguais na véspera da formatura, bebendo licor feito com bourbon e pêssego, enquanto Jorge, o tatuador, fazia uma borboleta azul em Freddy e outra, rosa, nela, ambas no final das costas, logo abaixo da cintura. Freddy não conheceu Olivia quando ela era gorda e infeliz. Achava que ela sempre fora fantástica. Esta era uma das características nele que ela mais apreciava.

Praguejando em voz baixa avisos e prognósticos horríveis, ele entregou-lhe o avental e o espanador e foi embora. Olivia guardou o material de limpeza, depois pegou o celular na bolsa para checar as mensagens. Rand poderia ao menos avisar que chegaria tarde. A não ser que estivesse dentro do avião...

Poderia telefonar para a companhia aérea, perguntar pelo voo, mas ela não sabia por qual empresa ele estava voando nem o número do voo. Que tipo de namorada desconhece em que voo seu namorado está? *Uma namorada atarefada*, ela pensou. Uma que está acostumada com as constantes viagens do namorado. Então, ela se convenceu de que Rand chegaria a qualquer momento. Ao enfiar a mão no bolso, achou os brincos ridículos que Freddy lhe dera. Quem era ele para lhe dizer o que fazer? Ela estava planejando viver com Rand e formar uma família. O anseio era tão evidente que sentia um aperto no estômago.

Girando lentamente para inspecionar o apartamento, ela se encheu de orgulho e satisfação. Era impressionante como pequenos detalhes podiam fazer tanta diferença, refletiu. Uma simples mudança nas cores ou na iluminação alteravam completamente o astral de um ambiente. Minúcias que causavam grande impacto nos compradores. Uma propriedade valorizada por mãos competentes quase sempre era negociada por preço acima do mercado.

A maioria das pessoas não entendia o motivo de se colocar chinelos casualmente junto ao chuveiro, ou um exemplar de *Um Homem por Inteiro*, de Tom Wolfe,

visivelmente manuseado, sobre a mesa de cabeceira, com a capa virada para baixo. Mas Olivia sabia. Não havia nenhuma ligação com estética, mas com a natureza humana.

As pessoas gostavam de se imaginar vivendo de determinada maneira e cercados de coisas específicas. Certos confortos, sinais de sofisticação, evidências de sucesso e, provavelmente o mais importante e menos tangível, a sensação de um lar, de segurança, e objetos de uso pessoal. Mesmo que fosse pura maquiagem, os efeitos produzidos eram bem reais.

No seu ramo de negócio, a questão primordial era fazer o cliente se identificar com uma propriedade a ponto de ter vontade de tirar os sapatos, se servir de um xerez e se sentar no sofá como se estivesse na própria casa.

Passados 45 minutos, ela experimentava a cadeira confortável e lutava para espantar o sono. Olivia ligou para o celular de Rand e a caixa postal foi acionada logo no primeiro toque, indicando que ainda estava desligado. Ainda devia estar voando.

Esperou por mais 30 minutos antes de se dirigir até a cozinha. Como todo o resto, as coisas ali estavam em perfeito estado, até o detalhe dos panos de prato em linho com maçãs estampadas compradas em uma loja que ela frequentava. Um dos segredos da sua decoração era encontrar objetos usados, mas de boa qualidade, para não ter aquele aspecto de recém-comprados. Os panos de prato, ligeiramente desbotados, combinavam muito bem com o ambiente.

Olivia entrou na despensa que fora abastecida com estoques de massa italiana do empório Dean & DeLuca, azeite de oliva extravirgem, suco de romã e latas de atum provenientes de pesca não predatória. As coisas que Rand geralmente comia, como cereal matinal e ravióli em lata, estavam bem escondidas em cestas de vime de piquenique cobertas.

Ela puxou uma das cestas e pegou um pacote de salgadinhos. Uma das várias nutricionistas que visitou durante sua adolescência gorducha a tinha alertado sobre o perigoso hábito de comer para se consolar.

Dane-se, ela pensou, e abriu o saco sentindo um cheiro forte de queijo. *Dane-se* todo o resto.

E, para completar, pegou uma cerveja alsaciana, outra artimanha. Geralmente, Rand bebia cervejas populares, que estocava na geladeira inox. Ela tomou um grande gole e em seguida soltou um sonoro arroto.

Já estava se banquetecendo de cerveja e salgadinhos há uns dez minutos quando ouviu a porta da frente se abrir e bater.

— Oi? — Alguém chamou da sala.

Opa! Seus dedos estavam cheios dos resíduos amarelos do salgadinho e, portanto, sua boca também deveria estar.

— Cheguei — falou Rand sem necessidade. E logo em seguida completou: — Nossa! Está impressionante.

Olivia jogou o saco de salgadinhos e a garrafa de cerveja no lixo e correu para lavar as mãos na pia.

— Estou na cozinha — respondeu com voz meio esganiçada. — Já estou indo.

Ela se debruçou na pia, colocou o cabelo para um lado enquanto lavava a boca e depois foi até a sala.

— Olivia, você foi simplesmente brilhante — ele disse ao recebê-la de braços abertos.

Ela secou os lábios apressadamente com um pano de prato e se entregou aos seus braços.

— Também acho.

Ele a segurou por uns instantes e depois beijou-lhe a testa.

— Quero que você cobre do meu corretor por tudo que fez aqui.

Olivia ficou gelada. Seu coração soube antes mesmo da sua mente. A percepção deixou seu corpo todo em estado de alerta. Havia uma maneira peculiar de um homem tocar uma mulher quando planeja deixá-la. Seu repúdio era quase tangível através dos gestos e da postura. O ar de inquietação que pairava sobre ele era inconfundível.

Olivia deu um passo atrás e fitou seu rosto bonito.

— Ah! Meu Deus — ela disse. — Você vai terminar tudo comigo.

— O quê? — Ele chegou a se assustar com o comentário tão direto. — Ei! Não tenho a menor ideia do que está falando, amor.

O protesto só enfatizou sua convicção. Ela estava certa, e os dois sabiam. Apesar de ter um poderoso mecanismo de negação, Olivia não podia deixar de perceber os sinais de rejeição. Seu faro tornara-se apuradíssimo depois de dois noivados fracassados que a deixaram arrasada. Ela era como os cães nas cercas eletrificadas. Bastou se queimar duas vezes para entender como funcionava.

Os salgadinhos e a cerveja começaram a formar um desagradável bolo no seu estômago. *Não vai acontecer novamente*, pensou. *Nem que a iniciativa tenha de ser minha.*

— Entendi tudo errado — disse. — Que idiota que eu fui. — Ela deu mais um passo atrás.

— Calma — disse Rand, colocando a mão gentil em seu ombro, o que só serviu para despertar nela a vontade de chorar.

— Seja breve — disse ela. — Como se estivesse arrancando um esparadrapo. Acabe logo com isso.

— Você está tirando conclusões erradas.

— É mesmo? — Ela cruzou os braços. *Não chore*, disse a si mesma, e piscava para evitar as lágrimas por trás das lentes de contato. *Guarde o choro para depois.* — Está bem. Que tal me contar exatamente o que pretende fazer depois que conseguir vender o apartamento?

Ele olhou por um instante para a luminária no teto, a mesma que ela colocara às 14h. Outro sintoma de homem que estava batendo em retirada. Ele evitava encará-la.

— Surgiu uma proposta irrecusável enquanto eu estava em Los Angeles — ele contou e, mesmo visivelmente sem jeito diante dela, seu rosto se iluminou de entusiasmo. — Querem que eu fique por lá, Liv.

Olivia controlou as emoções. Rand deveria ter dito que não poderia tomar uma decisão antes de falar com ela, pelo menos esta era a forma correta de agir. Mas sabia que não fora bem assim.

— E você já aceitou, certo? — ela concluiu. E ele não negou.

— A empresa vai criar um cargo novo para mim.

— Que cargo? O de canalha residente?

— Olivia, sei que planejamos um futuro, nós dois juntos. Não estou desistindo disso. Você poderia vir comigo.

— Para fazer o quê?

— Estamos falando de Los Angeles, Liv. Você poderá fazer o que quiser.

Casar-se com ele? Ter filhos com ele? Ela sabia que não era isso que estava querendo dizer.

— Minha vida toda, minha família, minha casa, meu trabalho, tudo está aqui em Nova York. Eu me dediquei a minha empresa de decoração nos últimos cinco anos — ela disse. — Eu a criei. Não vou simplesmente embora, agora.

— Mas em Los Angeles você vai encontrar um excelente mercado para trabalhar — argumentou ele. — Talvez até mais promissor.

Olivia refletiu sobre como seria recomeçar seu trabalho do zero. Fazer contatos, relações públicas, divulgação boca a boca. Só de pensar já ficava exausta. Agora já tinha conseguido reduzir sua jornada de trabalho para um horário aceitável, mas foram vários anos até alcançar essa conquista. Recomeçar em Los Angeles seria ainda mais difícil, pois seu nome e seus contatos não abririam portas para ela como aconteceu em Manhattan. *Isto não pode estar acontecendo. De novo, não.*

— Diga que me ama — ela o desafiou. — Diga que não pode viver sem mim. Diga com sinceridade.

— Quando foi que se tornou tão dramática?

— Sabe de uma coisa? — disse ela sacudindo os cabelos e se apurmando. — Se eu o amasse suficiente, eu iria. Não me importaria. Faria minhas malas agora e iria, feliz da vida.

— O que quer dizer com me amar o suficiente? — ele perguntou.

— Amar o suficiente para ir com você para qualquer lugar. Mas não. O que não deixa de ser uma libertação para mim.

— Não entendo você. — Ele passou a mão pelos cabelos. — É um problema tão simples para se resolver. Você se muda comigo para Los Angeles ou não. A escolha é sua.

A escolha é minha, pensou Olivia. Mas, para sua surpresa, ela constatou que tinha escolha.

— Está bem, então — disse. E afirmou, depois de um breve instante de agonia: — Não.

E, dito isso, ela se dirigiu para a porta. Ela fez bem-feito dessa vez, sua terceira vez! Mas se ficasse mais tempo ali poderia perder o controle e desabar. Passou pelo vestibulo e viu a ameixeira roxa estrategicamente colocada para dar um toque de classe à entrada. Não pôde deixar de pensar na ironia de todo aquele lindo cenário. Pensou em sair quebrando tudo, mas seria tão... avesso ao seu estilo Bellamy.

Ela desceu pelas escadas para não ter de esperar pelo elevador. Fora exatamente assim que agira da primeira vez, com Pierce. Ainda se lembrava de como ficou no hall do elevador, desejando que ele surgisse apressado para se desculpar.

Mas isso só acontecia nos filmes, com atrizes lindas. Pessoas de verdade, como Olivia Bellamy, tinham mais era que descer pelas escadas.

Não lembrou nem como foi o trajeto de táxi até em casa. Simplesmente pagou ao motorista bem mais do que valia a corrida e subiu as escadas do seu prédio em estado de choque.

— Ah! Isso é um mau sinal — comentou Earl, seu vizinho, sem sequer dizer “olá” ao sair para o corredor que separava os seus apartamentos no primeiro andar. — Chegou em casa cedo demais.

O senhor mais velho, de cabelos grisalhos, que fora colega de escola do pai de Olivia, Anthony George Earl III, era o proprietário do prédio. Desde que sua segunda esposa o deixara, ele dizia que Olivia era a única mulher que ele queria. Para animar sua vida, estava fazendo aulas de culinária. Naquele momento, um cheiro forte de *coq au vin* vinha da sua cozinha, o que fez Olivia ficar enjoada. Não devia ter contado a ele que Rand ia pedi-la em casamento naquele dia.

Earl era divorciado e morava sozinho. Ainda assim, ele se virou para falar com alguém dentro de casa.

— Nossa menina está de volta. E tudo indica que as notícias não são boas.

Nossa menina. Ele só se referia a ela assim para uma única pessoa: seu melhor amigo. Ela ralhou com Earl.

— Contou para ele? — E sem esperar uma resposta, passou por ele e entrou em seu apartamento. — Papai?

Philip Bellamy se levantou da poltrona bergère e abriu os braços para Olivia.

— Que canalha — ele disse ao abraçá-la. Seu pai era seu porto seguro, e talvez o único responsável por ela ter conseguido sobreviver aos anos turbulentos da sua adolescência. Ela apoiou a cabeça no seu peito e saboreou seu perfume tão familiar. Mas só por pouco tempo. Não podia se deixar abater.

— Ah! Lolly — disse ele, chamando-a pelo apelido de criança. — Eu sinto muito.

Havia algo de falso no tom do pai, pois ele sabia muito bem que ela detestava esse

apelido. Olivia se afastou dele ligeiramente e olhou seu rosto. Ele se parecia muito com Cary Grant, todo mundo dizia que era por causa da covinha em seu queixo e dos olhos sedutores. Ele era um homem alto e elegante, do tipo que se vê em festas beneficentes e nos fins de semana em casas de milionários nos Hamptons.

— O que está acontecendo? — Olivia perguntou ao pai.

— E eu preciso de um motivo especial para visitar minha única filha e meu melhor amigo?

— Você nunca vem aqui sem avisar. — Olivia fitou Earl novamente. — Não posso acreditar que tenha contado a ele. — Também não podia acreditar que ambos sabiam que tudo ia terminar mal, que ela chegaria em casa arrasada e precisando de apoio. Deduziu que, por ser a terceira vez, eles já estavam acostumados com seus alarmes falsos. — Preciso ver Barkis — ela disse, enquanto remexia a bolsa procurando as chaves de casa e se dirigindo para o corredor.

Mesmo depois do baque que sofrera, alegrou-se de encontrar Barkis, seu cachorrinho. Ele saiu correndo de casa, passando pela portinha de cachorro e saltando nos braços dela. Os pais de Olivia acreditavam que a portinha do cachorro era um risco para a sua segurança, mas ela julgava necessário tendo em vista seus horários desencontrados de trabalho. De qualquer forma, era pouco provável que alguém invadissem seu apartamento. Earl trabalhava em casa, escrevendo peças teatrais, e tinha o faro de cão de guarda que faltava a Barkis.

O que o cachorrinho tinha de sobra era exuberância. Ao vê-la, ele não parava de pular de alegria. Olivia às vezes desejava ser tão fabulosa quanto o cão achava que ela era. Ela o colocou no chão para fazer carinho, o que o levou ao delírio.

O fato de ter chegado em casa já levantou seu ânimo. Seu apartamento não era assim tão especial, mas era dela. Uma profusão de cores, de luz e de texturas, feitas com várias pinturas ao longo dos anos em que morava ali. Aquele era o apartamento menos nova-iorquino possível, segundo sua mãe, e não era um elogio. Era caloroso e aconchegante demais, pintado com cores vivas do outono e tendo cadeiras cujo estofamento exagerado comprometia o conforto.

— Você tem um gosto tão refinado! — sua mãe dizia. — O que houve aqui?

Vasos coloridos com flores em todo o peitoril de janela, e não eram plantas tropicais que demonstravam bom gosto e sofisticação, mas samambaias, violetas e gerânios. E o jardim nos fundos em torno do pátio não era diferente, com suas flores coloridas cobrindo as três paredes de tijolos. Às vezes, ela se sentava ali e fingia que o barulho do tráfego era o som de um rio, que ela morava num local com espaço para colocar seu piano e todas as seus objetos preferidos, num terreno arborizado, com muito verde e amplo espaço. À medida que o seu namoro com Rand foi se tornando mais sério, ela incluiu crianças no cenário dos seus sonhos. Três ou quatro pelo menos. Mas chegara a hora de reformular seus planos. O sonho era bom, mas o homem, não.

Seu pai e Earl entraram sem pedir licença e foram direto para o desprovido bar.

— O que vai ser? — perguntou Earl.

— Para mim, Campari com soda — disse seu pai.

— Eu perguntei para Olivia.

— Ela vai querer o mesmo. — Seu pai levantou apenas uma sobrancelha, parecendo jovem e travesso, e Olivia estava contente por ele não ser um sentimental. Se ele demonstrasse solidariedade, ela ia se debulhar em lágrimas. Ela acenou com a mão concordando, forçando um sorriso, e depois olhou em volta do apartamento. Se as coisas tivessem acontecido como ela planejara, a essa hora ela estaria bem diferente. Estaria vendo seu apartamento com outros olhos e se sentindo dividida, porque teria de sair de lá, planejar sua vida ao lado de Rand Whitney. Mas, em vez disso, ela via seu apartamento como o local onde provavelmente viveria para sempre, até se tornar uma velha solteirona.

Olivia e seu pai sentaram à mesinha junto à janela, de frente para o pátio, e saborearam seus drinques. Earl surgiu com uma bandeja com pedaços de pão árabe e pasta de grão-de-bico.

Olivia estava sem fome. A sensação era de ter sobrevivido a um desastre. Estava chocada, frágil e avaliando suas feridas.

— Sou uma idiota — disse.

— Você é uma pessoa doce. O sujeito é um patife — seu pai a consolou.

— Meu Deus! Por que será que eu ajo assim comigo mesma? — disse Olivia de olhos fechados.

— Porque você é... — Sempre cauteloso com as palavras, seu pai fez uma pausa para encontrar a melhor maneira de se expressar.

— Eu sou um triplo fracasso — Olivia comentou.

— Eu ia dizer uma romântica incorrigível. — Ele sorriu, com afeto.

— Em parte, você tem razão. Sou incorrigível. — Ela virou o resto do drink de uma só vez.

— Ah! Vai começar — falou Earl. — Espere até eu pegar o violino.

— Ora, vamos! Será que não tenho o direito de me sentir infeliz pelo menos por uma noite?

— Por causa dele, não — seu pai afirmou.

— Ele não merece — concordou Earl. — Assim como Pierce e Richard também não a mereciam. — Ele pronunciou os nomes dos seus dois fracassos anteriores com um desprezo exagerado.

— Aprenda uma coisa sobre amores não correspondidos — disse Philip. — Você sempre sobreviverá. Sempre. Não importa o quanto sofra, a capacidade de se recuperar e seguir em frente é sempre mais forte.

Olivia se perguntou se ele não estaria se referindo ao divórcio com a mãe dela, tantos anos atrás.

— Obrigado — ela agradeceu. — Toda aquela velha história de “ele não merece você” funcionou uma vez. Talvez duas. Mas esta é minha terceira vez, então tenho que considerar a possibilidade de o problema estar comigo. É muita falta de sorte minha ter conhecido três canalhas seguidos, vocês não acham?

— Minha querida, estamos em Manhattan — seu pai falou. — A cidade está cheia deles.

— Pare de se culpar — Earl a advertiu. — Vai acabar complexada.

Ela se abaixou e fez um carinho atrás da orelha de Barkis, onde ele mais gostava.

— Já estou complexada.

— Não — disse Earl. — Você está com alguns problemas. Existe uma diferença.

— E um desses problemas é você não saber distinguir entre sua necessidade de amar e quando você está amando alguém de fato — seu pai analisou. Ele estava vendo muito programa de autoajuda na tevê.

— Muito bom, toque aqui — disse Earl, e os dois se saudaram tocando as mãos.

— Ei! Quem está de coração partido aqui sou eu — Olivia falou para eles. — Vocês deveriam estar me consolando e não repetindo os conselhos que aprenderam nos programas de tevê.

Tanto seu pai quanto Earl fecharam a cara.

— Quem vai falar primeiro, você ou eu? — perguntou Earl.

Philip deu outra guloseima para o cachorro. Olivia notou que ele não estava comendo nem bebendo e sentiu-se culpada por deixá-lo contrariado.

— Fale você primeiro, mestre — ele disse a Earl.

— Na verdade, não tenho muito o que dizer — começou Earl. — A não ser que você não amava Rand. Como também não amava os outros dois. Você achava que Rand era especial porque, na sua concepção, ele parecia perfeito.

— Rand vai se mudar para Los Angeles — confessou ela. — Ele nem se preocupou em me consultar sobre isso. Simplesmente deduziu que eu iria com ele. — Olivia quase começou a chorar porque, na verdade, não gostava de Rand o suficiente. Mas ela o amou um pouquinho.

— Você está com quanto... 27 anos? — retomou Earl. — Ainda é um bebê. Emocionalmente, uma recém-nascida. Ainda não tem a menor ideia do que seja o amor.

O pai dela concordou com um aceno de cabeça.

— Você nem passou da fase das primeiras paixões. Vocês passearam pelo Central Park e prepararam piqueniques à luz de vela, e ele desfilou com você diante dos amigos. Isso não é amor, não do tipo que você merece. Está mais para um... treino.

— Como sabe disso, pai? — ela perguntou, incomodada pelo fato de ele ter decifrado todo o relacionamento dela com Rand com tanta facilidade. Mas depois de observar o rosto dele, ela desistiu. Mesmo que sua vida amorosa estivesse sendo analisada, o casamento e o divórcio dos pais estavam protegidos por uma aura de

silêncio.

— Existe um tipo de amor que tem o poder de salvação, que ajuda a viver sua vida — disse seu pai. — É como respirar. Você precisa dele para viver. E quando ele termina, sua alma sangra, Livvy. Não existe dor pior do que essa, juro a você. Se você estivesse sentindo isso agora, jamais estaria aqui conversando tranquila e dizendo coisas coerentes.

Ela observou o pai. Raramente falava sobre problemas do coração com ela, por isso o escutava com tanta atenção. Suas palavras calaram fundo nela. Amar tanto assim... era impossível. E assustador.

— Por que alguém ia querer isso?

— Porque a vida é assim. É a razão de se viver. Não se trata de ser um casal compatível ou porque formam um bonito par ou porque as respectivas mães foram contemporâneas na escola.

Agora ficou claro que aqueles dois tinham estudado e discutido exaustivamente o currículo de Rand.

— Ainda assim, eu me sinto uma porcaria — disse ela, sabendo que eles tinham razão.

— Claro — o pai concordou. — Vai se sentir assim por um dia ou dois. Mas não confunda isso com perda, com dor de amor. Não se pode perder aquilo que nunca se teve, para início de conversa. — Ele balançou seu copo e o gelo rodopiou, batendo no cristal.

— Obrigada por ser tão legal, pai — disse com o queixo apoiado nas mãos.

— Ele é a mãe que você nunca teve. — Earl nunca escondera sua antipatia por Pamela Lightsey Bellamy, que mantinha o nome de casada mesmo depois de divorciada.

— Epa! — protestou Philip.

— Mas é verdade — disse Earl.

Olivia bebeu o resto do Campari e o gelo que sobrou ela colocou na violeta.

— E agora?

— Agora temos *coq au vin* para o jantar, e você provavelmente vai ter mais *vin* do que *coq*, mas tudo bem — disse Earl.

— Mamãe vai ficar uma fera — ela comentou. — Ela estava cheia de esperança com relação a Rand. Já posso até imaginar o que vai dizer: “O que foi que você fez para espantá-lo?”

— Pamela sempre foi uma mulher adorável — disse Earl. — Tem certeza de que você não teve outros irmãos? Talvez ela os tenha comido quando era jovem.

Olivia sorriu por cima do copo alto.

— Ela nunca faria isso. Mamãe adora confundir a cabeça das pessoas. Aposto que teria mais dez iguais a mim, se pudesse.

Olivia passara a adolescência toda acima do peso, sendo motivo de chacota.

Quando emagreceu, finalmente recebeu a aprovação da mãe. Precisou perder 18 ou 28 quilos, dependendo do quanto ela estava mentindo para si mesma. Depois que Olivia se tornou uma pessoa magra, Pamela traçou novas e ambiciosas metas para sua filha única. Pamela nunca se preocupou em saber por que Olivia só perdera peso depois que saiu de casa e foi para a faculdade.

— Eu bem que gostaria de ter dez iguais a você — Earl declarou ao tocar seu copo no dela. — Você é adorável e, seja como for, nunca seria feliz com Rand Whitney.

— Ainda assim, teria sido engraçado se ela se casasse com um Whitney — seu pai brincou.

— Que nada! Olivia ficaria tão atarefada com festas de arrecadação de dinheiro para museus e inaugurações de galerias que nunca poderíamos estar com ela. E ainda por cima se tornaria uma alcoólatra em poucos anos. Onde está a graça disso?

— Não acredito em vocês — disse Olivia. — Se estavam tão convictos de que eu seria infeliz com Rand, por que não me falaram antes?

— E você teria escutado a gente? — Seu pai levantou uma das sobrancelhas.

— Claro que não. Ele é Rand Whitney, e se parece com Brad Pitt.

— O que por si só já deveria servir como um sinal de alerta para você — Earl salientou. — Nunca confie num homem que se aplique injeções de colágeno.

— Mas ele não... — Olivia desistiu de dizer. — Só fez isso uma vez, para aquela reportagem para a *Vanity Fair*. — A revista a deixou mais louca por ele depois de valorizar seus cabelos louros, seu charme natural e sua insistência em afirmar que ser um Whitney não era diferente de ninguém e que ele trabalhava para viver, como todo mundo. Bem, como todo mundo, exceto usando a fortuna em dinheiro que receberia de herança.

No mesmo artigo, Olivia tinha sido reduzida a uma única linha. “Rand Whitney é muito reservado quanto à vida privada. Quando indagado sobre algum romance ele apenas afirmou: ‘Conheci uma pessoa especial. Ela é maravilhosa e é só isso que posso lhe dizer.’”

Só teve um problema: várias mulheres imaginaram que ele se referia a elas. Quando a revista foi publicada, Olivia e Rand acharam muita graça e ela se emocionou ao vê-lo orgulhoso. Ele também tinha suas inseguranças, como todo mundo.

E agora ele estava livre.

Olivia estava resignada em passar a noite com o pai e Earl. Era uma das primeiras noites quentes da primavera, então Earl resolveu trazer o *coq au vin* para comerem no jardim. Os três ainda fizeram a brincadeira do brinde. Andavam em volta da mesa e, um de cada vez, citavam uma razão para brindar. O objetivo da brincadeira era comprovar que, independentemente do que o futuro lhes reservasse, sempre teriam algo a agradecer.

— Ao software que escreve sozinho baseado no som da sua voz — disse Earl,

elevando o copo. — Odeio digitar.

— Eu brindo a quem sabe cozinhar — Philip falou. — Obrigado pelo jantar. — Virou-se para Olivia: — Agora é sua vez.

— Ao remédio contra o verme do coração — ela declarou, e olhou orgulhosa para Barkis.

— Pena que não exista uma versão também para os humanos — emendou o pai.

Philip e Earl estiveram ao seu lado nas duas vezes que ela rompera os noivados. Já sabiam como funcionava. E o mais deprimente era que ela também sabia. Ela se sentia... tolhida. Alguma coisa a mantinha presa a um acontecimento do seu passado. E ela sabia exatamente em que momento acontecera. Foi quando tinha 17 anos e passara sua última temporada no acampamento de férias, antes de ir para a faculdade, trabalhando como monitora. Fora a única vez que ela entregara seu coração sem reservas. Mas o romance terminara de forma desastrosa e, mesmo não tendo a dimensão do acontecimento na época, ela ficara presa ali, naquele episódio, como se fosse areia movediça. Jamais conseguiu superar a experiência.

Talvez sua avó estivesse lhe oferecendo uma oportunidade única para superar o passado.

— Sabe de uma coisa? — disse ela levantando-se repentinamente da mesa. — Não tenho tempo para ficar me lamentando.

— Então estamos brincando de encurtar sofrimentos agora?

— Perdoem-me. Terão que me dar licença. Preciso fazer as malas — anunciou, pegando o álbum de fotos de sua avó guardado na pasta. — Darei início a um projeto novo amanhã bem cedo. — Olivia respirou fundo e sentiu uma ligeira ansiedade. — Vou sair da cidade por um tempo.

Capítulo 3

— Não acho que seja uma boa ideia — disse Pamela Bellamy ao abrir a porta para — **N**Olivia.

O luxuoso apartamento na Quinta Avenida parecia mais um museu do que uma residência, com o piso em tábua corrida lustrosa e a exposição de inúmeras e belíssimas obras de arte. Todavia, para Olivia, aquela era simplesmente a casa onde crescera. Para ela, o Renoir pendurado na parede do vestíbulo não era mais extraordinário do que a tigela de Tupperware na cozinha.

Mesmo quando criança Olivia se sentia uma estranha, de tão deslocada em sua própria casa, cuja elegância se reportava à Era Dourada americana. Preferia ambientes mais aconchegantes com violetas africanas e cadeiras não excessivamente estofadas, louças comuns e tapetes afegãos. Mãe e filha nunca foram muito unidas. Olivia foi uma criança solitária, filha única, e como tal sempre se sentiu muito cobrada. Dedicou-se com afinco aos estudos e à música na esperança de que um boletim com boas notas e um prêmio em música pudesse amenizar o clima de indiferença que reinava em sua família desde sua mais tenra idade.

— Olá para você também, mãe. — Olivia colocou a bolsa sobre a mesa do vestíbulo e deu um abraço na mãe. Seu cheiro era uma mistura de Chanel n^o5 e do cigarro que fumava escondida na varanda, todos os dias, após o café da manhã.

— Por que você resolveu assumir essa responsabilidade? — sua mãe perguntou.

Pamela já sabia que Olivia tinha rompido com Rand, pela conversa que tivera com a filha na noite anterior, ao telefone, e que ia passar o verão reformando o Kioga.

— Porque vovó me pediu — disse, delicada. Era a explicação mais simples que poderia dar.

— Mas isso é um absurdo — Pamela reclamou, ajeitando a gola do suéter de Olivia. — Vai acabar passando o verão todo metida naquele lugar isolado.

— Você fala isso como se fosse uma coisa ruim.

— Mas é ruim.

— Tentei fazer você e papai entenderem isso toda a minha infância, mas nunca me deram atenção.

A mãe levantou os braços em sinal de impotência.

— Pensei que você gostasse de passar as férias no acampamento.

Olivia não respondeu. A falta de comunicação entre elas vinha de longa data.

— Imagino que já tenha contado para o seu pai — Pamela observou, com indiferença.

— Conte. Afinal de contas, vovó e vovô são seus pais. — Olivia já estava irritada. As duas não precisavam trocar mais do que poucas palavras para ela se aborrecer. Sua mãe tinha essa capacidade. No entanto, Olivia estava determinada a não se deixar influenciar por ela.

O pai ao menos não tentara demovê-la da ideia. Na noite anterior, quando explicara sua súbita decisão de aceitar o projeto de remodelar o Kioga, ele a encorajou e apoiou. Hoje, ao meio-dia, os arranjos já estavam em andamento. Olivia contratou um *leasing* de uma van utilitária para os meses do verão, organizou seu escritório para o período da sua ausência e arranhou outra empresa para redirecionar os projetos em andamento.

— Você está fugindo — disse sua mãe. — Mais uma vez.

— Talvez esteja. — Olivia pegou sua agenda na bolsa e abriu na página onde fizera uma lista, enquanto estava no táxi.

— Minha querida, sinto muito. — Sua mãe parecia de fato consternada.

— Pois é, isso acontece. — Olivia bem que gostaria de poder correr para os braços da mãe e chorar. Mas não era bem assim que as coisas funcionavam entre elas. — Eu também sinto muito, mãe. Sei que você estava cheia de esperança dessa vez.

— Ah! Não interessa o que eu queria. Só desejo que você seja feliz. É isso que importa.

— Ficarei bem — Olivia assegurou-lhe. E, para seu espanto, um brilho inesperado de lágrimas surgiu nos olhos da mãe. Percebeu que Pamela estava sofrendo mais do que ela com a perda. — Também não é o fim do mundo, certo? Existem coisas bem piores na vida do que ser rejeitada pelo namorado. E, na verdade, nem cheguei a ser rejeitada.

— Como não? — A mãe secava as lágrimas com um lenço de papel.

— Rand sugeriu que eu me mudasse para Los Angeles com ele.

— Não sabia disso. Querida, talvez devesse considerar a ideia...

— Nem comece.

— Mas depois que você se mudar, e que estiverem morando na mesma casa, vão chegar à conclusão de que são felizes juntos.

— Acho que já entendi que somos felizes bem longe um do outro.

— Mas que bobagem. Rand Whitney é o homem perfeito para você. Não entendo

por que está desistindo dele tão facilmente.

Olivia desanimou. Era só nisso que Pamela Lightsey Bellamy pensava, na questão de parecer feliz e vitoriosa a qualquer custo, mesmo tendo que brigar. Mesmo que tivesse de esconder o fato que ainda não havia superado o divórcio, após 17 anos.

Certa vez, muitos anos atrás, Olivia perguntara à mãe se ela era feliz. A pergunta dela provocara um rápido riso descrente.

— Que tolice — ela respondera. — Sou muito feliz e seria extremamente insensível não parecer assim.

O que estava longe de ser uma resposta sincera à pergunta de Olivia, mas ela resolveu deixar o assunto de lado.

— Meu caso com Rand Whitney está encerrado. E a sua preocupação me deixou sensibilizada. Mas já me decidi. Vou fazer isso pela vovó. Gostaria de pegar algumas coisas enquanto estou aqui.

— Mas isso é loucura — sua mãe retrucou. — Não sei o que Jane pretende pedindo a você para fazer esse trabalho.

— Talvez ela me considere competente o suficiente para fazer um bom trabalho no Kioga.

— Claro que acha — Pamela reagiu. — E ela tem muita sorte porque o lugar vai ficar simplesmente divino depois que você mexer nele.

— Obrigada, mãe. Você tem toda razão.

A angústia estampada no rosto da mãe não era somente por causa de Rand. Olivia sabia que com a aproximação das bodas dos avós a mãe ficava numa situação esquisita. O pai de Pamela, Samuel Lightsey, era o melhor amigo de Charles Bellamy. Este era um dos prováveis motivos de nunca ter superado o divórcio. Os laços de amizade criavam um vínculo que ela não podia desfazer.

— Mãe, você pretende ir à festa?

— Seria imperdoável se eu não fosse.

— Que bom — Olivia respondeu. — Vai ser ótimo. Escute, vou precisar de algumas coisas que estão no porão. — Ela analisou o rosto atraente e sereno da mãe. — Minha mochila e meu material esportivo. E também vou precisar da mala do papai — acrescentou. — Diga-me que você não a jogou fora — disse desanimada diante da possibilidade.

— Eu nunca joga nada fora. Nunca — Pamela reafirmou.

O que já dizia muito sobre ela. Olivia podia se lembrar perfeitamente do dia em que seu pai saiu de casa. Ainda podia descrever a imagem que vira do pai, toda borrada pelas lágrimas, como se ele estivesse do outro lado de uma vidraça em dia de chuva. Ele se sentou para olhá-la nos olhos.

— Preciso ir, minha querida — ele dissera.

— Não precisa não. Mas mesmo assim você vai.

Ela não conseguiu dissuadi-lo. O clima de animosidade que sempre existira entre

seus pais tinha chegado ao limite. A separação deveria ter provocado um alívio em todos, mas Olivia não se lembrava de ter sentido o ambiente mais leve depois da partida dele.

— Vou deixar algumas caixas com objetos meus no porão — seu pai dissera na época. — Inclusive todo o material esportivo e meu equipamento para acampar. Tudo agora é seu.

De vez em quando, ela vestia o velho moletom do Kioga que fora dele ou se enrolava no seu cobertor, que cheirava a naftalina.

Olivia pegou o elevador de serviço e desceu sozinha pelo interior do prédio antigo e foi até o quarto de guardados. Ela logo encontrou sua mochila. O tecido estava estampado com emblemas do Kioga, um para cada verão que passara lá, desde 1987 até 1994. A maioria dos garotos colecionava avidamente os emblemas cobiçados do mágico acampamento de férias. O que não era o caso de Olivia. Mesmo ela tendo costurado cuidadosamente todos os emblemas para não ofender seus avós, não tinham nenhum valor sentimental para ela. Vovó e vovô acreditavam que o Kioga era Shangri-la e ficariam magoados se ela dissesse o contrário.

Olivia separou a mochila e deu uma olhada no lugar que, mesmo bem organizado, estava apinhado de guardados, úmido e cheio de velhas lembranças. Havia fotos em molduras de Olivia e seu pai e álbuns em couro com o nome Bellamy gravado. Puxou a mala grande e pesada que o pai deixara para ela, tantos anos antes. Ao abri-la, sentiu o cheiro de um passado facilmente identificável: Kioga. Era uma combinação inesquecível de cheiro de madeira queimada, mato e mofo, uma essência que resistiu a inúmeras lavagens e horas arejando.

Vasculhando o lugar, achou uma lanterna e um livro de sobrevivência na selva, pegou um agasalho com capuz com a inscrição *Monitor* estampada nas costas. Na família Bellamy não bastava frequentar o acampamento. Trabalhar como monitor, depois de uma certa idade, era considerado um rito de passagem na família. O pai de Olivia e todas as suas tias e tios passaram as férias de faculdade lá. De dia organizavam as atividades do acampamento e à noite participavam das festas com o pessoal da administração. Olivia e seus primos tinham feito o mesmo até o acampamento ser fechado, nove anos atrás. Um verão que prometia ser ótimo e que acabou se transformando em um desastre. Ficou surpresa de se lembrar com facilidade dos sons e dos cheiros, da luz e da tranquilidade do lago, da alegria estonteante e da experiência traumatizante que vivenciou naquele verão. *Devo estar mesmo louca de voltar lá*, pensou.

Colocou itens indispensáveis e mais algumas lembranças do lugar dentro da mochila, como o agasalho, o cobertor e uma velha raquete de tênis que precisava de reparos. Havia pinos de madeira com os nomes dos acampantes gravados, remos de canoas lindamente pintados e autografados pelos amigos. Cadernos com letras de músicas, pulseiras da amizade, trabalhos manuais feitos com velas e cascas de

árvores, enfim, um valioso tesouro.

O segredo do seu trabalho de embelezar uma propriedade estava exatamente nos detalhes, quanto mais autênticos, melhor. Objetos como aqueles que garimpava trariam o acampamento de volta à vida, e Olivia contava que as tias e os tios dessem contribuições à coleção. No fundo da mala do pai achou uma taça de campeonato de tênis amassada e sem brilho. Tinha pedestal, tampa e duas alças. A peça ficaria muito bonita exposta no armário dos troféus, no refeitório do acampamento, caso ainda estivesse lá.

Quando pegou a taça de tênis, alguma coisa rolou dentro dela. Ela tirou a tampa e deixou cair o objeto. Um botão? Uma abotoadura? O objeto também era feito de metal prateado, sem brilho, com um desenho de um peixe, ou era um dos signos do zodíaco? Procurou para ver se teria outro igual, mas não encontrou. Colocou a abotoadura no bolso e esfregou o troféu para ver o que estava escrito nele: *Primeiro lugar, Monitor Clássico. Philip Bellamy, 1977*. Pelo visto, seu pai ganhara a taça nos jogos anuais da administração quando trabalhou no Kioga naquele ano. Devia ter uns 21 anos, e estar cursando seu último ano na universidade.

Dentro da taça ela encontrou uma velha fotografia. As pontas da foto estavam enroladas, as cores, desbotadas, mas a imagem a deixou estupefata. O pai estava de um jeito como nunca o vira, segurando no alto o troféu, que reluzia. Parecia estar sorrindo e alegre. Ele tinha a cabeça jogada para trás e estava abraçado a uma menina. Não, uma moça.

Olivia limpou a poeira da foto com a manga da blusa e a colocou sob a luz. Atrás da foto havia a data, agosto de 1977, nada mais. Analisou melhor a jovem. Cabelos escuros e compridos, cortado em camadas, caindo graciosamente sobre a blusa do uniforme. Os cabelos ondulados emolduravam um belo rosto e um sorriso misterioso. A moça desconhecida, com seus lábios carnudos, maçãs do rosto acentuadas e olhos escuros amendoados, era de uma beleza exótica que contrastava muito com o short e a blusa simples que ela usava.

Havia alguma coisa estranha naquele casal que deixou Olivia intrigada. Uma certa familiaridade, sem ser propriamente uma intimidade, estava bem evidente na postura deles. Ou talvez estivesse imaginando coisas.

Olivia poderia perguntar ao pai quem era aquela mulher. Na certa, ele se lembraria de uma mulher que o fizera rir da forma como aparecia na foto. Mas não queria aborrecê-lo com perguntas sobre uma antiga namorada. Deveria haver um bom motivo para ela ter permanecido uma estranha.

Algo sobre a velha fotografia deixou Olivia incomodada. Fixou seu olhar mais uma vez na foto. Olhou a data novamente. Agosto de 1977. Era isso. Nessa época, seu pai já estava noivo da sua mãe e eles se casaram naquele mesmo ano, pouco antes do Natal.

Então, o que fazia ele com aquela moça da fotografia?

CÓDIGO DE CONDUTA DO ACAMPAMENTO KIOGA

Demonstrações exageradas de afeto entre moças e rapazes não serão permitidas. Isso se aplica igualmente aos acampantes, monitores e equipe da administração.

Capítulo 4

Agosto de 1977

— Philip, o que está fazendo? — perguntou Mariska Majesky ao entrar no chalé. Ele parou de andar de um lado para o outro, virou-se para ela e seus olhos se iluminaram ao vê-la no lindo vestido de festa em chiffon, sapato plataforma e o cabelo escuro caindo em cachos sobre os ombros bronzeados.

— Estou ensaiando — confessou. Por dentro, travava um conflito de emoções que iam da alegria ao pavor.

Ela inclinou a cabeça para um lado, daquele jeito adorável que fazia quando parecia curiosa.

— Ensaio para o quê?

— Estou treinando o que falar para Pamela quando ela voltar da Europa — explicou. — Preciso encontrar um meio para terminar nosso noivado. — Desde que sua noiva viajara, os dois só se falaram rapidamente pelo telefone e trocaram uns poucos e breves cartões-postais e aerogramas. O sistema de telefonia na Itália tinha fama de ser pouco confiável e, caso terminasse o noivado numa ligação para um transatlântico, ela não iria aguentar.

Ela chegaria na semana seguinte, e então ele conversaria com ela pessoalmente. O que faria dele o canalha do século.

Mas, pior do que isso, seria passar o resto da vida ao lado de uma pessoa que não amava. Não do jeito como amava Mariska.

Mariska fez um ar sério e seus lábios forçaram um sorriso. Philip abraçou-a. O perfume dela era maravilhoso, uma estonteante mistura de flores e frutas. Ela se encaixava em seus braços com perfeição, como se tivesse sido feita por encomenda para ele. Sua chegada o fez esquecer-se das preocupações com Pamela.

— Peguei estas fotos hoje, na loja de revelação. — Mariska tirou um envelope de

dentro da bolsa. — Tem uma foto nossa. Mandei fazer duas cópias para você ficar com uma. — Procurando entre as fotos, ela retirou uma, onde estava ao lado de Philip, que sorria vitorioso ao segurar acima da cabeça o troféu de prata que conquistara.

O coração de Philip ficou apertado. Parecia tão feliz na foto! E, naquele momento, ele estava realmente muito feliz. Pegou o troféu na prateleira, colocou a foto dentro dele e fechou a tampa.

— Obrigado — disse.

Ela cruzou o quarto até ele e lhe deu um beijo.

— Precisamos ir. Esta é a última festa do verão e você sabe o quanto gosto de dançar.

Todo ano, as férias de verão terminavam com uma série de rituais. Na véspera, os acampantes tinham ido embora para casa. Agora era a despedida da equipe da administração, com um jantar dançante que terminaria à meia-noite. A essa hora, no dia seguinte, quase todos já teriam ido embora, e os monitores que ainda estudavam estariam voltando para a faculdade.

— Vamos — insistiu ela, puxando-o pela mão. — Não quero despentear meu cabelo. Pelo menos, ainda não — ela completou, com um olhar malicioso.

Mesmo sendo uma promessa velada, já foi o bastante para deixá-lo perturbado. Ao saírem do chalé, ele abotoou o paletó para esconder sua visível empolgação ao se aproximar dela. Olhou em volta, como fazia desde o início do verão, para se certificar que ninguém os tinha visto saírem juntos do chalé. O Kioga tinha regras rígidas sobre confraternização entre monitores e outros funcionários, e só porque seus pais eram os donos do lugar não significava que ele era exceção.

Mariska não era monitora, mas também não poderia estar ali. Ela e a mãe, Helen, forneciam pães e bolos para o acampamento. Desde os 14 anos, diariamente, Mariska dirigia a van branca da confeitaria, ao raiar do dia, para fazer a entrega de pães, pastéis, bolos e biscoitos para o grande refeitório do Kioga. A polícia local fingia não ver quando ela passava dirigindo a caminhonete de entregas. A mãe de Mariska, imigrante polonesa, nunca aprendeu a dirigir. Seu pai trabalhava numa fábrica de vidros, em Kingston, e frequentemente trocava de turno. Como eram uma família da classe operária, as autoridades eram compreensivas com seu desempenho. Faziam vista grossa para não multar a menina que ainda não tinha idade para dirigir, pois ela estava ajudando no sustento da família.

Enquanto Philip e Mariska caminhavam pela floresta ao escurecer, ele não resistiu e colocou o braço em torno dos ombros dela. Ela encostou-se nele e o alertou.

— Cuidado. Alguém pode nos ver — falou carinhosamente.

— Detesto ter que fazer as coisas escondidas o tempo todo — ele disse, revoltado. Não era nada confortável sua situação. Philip se apaixonara pela moça enquanto sua noiva estava viajando. Mas ele não pôde evitar. Não resistiu a Mariska mesmo não sendo livre e desimpedido para namorá-la. Mariska era muito compreensiva e cordata

quanto a ocultar o romance, mas ele achava que ela também não queria mais se esconder. Assim que Pamela chegasse, ele ia terminar o noivado e revelar ao mundo quem era seu grande amor.

— Você está me olhando de uma maneira tão estranha — falou Mariska. — Em que está pensando?

— Estou tentando lembrar exatamente quando foi que me apaixonei por você.

— Isso é fácil — disse ela. — Foi naquela noite, em junho, depois da festa do Dia da Fundação.

Ele sorriu com a recordação dela, mesmo que incorreta.

— Essa foi a primeira vez que dormimos juntos. Mas eu me apaixonei por você bem antes disso.

Chegaram ao final do caminho de cascalho e, automaticamente, se afastaram um do outro para prosseguir o percurso. No pavilhão, do outro lado do campo, a festa de despedida já estava a todo vapor. O globo espelhado pendurado no teto girava lentamente criando efeitos estroboscópicos na repleta pista de dança. As pessoas pareciam mais frenéticas do que nunca, ao menos para Philip. Mas talvez não correspondesse à realidade.

Philip parou antes de entrar no pavilhão.

— O que houve? — ela perguntou.

— Dance comigo aqui, agora.

— Não vou conseguir dançar com estes sapatos na grama — Mariska afirmou.

— Então, tire-os. Quero dançar com você onde ninguém nos veja, para que eu possa segurá-la exatamente do jeito que quero. — Assim que entrassem no salão teriam que se separar, como se fossem apenas amigos. Naquele momento, ele queria dançar com ela como seu namorado.

Com uma risada suave, ela livrou-se dos sapatos e se entregou aos braços dele. A banda tocava uma versão aceitável de “Stairway to Heaven” e eles dançaram no escuro, onde ninguém podia vê-los. Mariska sentia-se maravilhosa em seus braços, e o coração de Philip batia acelerado só em pensar que dentro de muito pouco tempo o mundo todo saberia que ela era sua.

Philip a puxou para si e, no ritmo da música, se curvou e falou no ouvido dela.

— Não me apaixonei por você de uma hora para outra. Acho que foi quatro anos atrás, quando você começou a fazer as entregas para o refeitório.

A imagem dela estava bem nítida na sua memória, bronzeada de sol e séria, a garota trabalhadeira que mal podia esconder a inveja que sentia dos garotos privilegiados da cidade, cujos pais podiam pagar para eles frequentarem o acampamento de férias. Ela o comovera naquela época, como a menina bonita que desejava algo que não podia ter. E o comovia agora: a mulher linda cujos sonhos estavam ao seu alcance.

— Toda vez que eu vinha para cá no verão — ele continuou —, eu me ligava mais

em você.

— Mas nunca fez nada até este verão — ela ressaltou, com uma dose de repreensão.

— Não pensei que você estivesse a fim.

— Ah! Mas eu estava. Queria que você me conquistasse, me deixasse nas nuvens.

Ele riu e fez exatamente aquilo, colocou um dos braços por trás dos joelhos dela, o outro nas costas, e a pegou no colo.

— Assim?

— Exatamente — ela disse, surpresa, e agarrou-se ao pescoço dele.

Então ele a beijou, lenta e profundamente, e desejou ter tomado uma atitude bem antes desse verão. Como fora idiota em achar que seus sentimentos não eram verdadeiros, esperando a cada verão que a atração deixasse de existir. Talvez tivesse passado tempo demais com os pais de seu pai, os formidáveis vovô e vovó Bellamy, que diziam ser impossível amar alguém de uma classe social diferente. Eles gostavam de lembrar a Philip que ele era um jovem sofisticado, educado nas melhores escolas e com um futuro brilhante pela frente. Uma jovem como Mariska, que estudara na escola de uma cidade pequena, e que trabalhava na confeitaria da família, de manhã, e a na joalheria da cidade, à tarde, seria considerada uma escolha inadequada para ele.

Por outro lado, Pamela Lightsey parecia a candidata perfeita. Ela possuía tudo que um homem na posição dele poderia desejar de uma esposa: inteligência, beleza, generosidade e status social. Os pais de Pamela eram amigos íntimos dos seus pais. A fortuna dos Lightsey tinha origem em um império de joias e eles proporcionaram à filha a mesma educação que Philip tivera, as melhores escolas, professores particulares, viagens para o exterior e o privilégio de frequentar uma das oito universidades particulares da Ivy League. Ela era loura, linda, competente, falava dois idiomas e, ainda, sabia tocar piano. Passava o verão em Positano, aperfeiçoando seu italiano.

No entanto, Philip descobriu que faltava alguma coisa. Quando olhava nos olhos de Pamela, ele não se sentia loucamente apaixonado. Isso só acontecia com Mariska.

Fêz um esforço para parar de beijar Mariska e colocá-la no chão.

— Precisamos ir — disse ele. — O pessoal vai começar a perguntar onde estamos.

O pessoal a quem ele se referia eram os colegas monitores e os funcionários. A maioria era de jovens iguais a ele, que frequentaram o acampamento de férias desde crianças, e que agora tinham inveja do seu iminente casamento com Pamela Lightsey. Ao menos era o que eles acreditavam. O que já era um alívio para ele saber que ela teria vários pretendentes.

Ele sentia um certo remorso toda vez que pensava em romper o noivado. Mas não tinha escolha. Não seria justo com Pamela nem com Mariska se fingisse que nada acontecera durante o verão. Não seria justo com os filhos que ele e Pamela tinham

planejado ter um dia, crianças precisavam crescer em um lar onde houvesse amor.

Foi um erro tê-la pedido em casamento no dia de seu aniversário, na última primavera. Mas ela queria tanto que ele o fizesse! Um dos ourives da Lightsey Gold & Gem criou um anel exclusivo, feito com um diamante oval de 1.3 quilate e um precioso engaste em ouro. Ele se ajoelhou diante dela no meio do parque New Haven Green, e naquele momento emocionante podia jurar que a amava.

Ele fora um tolo. E só com Mariska Majesky finalmente soube o que era o amor.

Antes de entrar no pavilhão, ele apertou a mão de Mariska e se inclinou ligeiramente para dizer:

— Eu te amo.

Ela retribuiu com um sorriso e depois soltou a mão dele. Entraram no salão como simples amigos.

A festa estava no auge da animação. Seus pais, como perfeitos anfitriões, já circulavam entre os convidados. Tão perfeitos, observou tentando não se esconder, que tinham convidado os Lightsey. Os pais de Pamela e os seus eram amigos de muitos anos, mais um complicador para os planos de Philip. A amizade era tão antiga que o sr. Lightsey tinha sido padrinho de casamento do seu pai e, desde então, os casais se tornaram cada vez mais próximos. Era como se a dupla Philip e Pamela estivesse predeterminada. Todo ano a família de Pamela vinha no final da temporada para ajudar a encerrar as atividades e aproveitar os últimos dias de verão antes de retornar para a cidade.

Com o casal Lightsey por perto, Philip tinha que redobrar sua atenção. Era ele quem iria conversar com Pamela pessoalmente. Se ela soubesse da novidade pelos pais, ele não queria nem pensar nas consequências. Para piorar a situação, a mãe de Mariska estava plantada junto à mesa do bufê cuidando para que não faltasse sobremesa. As tortas de frutas vermelhas e as *kolaches*, tortinhas da Europa Oriental, eram um sucesso absoluto e sumiam rapidamente das travessas.

A sempre vigilante Helen acenou para Mariska, mas seu sorriso parecia forçado. Philip tinha quase certeza de que Helen suspeitava de que havia algo entre eles, e não aprovava. Claro, pois sabia que ele estava noivo de Pamela e provavelmente temia que ele fizesse sua filha sofrer.

Ele queria poder falar com Helen, dizer a ela que pretendia passar o resto da vida fazendo Mariska feliz. *Em breve, pensou ele, esclarecerei tudo.*

— Oi, Phil. — Earl, seu melhor amigo e colega de quarto da faculdade, bateu de leve nas suas costas. — Acabou de perder a reunião dos funcionários na casa de barcos. — Este era o código para quem queria ficar doidão. Anthony George Earl III era um grande apreciador de *cannabis*.

— Não perdi muita coisa. Vamos comer.

— Boa ideia. Estou faminto. — Os olhos de Earl brilhavam e suas pupilas estavam dilatadas, indícios evidentes do que estivera fazendo.

Eles percorreram a mesa do bufê falando alto para que pudessem ser ouvidos acima da música.

— Vou partir no primeiro trem da manhã — disse Earl. — Cara, detesto a hora de ir embora.

— Estou ouvindo. — Philip olhou furtivamente para Mariska. Ela dançava com Terry Davis, um garoto da região que fazia trabalhos de manutenção no acampamento. Davis já tinha bebido demais, como sempre. Forte e alto, tinha fama de beber seis latas de cerveja em poucos minutos.

— Ela é bem bonita, hein? — comentou Earl enquanto se servia de mais um pouco de salada de batata.

— O quê? Quem? — Philip se fez de desentendido. Agiu assim o verão todo.

— A doce Mariska, droga. Olhe para ela.

Philip se controlou para não dar uma bofetada no rosto de Earl. Isso também ocorrera o verão inteiro. Todo cara no acampamento tinha atração por Mariska.

— Cara — continuou Earl. — Eu mataria um para tê-la só um pouquinho.

— Sim, tenho certeza disso — disse Philip com sua paciência já por um fio.

Sem se perturbar, Earl deu de ombros. Equilibrou seu prato em uma das mãos, pegou uma porção de pipoca com a outra e foi se instalar em uma mesa junto à pista de dança.

— Bem — disse ele. — Eu faria isso mesmo.

— Você só pensa em besteira — disse Philip, sentando-se na mesa.

— Não, só estou com desejo. Acho que isso já está afetando minha sanidade mental. Não sei como você conseguiu passar o verão todo sem transar e continuar tão calmo. — Earl colocou uma garfada de salada de batata na boca. Ele também tinha uma noiva, e a moça estava no exterior. Lydia fora a Biafra para trabalhar como voluntária na Cruz Vermelha. Diferentemente de Philip, Earl permanecera fiel, mesmo reclamando do seu nobre sacrifício a quem quisesse ouvir.

— E quando é que Lydia volta? — perguntou Philip.

— Daqui a duas semanas. Está complicado esperar, droga. E a Miss América? — Earl chamava Pamela de Miss América porque preenchia todos os requisitos de uma miss. Ela mesma se entediava com a própria autoconfiança, como se estivesse desfilando numa passarela. E sempre havia uma distância invisível e intransponível entre ela e o resto do mundo.

— Chega semana que vem — disse Philip.

— Espera difícil, não é?

— Mais do que você pode imaginar.

Earl deu uma mordida na costeleta.

— Não entendo — ele disse. — Como pode ter certeza de que ela é a pessoa certa? Às vezes acho que Lydia é a pessoa perfeita para mim. Mas, outras vezes, vejo uma coisa dessas — ele apontou para Mariska, que agora dançava rock com um grupo de

meninas. — Não posso me imaginar preso a uma só mulher para o resto da minha vida.

Eu posso, pensou Philip. Mas não é com Pamela.

— Quando olho para os seus pais, parece que é uma coisa fácil — Earl acenou para eles.

Philip observou sua mãe e seu pai quando eles se encaminharam para a pista de dança. Apesar de dizerem que não sabiam dançar rock and roll, estavam entregues um ao outro ao som de Eric Clapton.

— Você entende o que digo? — comentou Earl. — Como será que souberam?

— Ninguém tem essa certeza — disse Philip. — Por isso é que tantos fazem as escolhas erradas. Não é por falta de inteligência, mas porque só podem torcer para fazer a escolha certa.

Apesar de os pais dele serem felizes no casamento, Philip sabia que a história fora complicada no início. A família Bellamy fora totalmente contra o casamento. O pai de Philip, Charles, enfrentou seus pais para ficar com Jane Gordon, cuja família tinha fundado o acampamento Kioga. Charles desligou-se de Yale para poder se casar com ela e assumir a administração do Kioga.

No final, ele e os pais se reconciliaram. Talvez tenha sido pelos quatro filhos que Jane tivera num curto espaço de tempo, ou talvez os Bellamy tenham entendido que o amor entre eles era incontestável.

Era assim que as coisas iam funcionar entre ele e Mariska. Disso ele tinha certeza. Enfrentariam ceticismos e resistências num primeiro momento. E depois o mundo se daria conta da importância da sua descoberta naquele verão. Ele e Mariska tinham nascido um para o outro.

— Venham dançar conosco — ordenaram as meninas Nielsen, dançando junto à mesa deles quando a música mudou. — Não podem ficar sentados quando executam “Bohemian Rhapsody”.

— Está bem, você me convenceu. — Earl se levantou e limpou a boca no guardanapo.

Sally e Kirten Nielsen eram gêmeas bivitelinas. Os meninos do Kioga as chamavam de as Valquírias por causa do tamanho delas e pelos belos traços nórdicos, além do jeito destemido para abordar os rapazes com os quais simpatizavam. Philip gostou da ideia, pois assim tinha uma boa desculpa para ficar mais perto de Mariska.

Ele notou que seus pais e o casal Lightsey o observavam, e sentiu o peso da sua responsabilidade. Todos esperavam que ele se casasse com Pamela logo que concluísse a faculdade. Depois disso, deveria se especializar em finanças ou direito e formar uma família.

Mariska dançava agora com Matthew Alger. Philip sentiu uma pontada de ciúme ao vê-los juntos. Alger tentava imitar seu ídolo, John Travolta, usando o mesmo

penteadado e a camisa aberta mostrando o peito, mesmo ele sendo mais pesado e com cabelos louros e lisos. Era um fracasso. No entanto, as garotas pareciam gostar dele, e Philip não sabia por quê.

A banda começou a tocar um ritmo mais lento, então Philip aproveitou para segurar no pulso de Mariska.

— Agora é minha vez.

— Vá embora — disse Alger, sempre querendo briga. — Você não é bem-vindo aqui.

— Isso quem decide é a moça.

— Parem com isso — disse ela, rindo, e depois se virou para Alger. — Todos vocês vão embora amanhã e ainda não dancei com Philip.

— Todos, menos eu — Alger falou, cheio de si. — Vou morar em Avalon. Ficarei para escrever minha monografia e o tema será sobre a administração municipal de Avalon.

Alger não provinha de família rica, mas era inteligente. Philip ficou com raiva de repente. Alger ficaria em Avalon, enquanto ele estaria preso por mais um ano inteiro na faculdade.

Com falsa amabilidade, Alger recuou para deixá-la dançar com Philip.

— De qualquer maneira, estarei sempre perto de você, Mariska.

Além de inteligente, Alger era ambicioso, mas Philip achava seu comportamento um pouco estranho. Apesar de trabalhar como contador e monitor para o acampamento de férias durante todo o verão, na verdade nunca parecia se encaixar perfeitamente ali.

— Ele é um cara estranho — disse Philip. — Você deveria ficar longe dele.

— Eu moro aqui — Mariska comentou. — Não posso me dar ao luxo de fazer inimizades.

— Não diga bobagens. Quando eu terminar a faculdade poderemos morar onde você quiser, em Nova York, Chicago ou São Francisco.

— Vou cobrar — disse ela com os olhos cheios de entusiasmo. Em seguida, olhou para o lado. — Aqueles são os pais de Pamela? Parecem tão mal-humorados.

— Mas não são — Philip franziu as sobrancelhas. — São só....

— São como os seus pais — ela disse. — São pessoas movidas por dinheiro.

— São pessoas iguais a todo mundo.

— Claro. Igual a qualquer um que tenha as palavras mágicas Gold & Gem depois do sobrenome.

Philip não gostava de ouvi-la falar daquele jeito, como se o fato de ela proceder da classe operária fosse um obstáculo entre eles.

— Esqueça isso — disse ele. — Você se preocupa demais.

O disc jockey anunciou no microfone que todos deveriam se dirigir para as margens do lago para ver a última fogueira do ano, e logo todos saíram do pavilhão. A

fogueira tinha um motivo prático, além do tradicional. Era uma forma de dar um fim aos caixotes de entregas e restos de madeira que se acumulavam ao longo do verão.

Enquanto todos se encaminhavam em direção à pirâmide de madeira, Philip pressionou a mão nas costas de Mariska, desviando-a para fora do caminho.

— O que está fazendo? — ela perguntou baixinho.

— Como se você não soubesse.

— Alguém pode nos ver. — Durante o verão inteiro ela esteve tão preocupada em manter o romance em segredo quanto ele, pois não queria ter a fama de roubar o noivo de outra garota.

Ele segurou-lhe a mão e a conduziu em direção ao alojamento dos funcionários.

— Ninguém vai nos ver.

Todavia, alguém os viu. No momento em que se desviavam do lago, um fósforo foi aceso, clareando o semblante contemplativo e embriagado de Terry Davis. Ele segurou o fósforo aceso com o braço esticado iluminando Philip e Mariska.

— Boa noite, garotos — disse ele, com um sorriso irônico.

— Droga! — Philip resmungou. — Ela não está se sentindo bem — explicou a Davis. — Vou levá-la... até o carro.

— Ah! Claro. — Ele levou o fósforo aceso até a ponta do cigarro.

Philip e Mariska continuaram em frente.

— Esqueça ele — disse Philip. — Na certa, não vai se lembrar de nada amanhã, mesmo. — Apesar da aparente convicção, ele estava um pouco apreensivo. Durante todo o verão tinham sido extremamente criativos na escolha dos locais para fazer amor. Tinham feito não só na casa dos barcos, mas dentro de alguns barcos. Na caminhonete de entregas de Mariska e na ponte sobre a Meerskill Falls.

Agora tinham escolhido entrar escondido em um dos chalés. Philip, como monitor sênior, tinha acomodações privativas, e lá, no escuro, ele a tomou nos braços e enterrou o rosto nos seus cabelos cheirosos.

— Não aguento mais esperar para tê-la para sempre.

— Mas vai ter de esperar. E não posso ficar até tarde hoje. Amanhã cedo tenho consulta no médico.

— Você está bem? — ele quis saber.

— É só uma consulta de rotina.

— Ainda bem. Vou sentir tanto sua falta.

— Quanto? — ela perguntou ao desabotoar delicadamente a camisa dele.

— Mais do que pode imaginar. — E seu coração disparou quando ela tirou-lhe a camisa e encostou os lábios em seu pescoço.

— Acho que vai se esquecer rapidamente de mim assim que voltar para a faculdade, para sua noiva rica e seus amigos da alta sociedade.

— Não diga isso. Sabe que não é verdade.

— Só tenho a sua palavra. — Apesar da acusação, havia algo de provocador no seu

tom. — A palavra de um garoto rico. Afinal, o que fazem as garotas ricas o tempo todo?

— Elas deixam que garotos ricos façam amor com elas — ele disse, e desceu o zíper do vestido de Mariska com destreza. Ele estava tomado de desejo agora, mas controlou-se. Tirou uma das abotoaduras e a colocou no bolso da calça.

— São bonitas — disse ela ao ver o brilho da prata.

— Pertenceram ao meu avô. — Ele tirou a outra e colocou-a na mão dela. — Uma vai ficar com você e a outra comigo. Vou usá-las novamente no dia do nosso casamento.

— Philip...

— Estou falando sério. Quero me casar com você. Estou lhe dando este pequeno objeto de prata agora, mas depois que tiver resolvido minha vida vou lhe dar um anel de diamante.

Os olhos dela brilharam e ela colocou a abotoadura na bolsa.

— Vou cobrar isso de você também. Aliás, já sei exatamente como quero meu anel de noivado.

— Algum modelo da joalheria onde você trabalha?

— Engraçadinho. É da Tiffany's.

— Ah-ah! Como se eu pudesse comprar alguma coisa da Tiffany's.

— Pode sim. Seus pais são ricos.

— Mas eu não sou. Na nossa família cada um ganha dinheiro à sua maneira.

— Está brincando, não é?

Ele riu e tirou o vestido dela pela cabeça e o deixou cair no chão. Depois, soltou o fecho do sutiã.

— Você vai ser a noiva de um pobre porém nobre defensor público.

— Agora você está me deixando apreensiva.

Ele a admirou depois de lhe retirar o sutiã.

— A única coisa que me faz ficar apreensivo é ir embora e deixá-la aqui.

COLEÇÃO DE CANÇÕES DO ACAMPAMENTO KIOGA

*The bear went over the mountain,
The bear went over the mountain,
The bear went over the mountain,
And what do you think he saw?**

Nota

* O urso subiu a montanha,/O urso subiu a montanha,/O urso subiu a montanha,/E o que você pensa que ele viu?
(*N. da E.*)

Capítulo 5

— Por que será que continuo pensando nas cenas que vi no filme *O Iluminado*? — perguntou Freddy Delgado. Ele cantarolava a melodia soturna do filme enquanto Olivia dirigia a van alugada pela estrada estreita, cheia de remendos no asfalto, em direção à cidade de Avalon.

— Acredite — disse ela. — Isso não é tão assustador quanto as lembranças que estou tendo. Passei inúmeras férias sofrendo lá. — Ela ainda não podia acreditar que estava fazendo aquilo. Só o fato de estar dirigindo parecia estranho para ela, já que nunca dirigia na cidade. Sua mãe tentara dissuadi-la de assumir o projeto até o último minuto, mas Olivia estava decidida. O pai fora bem mais compreensivo. Quando se despediu dele, na noite anterior, ele a abraçou e desejou sorte.

— Por que sofreu? — perguntou Freddy. — Para mim parece o lugar ideal para se passar o verão.

Ela desacelerou ao ver um esquilo cruzar a estrada. Havia coisas sobre sua vida que ela nunca contara a Freddy, nem a ninguém.

— Eu não era bem entrosada.

— Você? — Ele riu com desdém, o que a fez se sentir lisonjeada. — Do que se trata, afinal? De um acampamento de férias para nerds e doidos?

Ela apontou para o álbum de fotos que estava entre eles no banco do carro. Pensar que ele fosse ver só um pouquinho do seu passado já a deixava sem jeito, mas precisava confiar nele. Quem no mundo deixaria tudo de lado para passar o verão com ela num acampamento de férias na remota região das Catskills, tentando recuperar o charme de tempos passados? Claro que pelo fato de ele estar sem emprego e sem lugar para morar já servia de estímulo, mas agora era tarde demais. Ele já estava folheando o álbum de fotos antigas.

— Procure uma foto de um grupo datada de 1993. Cabana Saratoga, Alojamento da Água — ela o instruiu.

Ele abriu o álbum e procurou pelas fotos.

— Nossa. Até parece um campo de procriação de crianças arianas. Será que todos tinham que ser altos, louros e bonitos para ter o direito de frequentar esse acampamento de férias?

— Olhe com atenção quem está na ponta da última fila — ela disse.

— Oh! — O jeito dele revelava que tinha visto Olivia. — Passou por uma fase meio esquisita, não?

— Não diria que foi uma fase, mas a minha adolescência toda. E não era esquisita, eu era gorda. Os óculos do tipo fundo de garrafa e o aparelho nos dentes eram apenas bônus adicionais.

Freddy soltou um longo assobio.

— E olhe para você agora. O patinho feio se transformou num lindo cisne.

— O patinho colocou lentes de contato, pintou o cabelo de louro e praticou natação durante um ano inteiro na faculdade. O patinho malhou durante dois anos até chegar ao peso ideal. E não tenho vergonha de dizer: sei que eu era horrorosa. Fui uma criança infeliz e fiz questão de mostrar isso no meu corpo. Quando aprendi a ser feliz, tudo na minha vida melhorou.

— As crianças não precisariam passar por isso. Deveriam ser felizes e pronto.

— Algumas famílias são diferentes — ela lhe disse. — E é só o que vou dizer sobre a família Bellamy, por isso nem se dê ao trabalho de perguntar.

— Ah! Você será só minha durante o verão todo. Conhecerei todos os seus segredos.

— Não tenho segredos — disse Olivia.

— Besteira. Acho que você esconde coisas até de si mesma.

— Vai ser maravilhoso passar o verão com o dr. Freud.

— Estou feliz por esse trabalho. E estou feliz que Rand Whitney agora seja parte do seu passado.

— Obrigada — disse ela com sarcasmo. — Vindo de você, é um estímulo, já que sempre torceu contra.

— Olivia! Você faz tudo para a relação não dar certo. Já tentou descobrir por que faz isso?

Nossa!

— Você tem o hábito de sempre escolher o homem errado — continuou ele. — Acho que não saberia o que fazer se encontrasse o homem certo. Disse para mim que descobriu sozinha como ser feliz. E por que não acredita nisso?

Ela não queria discutir o assunto.

— Acho que Barkis está precisando de uma parada para fazer pipi.

— Não está, não. Ele fez pipi em Kingston. E, segundo o mapa, estamos quase chegando. Vou calar minha boca, prometo. — Freddy manteve a promessa e voltou a analisar as fotos do álbum. Olivia já estudara cuidadosamente as fotos em preto e

branco e as coloridas, com o objetivo de lembrar como era o lugar antigamente. Felizmente, sua avó guardara uma história concisa do Kioga desde o seu modesto início, na década de 1930, até o seu auge, na década de 1950, que era a época que ela queria reproduzir para festejar as bodas de ouro. Gostaria de despertar os prazeres simples vividos nas férias para mostrar que o acampamento foi um lugar que as pessoas costumavam frequentar ou gostariam de ter frequentado.

— Vendo como você era em criança é possível entendê-la um pouco melhor — disse Freddy, fechando o álbum.

— O que quer dizer?

— Você tem o dom de transformar as coisas. Não me admira ser tão competente no seu trabalho.

De fato, ela possuía muita experiência. Em criança, tinha a mania de mudar as coisas, como o quarto da mãe no apartamento da Quinta Avenida, seu armário na Dalton School e até sua cabana no Kioga, todo verão. No acampamento, era uma das coisas que sabia fazer melhor. Uma vez, ela fizera uma busca na despensa acima do refeitório e encontrou um estoque de roupas de cama antigas. Suas colegas de quarto voltaram de uma caminhada e encontraram as beliches cobertas com colchas feitas à mão em tecidos macios e desbotados pelo tempo, e as janelas com cortinas de chita e enfeitados com flores do campo colocadas em potes de geleia.

— Agora é que nós vamos ver se sou mesmo boa nisso — disse ela. — Nunca trabalhei num terreno tão ermo assim.

— Sua avó lhe deu uma verba gorda e o verão inteiro para trabalhar. Vai ser uma grande aventura de qualquer maneira.

— Espero que tenha razão. E obrigada por me ajudar. Você é uma dádiva divina, Freddy.

— Confie em mim, querida. Preciso do trabalho — disse ele, se desvalorizando. — Mas só com minha ajuda você não vai conseguir fazer a reforma. Quem mais vai utilizar na mão de obra?

— Meus avós incluíram uma verba para contratar um empreiteiro. Precisamos encontrar alguém o mais rápido possível. Você vai conhecer outros Bellamy, também. Dare, minha prima mais próxima, ficou de vir. Além do meu tio Greg e de meus primos Daisy e Max. Greg é arquiteto paisagista e ficará responsável pelo jardim. Seu casamento está em crise, então, passar o verão aqui pode ser muito bom para ele e para as crianças.

— Está vendo como o casamento é um mau negócio? — disse Freddy.

— Por isso eu não deveria nem me importar, é isso que está dizendo?

Ele ignorou a pergunta e voltou para a coleção de fotos.

— Que lugar! As fotos mais antigas parecem mais reuniões de família do que acampamento de férias.

— Mas muitos anos atrás, antes do nosso tempo, o acampamento de férias era

voltado para famílias — ela disse. — Algumas vezes, era a única ocasião em que a família se reunia. As mães e as crianças ficavam o verão todo, e os pais vinham de trem todas as sextas-feiras. Estranho, não é?

— Talvez. Ouvi dizer que retiros familiares estão voltando à moda. Sabe como é: famílias com excesso de ocupações procurando um lugar para relaxar, blablablá.

— Você parece impressionado com a ideia — disse Olivia olhando para ele.

— Querida, no meu caso, eu *me* retiro da minha família.

— Épa! O que é isso? Eu não sabia que você tinha problemas com sua família.

— Não tenho problemas. Eu simplesmente não tenho família.

Ela rangeu os dentes. Mesmo sendo amigos de longa data, ele nunca lhe dissera nada sobre sua família, exceto que moravam em Queens e que ele não os via desde que saíra de casa.

— Você está bisbilhotando minha família a 144 quilômetros, agora é minha vez.

— Não é tão interessante assim, a não ser que você seja um grande admirador de Eugene O'Neill, pode acreditar. Agora fique calada porque preciso me concentrar.

Pouco antes de chegarem à cidade de Avalon a cancela da estrada de ferro desceu. Olivia parou o carro e esperou o trem passar.

— Eu costumava pegar esse trem da cidade até Avalon. — Olivia ainda se lembrava do som e da excitação que percorriam os vagões do trem. Os acampantes mais antigos cantavam músicas tradicionais ou se vangloriavam de conquistas em competições de arco e flecha, natação ou corrida. Especulavam sobre as distribuições dos alojamentos porque todos sabiam que colegas de quarto podiam salvar ou arruinar as férias. Quando tinha de 8 a 11 anos, ela gostava de frequentar o Kioga. Tinha três primas que regulavam de idade com ela, por isso sempre ficavam no mesmo alojamento. E tanto o trajeto de trem quanto o de caminhonete morro acima eram uma viagem para o mundo encantado.

Mas tudo mudou no ano em que seus pais se separaram. Ela saiu mal da fase de criança e entrou na adolescência como uma menina insegura e gorda.

O trem passou, o último vagão sumiu, e diante deles descortinou-se a linda vista da cidade de Avalon.

— Bonitinha — disse Freddy. — É uma cidade de verdade?

Avalon era uma típica cidade da região das Catskills. Era exatamente como os turistas queriam que fosse: um mundo à parte, parado no tempo, com sua estrada de ferro de um lado e uma ponte coberta do outro lado, com ruas com calçamento de pedra ladeadas por árvores, numa cidade quadrada, com o palácio da justiça no centro e pelo menos três torres de igrejas. Mudou muito pouco ao longo do tempo. Lembrava-se das lojas Clark's Variety Store e Agway Feed & Hardware, da Palmquist Jewelry e da Confeitaria Sky River, que ainda pertencia à família Majesky de acordo com o que estava pintado na vitrine. Havia lojas de presentes e de artesanatos e algumas butikues de gente rica. Restaurantes e cafés com toldos listrados e janelas

coloridas cercavam a praça. Lojas de antiguidades exibiam rodas de fiar e kilts antigos, e quase todo estabelecimento oferecia melado e sidra feitos em casa para turistas que vinham no outono para apreciar as cores da estação.

Barkis, que estava dormindo no banco de trás, acordou e colou o focinho na janela para observar os gramados junto ao rio Schuyler. A rua mais bonita da cidade era a Maple Street, que reunia um conjunto de casas em estilo gótico Carpenter, algumas delas exibindo placas de registro de patrimônio histórico nacional.

— É bem a “A Era da Inocência” — disse Freddy. As casas pintadas em cores pastel tinham sido transformadas em hotéis pequenos e baratos que só serviam café da manhã, escritórios de advocacia, galerias de arte e *day spa*. A última casa da rua tinha uma placa escrita à mão: “Contratos e Construções Davis.”

— Olivia, cuidado! — Freddy gritou.

Olivia freou bruscamente. No banco de trás, Barkis lutou para não cair.

— O sinal fechou para todos os quatro lados — Freddy alertou. — Vá com calma.

— Me desculpe. Não vi o sinal. — Só em ver o nome Davis ela já se descontrolara.

Acalme-se, ela pensou. Existem zilhões de Davis neste mundo. *Claro que essa empresa de construção não seria... de jeito nenhum*, ela pensou. Seria muita loucura.

— Vou tomar nota do telefone daquela empresa de construção — disse Freddy inocentemente.

— E por quê?

— Porque talvez seja a única da cidade, e nós vamos precisar contratar os serviços dela.

— Encontraremos outra empresa.

Ele se remexeu no banco ao seu lado ao passarem na frente do escritório.

— A placa diz que trabalham com contrato e seguro. Também fazem orçamentos sem compromisso e dão referências.

— E você acredita nisso?

— Você não? — Freddy estalou a língua em reprovação. — Tão novinha e tão cética.

Era pouco provável que a empresa Contratos e Construções Davis tivesse qualquer ligação com Connor Davis, Olivia pensou. E se tivesse? Ele nem devia se lembrar mais dela. O que seria um alívio, tendo em vista o papel idiota que ela fizera com ele.

— Tudo bem, diga-me que esta não é uma ponte coberta — disse Freddy, procurando por sua câmera.

— É, de fato, uma ponte coberta.

— Não acredito — disse ele. — Isso é melhor do que o filme *As Pontes de Madison*.

— Uma lobotomia é melhor do que *As Pontes de Madison*.

Freddy tirou várias fotos, encantado com a placa informando que a ponte fora construída em 1891. A ponte chamada de Sky River transpunha as águas pouco

profundas do rio Schuyler e era digna de um cartão-postal. Olivia se lembrava de que a caminhonete do Kioga sempre buzina ao entrar naquele túnel escuro, barulhento e cheio de ninhos de andorinhas. Era a última construção feita pelo homem usada como ponto de referência antes de chegar ao acampamento Kioga.

Depois da ponte, a estrada serpenteava ao longo do rio, passava pela cadeia de montanhas com placas que indicavam os nomes dos morros e das elevações. Freddy, que sempre viveu na cidade, estava extremamente agitado.

— Isso é incrível — exclamou. — Não acredito que você tenha uma propriedade num lugar como este e nunca tenha me dito nada.

— O acampamento de férias do Kioga não funciona mais há oito anos, não, nove anos. Uma empresa de administração ficou responsável pela manutenção da propriedade. Alguns membros da família se reúnem aqui, esporadicamente. — Olivia já fora convidada, mas nunca quis voltar. O lugar não lhe trazia boas lembranças. — Durante o inverno, meu tio Clyde traz a família para praticar corrida rústica e caminhadas com raquetes de neve.

— Muito louco — murmurou Freddy. — Me dá até vontade de ter uma família normal.

Olivia deu uma olhada para ele.

— Bem, se o que você viu aqui hoje não o fez voltar correndo para Nova York, terá uma tribo de Bellamy o verão todo para aproveitar.

— Para mim está perfeito. Por acaso lhe falei da situação do meu apartamento?

— Ah, Freddy!

— Você adivinhou. Sem trabalho e sem teto. Sou um verdadeiro idiota.

— Você vai trabalhar comigo este verão e morar no Kioga. — Ele era seu melhor amigo, o que mais poderia dizer?

Olivia reduziu a velocidade ao perceber, pelo canto do olho, o tremor da cauda branca de um cervo. Logo depois, surgiu uma corça com seu filhote, e Freddy ficou tão deslumbrado que quase deixou cair a máquina digital.

Na caminhonete de passageiros do acampamento, muitos anos atrás, os frequentadores assíduos do Kioga costumavam indicar os pontos de referência ao longo do caminho, gritando com a aproximação deles.

“Lá está Lookout Rock” alguém anunciava, apontando e pulando no banco. “Eu vi primeiro.”

Outros seriam citados sucessivamente: Moss Creek, Watch Hill, Sentry Rock, Saddle Mountain, Sunrise Mountain e, finalmente, Treaty Oak, um carvalho que era tão velho que diziam que o próprio chefe Jesse Lyon o tinha plantado para comemorar o tratado que assinara com Peter Stuyvesant, o governador da colônia.

No seu 12º verão, Olivia fizera o percurso em silêncio. A cada marco que passava, mais infeliz ela se sentia, e a tristeza começava a pesar e doer dentro dela. E isso se refletia na parte externa. O peso que ganhara representava o estresse pela guerra

silenciosa travada entre seus pais, as exigências da escola e seus temores reprimidos.

Passaram por um ateliê de arte em vidro com um cartaz extravagante na estrada e depois por uma faixa estreita de terra junto ao rio, onde o prado estava mais verde do que o normal e a floresta, escura e misteriosa. No alto, numa clareira ensolarada, havia um trailer estacionado e uma motocicleta Harley Davidson, em preto e prata, ao lado.

— Que lugar interessante — comentou Freddy.

— Ainda se encontram muitos elementos da contracultura nas redondezas — disse Olivia. — Afinal, Woodstock nem fica tão longe daqui.

Passaram pela fazenda Windy Ridge Farm, mais uma placa estranha, e chegaram à última curva da estrada. Entraram em uma estradinha de cascalho com uma placa onde se lia “Propriedade Particular — Não Entre”, que enveredava por uma mata que ficava mais fechada a cada quilômetro. Finalmente, surgiu um arco rústico de madeira na entrada da propriedade. Feito com troncos de árvores maciços, simbolizava a marca registrada do acampamento Kioga. Um desenho desse arco vinha impresso nos papéis de carta usados pelas crianças que escreviam para a família toda semana. No arco estava escrito o nome do acampamento. Fundado em 1932. Tudo em letras feitas com galhos de árvore, no estilo Adirondack.

Quando chegavam de caminhonete, as crianças tinham a mania de prender a respiração enquanto passavam sob o arco. Depois disso, todos soltavam o ar, de uma só vez e bem alto, seguido de gritos de alegria. *Chegamos.*

— Você está bem? — perguntou Freddy.

— Estou ótima.

Ela diminuiu a velocidade enquanto passavam sobre o cascalho. Ao percorrer a estrada antiga, sombreada por carvalhos e bordos, tinha a estranha sensação de estar voltando no passado, para um lugar que não era muito seguro para ela.

Os arbustos ao longo do caminho estavam grandes e seus galhos arranhavam o carro na passagem. Olivia estacionou na frente do prédio principal e abriu a porta para Barkis sair. O cachorro percorreu rapidamente a área junto ao carro, deslumbrado com a novidade e ávido para cheirar cada pedacinho de grama.

A propriedade de 400 mil metros quadrados era em grande parte constituída de mata virgem, e seu ponto alto era o lago Willow. Havia prédios rústicos, prados e quadras de esporte, chalés e cabanas cercando o lago de águas plácidas e imaculadas. Olivia mostrou as quadras de tênis, frescobol, arco e flecha, o anfiteatro e as trilhas de caminhadas, que estavam cobertas de mato. Mentalmente, ela já anotava o que seria necessário para a reforma do local.

O pavilhão central abrigava o refeitório. Na sua parte externa havia um deque sobre o lago, onde eram realizados os bailes e as festas à noite. Na parte de baixo ficava a cozinha, a sala de recreação e os escritórios da administração. Agora tudo estava com um ar de abandono, desde o caminho coberto de mato até as roseiras que

cresciam em torno dos mastros das bandeiras. Surpreendentemente, as rosas sobreviveram, e cresciam em profusão, com caules compridos, tortos e cheios de espinhos.

— Não podia imaginar que ainda existiam lugares como este. É tão *Dirty Dancing* — disse Freddy depois de conhecer o pavilhão principal e algumas das cabanas.

— Parece mais uma cidade fantasma agora — disse Olivia. Mas enquanto falava ela imaginava o lugar cheio de crianças vestidas com as camisetas do uniforme na cor cinza e com o logotipo do Kioga. — Até o início dos anos 1960 havia baile toda noite. Inclusive com música ao vivo.

— Bem aqui, no meio do nada?

— Meus avós diziam que os músicos eram bons. Sempre era possível encontrar gente talentosa porque os músicos e atores de Nova York tentavam ganhar algum dinheiro no verão. Depois que o Kioga se tornou um lugar exclusivo para crianças, incluíram encontros de canto e aulas de dança.

Ela estremeceu com a simples lembrança. Sempre era a última a ser escolhida e terminava fazendo par com outra menina, uma prima ou um garoto que fazia caretas para os amigos, demonstrando repulsão por estar com Lolly, “o poço de gordura”, como ela era chamada naquele tempo.

— Vamos abrir o pavilhão principal que eu vou lhe mostrar o refeitório — Olivia disse.

Com as chaves que sua avó lhe dera, ela destrancou e abriu a porta dupla. No vestibulo os armários com portas de vidro estavam cobertos com capas e as paredes estavam cheias de cabeças empalhadas de animais como alces, ursos, cervos e pumas.

— Isso é bem assustador — comentou Freddy.

Barkis parecia concordar com ele. Ficou perto deles e, de vez em quando, espiava os olhos e os dentes dos outros bichos.

— Costumávamos dar-lhes nomes — disse Olivia. — E também roubávamos as roupas íntimas das colegas para colocá-las penduradas nos chifres.

— Que coisa horrível.

Então ela o levou para conhecer o refeitório. O teto de pé-direito alto, com vigas de madeira, pairava sobre eles. Duas enormes lareiras, construídas com pedras de rio, ficavam nas extremidades da sala, que continha compridas mesas e bancos de madeira, altas portas envidraçadas que se abriam para o deque, cercado por grades de ferro batido. Um leve odor de madeira queimada ainda pairava no ar.

— Que destruição! — ela disse.

Freddy estava calado diante da magnitude do projeto e com os olhos bem abertos ao girar o corpo para observar tudo à sua volta.

— Freddy — disse ela. — Se você achar que não devemos assumir esse projeto, precisa me dizer agora. Sempre podemos contratar alguém para...

— Você só pode estar brincando — disse ele enquanto andava em direção às portas duplas de vidro que se abriam para o lago. — Nunca mais vou sair daqui.

Olivia só pôde sorrir com seu encantamento. O que lhe deu um certo alívio com suas próprias lembranças.

Como se estivesse em transe, Freddy foi até as portas de vidro que davam para o lago, abriu-as e saiu para o espaçoso deque.

— Meu Deus! — falou em voz baixa. — Meu Deus, Livvy.

Os dois ficaram ali em pé por um bom tempo, admirando o lago. Rodeado por salgueiros suavemente arqueados, o lago lembrava um espelho dourado refletindo um anel de montanhas arborizadas. Era lindo de se ver. É mágico. Mas Olivia nem se lembrava de tê-lo admirado. Mas não era de se estranhar. Quando sua vida está completamente esvaída, é fácil não notar a beleza do ambiente em volta.

— Olhe lá no meio — ela disse para Freddy. — É uma ilha chamada Spruce Island. — Era grande o suficiente para abrigar um mirante, um cais e uma área para piquenique, mas parecia pequena como se fosse algo mágico, uma esmeralda que brilhava em um mar de ouro. — Meus avós se casaram ali, 50 anos atrás. E é ali que vão renovar seus votos, em agosto, se conseguirmos arrumar tudo a tempo.

— Por acaso está duvidando?

— Ei, admiro sua disposição, mas precisamos encarar os fatos. Isto aqui não é uma casa construída antes da guerra, de 185 metros quadrados, que precisa de uma pintura e de um ambiente mais leve. É um terreno de 400 mil metros quadrados, com prédios velhos, sendo que alguns foram construídos na década de 1930.

— Não me importa. Nós podemos, e faremos.

— E eu achei que precisaria convencê-lo. — Olivia deu um abraço no amigo.

Ele a segurou mais perto e por mais tempo do que o necessário. E foi ela quem se soltou e sorriu para ele, fingindo ver só amizade no seu gesto. Pela primeira vez ela começou a entender o que Rand Whitney sentia quando olhava para os olhos de paixão dela, sem poder retribuir.

— Obrigada por vir, parceiro — ela disse. Caminhou até a grade de ferro e sentiu um arrepio de frio com a brisa que vinha do lago. Os cheiros do lago e da mata trouxeram de volta muitas recordações e, para sua surpresa, nem todas eram ruins.

— Acho que nunca estive num lugar tão isolado — disse Freddy. — Parece que somos os únicos seres no mundo. O primeiro homem e a primeira mulher, Adão e Eva.

— Acho melhor você não ter ideias estranhas comigo.

— Do tipo que tem a cara do Jack Nicholson falando “*Here’s Johnny*” e segurando um machado? — ele perguntou, arregalando os olhos.

— Não gosto desse tipo de brincadeira.

— Tudo bem. Mas, este seria o lugar ideal para se escrever um livro, se eu tivesse habilidade.

— Vamos descobrir onde dormir esta noite — disse Olivia ao se encaminhar para dentro.

Olivia e Freddy acabaram dormindo no mesmo chalé naquela primeira noite. Nenhum dos dois se dispôs a dormir sozinho em um dos alojamentos cavernosos, no meio do mato, ouvindo os sons mais diversos e assustadores no breu que se fez após o sol se pôr. Quando os outros chegassem, eles se mudariam para chalés individuais, mas por enquanto não ficariam isolados.

Os alojamentos dos funcionários tinham nomes de fortes ou batalhas, como Ticonderoga, Saratoga, Stanwix e Niagara, e Olivia escolheu o Ticonderoga por ficar mais perto do refeitório e do banheiro comunitário.

Depois de descarregar os suprimentos e a bagagem, preparar uma refeição de sopa enlatada e bolachas na cozinha, cheia de teias de aranha, mas ainda em funcionamento, usaram um compressor de ar para encher seus colchões. O acampamento tinha trocado todos os colchões tradicionais pelos de ar, alguns anos atrás, para evitar que fossem comidos pelos ratos. Depois, Olivia e Freddy colocaram seus colchões em lados opostos e começaram a tirar as teias de aranha e limpar o resto.

A noite se infiltrou lentamente floresta adentro e o céu foi variando desde o rosa às mais diversas tonalidades de violeta, até o breu total. Era como se estivessem dentro de uma caverna. Barkis ficou completamente medroso com a escuridão. Cada folha que farfalhava ou pássaro que piava eram sons suspeitos, deixando todos em permanente estado de alerta.

Depois de uma luta com duas aranhas dentro do grande banheiro comunitário, localizado do lado de fora do alojamento, Olivia se preparou para dormir e voltou para o chalé usando a calça curta do pijama lilás, com uma camiseta rosa sem manga para combinar. Sentiu uma brisa fria entrar pela janela.

— Ainda bem que Deus criou a mulher — disse Freddy, olhando para os seios dela.

Ela logo tratou de procurar um agasalho para vestir.

— Legal — disse ele. — Agora fiquei entediado. Normalmente, eu hoje estaria assistindo a um episódio de *Dog the Bounty Hunter*.

— Eu avisei que aqui não tinha tevê. Nem telefone, nem internet, nem sinal para falar no celular.

— E que diabos vamos fazer? — ele perguntou em desespero.

— Podemos conversar, jogar, ler e dormir.

— Legal. Também cortar os pulsos.

Eles ficaram sentados, cada um na sua cama, se olhando, até Olivia se esticar e apagar a luz que havia acima da sua cabeça.

— É estranho ouvir o silêncio — comentou ela enquanto se acomodava sob o lençol frio e o cobertor pesado. — Estou tão acostumada a escutar sirenes e buzinas.

Barkis também parecia sentir falta dos sons urbanos. Ele estava assustadíssimo com o bater das asas e o canto da coruja. Enroscou-se como uma bolinha debaixo da cama de Olivia.

Olivia olhava para a escuridão e tentou se forçar a dormir. Mas estava agitada e desconfortável. O tempo passava e em vez de ficar sonolenta, ela ficava mais alerta, elaborando mentalmente os planos para o Kioga.

— Freddy — ela falou baixinho, mas não ouviu resposta. — Freddy, você está acordado?

— Agora estou — ele respondeu, com uma voz que parecia desvinculada do corpo. — Onde está você? Está escuro demais para enxergar.

— Vamos pegar mais lanternas — ela disse.

— Amanhã — ele propôs.

Barkis gemeu e Olivia reconheceu o tom de urgência.

— Ele precisa ir lá fora mais uma vez. — Olivia achou os chinelos e uma lanterna. — Venha comigo.

— Logo agora que eu tinha me aquecido!

— Medroso.

Ele soltou um gemido longo e sofrido e Olivia apontou a luz da lanterna na direção dele. Parecia surpreendentemente bonitinho de cueca e camiseta branca e com os cabelos desarrumados. Vestiu uma calça de moletom e saiu resmungando.

Naquele imenso espaço ermo, mergulhado na escuridão, Barkis se limitou a ficar ao alcance da luz da lanterna enquanto contornava o mato alto em torno do alojamento.

— Você está diferente aqui — disse Freddy. — Está mais à vontade do que na cidade.

— Ah! Com certeza.

— Está sim. Ouça o que estou dizendo. — Ele segurou-lhe a mão repentinamente. — Desligue a lanterna por um instante — ele disse.

— O quê?

— Me faça esse favor, desligue.

Olivia deu de ombros e a desligou.

— O que...

— Shhh... Olhe para o céu, Livvy.

Olivia inclinou a cabeça para trás e vislumbrou um tapete de estrelas sobre eles, a Via Láctea com toda a sua beleza e mistério. Podia ouvir Freddy respirar ao seu lado, de tão quieto.

— Que tal? — ela perguntou.

— Nunca vi um céu deste em minha vida. De onde vieram tantas estrelas?

— Elas sempre estiveram lá. Mas é preciso estar em um lugar escuro para poder vê-las.

— Então, acho que encontramos — ele disse, apertando-lhe a mão.

— Meu avô tinha um telescópio. Deve estar aqui em algum lugar. Se ainda funcionar, teremos uma visão ainda melhor delas.

— Já sinto como se pudesse tocá-las. — E, sem avisar, ele colocou o braço em torno da cintura dela e a puxou para perto.

Olivia ficou tão surpresa que deu uma risadinha.

— Freddy...

— Shhh... — Ele procurou seus lábios no escuro e a beijou carinhosamente.

O beijo foi tão inesperado que Olivia relutou um pouco e colocou as mãos em seu peito para empurrá-lo.

— Nossa! O que foi isso?

— Agora que você finalmente se livrou daquele cara, está na hora de fazermos algo por nós.

Ela se afastou dele e a surpresa se transformou em pânico.

— Freddy, você é meu melhor amigo. Se quiser converter nossa amizade em romance, vai estragar tudo.

— E por que não?

— Eu não levo jeito para romance. Meu passado não me deixa mentir. Você mesmo disse que faço de tudo para fracassar.

— Mas se sairia muito bem se escolhesse o cara certo. — Ele a beijou novamente. E seus lábios doces e a delicadeza do gesto despertaram em Olivia a vontade de chorar.

— Ah, não! — ele se afastou. — Agora você está chorando.

— Me perdoe — disse ela. — Eu não quis... Meu Deus, Freddy, eu estrago tudo. — Ela não havia chorado por Rand Whitney, no entanto, lá estava ela, se debulhando em lágrimas porque Freddy a beijara.

— Eu sei. Também estrago tudo. Talvez seja mais uma coisa para trabalhar neste verão além de reformar o acampamento. — Então, ele a soltou.

Olivia sentiu um misto de alívio e tristeza. Freddy era incrível, ela o adorava, mas daí a ter um romance com ele... Limpou as lágrimas na manga do agasalho. Impossível!

Deu alguns passos para se distanciar dele e olhou para o reflexo das estrelas no lago.

— Será que vai ficar uma situação esquisita entre nós agora, depois de tentarmos nos beijar e não ter dado certo?

— Quem disse que não deu certo?

Ai, meu Deus.

— Freddy, eu...

— Não diga nada, Livvy. — Ele deu um tapinha delicadamente nas costas dela. — Estou brincando com você. Sei que você não estava a fim. — Ele pigarreou. — Mas você entende, eu tinha que tentar.

Olivia ficou imaginando o que poderia ver em seu rosto, caso ela virasse a lanterna para ele. Mas ela não tinha certeza de que queria saber, então manteve a luz desligada.

Quando o dia amanheceu, nenhum dos dois comentou qualquer coisa sobre o que ocorrera na noite anterior. Felizmente, tiveram bastante trabalho para mantê-los ocupados. Olivia vestiu um short jeans, uma camiseta e prendeu o cabelo num rabo de cavalo. O dia seria de muito trabalho.

Enquanto tomavam café, reexaminaram por alto o trabalho, exatamente como fariam se estivessem na cidade, iniciando um projeto, quando Olivia elaborava listas e Freddy desenhava os esboços numa grande folha de papel. Trabalhavam em uma mesa comprida de madeira encerada no refeitório, tendo a vista do lago como cenário.

— Vai ficar incrível — ela disse enquanto se recostava para admirar a paisagem. — Agora só precisamos encontrar o empreiteiro certo para realizar o trabalho.

— Aqui está o telefone que anotei ontem, quando passamos pela cidade. Construções Davis. — Freddy destacou uma folha de papel do seu bloco e passou para ela.

— Vou me informar para ver se temos outras opções. — E como se entendesse seu olhar questionador, ela acrescentou: — Você sabe. Para poder negociar o melhor preço.

— Não se surpreenda se essa for a única opção na cidade. E com a verba que sua avó disponibilizou, não creio que precisaremos economizar tanto assim.

— De qualquer jeito, vou perguntar — insistiu Olivia. — Me deseje boa sorte.

Mas ela não teve muita sorte. O celular estava fora de serviço e o telefone do acampamento tinha sido desligado há anos. Para fazer uma ligação, ela precisava caminhar até a entrada principal e usar o velho telefone público instalado na portaria. Até que colocasse em ordem o antigo escritório do prédio principal, aquele seria o único telefone em funcionamento. De acordo com as informações da telefonista, só havia um construtor em Avalon, exatamente como Freddy previra.

Ela discou o número dele, rangendo os dentes de raiva. Como a maioria dos escritórios com pouco trabalho, a secretária eletrônica da Construções Davis tinha a gravação de uma voz masculina que dizia “Deixe seu número e ligarei assim que for possível”. Da primeira vez ela desligou sem dizer nada.

Vamos, Olivia, ela tentou se animar. Não parecia ser ele. Não poderia ser ele. Por que teria uma empresa de construções em Avalon, Nova York? E, mesmo que fosse, e daí? Ela era uma profissional. Lidava com empreiteiros o tempo todo.

No entanto, nenhum deles provocava uma aceleração na sua respiração quando discava seu número. Isso era uma novidade.

Mas Olivia era determinada, então colocou mais uma moeda no telefone e discou novamente o mesmo número. E, de novo, ouviu a mesma voz. Dessa vez ela deixou um recado breve e objetivo: “Meu nome é Olivia Bellamy e estou ligando do acampamento Kioga. Gostaria de discutir sobre um... grande projeto de reforma, caso esteja interessado...”

— Conseguiu alguma coisa? — gritou Freddy.

— Não. Deixei um recado na secretária eletrônica. — Olivia levou algum tempo para localizá-lo pela voz. Freddy estava na despensa que ficava num sótão acima do refeitório. O sótão era cercado de uma grade de ferro que precisava de uma boa limpeza.

— Mas ninguém pode telefonar de volta para você.

— Eu expliquei o motivo da minha ligação e disse para aparecer por aqui, caso estivesse interessado. Se até amanhã ninguém vier, vamos procurar outra pessoa — respondeu, sentindo-se aliviada. — O que está fazendo aí?

— Já comecei a trabalhar. Encontrei um verdadeiro tesouro aqui.

— Como o quê, por exemplo?

— Como o telescópio do qual você me falou ontem. — Esta foi a única referência à noite anterior, e Olivia fingiu não ouvir.

De repente, ela ficou fascinada com uma coleção de remos pintados que costumavam ficar em exposição no vestíbulo.

— Olhe isto aqui — disse Freddy ao deixar cair algo pela grade do sótão. Uma grande trouxa desabou no chão, levantando muita poeira.

— As bandeiras — exclamou Olivia, espanando a poeira. Ela se abaixou e desenrolou os panos, pulando para trás quando uma aranha saiu da trouxa.

— Não se deve deixar as bandeiras no chão.

— Mas por menos de cinco segundos não tem problema.

— Certo. — Olivia pegou as bandeiras com cautela e as colocou sobre uma das mesas. Eram três: a do estado de Nova York, a dos Estados Unidos e a do acampamento. Os tecidos estavam desbotados e cobertos de poeira. Ela as enrolou e levou para fora, para a grande caçamba de entulhos que tinha sido entregue logo cedo aquela manhã.

Mas também não era correto jogar fora as bandeiras. Ela se lembrou que aprendera isso na escola. A única maneira de se desfazer delas era queimá-las, em

sinal de respeito, e ela não entendia por que isso era mais respeitoso do que simplesmente jogá-las fora.

Foi então que teve outra ideia. Na frente do prédio principal, no caminho circular da entrada, os três mastros de bandeira estavam tão desnudos quanto as árvores costumavam ficar no inverno. A imagem das três bandeiras hasteadas daria uma boa impressão ao lugar.

Decidida, ela desenrolou e sacudiu cada uma delas. Os cabos dos mastros pareciam em perfeitas condições. Em poucos minutos ela içou a bandeira do Kioga, que tinha um desenho de uma tenda de índio junto a um lago. A bandeira estadual tinha duas deusas segurando um escudo. E, finalmente, no mastro do meio e o mais alto ficava a bandeira americana. Ela se sentiu poderosa e patriota enquanto içava a bandeira e cantava baixinho o hino nacional. Era uma bandeira muito antiga, com apenas 48 estrelas. Como seus avós, a bandeira já tinha meio século de história, passando por guerras, o nascimento do rock and roll, períodos de desastres e de fatura, movimentos sociais e crises nacionais.

Mas a bandeira... estava da cabeça para baixo.

Tomada pelo fervor patriótico, Olivia içara a bandeira ao contrário. Uma bandeira de cabeça para baixo era sinal de dificuldade. E ela não queria, de forma alguma, passar essa impressão.

Ela inverteu a posição dos cabos, mas a adriça parecia emperrada. Ela puxou com força algumas vezes e praguejou outras tantas, e de nada adiantou.

— Uma escada — ela murmurou, e foi até o depósito. Achou uma, tirou as teias de aranha e voltou com ela. A essa hora o sol já estava quente e ela tirou o casaco de moletom e ficou só de camiseta sem mangas. Teve que ser cuidadosa para apoiar a escada no mastro fino, e precisou se colocar bem no centro para não balançar muito.

Quando estava a meio caminho ela ouviu o vento bater nas árvores e parou para observar a paisagem daquela altura privilegiada. Podia ver toda a disposição do acampamento de férias dali, os antigos prédios de madeira a distância, o lago tremeluzindo com a luz do sol e com o vento. A vista era sublime e intimidadora. Percebeu, então, que o projeto era bem maior do que poderia ter imaginado. Se ela conseguisse de fato concluí-lo, seria um verdadeiro milagre.

Mas eu posso fazê-lo, ela pensou, enquanto subia mais um degrau da escada com determinação. Sua avó costumava dizer que as coisas não aconteciam por acaso, e que nem sempre se descobre a verdadeira razão.

Olivia subiu o quanto pôde e se esticou ao máximo. Ao levantar o braço para puxar a adriça, ela sentiu a escada se mexer.

Não, ela pensou. *Não*. Mas, antes que pudesse gritar por socorro, a escada se inclinou para o lado. Ela abraçou-se ao mastro e se encolheu ao ouvir a escada se espatifar no chão.

Capítulo 6

Connor Davis não se lembrava de ter conhecido uma tal de Olivia Bellamy. A família Bellamy era bem grande e no passado ele já tinha conhecido o suficiente, mas ultimamente não estivera com nenhum deles. Felizmente. Nervosas e superalimentadas, as mulheres da família Bellamy que ele conhecera eram as mais afetadas. Pelo menos, a maioria delas.

Ainda assim, sua mensagem o deixara intrigado. Na verdade, estava curioso sobre o referido projeto. Depois do inverno rigoroso, a primavera tinha sido uma estação de escassez. A temperatura baixa havia deixado a paisagem de uma brancura digna de cartão-postal, assim como congelou a maioria das obras. Torcia para que o período de seca acabasse logo. Ele tinha 12 funcionários na sua folha de pagamento e muito pouco trabalho.

Como o seu caminhão estava sendo usado por um dos funcionários, ele usou o único meio de transporte de que dispunha, sua motocicleta Harley Davidson. Para quem não conhecesse sua situação, a moto parecia ser uma extravagância. Mas, na verdade, ele a recebera como pagamento por um projeto, alguns anos atrás, de um cliente que estava em situação econômica difícil.

Connor estava feliz em poder pilotá-la hoje. O dia bonito indicava que finalmente o inverno terminara. O céu era de um azul forte, o sol penetrava entre as árvores como raios de luz e fazia as pedras da estrada brilharem como moedas de ouro. Mesmo assim, estava frio. Felizmente ele se lembrou de colocar as luvas, a jaqueta, as botas e a calça de vaqueiro por cima. Principalmente, porque iria encontrar gente da família Bellamy, que prestava mais atenção nele quando se vestia de couro preto de cima a baixo.

Ele quase não ia mais para aquele lado. Só os turistas mais interessados em apreciar as folhas de outono visitavam o local. Mas, quando era criança, a estrada até Kioga era uma montanha-russa para ele. Ia para lá todo verão, e a história se repetia.

Chegava com o coração cheio de esperança e possibilidades. Esse ano seria diferente. Seu pai não o decepcionaria. Esse ano o pai manteria a promessa de permanecer sóbrio. Ele não iria humilhá-lo e fazê-lo querer sumir. Esse ano ele ia poder ser um menino, simplesmente, sem a responsabilidade de cuidar de um homem que deveria tomar conta *dele*.

Mas isso foi muito tempo atrás. Agora o acampamento estava fechado e na entrada tinha uma placa onde se lia “Propriedade Particular — Não Entre”.

A tabuleta em arco que ficava na entrada do caminho parecia inalterada. Um pouco mais empoeirada, talvez um pouquinho torta. Mas fora construída para durar e parecia fazer parte da paisagem tanto quanto as pedras e as árvores.

Connor voltou no tempo, quando passou sob o arco. Voltou a ser um menino novamente, agarrado a sua mochila e correndo para pegar um bom chalé.

As três bandeiras içadas nos mastros em frente ao prédio principal pareciam... Connor tirou os óculos escuros. Tinha alguma coisa errada. No mastro mais alto, a bandeira dos Estados Unidos estava pendurada ao contrário. E alguém, uma pessoa muito loura e de short bem curto, estava pendurada no mastro, apavorada.

Connor acelerou e a moto fez um barulho absurdo anunciando sua chegada. Isto prometia ser interessante.

CÓDIGO DE CONDUTA DO ACAMPAMENTO KIOGA

É terminantemente proibido o uso de álcool, cigarro e drogas.

Em matéria de vestuário, a *modéstia* deve sempre prevalecer. Blusas curtas e shorts curtos etc. não serão permitidos. Use sapatos sempre. Consulte o Código Oficial de Vestuários do acampamento Kioga. Rádios, toca-fitas, revistas, revistas em quadrinhos etc. representam distrações no acampamento de férias. O monitor está autorizado a confiscar tais itens.

Nenhum acampante tem permissão de sair de seu chalé após o horário de dormir, conforme o estabelecido.

Nenhum tipo de comida é permitido nos chalés em hora nenhuma. Os alimentos atraem insetos e animais.

É proibido entrar na cozinha do acampamento, exceto nos horários das refeições.

Não é permitido juntar as camas; esta é uma lei estadual.

Capítulo 7

Verão de 1991

Em seu primeiro verão no Kioga, em pleno treinamento de segurança na água, Connor Davis descobriu o que era uma ereção. Claro que os meninos falavam sobre isso o tempo todo, e uma ereção matinal não era nenhuma novidade, mas vivenciar aquela experiência quando estava bem acordado era... alarmante. Bastou olhar para Gina Palumbo no seu maiô vermelho que o seu guerreiro reagiu por conta própria, e imediatamente. De uma hora para outra, o calção de banho azul-marinho ficou apertado demais. Ele estava tendo uma ereção.

É o pior era saber que não podia se livrar daquilo.

Ele e mais um grupo de garotos foram obrigados a subir até o topo da torre de vigia, uma plataforma que ficava nove metros acima do nível do lago onde se praticava mergulho e natação. O objetivo era vigiar os nadadores como parte do seu treinamento de segurança na água. Mas, em vez disso, ele estava olhando para Gina Palumbo, cujos seios faziam parte do hall da fama.

Alguns meninos relatavam histórias indecentes sobre ela. Connor duvidava que fosse verdade o que contavam que ela fazia à noite, atrás da casa de barcos e no deque flutuante. Às vezes, diziam que tinha mais uma menina com ela, ou um pastor alemão, o que era simplesmente nojento. Seja como for, ele nem se lembrava mais das coisas que falavam baixinho à noite no quarto, quando viu Gina caminhando com duas amigas pela margem. Seu pensamento estava longe. Mas quando a viu, ali, com as amigas, era só naquelas histórias que ele pensava.

Por que será que as meninas mais gostosas só andavam em grupos de três? Ele ficou pensando e mordendo os lábios para se controlar e não gemer. Estava três vezes mais difícil não ficar olhando. *Calma, garoto.*

Mas Connor não conseguia se controlar. Mesmo existindo uma regra, odiada por

todas as garotas, que as obrigava a usar maiô inteiro, ainda assim Gina parecia uma modelo posando na capa de um CD da Madonna. O tecido do maiô grudado ao corpo destacava bem os seios e acentuava as curvas do traseiro.

Dizia-se que os meninos não deveriam sequer olhar para Gina. O pai dela era um mafioso, muito rico e com capangas que quebrariam a cara de quem ousasse ter pensamentos impuros sobre sua filha. E o que se passava na cabeça de Connor naquele momento estava longe de ser apenas impuro. Se tivesse um capanga mafioso por perto, Connor Davis estaria frito.

Fordham, o instrutor de segurança em natação e saltos, repetira inúmeras vezes como se devia observar uma área, analisando-a através de uma imaginária tela quadriculada, de forma a não deixar escapar nada. Um bom salva-vidas podia localizar um problema e saber, em pouquíssimo tempo, se era uma brincadeira ou não.

— Então, onde está o problema? — perguntou Fordham ao grupo de garotos enquanto apontava para o lago cheio de gente.

O problema está aqui, dentro do meu calção, pensou Connor, que foi ficando para trás e rezava para que ninguém notasse nada. Se não, os garotos não o deixariam em paz. No início daquela semana, J. J. Danforth teve uma ereção enquanto estava no chuveiro e, desde então, a garotada o chamava de mastro de bandeira e o saudavam sempre que passavam por ele.

Vá embora, pensou Connor, e começou a sentir o suor na testa e nas axilas. Esta era outra novidade em seu corpo, suar nas axilas. Axilas cabeludas e suadas.

Ele nem olhava mais para Gina agora, mas o estrago já fora feito. Tentou se distrair, pensar em coisas que não o excitavam.

Como o casamento da sua mãe com o chefe, em Buffalo. Ou que seu novo padrasto, Mel, o queria bem longe durante as férias de verão. Ou o fato de Connor ter um irmãozinho pequeno em Nova Orleans que nunca chegou a conhecer e um pai patético que podia construir quase tudo com as próprias mãos, desde que não estivesse tremendo pela falta da bebida.

Nem pensar na sua família desafortunada estava ajudando. Nada parecia resolver. Connor começou a ficar tonto. Tomado por um impulso que ele nunca sentira antes, ele mal podia respirar. E, droga, Fordham estava indo de um em um para perguntar sobre os aspectos de segurança na torre. De repente, tudo girava em torno de sexo. Os buracos redondos das boias. Respiração boca a boca. Bombear o peito da vítima. Nossa, tudo remetia a sexo. Logo seria a vez de Connor ser arguido e todos notariam o que estava acontecendo, seria sua ruína.

Não poderia deixar que isso acontecesse. Olhando ao redor como um animal capturado, tentou se concentrar na vista do lago e do acampamento, nos alojamentos interligados por caminhos, no prédio principal, onde um caminhão de entregas descarregava mercadorias. Mais adiante havia chalés e cabanas na mata, onde os

monitores e funcionários dormiam, incluindo seu pai fracassado que lhe dissera para fingir não o conhecer. Seria melhor para ele.

E assim ele fizera. Até agora, só aquela idiota da Lolly Bellamy sabia, e ela não falaria nada. Talvez não fosse tão estúpida, afinal. Talvez o estúpido fosse ele, com seu calção de banho apontando meio metro para a frente. Precisava fugir, e rápido.

Olhou fixamente para a plataforma de salto. Todos os meninos sabiam, por causa do treinamento, que não deviam usar a plataforma nunca, exceto com supervisão ou em casos de emergência. Como no caso de alguém estar em perigo.

Dane-se. Se aquele não era um caso de emergência, Connor não sabia quando seria. Ele estava correndo perigo, com certeza.

Só que a plataforma tinha 10 metros de altura! Isso era o mesmo que pular de um arranha-céu. Talvez não fosse exatamente um Empire State Building, mas quando se olhava para a superfície do lago dava muito medo.

Droga. Estava quase chegando sua vez e a situação dentro do seu calção não melhorara. Aliás, estava piorando. Tinha alguns segundos para tomar uma decisão. Tome uma atitude agora ou amargue o resto do verão como a piada da cabana Ticonderoga.

E deu certo. Sem pensar mais, ele correu para a plataforma. Sentiu o vento no rosto quando passava rapidamente pelos colegas de grupo. Correu até o fim da plataforma debaixo de gritos e apitos de advertência em seus ouvidos, mas ele os ignorou e foi em frente, mesmo quando não havia mais nada exceto um vento frio sob os pés que não paravam de correr, mesmo solto no ar.

Ele não mergulhou, claro. Quem teria a coragem de fazer isso com a própria cabeça?

Esqueceu-se de ter medo, mas lembrou-se de encolher uma das pernas, como um canivete, que sabia ser uma maneira de proteger seus documentos. Apesar de não estarem tão vulneráveis naquele momento.

A queda durou uma eternidade. Parecia um paraquedista sem equipamento, em queda livre em direção à terra. Bateu na água com tanta força que sentiu o nariz levantar e a cabeça ir para trás. Tinha a sensação de que sua cabeça ia explodir. Ele desceu, desceu, muito mais fundo do que poderia imaginar que o lago fosse, e achou que jamais voltaria vivo à superfície.

Até que sentiu a areia macia e as algas do fundo do lago sob os pés e se impulsionou para cima com toda a força que tinha. Via as águas escuras clareando cada vez mais e foi em direção à luz do sol. Parecia que nunca ia chegar até que, de repente, rompeu a superfície do lago e procurou respirar desesperadamente.

Logo que voltou a respirar, ele se deu conta do que tinha feito. Estava bem encrencado agora. Acabara de violar uma das principais regras de segurança do acampamento. Provavelmente, passaria horas na solitária. Ou, pior ainda, seria expulso. E ele era um bolsista, ainda por cima. Seria obrigado a ficar na patética

cabana do zelador e passaria o resto das noites de verão aturando o som irritante de latas de cerveja sendo abertas e vendo o pai se embriagar e falar horas e horas sobre nada.

Connor nadou como se perseguido por um jacaré gigante e segurou a primeira pessoa que encontrou, agarrando-se a ela como se fosse uma vítima e ele a estivesse salvando, conforme as instruções que recebera.

— Relaxe — gritou. — Já estou segurando você. Vou levá-la em segurança até a margem.

A nadadora, surpresa, lutou muito para se libertar. *Que droga*, pensou Connor. De todas as garotas, ele tinha que escolher logo a fofoqueira da Lolly Bellamy.

— Me largue, seu maluco. Quem você pensa que é?

— Sou seu mais novo melhor amigo — disse, imitando a voz dela quando falou o mesmo para ele.

— Me largue — ela falou, lançando perdigotos por causa do aparelho nos dentes. — O que pensa que está fazendo?

— Salvando você. — Ele lutava para chegar na margem do lago trazendo junto sua vítima. A touca de borracha e os óculos de proteção que ela usava faziam-na parecer um personagem dos Teletubbies.

— Não preciso que ninguém me salve. — Ela lutou com tanta determinação e força que o surpreendeu.

— Que pena — ele disse. — Vou salvá-la de qualquer maneira.

— Você é maluco. Solte-me, seu maníaco.

— Quando chegarmos na margem.

Ela era a garota mais chata do acampamento. A mais chata que ele já conhecera. Era do tipo que achava que sabia tudo e intransigente quando entendia do assunto, como jogar Scrabble, jogo de cartas, tocar piano e recitar todas as regras da bandeira. Quando ela não conseguia fazer alguma coisa, dizia que aquilo não era importante.

Exceto nadar. Ele a via praticar diariamente, nadando da margem até o deque flutuante, de um lado para o outro, inúmeras vezes. Isso a fez melhorar bastante. Ela lutou com ele o tempo todo até chegar à margem, gritando e dizendo que ele era maluco, maníaco e idiota.

No entanto, ela lhe fizera um favor. Depois de sofrer para conseguir chegar à margem para se desculpar por ter pulado da plataforma, “eu juro que pensei que ela estivesse se afogando”, Lolly Bellamy se mostrou muito útil para ele, pois ele se livrou da danada da ereção.

CRÔNICA DO ACAMPAMENTO KIOGA, 1941

O acampamento Kioga foi fundado com base nos princípios da valorização do espírito esportivo, da igualdade, do trabalho duro e do caráter.

Capítulo 8

— Caramba! — A voz de Connor Davis era de total incredulidade, ecoando pelo pátio das bandeiras. — *Lolly?*

Tudo bem, pensou Olivia enquanto limpava a sujeira das mãos depois de descer a escada. Talvez tenha sido um pouco engraçado, vendo a expressão no seu rosto, um olhar ligeiramente divertido de espanto e perplexidade.

As bandeiras, agora corretamente içadas, estalavam com o vento da manhã, e na floresta uma codorna piava. Era como se tivessem voltado no tempo, em algum lugar dos últimos nove anos. Que vontade ela teve de mandá-lo embora e dizer que daria o projeto para um concorrente dele. Mas ela não conseguiu localizar um concorrente e provavelmente não encontraria um.

Além disso, Olivia precisava ser honesta consigo mesma: era Connor Davis. Por que cargas d'água uma garota americana normal e saudável ia querer trabalhar com qualquer outra pessoa que *não fosse ele?*

Ali estava ele, em carne e osso. Aliás, de couro preto e jeans, para ser mais exata. Ele ainda era muito atraente, mas não tinha o refinamento e a elegância de Rand Whitney, por exemplo. Não havia beleza em Connor Davis. Suas feições eram grosseiras, tinha cabelos pretos longos demais e os olhos eram de um azul intenso. Sempre fora um garoto problema, de uma família pobre, e ele nunca escondeu isso. Ao vê-lo, ficou desconcertada e estarecida, sentiu uma ligeira inquietação. Não queria sentir atração por ele. Ele era do mesmo clube de Rand Whitney, Richard e Pierce, fez questão de se advertir. Os quatro pertenciam a uma fraternidade em plena expansão: a dos homens que a rejeitaram. Connor fora simplesmente o primeiro, e o mais criativo.

— Pode me ajudar com esta escada? — Na verdade, ela não precisava de ajuda, mas estava desesperada para recuperar seu equilíbrio emocional. Voltar a vê-lo, depois de tantos anos, era como a retrospectiva de um pesadelo. Olhando para ele,

Olivia ainda sentia aquela mesma atração exagerada, que a fizera bancar uma idiota total, em um verão do passado distante.

Ele não se limitou a ajudá-la, mas tirou a escada das mãos dela e a levou para o depósito de utensílios, e Olivia teve que correr para acompanhá-lo.

— Pode deixar a escada apoiada na parede mesmo. Ainda temos muita faxina para fazer.

— Preciso me livrar desta jaqueta — disse ele enquanto abria o zíper e caminhava até a moto. — Estou com calor.

Olivia ficou olhando enquanto ele retirava a jaqueta no estilo militar e a colocava sobre o guidom da moto. Ficou só de camiseta branca justa no corpo, delineando seu peitoral. Os braços eram musculosos e já estavam bem bronzeados do trabalho ao ar livre, e o verão mal começara. Ela desviou o olhar para não parecer interessada demais.

Olivia ficou contente por ele não tê-la reconhecido. Por um lado, era bom saber que deixara de ser aquela garota palerma e gorda que fora um dia.

Mas também era revoltante observar como ele estava intrigado com sua mudança. Porque, qualquer que fosse sua aparência agora, aquela pessoa terrivelmente insegura não estava tão longe assim. Era uma característica que fazia parte dela e que ainda estava bem ali, encoberta por uma camada de embelezamento e confiança.

Só que agora ela estava mais velha e aprendera a dissimular suas emoções. Ela deu um passo para o lado para aumentar a distância entre eles.

— Sabe que ninguém me chama de Lolly há anos? — disse, achando uma certa graça. Falou com a mesma naturalidade que se fala com um velho amigo e não com a pessoa que dilacerou seu coração e o deixou sangrando. — Quando fui para a faculdade, passei a usar meu nome de batismo.

— E eu nunca soube que seu nome era Olivia.

Tem muita coisa que você nunca quis saber sobre mim, ela pensou.

— Olivia Jane Bellamy, foi como me registraram quando nasci. Sofisticado, não? Não é bem um nome de criança. Uma das minhas primas logo me chamou de Lolly. Ela estava começando a falar e não conseguia dizer Olivia, então o apelido ficou.

— Você nunca me contou essa história. Antigamente, eu achava que toda criança rica tinha nomes como Binky, Buffy e Lolly. Achei que, perguntando, poderia mostrar que eu era ignorante, por isso nunca perguntei.

— Como veio parar em Avalon?

— Um cara tem que morar em algum lugar.

— Mas não foi isso o que eu perguntei.

— Eu sei. Depois daquele verão...

Ela sabia que verão era, mas não o obrigou a dizê-lo: *O verão em que eu aniquilei você.*

— Depois daquele último verão, meu pai ficou bem doente. Achei que seria

melhor eu ficar por perto.

— Sinto muito pelo que teve que enfrentar — ela falou. *Devia ser horrível perder um dos pais*, ela pensou. Talvez devesse lhe dizer isso, mas as palavras não saíram.

— Todos passamos por momentos difíceis.

Ela tentou parecer animada.

— Que tal darmos uma olhada no local? Vou lhe falar do meu projeto. — Olivia tinha consciência que ele conhecia o lugar tão bem quanto ela. — Quando foi a última vez que esteve aqui?

— Nunca mais vim. Por que viria?

Olivia achou que era uma simples questão de retórica e que não precisava de uma resposta. Apressada, ela se dirigiu ao deque do refeitório que se projetava sobre o lago. A escada de madeira desgastada pelo tempo rangia, e a grade do corrimão estava bamba, pronta para cair. Connor tirou um pequeno bloco do bolso de trás da calça e anotou alguma coisa. Quando chegaram ao deque, para se proteger da luz, Olivia colocou a mão acima dos olhos para procurar por Freddy e Barkis, mas nem sinal deles. Quando se virou de volta para Connor, surpreendeu-se com a maneira ligeiramente insolente dele observá-la.

— Está me examinando — disse ela ao perceber e gostar de vê-lo percorrendo seu corpo com os olhos.

— É — ele confirmou, apoiando-se na grade. — Estou sim.

Pelo menos ele assumiu que estava.

— Pare com isso.

— Por quê?

— Porque está me deixando constrangida — disse ela, cruzando os braços.

— Se você fica constrangida quando um homem a observa, deve passar boa parte do seu tempo se contorcendo e se sentindo pouco à vontade.

Isso, no seu entender, devia ser considerado um elogio, mas ela não se sentia lisonjeada. Sabia que ele estava tentando imaginar como uma garota gorda de quem ninguém gostava tinha se transformado na mulher que ela era hoje.

— Do que se trata afinal? — perguntou ele.

— Vim aqui para dar um jeito no lugar. Meus avós querem celebrar suas bodas de ouro aqui. — Ela apontou para o lago. — Eles se casaram naquela ilha, debaixo de um mirante que não existe mais. Tenho até agosto para deixar tudo pronto para receber cem convidados.

— Eles têm razão em querer comemorar. Não conheço ninguém que esteja casado por tanto tempo assim.

O comentário deixou Olivia melancólica. Era raro um amor ser duradouro. Justificava uma comemoração. Na sua idade, já parecia impossível completar bodas de ouro. Como podia ser que duas pessoas se apaixonassem e continuassem assim, envelhecendo juntas, não apenas casados, mas com vínculos cada vez mais fortes para

enfrentar todas as provações e vitórias que a vida lhes apresentava? Olivia se perguntou se algum dia ela iria celebrar uma data tão importante, se algum dia encontraria um homem com quem quisesse envelhecer junto.

Tendo em vista seu passado, as probabilidades eram tão distantes quanto a lua. Olhou para Connor, que parecia estar procurando por pontos de madeira apodrecida. Olivia achou que tinha visto algo, sim, ela não estava imaginando coisas, um brilho suspeito surgia entre seus cabelos escuros e ondulados. Em uma das orelhas ele usava um pequeno brinco de prata. *Meu Deus*, ela pensou. Ele não se desfez do brinco. Que significado teria aquilo? Será que gostava de usar brinco, ou ela havia...

— Não vejo nada preocupante aqui — ele comentou.

— Vamos descer até o lago e dar uma olhada por lá — Olivia ordenou, e por dentro se criticava por pensar no brinco, por uma coisa que havia acontecido anos antes, e que não tinha a menor importância agora. Ela foi na frente pelo caminho de pedras cheio de mato que arranhava suas pernas nuas.

— Me deixe ir na frente — disse ele, olhando para as pernas dela. Ao caminhar ele segurava os galhos para ela passar.

Cada passo dado trazia uma lembrança do passado, as travessuras da meia-noite, o deslumbramento da natureza florescendo, a imagem e o barulho dos acampantes cantando e conversando em torno de uma fogueira. Olivia observou Connor forçando o caminho na mata com seu corpo grande e forte. Ela se perguntava que tipo de lembranças ele teria do lugar. Será que estava revivendo glórias passadas ou pensava nos momentos mais sofridos?

Ela apontou para a decadência da casa de barcos, do cais, e de um chalé de madeira, estilo Adirondack, localizado junto ao lago. Costumava ser o chalé mais confortável do acampamento, construído originalmente para abrigar o proprietário do lugar. Possuía água corrente e banheiro funcionando o ano inteiro, uma lareira de pedras e um fogão a lenha. Durante o inverno, mesmo quando o acampamento de férias estava fechado, podia-se chegar até o chalé com um veículo próprio para neve, ou mesmo pela estrada, quando não nevava muito.

— Este é o chalé que quero reformar para hospedar meus avós quando vierem para a festa em agosto — ela explicou a Connor.

— Está bem.

— Meu tio Greg passou o Natal aqui uma vez, quando a esposa o botou para fora. — Ela corou, desejando não ter dito aquilo. — Desculpe, não tinha nada que falar disso.

— E por que coube a você a responsabilidade de reformar tudo? — perguntou Connor, mudando de assunto com diplomacia.

— Por quê? Você achou que o meu destino seria passar o resto da vida só comendo bombons e lendo revistas de decoração?

— Não disse isso.

— Mas pensou. — Olivia estava acostumada a não despertar grandes expectativas.

— Não — respondeu ele rapidamente. — Achei que já estaria casada e levando seus filhos para alguma colônia de férias.

Ela bem que se esforçou para que isso acontecesse, mas não lhe diria nada.

— Não me casei — confessou. — Nada de filhos, nada de casa nos arredores da cidade. — E mesmo certa de que a resposta seria sim, ela perguntou: — E você?

— Nunca me casei. — E seu olhar a tocou de uma maneira estranhamente íntima, e eles estavam só caminhando lado a lado. — E também não estou saindo com ninguém.

Era a deixa para Olivia lhe dar o mesmo tipo de informação, o que ela não fez.

— Mas você não queria ser professora? — ele indagou.

Olivia ficou tão surpresa que quase tropeçou em uma raiz. Não podia acreditar que ele se lembrava daquele antigo sonho dela. Nem ela se lembrava mais. Depois que ela se reinventou e fez sua vida com base na nova pessoa em que se transformara, a ideia de lecionar ficara para trás.

— Tenho um negócio próprio em Manhattan. Sou decoradora de interiores.

Seu semblante não se alterou.

— Quando um imóvel está à venda, eu trabalho para embelezá-lo e valorizá-lo ao máximo. Normalmente, é um processo de reorganizar o espaço, e inclui pintar paredes, trocar os móveis de lugar e acrescentar algumas peças novas.

— E as pessoas pagam por esse tipo de serviço?

— Você nem imagina o quanto. Vou lhe mostrar o que quero dizer.

Ela voltou para o refeitório, sabendo que a maneira mais fácil de acabar com seu ceticismo era mostrando na prática o que fazia. Dirigiu-se a uma mesa junto a janela.

— Ajude-me a arrastar esta mesa. Quero colocá-la de forma a receber o sol da manhã. — Sacudiu uma toalha antiga que encontrou no armário. — Tento sempre usar os objetos do dono da casa, pois nos dá um quê de autenticidade. Às vezes, preciso alugar alguns móveis e objetos de decoração. Este verão vou vasculhar tudo atrás de móveis feitos com madeira de salgueiro, no estilo Adirondack. Também compro móveis usados. — Ao dizer isto, ela se encolheu ao se lembrar da cômoda oriental que alugara para colocar no apartamento de Rand. Ficava perfeita como aparador.

Ela terminou de esticar a toalha de mesa e começou a enfeitá-la com uma jarra com flores do campo, colhidas quando levara Barkis para passear, ao amanhecer, duas canecas de porcelana e um guardanapo de xadrez.

— É basicamente uma maquiagem — mostrou a Connor. — Para cada imóvel eu tento imaginar o comprador ideal e depois crio uma fantasia. — Ela dobrou o jornal da véspera e o colocou na mesa. — Trabalhei com uma residência em Greenburg, há pouco tempo, e tive uma intuição de que ela seria comprada por um jogador do New York Knicks. A casa tinha um pé-direito de três metros de altura e tudo nela era

grande. Fiz o possível para que parecesse ser a casa de um atleta.

— E aí?

— O jogador Kwami Gilmer a comprou na mesma semana em que saiu o anúncio no jornal. — Ela subiu em uma cadeira para soltar as cortinas. O tecido estava ressecado e quebradiço pelo tempo sem uso. Quando ela puxou a cordinha, subiu uma nuvem de poeira que a fez espirrar.

— Cuidado! — disse ele. — Essa cadeira não é segura. — Ele ficou perto dela como se estivesse pronto para segurá-la se caísse.

Ela pigarreou, pois sabia que seu short e sua blusa eram curtos demais.

— Estou bem. Obrigada. Geralmente, só preciso ser socorrida uma vez ao dia. — Ela desceu cuidadosamente e ignorou sua mão estendida num gesto cavalheiresco. Depois, endireitou a cadeira, afofou as cortinas e esperou a poeira baixar. O deque agora parecia um café com vista para o lago. *Um cartão-postal antigo*, ela pensou. Cartazes antigos das décadas de 1940, 1950 e 1960 retratariam bem os verões passados aqui. — Então? — disse. — Entendeu como eu trabalho?

— Seu negócio é criar fantasias para os outros.

— Acho que sim.

— E quanto às suas?

— Minhas fantasias? — Ela tentou não parecer chocada. — Nunca parei para pensar sobre isso.

Nossa, que mentirosa! Na sua imaginação existiam fantasias tão nítidas quanto a visão do contorno das montanhas no céu. E eram diferentes das fantasias de suas primas e algumas amigas ricas que almejavam viver como celebridades. Olivia sonhava com uma casa num terreno grande, com varanda contornando a casa, enormes roseiras, jardim de inverno, sala de música, biscoitos assando no forno e crianças rindo e brincando no quintal. E, claro, um marido. Um homem alegre que a pegaria no colo e cheiraria seu pescoço quando chegasse do trabalho. O engraçado disso tudo é que esse homem não era ninguém em especial.

Era simplesmente alguém que a amava. Alguém que a seguraria nos braços à noite, que a faria rir e a manteria em segurança, veria os anos se passarem ao seu lado e envelheceria com ela.

— Então, o que você quer? — A pergunta de Connor interrompeu seus devaneios.

Ela sentiu seu rosto corar e se perguntou se seus anseios estariam estampados em seu rosto. Até compreender a pergunta dele.

— Vamos rever o projeto. Esse trabalho vai ser bem mais complexo do que colocar uma bagunça em ordem e içar bandeiras, e só temos o verão para fazer tudo.

Os desenhos e as anotações que ela e Freddy tinham feito foram espalhados sobre a mesa comprida e também pregados na parede.

— Outros membros da família virão para ajudar também — ela disse. — Minha prima Dare trabalha com organização de eventos, por isso é ela quem vai cuidar da

festa em si. Meu tio Greg é arquiteto paisagista e vai se ocupar dos jardins. Sua filha Daisy terminou agora o terceiro ano do ensino médio, então ela e o irmão Max poderão ajudar em... qualquer coisa. Nos detalhes. O objetivo é fazer com que este lugar se pareça com o acampamento de férias que existe no imaginário das pessoas — Olivia sintetizou. — O tipo do lugar com o qual as pessoas sonham...

— O oposto do que um acampamento de férias se parece na realidade.

— Quanto cinismo — disse ela. — Pensei que gostasse daqui.

— Eu gostava. Na maior parte do tempo. — Depois de falar isto, um músculo do seu maxilar fez um pequeno e delicado movimento.

Olivia tentou interpretar sua expressão, mas ela não o conhecia mais.

— Por acaso isso quer dizer que devo procurar outro empreiteiro?

— Você não é louca de procurar outro empreiteiro.

Ela fingiu não estar impressionada com sua autoconfiança.

— E por que não?

Ele se recostou, esticou as pernas, cruzou um pé sobre o outro e colocou as mãos atrás da cabeça.

— Em primeiro lugar, porque não teria ninguém num raio de 80 quilômetros. Em segundo, porque você precisa de mim, e não de outra pessoa.

— E como sabe disso?

— Porque conheço você, Lolly. Todas as minhas lembranças estão vindo à tona e sei exatamente o que você quer.

Capítulo 9

— Você é muito eficiente — disse Dare, encantada com o trabalho de Olivia. —
— Vachei que essa seria uma missão impossível, mas você está conseguindo.

A reforma do acampamento estava a todo vapor. E Connor tinha razão, pois sabia exatamente o que Olivia queria. Ele trouxera todo o equipamento pesado, além da sua equipe, e já tinha feito um progresso visível. Também conhecia todos os trabalhadores especializados da região: eletricitas, bombeiros, pintores e telhadores.

Dare desceu da van alugada, inspecionou a área principal do acampamento de férias e seus olhos brilharam de contentamento. Olivia sempre olhara para Dare como a prima mais velha e mais bem ajustada entre as Bellamy. Filha de tia Peg e tio Clyde, Dare era o tipo de pessoa que fazia parecer que a vida era bela e fácil. Passou pela faculdade com facilidade, namorava quem ela bem queria e iniciara uma carreira de promotora de eventos que era um sucesso. Ela parecia ser a irmã mais baixa da boneca Barbie, só que mais real e vestida com um estilo mais alegre. Havia muitos motivos para invejá-la, no entanto, Olivia adorava a prima Dare.

— Vamos lá, pessoal. Olhem só para isso. — Dare empurrou a porta corrediça da van e tio Greg desceu do banco do motorista. Greg tinha dois filhos: Max, de dez anos, e Daisy, de 17 anos. Eram os primos mais jovens de Olivia, e, pelo fato de seus pais estarem à beira de um divórcio, ela estava sofrendo com eles.

— Nossa! Como você está alto — disse para Max. — Aposto que não vou conseguir derrotá-lo em jogos de duplas. Onde está sua irmã?

Daisy saiu pela porta de trás da van. Alegre e contente como sempre, ela sorriu para Olivia. Aos 17 anos, ela era linda, de cabelos louros sedosos e olhos de um azul profundo. Era difícil para Olivia acreditar que ela fosse a mesma garota problema que o pai lhe descrevera ao telefone quando ligou para pedir sua ajuda com o projeto. Daisy, na versão de Greg, estava tendo dificuldades na escola, fugindo de casa à noite

e voltando tarde, cheirando a cigarro e bebida. Daisy não se adaptara à separação dos pais, exatamente como acontecera com Olivia.

— Oi, prima — disse Olivia ao abraçá-la. E ela cheirava a juventude e hidratante para o corpo, nada além disso. — Estou tão feliz que você tenha vindo. — Barkis saiu ao encontro de todos, e se contorceu todo de alegria quando Max se abaixou para brincar com ele.

— Que cachorro fofo! — exclamou Daisy.

— Obrigada. Eu o peguei em um abrigo para cães abandonados.

Daisy olhou em volta e parecia abismada.

— Então isto aqui é o Kioga?

— Exatamente. Ele foi fechado antes de você ter idade suficiente para frequentá-lo.

— O que vamos fazer durante o verão? Isto é, além de arrumar o lugar?

— Tem um piano no refeitório — disse Olivia. — Uma biblioteca e uma sala de recreação. E muitos jogos para passar o tempo. — Ao ver a expressão desanimada dos primos ela deu uma cotovelada no tio. — Você lembrou de explicar a eles que passariam o verão todo desconectados?

— Sim. Mas acho que não me levaram a sério.

— Desconectados significa que não temos tevê, internet nem celular. Não teremos nem telefone fixo pelas próximas duas semanas, porque a companhia telefônica fica protelando a instalação. O máximo que temos é uma estação de rádio, que conseguimos sintonizar quando não está ventando.

Os olhos dos dois se arregalaram.

— Bem-vindos ao *gulag* — disse Dare.

Max e Daisy partiram para explorar os chalés. Olivia e Dare se juntaram ao tio para descarregar a bagagem e os mantimentos. Só havia um carro elétrico em funcionamento, que eles usariam para transportar as malas. Greg era o irmão mais novo do seu pai, o caçula da família. Era o tio que adorava curtir a vida, que levava tudo na brincadeira. Agora que era um adulto e pai de dois filhos, Olivia suspeitava que ele não estava conseguindo conduzir bem a vida.

— Quanto tempo você acha que eles vão aguentar? — indagou Olivia.

— Tenho o pressentimento de que vão nos surpreender — respondeu ele. — Eles ficarão bem.

Olivia e Dare trocaram olhares desconfiados.

— E com você, tio? — perguntou Dare. — Está tudo bem?

— Preciso me dedicar um pouco aos meus filhos — respondeu ele, estalando os dedos das mãos. Ele estava vestido como um adolescente: bermudas largas, camiseta e boné virado para trás. — Sua tia Sophie... ela, bem, ainda não decidiu o que vai

fazer no verão. Os meninos estão tão abalados com a situação que eu espero que faça bem a eles passar esta temporada aqui comigo.

Olivia estava tão sensibilizada com a situação que deixou transparecer.

— Ah, tio Greg, sinto muito.

— O que foi que aconteceu? — indagou Dare.

— É difícil explicar. As coisas simplesmente desandaram, e ninguém percebeu o que estava acontecendo até que foi tarde demais. Eu e Sophie estávamos trabalhando demais, e, com as crianças cheias de atividades, acabamos nos distanciando. Quando Sophie recebeu uma oferta de trabalho para um caso importante em Seattle, não pensou duas vezes, mesmo que levasse seis meses ou um ano para concluí-lo. Mas sua carreira não foi o único motivo, e nós todos sabíamos disso.

— E a separação é definitiva? — perguntou Dare.

— Isto ainda não foi dito oficialmente. Mas parece que é. — Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Como é que Max e Daisy estão reagindo? — perguntou Olivia.

— É difícil dizer. Eles quase não falam.

— Terá bastante tempo para conversar com eles durante o verão — Olivia o tranquilizou. A dor de uma perda era muito sofrida. Ela entendia bem disso. Sabia como era difícil enfrentar tal situação. — O que podemos fazer para ajudar?

— Só o fato de estar aqui já vai ser muito bom. Pelo menos, espero que seja. — Seu rosto revelava desolação. — Precisamos desse tempo juntos. Max precisa aprender a remar. Além disso, ele nunca pescou.

— Então você veio para o lugar certo — Dare lhe garantiu.

— Como pude ter a sorte de ter duas sobrinhas como vocês?

— Como você bem disse, foi sorte.

Ele colocou todas as malas no carrinho e se sentou para manobrá-lo. Por um momento pareceu perdido e carente como um cachorrinho abandonado. Mas com a algazarra que vinha do lago, de crianças gritando e rindo, ele se endireitou, levantou a cabeça, fez um sinal de positivo com o polegar e partiu.

Olivia e Dare foram trabalhar na cozinha. Além de planejar a festa das bodas de ouro, Dare tinha assumido a responsabilidade de alimentar todos os que estavam passando o verão no Kioga.

— Chega de macarrão instantâneo — disse ela animada, reorganizando a imensa despensa. — Nada de sucos artificiais nem comidas japonesas industrializadas.

— Lá se vão as minhas comidas preferidas — disse Olivia.

Dare explorava a imensa cozinha industrial com todo o conforto disponível, como a câmara frigorífica, as churrasqueiras, bancadas de aço inoxidável e todos os eletrodomésticos necessários. Apesar de antigos, tudo funcionava. As bancadas e as panelas brilhavam. Fora o segundo alvo da faxina, logo após os banheiros. Eram as prioridades estabelecidas por Olivia e Freddy. Para que o verão transcorresse bem, a

cozinha precisava funcionar perfeitamente. Graças a alguns consertos e melhorias realizados pelos funcionários de Connor, a cozinha tinha se transformado em um espaço de trabalho prático e funcional.

— Vovó vai adorar — Dare disse. — Seu empreiteiro deve ser um deus.

— Não. Só se parece com um — replicou Olivia rapidamente.

Os olhos especulativos de Dare estavam fixos em Olivia.

— É mesmo? Alguém que eu deva conhecer?

Olivia ficou firme, encarando a prima.

— Já o conhece há muito tempo. É Connor Davis.

Dare estava de queixo caído. Como a prima mais chegada de Olivia, Dare sabia bem o quanto ela sofrera por causa de Connor Davis.

— Ele está aqui, em Avalon?

— Está.

Olivia só lhe perguntou sobre o pai, não sabia que outros motivos ele tivera para permanecer em Avalon. Aliás, ela não perguntou quase nada, para não demonstrar interesse.

— Não acredito que esteja trabalhando com ele.

— Não se preocupe — Olivia disse. — Está dando muito certo. — Todos os dias ela se convencia disso. Mostrou a Dare os progressos que tinham feito. Havia removido todas as cobertas das cristaleiras e dos móveis pesados do vestíbulo do prédio principal, colocado em exposição os equipamentos para acampar e lembranças da época e transformado o lugar num espaço para reflexão dos velhos tempos que seus avós se recordavam tão bem.

— Não é estranho revê-lo depois de tantos anos? — Dare não queria deixar o assunto de lado.

— O que você acha?

Dare teve que rir.

— Claro. Foi uma pergunta idiota. Mas... nossa! — A voz dela sumiu quando olhou pela janela.

Olivia acompanhou seu olhar para descobrir o motivo de Dare ter ficado sem palavras. Era Freddy empurrando um carrinho de carga cheio de madeira. O garoto, nascido e criado na cidade, tinha se adaptado perfeitamente à vida no campo. A luz do sol realçava os fios louros do seu cabelo. Usava camiseta sem manga e uma calça cujo cós estava baixo devido ao peso das ferramentas que carregava no cinto.

— Aquele não pode ser Connor Davis — disse Dare, muito interessada.

— Não, aquele é Freddy. Já lhe falei dele.

— Aquele é o *seu* Freddy? O especialista em teatro?

— Ele ainda se considera assim. Hoje ele é cenógrafo, mas, como sua última peça não conseguiu patrocínio, ele vai trabalhar comigo durante o verão.

— Nossa! — repetiu Dare, mas logo se deu conta que estava se excedendo. — Bem,

ele é bonitinho, mas por acaso ele... é gay?

— Todo mundo pergunta a mesma coisa. Não.

— E vocês dois...?

— Definitivamente, não — Olivia assegurou. Ela se lembrou da primeira noite em que dormiram no Kioga. Eles se mudaram para chalés separados logo depois, e agora o assunto já estava esquecido. — Que eu saiba, Freddy está disponível. Vamos lá fora que eu faço as apresentações.

Olivia apresentou Dare a Freddy e reparou que houve uma forte e instantânea atração entre eles. E por que não? Ambos eram encantadores. Ele, com seu jeito metrossexual de ser, e ela, charmosa e bem-vestida. Até na altura eles combinavam: os dois eram baixos. Para gente como Dare e Freddy, sentir atração, ter encontros e, talvez, até se apaixonar eram coisas muito simples, nunca seria uma aventura carregada de perigos. Olivia sentiu inveja da facilidade que eles pareciam ter para se relacionar.

Ela esperou algum tempo enquanto eles conversavam e depois consultou o relógio.

— Desculpe interrompê-los, mas preciso de algumas coisas na loja de material de construção na cidade. Você não tem uma reunião marcada com a banqueteira e em seguida com o pessoal da confeitaria Sky River?

— Tenho sim — disse Dare. — Vou ter que correr. — Virou-se para Freddy e falou, com ar de sofrimento. — Desculpe. Temos que sair agora. Quer alguma coisa da cidade? Vou passar na banqueteira e depois na confeitaria.

— Que tal um *cannoli*?

— O quê?

— Aquele doce que é um longo tubo de massa recheado com creme. Se você ainda não provou, não sabe o que está perdendo. — Freddy piscou o olho para ela.

— Vamos logo — Olivia disse pegando a prima pelo braço e puxando-a até o carro. — Não posso acreditar em uma coisa dessas.

— O que foi? — perguntou Dare.

— Ele estava paquerando você descaradamente.

— Você achou?

— Um longo tubo de massa recheado com creme?

— Que bom! Estava querendo isso mesmo.

E Olivia também. Dare e Freddy eram duas das pessoas que ela mais amava no mundo, e ficou feliz de ver a energia que surgiu entre eles. Enquanto desciam a serra pela estrada até a cidade de Avalon, elas conversaram sobre tudo. Era sempre assim com Dare. Independentemente do tempo que elas não se viam, as duas conversavam como se estivessem juntas todos os dias. Ao se aproximarem dos limites da cidade de Avalon, elas já tinham comentado sobre todos os defeitos de Rand Whitney e também sobre a apreensão de Dare com a suspeita de gravidez, o que acabou se transformando em um susto e tanto.

— Pelo menos agora tenho uma certeza — disse ela. — Ainda não estou preparada para ter filhos.

Olivia riu, pensando no que ela queria.

— Engraçado. Eu me sinto *tão* preparada para ter filhos. Mais de um, inclusive.

— Pare com isso.

— Falo sério. É estranhíssimo, sem mais nem menos tenho esse desejo.

Dare deu de ombros.

— Pois eu tenho desejo de consumir chocolates Richart, aos quilos, o que não quer dizer que seria bom para mim.

— Acho melhor eu arranjar um namorado primeiro. — Olivia sorriu para a prima.

— Que tal Connor Davis? — Dare sugeriu logo.

— Não nesta vida — disse Olivia. — Talvez nem na próxima. Não acredito que você esteja propondo isso.

— Já passou muito tempo. Vocês mudaram. Talvez...

— Continuo dizendo que não. — Então, por que será que, de vez em quando, ela sentia um forte desejo quando se imaginava junto a ele?

Dare tinha uma sensibilidade aguçada para saber quando era hora de deixar um assunto de lado. Dirigiu em silêncio por um tempo, observando a paisagem pela janela. O verão se espalhava nas montanhas com extravagância, deixando o chão da floresta coberto por um tapete de avencas e as árvores se espichando acima dos morros para receber a luz do sol.

— Houve alguma mudança significativa por aqui? — ela perguntou depois de ver a placa mandando reduzir a velocidade, ao se aproximar do perímetro urbano.

— Se mudou foi tão pouco que você nem vai notar — respondeu Olivia. Passaram pelo escritório da imobiliária. A placa indicava Alger Estate Properties e anunciava um condomínio chamado Brookwood Acres, casas a partir de 450 mil dólares. — Os imóveis estão ficando mais valorizados por aqui.

— Então, você acha que vovó e vovô pretendem vender a propriedade depois do verão? — perguntou Dare.

— Não acredito que façam isso. Sei que vão tentar mantê-la na família se puderem. Talvez tio Greg queira tomar conta dela. Ele está meio sem rumo.

— Mas ele já tem tantos problemas que dificilmente aceitaria mais este elefante branco — opinou Dare.

— Não sei. Já tive tempo para analisar bem tudo por lá. É um lugar idílico, como não se encontra mais por aí. Talvez como acampamento de férias não possa mais funcionar, mas... — Olivia acenou com a mão, rindo de si mesma. — Hoje em dia, sou francamente a favor de dar novas funções às coisas.

— E qual seria essa nova função? Um centro de conferências? Um retiro para executivos? Estão na moda atualmente.

— Pensei em um espaço de lazer para famílias. Para se desligarem do mundo e se

conhecerem melhor.

Dare sorriu para ela.

— Você continua sendo uma idealista, garota.

— Tem razão.

Quando estacionaram em frente à loja Camelot Catering, da banqueteira, Dare tirou um papel dobrado da bolsa.

— Faça-me um favor. Deixe isto na confeitaria. Eles vão fazer o bolo das bodas e prometi trazer fotos do bolo original.

— Claro. Volto logo.

Olivia pegou o folheto e atravessou a rua. A confeitaria em questão era um negócio próspero e tradicional, fundado por imigrantes poloneses depois de Segunda Guerra Mundial. Abaixo do letreiro da loja, escrito à mão, lia-se Leo & Helen Majesky, proprietários desde 1952. Ao ver a caminhonete branca com o desenho de um rio na lateral, Olivia se deu conta de que era a mesma que fazia entregas diárias no Kioga. Tinha uma vaga lembrança de uma moça de cabelos escuros, de macacão e boné brancos, empurrando engradados de pães para a cozinha do Kioga.

Mesmo com a fama de ter o melhor café e a torta mais gostosa da cidade, ela tinha evitado ir lá. Se não evitasse as tortas, em pouco tempo ficaria roliça.

Uma campainha disparou logo que ela abriu a porta. Ao entrar, quase tropeçou na soleira e precisou se segurar na maçaneta para não cair. Na porta estava escrito à mão: cuidado com o degrau.

Olivia ficou um pouco envergonhada com a distração, mas logo se recuperou. Em seguida se encantou com o perfume do ambiente. A confeitaria tinha os aromas mais deliciosos de pães salgados e doces, bolinhos de canela, tortas caseiras, delicados *kolaches* e *doughnuts* estonteantes. Ela respirou fundo para sentir o perfume inebriante do paraíso. *É para cá que venho quando morrer*, ela pensou.

Era uma confeitaria familiar, à moda antiga, com balcões envidraçados e uma grande máquina registradora dourada. Na parede atrás do balcão havia um painel de fotos e lembranças, uma nota de 1 dólar, a licença de funcionamento, recortes de jornais e várias fotos de família. Um rapaz corpulento e com cara de sono, que lia as notícias esportivas no jornal em cima do balcão, dirigiu-lhe o olhar. Tinha cabelos louros e lisos, uma expressão tristonha, e trazia o nome bordado no bolso: Zach Alger.

— Em que posso lhe ajudar?

— Tenho um papel para deixar aqui. É sobre uma encomenda especial.

— Só um minuto. — Passou por uma porta atrás do balcão e sumiu.

Alguns minutos depois, uma jovem de cerca de 30 anos surgiu pela mesma porta. Era atraente, com cabelos escuros, olhos castanhos, lábios cheios e sorriso espontâneo. Tinha todo o jeito de ser a responsável pela confeitaria.

— Olá — disse ela. — Posso ajudá-la?

Olivia sentiu um ligeiro desconforto. Analisou aquele rosto bonito de pele clara e feições perfeitas e tentou descobrir por que lhe parecia familiar. Talvez tivessem se conhecido no passado, na época do acampamento.

A moça sorriu, educada. Usava muitas joias, Olivia notou, o que indicava que não tomava parte na produção das guloseimas. Argolas de ouro pendiam de suas orelhas e no pescoço usava um cordão de prata com um pingente. Não usava aliança.

— Sou Jenny Majesky.

— Olivia Bellamy — disse ela. — Vim deixar aqui uma foto de um bolo de casamento.

— Uma encomenda especial — disse a moça, animada. — Falei com alguém por telefone sobre isso.

— Minha prima Dare, que é quem está organizando a festa. Espero que possa fazer o bolo para as bodas de ouro dos meus avós. — Olivia abriu o folheto para mostrar a foto em preto e branco dos avós, no dia do casamento, prontos para cortar o bolo alto, confeitado com flores e pássaros. — Esta é uma foto dos meus avós de 1956 — Olivia explicou. — Casaram-se no Kioga. Talvez você os conheça, Jane e Charles Bellamy.

— Lembro-me bem deles — Jenny Majesky disse ao abrir um sorriso, perplexa. — Como eles estão?

— Estão bem. Animados com a grande festa que vamos fazer no Kioga, no final de agosto.

Jenny segurava a foto pela beirada.

— Eles estão muito bonitos na foto, parecem artistas de cinema. E tão jovens e felizes. Adoro fotos de casamento.

— Já observei que tem muitas fotos pregadas na parede. — Olivia indicou o painel atrás do balcão.

— Meus avós começaram o negócio no início da década de 1950.

Olivia passou os olhos nas fotos da parede e viu uma senhora com uma trança grossa envolvendo a cabeça, um senhor de macacão, uma moça esguia e... Olivia olhou melhor. Uma das fotos parecia misteriosamente familiar. Era de uma moça sorrindo, vestindo blusa e short num acampamento de férias, a cabeça inclinada para trás e os cabelos soltos brilhando. Foi então que se deu conta de que ela já vira a foto antes. Era a mesma que encontrara nas coisas do pai, uma foto de 1977. Só que a foto na parede fora cortada, e só aparecia a moça. Ela olhou bem para a foto e depois para Jenny, reconhecendo uma forte semelhança, exceto por uma covinha que ela possuía no queixo.

Olivia se sentiu estranhamente desligada da realidade. Esta moça, Jenny Majesky. Ela... *Controle-se, Olivia*, ela pensou.

— Srta. Bellamy? — Jenny a chamava, e só então Olivia percebeu que tinha se perdido em pensamentos.

— Por favor, me chame de Olivia. — Ela tentou disfarçar, mas sabia que seu rosto estava corado. — Então, nossa ideia é recriar um ambiente igual ao que era 50 anos atrás para comemorar as bodas. Dare e eu pensamos que vocês poderiam reproduzir um bolo igual a este. — Ela virou o verso da foto onde alguém tinha escrito “bolo feito pela sra. Majesky”.

— Esta é minha avó, Helen Majesky.

— Claro. Entendo. Então ela está... sua avó se aposentou? — Ela não queria ser muito direta.

Jenny a poupou de perguntar quando informou o destino dos avós com visível tristeza nos olhos.

— Meu avô faleceu há vários anos e minha avó sofreu um AVC.

— Sinto muito.

— Ela ficou inválida. Mas tenho certeza de que poderá me orientar e ao confeitoiro para fazer esse bolo. — Jenny sorriu e, de novo, Olivia teve uma sensação de familiaridade, ou talvez um *déjàvu*. Ou algo mais. O pingente da corrente de Jenny chamou sua atenção. Parecia-se muito com uma abotoadura que ela achou entre os pertences do pai no dia em que viu a foto. Era um pequeno peixe estilizado.

— Seria maravilhoso — disse Olivia um pouco aturdida. — Dare vai adorar saber que o bolo pode ser feito. E fique com a foto para ajudar, é uma cópia.

— Vou mostrá-la para minha avó. — Jenny sorriu radiante e fechou o arquivo. — Conhece o pai de Zach, Matthew Alger? Ele pode ser uma boa fonte de informações para vocês. Ele frequentou o acampamento Kioga quando criança e depois trabalhou lá. E mora em Avalon há muitos anos.

— Boa ideia.

— Obrigada por ter vindo.

Olivia saiu da confeitaria intrigada com aquele encontro. Não comentou nada com Dare e ficou calada durante todo o percurso de volta para Kioga. Ao chegarem, tio Greg e os meninos estavam entretidos explorando o terreno, com Barkis atrás deles. Greg parecia o flautista de Hamelin, liderando as crianças para contornar o lago até a casa dos barcos e o cais. Max dava pulos de alegria, impressionado com tudo. Até Daisy parecia animada, saltando as pedras do lago.

— Até agora está tudo indo bem — disse Dare.

— Sim, mas eles só estão privados de tevê, celulares e da Internet por metade de um dia.

— Nunca senti falta de tevê quando vinha para cá em criança — refletiu Dare. — Criança é sempre criança. É só colocá-los em volta de uma fogueira e começar a contar histórias assustadoras que vão ao delírio. Se você não entregar a brincadeira deles em uma bandeja, eles vão descobrir sozinhos uma maneira de se divertir.

Cheias de pacotes, elas se encaminharam para o prédio principal.

— Parece que temos problemas — disse Dare quando entraram no refeitório. Os

projetos de Freddy estavam espalhados sobre as mesas e pregados na parede. Em frente a um grande desenho de um elevador, Freddy e Connor estavam se encarando.

— Meu Deus — Dare falou bem baixinho ao analisar Connor desde os cabelos pretos que batiam nos ombros até suas botas surradas. — Ele é Conan, o Bárbaro.

— Olá, rapazes — disse Olivia alegremente, ignorando a fúria em seus rostos — O que estão discutindo?

— Eu desisto, é isso — disse Freddy num estalo sem desviar seu olhar ameaçador para Connor.

Eles não tinham se gostado desde o início, e Olivia desconfiava qual seria o motivo. Agiam como dois cães agressivos marcando território.

— Não pode desistir — ela disse simplesmente. — Você precisa do trabalho e eu de você.

— Diga isso a ele — replicou Freddy, apontando com a cabeça em direção a Connor.

— Preciso dele também — disse ela calmamente.

— Parece que somos incompatíveis.

— Escutem. Vocês dois estão aqui por motivos diferentes. Eu preciso dos dois. Qual é o problema?

— Já disse, vou sair do projeto. Ele já arruinou minha concepção do mirante. — E Freddy saiu, gesticulando em direção ao seu desenho e passando por Olivia.

— Pode deixar que vou atrás dele — Dare prontificou-se, batendo de leve no braço de Olivia.

Capítulo 10

Connor estava feliz por ter se livrado daquele idiota por algum tempo. Freddy era muito metido, com seu cabelo de corte na moda e calça jeans de 200 dólares.

Olivia não parecia ter percebido que por pouco ele não tinha dado um soco na cara bonitinha de Freddy. Ela já devia estar acostumada a trabalhar com homens sensíveis que davam ataques quando alguém mexia em suas “concepções”. Ao estudar a elevação do mirante, que agora abria um marco para as modificações de Connor, ela disse:

— Parece que você não gostou dos desenhos de Freddy.

— A estrutura não tem base sólida. O primeiro vento forte derrubaria tudo. Ele está acostumado a criar cenário para palco, e eu faço construções para durarem.

Enquanto pensava em uma solução, Olivia pressionou um dedo contra o seu lábio inferior, o que deixou Connor perturbado.

— Nós vamos construí-lo de acordo com o seu desenho porque não queremos que seja derrubado pelo vento. Mas, faça-me um favor. Tente se entender com Freddy. É muito importante para mim.

Quão importante? Connor se segurou para não perguntar e limitou-se a resmungar discretamente. Não tinha importância. Não podia ter.

Eles saíram juntos para inspecionar os chalés dos funcionários na extremidade da propriedade. Nada tinha sido feito ainda. Era o local em que viviam os auxiliares na época em que o acampamento de férias funcionava. Chalés simples que abrigavam lavadores de pratos, jardineiros, seguranças e operários. E, claro, o encarregado da manutenção e administração, Terry Davis, que morava em Kioga o ano inteiro.

Ao avistar o último chalé, Connor parecia diferente. Ele diminuiu o passo, refugando. Não queria chegar lá. Eram muitas tristes lembranças, de humilhação e desesperança.

Olivia nem suspeitava de seus pensamentos e fazia algumas anotações num bloco

de papel. Depois se encaminhou para o chalé, e subiu os três degraus da porta da frente.

— Precisamos inspecionar estas acomodações e ver o que precisa ser feito — disse Olivia.

Ele continuou exatamente onde estava. *Não.*

A porta de tela rangeu ao ser aberta e Olivia usou a chave mestra para destrancar a porta da frente.

— Está meio abafado aqui dentro — disse ao se virar para Connor. — Você não vem?

Meu Deus. Será que ela não se lembrava que era ali que morava meu pai?

Aparentemente, não. Connor tomou coragem, transpôs o portão, passou ligeiro por ela e entrou no chalé, que cheirava a mofo. Imediatamente, as lembranças surgiram em sua mente como cenas de pesadelos. Lá estava a geladeira que nunca tinha nada além de guloseimas, sem nenhum valor nutritivo, e muitas latas de cerveja. O sofá quebrado tinha sido retirado, e havia apenas uma marca retangular desbotada no piso onde costumava ficar. Mesmo contra a sua vontade, ele podia imaginar seu pai ali desacordado, caído sobre as almofadas e quase uma dúzia de latas vazias enfileiradas no chão.

— Algum problema? — ela perguntou, com falsa inocência. — Você está tão esquisito hoje.

— É como acha que eu poderia estar me sentindo?

Ela deu um passo atrás, ressentida com seu tom.

— Deixe-me pensar — ela disse. — Como um construtor, talvez?

Sua confusão o colocou em seu lugar. Imaginar, mesmo por um momento, que ela se lembraria de quem tinha vivido naquele chalé, e supor que fosse sensível a ponto de entender o que se passava dentro dele era pedir demais. No entanto, ele imaginara que fora suficientemente importante para ela, para merecer esse tipo de consideração.

Mas, por outro lado, talvez ela soubesse exatamente o que estava fazendo. Talvez esta pequena excursão guiada era para servir de lembrete para ele: *Esta é a sua origem. Este foi o motivo para deixar você sem nunca ter olhado para trás.*

— Correto — disse ele. — Como um construtor.

Olivia franziu as sobrancelhas.

— Ouça. Se você quiser que eu fale com Freddy, eu falo, mas...

Connor riu, ressentido, e passou uma das mãos pelos cabelos.

— Então, faça isso, Olivia. Fale com Freddy.

Ela recuou, parecendo mais misteriosa do que nunca, e se dirigiu para a cozinha, vazia, exceto por um velho calendário preso à parede cuja imagem ficara tão desbotada que era impossível identificá-la.

Mesmo de longe, Connor reconhecia a letra tremida do pai em algumas páginas.

Até o fim da sua vida de bêbado, Terry Davis lutou para levar uma vida normal. Não foi um homem mau nem um bêbado mau. Nunca levantou a mão ou a voz para Connor. De certa forma, talvez tivesse sido mais fácil para Connor se o pai fosse agressivo. Ao menos assim Connor poderia tê-lo odiado e deixado de desejar que ele ficasse sóbrio. Talvez Connor pudesse simplesmente ter ido embora naquela noite, nove anos atrás, em vez de ter se sacrificado para proteger o pai.

Olivia vasculhou a cozinha, abrindo um armário aqui outro ali, até que se deu conta de onde ela estava. Connor notou o exato momento em que ela percebeu. Algo que estava escrito no calendário apagado a fez se lembrar. Colocou suas anotações no balcão da cozinha e se virou para ele.

— Meu Deus, Connor. Não tinha percebido... por que não disse nada?

— Dizer o quê? — ele perguntou tranquilamente. Que este era o lugar onde tinha passado os piores momentos de sua juventude? Que seu pai, um homem fraco e desiludido, ainda pairava sobre o local como um fantasma?

— Sinto muito. — Ela se aproximou, pegou uma de suas mãos entre as dela. — Eu não sabia que este era o chalé do seu pai, juro. — Seu toque era tão carinhoso, estranhamente significativo.

Connor não estava esperando por aquilo: compaixão e compreensão. Ele percebeu que ela não podia saber. Quando garoto, ele se esforçou para se manter distante do pai, para esconder o segredo da família, como todos os filhos de alcoólatras estavam habituados a fazer.

Ele olhou para as mãos unidas, as de Olivia, delicadas, e as dele, ásperas, e depois a fitou. Desde a última vez em que a viu, ela sumiu com aquela Lolly engraçada, esperta e desajeitada que ele conheceu e por quem se apaixonou. Em seu lugar estava uma mulher de olhos frios, uma linda estranha, equilibrada e bem-sucedida, mas no momento em que percebeu o que ele estava passando, ela se encheu de compaixão.

— Me perdoe, por favor, Connor — ela falou baixinho. — Por favor.

Calmamente, sem vacilar com seus olhos fixos nela, ele tirou suas mãos das dela. Logo sua raiva desapareceu. Só de olhar nos olhos dela seu coração já se alegrou. Ela era a única pessoa que o fez se sentir assim.

— Não há nada para perdoar, Lolly.

— Jura? — ela soltou um suspiro. — Não vai me deixar na mão?

— Não. Essa parece ser a especialidade do seu amiguinho Freddy.

— Ele sempre se apaixona pelos seus projetos. Eu... preciso dele, Connor. Ele veio para cá comigo depois que... depois que passei por uma situação difícil, e... eu preciso dele — repetiu.

Connor ficou sem ação. Situação difícil? Ele esperou, mas ela não explicou mais nada.

— Vamos terminar o trabalho — ele assegurou. — E vou tentar me dar bem com

seu namoradinho.

— Freddy não é meu namoradinho.

— Então ele é uma ela?

Olivia riu e sacudiu a cabeça.

— Você não mudou nada.

— Mas você mudou muito.

— Nem tanto. — Novamente, ela não deu detalhes, mas virou-se, pegou seu bloco e saiu.

Enquanto a observava trancar o chalé, Connor teve a estranha sensação de ter dito alguma coisa errada. *Tudo bem*, ele pensou. Concluiu que o ideal seria manter o relacionamento em termos estritamente profissionais.

Mas Connor logo descobriu que seria impossível. Todo dia o trabalho os obrigava a ficar perto um do outro e ficou claro que o tom profissional não funcionaria entre eles. Não tinha como negar o que haviam representado um para o outro no passado.

Os dois tinham se obrigado a cumprir tarefas, como dois comandantes em guerra. Todos tinham uma função, até Max. Ele e a irmã estavam encarregados de colocar a grande doca flutuante em perfeitas condições, de forma a servir como local de onde os convidados podiam se deslocar até a ilha.

Connor prestava atenção e tomava nota de algumas coisas, mas com frequência a presença de Olivia o distraía, aquela loura estonteante que era, ao mesmo tempo, estranha e familiar. Era cheirosa como flores frescas, e ele queria enterrar o rosto em seus cabelos sedosos. *Calma, garoto*. Ele tentava se concentrar nas discussões sobre o mirante, o alojamento principal, as construções espalhadas pelo terreno e os projetos das obras de infraestrutura. Quase sempre, era um prazer trabalhar lado a lado com ela. Às vezes, a pegava olhando para ele, absorta e quieta. Como agora. Parecia ter perdido o fio da meada ao estudá-lo com os braços sobre a mesa de trabalho.

— O que foi? — perguntou ele.

— Esqueci-me do que falávamos.

Connor adorava quando ela dizia coisas desse tipo. Recordava-se da antiga Lolly que conhecera, inconveniente e direta.

— Então vamos falar de outro assunto — sugeriu ele.

Ela fez uma pausa, e durante alguns instantes olhou para ele. Logo mordeu o lábio inferior e desviou o olhar.

— Conhece Jenny Majesky, da confeitaria?

— Sim, por quê? — Ele tentou interpretar os pensamentos de Olivia, mas não conseguiu. Não como fazia antigamente.

— Eu a conheci outro dia. Não sabe nada sobre ela ou sobre a família?

— Os avós dela sempre foram os donos da confeitaria. Alguns anos atrás a

Prefeitura de Kingston lançou um programa de financiamento para expansão comercial e Jenny aderiu, e ela teria lhe contado isso se tivesse perguntado.

Olivia se levantou e se serviu de outra xícara de chá.

— Desculpe-me. Devo parecer terrivelmente intrometida.

— Só um pouquinho — ele confirmou, e sorriu.

— Estou surpresa por não a conhecer melhor.

— Por que surpresa?

Ela ficou corada, e por um momento ela parecia aquela Lolly de novo.

— É uma cidade pequena, achei que pudesse ter se envolvido com ela.

— Não. — Ele não queria dizer mais do que isso.

— Mas você dizia que ia sair pelo mundo e nunca ficaria mais do que uma noite no mesmo lugar. O que aconteceu com seus planos?

— Cheguei a fazer isso — disse. — Durante algum tempo.

Ela sentou-se na frente dele.

— É mesmo? E onde esteve?

Ele fez uma pausa enquanto olhava para ela. Droga, não era nenhum segredo. Mas ele não estava a fim de responder mais perguntas.

Olivia concluiu que ele não responderia.

— Você não se desfez do brinco.

Ele tocou a pequena argola e concordou com um aceno. Meu Deus, não era possível que ela não soubesse a razão. Resolveu fazer sua própria observação.

— E você colocou o nome Barkis no seu cachorro.

Olivia cruzou os braços, na certa um gesto de autoproteção. Mas em vez de servir de escudo a postura só acentuou suas curvas.

— É um nome perfeito para um cachorro.

— Claro que sim. — Ele sorriu, pois suspeitava que ela usara o nome pelo mesmo motivo de ele ter guardado o brinco. Fazia parte da história deles. Resolveu deixar o assunto de lado, por enquanto. Connor se encaminhou até o deque onde os músicos costumavam tocar nos tempos em que tinham música ao vivo. Um piano de cauda ainda ocupava o espaço, coberto por uma capa grossa fechada por zíper.

Ele retirou a cobertura e deixou o piano à mostra.

— Será que você ainda toca?

— Vou trazer um afinador assim que for possível. É imprescindível que o piano funcione. E quanto mais cedo, melhor.

Ela retirou o feltro que cobria o teclado e um ratinho saiu de dentro do piano. Ao menos ele achou que era um ratinho. O bichinho se movia tão depressa que ele mal pôde distinguir. Imaginou que Olivia fosse gritar, morrendo de medo, como a maioria das mulheres. Mas, em vez disso, ela abriu as portas de vidro e o ratinho em pânico saiu correndo. Depois, ela se virou novamente para ele.

— Meu Deus! Será que estou maluca de achar que podemos terminar tudo até o

fim do verão?

— Fique tranquila, nós vamos conseguir.

Ela andou até o deque, passando por ele, proporcionando-lhe uma boa visão do seu traseiro. Será que aquele vaivém do quadril era seu andar natural ou ela estaria exagerando para seduzi-lo? Não saberia dizer, mas que estava funcionando, ah, estava. A luz do entardecer que entrava pela janela a banhava com um brilho dourado. Ela usava uma calça jeans com a bainha dobrada até o meio da perna, blusa rosa sem mangas e tênis branco. Ele foi tomado por um desejo súbito de tocá-la. Tocá-la de verdade e não apenas admirá-la ou passar por ela como um amante rejeitado dos romances de Edith Wharton.

— ... Era sempre a última a ser escolhida. — Olivia interrompeu seus pensamentos e ele se deu conta de que praticamente não tinha ouvido o que ela disse. Ele teve de fingir que observava o apoio de partituras em madeira torneada.

— Perdão, o que foi que disse?

— Não importa. Só estava relembrando alguns momentos significativos da minha infância, nada demais. — Ela riu com a expressão dele. — Brincadeira. Estava falando sobre as minhas boas lembranças das aulas de dança aqui no acampamento.

— Você gostava das aulas de dança?

— Claro.

— Eu me divertia muito.

— O que não chega a ser uma surpresa. E ainda vencia todos os concursos de dança, seu exibido.

— Para que participar se não for para vencer?

Olivia o fitou por um momento, e seu olhar era vago de memórias.

— Você ainda canta?

— O tempo todo.

— Quem sabe não poderia cantar na festa?

O que era a deixa para Connor lhe informar que não fora convidado nem queria ser.

— E você, ainda toca piano? — ele estava curioso.

— Raramente.

Bem, isso era estranho, ou não? O fato era que ele precisava de música em sua vida, e precisava cantar, assim como certas pessoas precisam de ar. A música era vital para sua sobrevivência.

Obviamente, a srta. Olivia Bellamy já tinha se realizado em diversas áreas e não sentia necessidade de preencher espaços vazios com música e luz.

— Isto me surpreende. Você parecia ser apaixonada por tocar piano.

— Era uma das poucas coisas que sabia fazer melhor do que os outros. — Ela abriu a tampa do piano e tossiu com a poeira que subiu. — Agora não preciso mais provar a mim mesma que sou melhor do que os outros.

— Talvez isso nunca tenha sido necessário.

— Para você é fácil falar, sempre ganhava tudo. Sempre ganhou o prêmio do tetralon e do show de talentos. Você sempre foi um vencedor.

— Competitivo — ele a corrigiu. — Mas não me lembro disso.

— Não se lembra de quê, de vencer sempre? — Ela sorriu e balançou a cabeça. — Será que isso não o aborrecia?

— Sim, claro.

— As meninas do meu alojamento ficavam acordadas à noite tentando inventar uma maneira de ser escolhida para fazer par com você nos concursos de dança.

— Disso eu duvido — ele falou, rindo.

— Lembra-se de Gina Palumbo?

— Não. — Na verdade ele perdera a virgindade com Gina Palumbo, no seu terceiro e último ano como acampante, um verão antes da oitava série da escola fundamental. Ela era sensual, assustadora e excitante demais.

— Gina contou para todas as garotas do alojamento que você tinha prometido dançar com ela todas as vezes durante o verão.

— Verdade? — Era bem possível.

— Eu sempre acabava dançando com outra garota ou algum monitor que sentisse compaixão por mim.

Connor olhou para ela agora, sob o sol da tarde, o cabelo macio e o sorriso tímido. Então encontrou o controle remoto do seu Ipod, e rolou até achar “Lying Awake”, uma música antiga dos anos 1960, com a voz aveludada de Nina Simone.

— Está certo, estou morrendo de pena de você — ele disse. — Dance comigo.

— Eu não disse isso para você...

— Não tem importância — ele comentou, e logo a pegou nos braços. Havia muito tempo, mas ele tinha uma memória instintiva para a dança. Ela se encaixava perfeitamente nele, porém a sentia arredia.

— Ei!

— O que foi?

— Eu costumava odiar a dança de salão. Todo ano eu implorava ao meu avô para que ele a tirasse da programação.

— Não era tão ruim assim.

— Talvez não fosse para você. Mas para mim era um sofrimento. Até hoje me sinto mal só de pensar. A escolha do parceiro era sempre uma tortura.

— Sabe de uma coisa? Para quem foi uma garota tão infeliz, você conseguiu se transformar em uma adulta bem normal e sensata.

— Obrigada.

— Sem falar que também se tornou uma mulher muito sensual.

— Ótimo. Então não fale. Agora, para ser franca, temos muito trabalho a fazer por aqui, talvez não devêssemos...

— Cale a boca e dance, Lolly, e vou lhe mostrar por que sempre venci — ele disse. Além do jeito clássico de segurar, ele tinha outros truques na manga. O jeito de olhar, que parecia dizer *Eu queria que você estivesse nua*. A habilidade para dançar tinha uma ligação estreita com a competência para fingir. Só que, no momento, ele não tinha motivo algum para fingir. Ele adorava olhar nos olhos de Olivia. E ele, de fato, *gostaria* muito que estivessem nus.

Ela agarrou-se ao pescoço dele, tremendo, o que foi bom, porque assim ela não notaria que Connor também estava tremendo. Ele percebeu seu corpo macio e quente contra o dele, sentiu o perfume da sua pele e foi tomado por uma atração irresistível. Mesmo sendo uma dança lenta, a respiração dela era acelerada. Seus lábios estavam entreabertos, a dez centímetros dos dele.

Connor queria tanto beijá-la que chegava a doer, e mesmo antes de os lábios se tocarem, tinha um olhar como se já estivesse beijando, os olhos fechados, os lábios entreabertos, a pouca distância... Oh!...

— Lolly... — Uma porta bateu e Freddy entrou na sala. — Trabalhando muito, rapaziada?

Eles se separaram e ele viu Olivia ficar vermelha de constrangimento. Connor sorriu para Freddy.

— Não foi tão duro assim. Mas preciso ir. — Ele saiu pelo jardim para onde estava sua moto e surpreendeu-se quando Olivia o seguiu. Ele começou a vestir os equipamentos sem tirar os olhos dela.

— O que foi? — perguntou ela.

— Eu não disse nada.

— Mas estava olhando para mim.

— Ainda estou. — Ele abriu um sorriso lentamente.

— Eu preferia que não o fizesse.

Ele olhou mais um pouco. Quando corou, ela pareceu mais jovem e vulnerável, lembrava aquela menina que ele conheceu.

— Alguma vez você pensa em nós, Lolly? — ele perguntou. — Como as coisas eram entre nós?

Olivia corou mais ainda.

— Não — ela foi enfática. — Não mais do que qualquer outra coisa que aconteceu nove anos atrás.

Claro que não. Só para lembrá-los que não se conheciam mais. Sem pressa, ele fechou o zíper da jaqueta.

— Preciso ir agora.

— Nunca poderia imaginá-lo como um tipo que gostasse de motos — disse ela.

— Poderia sim — ele retrucou, deixando o ronco do motor abafar-lhe a resposta.

PASSEIO NOTURNO NO LAGO WILLOW

Uma das tradições mais apreciadas no acampamento Kioga é o passeio noturno de barco, que se realiza todas as semanas no lago Willow. É a melhor maneira de se aproveitar o pôr do sol tranquilo das Catskills. Os acampantes devem se reunir no cais pontualmente às 19h30.

Capítulo 11

Verão de 1993

Connor frequentava pela terceira vez seguida o acampamento de férias e sabia que seria seu último ano. Por um lado, era bom, porque estaria cursando a oitava série no próximo ano e depois disso entraria no ensino médio, quando, conforme o que sua mãe e Mel sempre lhe disseram, ele poderia trabalhar meio expediente. Por outro lado, ele não tinha a menor ideia do que fazer em relação ao seu pai, e ir para o acampamento a cada verão para ver Terry Davis cambaleiar e tropeçar ao longo dos seus dias, sendo alvo de chacota no Kioga, fazia com que Connor tivesse ódio do mundo.

Morar com sua mãe e o marido dela também o deixava zangado, mas com seu pai era diferente. Porque era a coisa mais triste do mundo conviver com ele. Connor amava o pai. Terry Davis era um homem bom, com um problema sério, e Connor não sabia o que fazer para ajudá-lo.

Que droga, ele pensou. Este é o meu último verão no Kioga. Vou aproveitar o máximo. E, mentalmente, elaborou uma lista das coisas que queria fazer. Vencer o tetralon. Escalar montanha nos Shawangunks. Completar a longa caminhada de sobrevivência na mata, onde se ficava por dois dias, totalmente sozinho, com nada além de uma bússola. Talvez enfrentar Tarik num torneio de xadrez. Botar um brinco na orelha só para irritar seu padrasto. Beijar uma garota e passar a mão nela. Quem sabe, até arriscar-se a fazer um gol.

Ah! Ele queria fazer tudo isso e mais alguma coisa. Quando as aulas recomeçassem, em setembro, e ele tivesse que fazer uma redação intitulada “Como passei minhas férias de verão”, queria que fosse inacreditável, a ponto de a sua professora pensar que estava inventando tudo.

Ao se dirigir para o refeitório, viu o sr. Bellamy, reitor e dono do Kioga, um

senhor com rosto enrugado e voz parecida com a do ator Laurence Olivier, dos antigos filmes em preto e branco.

— Bom dia, senhor — ele disse, endireitando os ombros e estendendo-lhe a mão.

— Connor Davis.

— Bom dia, Davis. Eu me lembro bem de você. Como vai, filho?

— Muito bem, senhor. — O que mais poderia lhe dizer? Que a sua vida era uma droga, que sentia falta do irmão mais novo todos os dias, que odiava o padrasto, que detestava viver num trailer, em Buffalo? A mãe, que passara toda a infância sonhando em ser atriz, o ensinara a enganar bem, então ele se limitou a sorrir. — É muito bom estar de volta, sr. Bellamy. Quero agradecer-lhe e também à sra. Bellamy por terem permitido que eu viesse.

— Bobagem, filho. Para Jane e para mim, é um privilégio tê-lo aqui.

Sim, claro. Seja o que for.

— Bem de qualquer forma, sou muito grato. — Gostaria que houvesse uma maneira de mostrar-lhes sua gratidão. Ele não poderia imaginar como fazer isso. Essa gente tinha absolutamente tudo. Possuíam muito dinheiro de família. E eram os donos do acampamento de férias, um lugar inacreditável, no meio do mato, onde se podia subir no topo da montanha e tocar as estrelas. E tinham um ao outro, e um bando de netos que eram loucos por eles, e tinham uma vida perfeita e maravilhosa. Não havia nada que Connor Davis pudesse lhes oferecer.

O jantar da primeira noite era sempre uma festa, e naquele ano não foi diferente. Connor sentou-se a uma mesa comprida com seus companheiros de quarto, um bando de garotos barulhentos de todos os tamanhos e feitos. Comeram uma quantidade enorme de algo chamado filé a Wellington, e beberam muitas jarras de leite. Mesmo os garotos que não apreciavam legumes, devoravam brócolis cozidos no vapor e salada. Para sobremesa, a tradicional torta de frutas vermelhas da confeitaria Sky River.

— Você viu a garota gostosa que dirigia o caminhão de entrega de pães? — perguntou Alex Dunbar, que dormia na parte de baixo da beliche de Connor.

Connor balançou a cabeça. Do seu ponto de vista, todo mundo com dois cromossomos X era gostosa. Ultimamente, ele tinha um ímpeto sexual quase doentio que o fazia se sentir um maníaco.

— É uma garota do ensino médio, e se parece demais com a Wynona Ryder. — Dunbar se esticou para alcançar a tigela de batatas. — Seu nome é Jenny Majesky, já descobri. Agora, só preciso saber como fazer para...

— Ei, Dunbar! — O monitor Rourke McKnight colocou o pé no banco entre Dunbar e Connor. — Vou lhe dar um conselho de amigo.

— Sim? E qual seria? — Dunbar tentou aparentar calma, mas Connor sabia que ele estava intimidado por McKnight. Todos no alojamento de Fort Niagara o temiam. Recém-saído do ensino médio, McKnight era um cara grosseiro e tinha um lado

sinistro, que podia ser pura encenação ou não, mas ninguém em Niagara estava disposto a descobrir.

— Nem conclua esse pensamento — disse McKnight. — Nem sobre a srta. Majesky ou sobre outra moça qualquer. Entendeu?

— Claro — Dunbar concordou, com olhos assustados. — Entendi.

— Que bom.

Quando McKnight se afastou, Dunbar disse, entre risadas:

— Ele deve estar pegando a garota.

— Se ele o ouvir falando isso, vai acabar com você — disse Cramer, que estava sentado diante dele.

As conversas e brincadeiras continuaram, mas Connor não estava ouvindo. Quando o assunto era seu pai, ele tinha um estranho sexto sentido. Sentia o couro cabeludo pinicar, como se uma sombra passasse por ele. Então, ouviu. Um estrondo de vidro se quebrando.

Sem pedir licença, jogou o guardanapo na mesa e saiu. E realmente lá estava seu pai no vestíbulo, paralisado, olhando perplexo para um lustre de vidro espatifado no chão.

— Pai, você está bem? — murmurou Connor segurando-lhe a manga da camisa.

— Só um pouco de sangue — disse Terry Davis, balançando o corpo ligeiramente ao analisar a palma da mão. — Só estava tentando trocar o raio da lâmpada.

Connor ficou arrasado. Que idiota ele tinha sido. Todos os anos desejava que aquilo não acontecesse, mas sempre se repetia. O pai fedia a cerveja, e o pior era que tentava fingir que tudo estava bem.

Inevitavelmente, o barulho chamou a atenção de todos e havia um monte de gente olhando, sendo que a maioria nem desconfiava que eles dois eram pai e filho. Terry sempre disse ao filho para não falar a ninguém sobre isso, mas Connor se sentia mal por mentir.

— Ei! Com quantos bêbados se troca uma lâmpada? — perguntou um dos garotos. — Um para servir os martinis e outro para ler as instruções em passos.

Connor contraiu-se, mas não deixou transparecer ao dirigir um olhar de ódio mortal ao garoto. Sabia que era mortífero porque passara todos os anos do ensino fundamental aperfeiçoando-o. Com frequência, ele o usava só para se defender.

— Sai fora — disse.

— O que foi? — contestou o garoto.

— Isso mesmo — disse outro garoto. — Qual o seu problema?

— Voltem todos para o refeitório. — A ordem veio de Rourke McKnight, que apareceu na porta se impondo com seu 1,80m de altura. Bastou ele chegar e os meninos sumiram. — Vou limpar isto aqui.

— Não, espere — protestou Terry Davis. — Tenho que trocar a lâmpada. Tenho que...

— Ei, sr. Davis, esse corte está bem feio. Vamos até a enfermaria limpar o corte e fazer um curativo. — De repente, apareceu Lolly Bellamy. Connor mal teve tempo de lhe falar, mas acenou para ela do outro lado da sala. Connor não podia se imaginar sendo amigo de Lolly, mas bem que gostou de vê-la ali. Nos dois últimos anos, tinham ficado mais próximos. Connor gostava dela, porque era divertida, esperta e espontânea. E porque era o tipo de pessoa capaz de pegar o pai dele pelo braço e levá-lo até a enfermaria, conversando sempre com ele e evitando um escândalo.

Humilhado com seu gesto de generosidade, e grato demais para falar, ele os seguiu até a sala que servia de enfermaria, com um armário bem provido de medicamentos e quatro camas arrumadas com lençóis brancos. A voz de Lolly era enérgica ao ligar a torneira.

— Deixe sua mão aí, sr. Davis. Precisamos ter certeza de que não restou nenhum caco de vidro no corte.

— Sim — disse o pai de Connor. — Sem dúvida.

Connor sabia que ela estava sentindo o cheiro de cerveja, mas não se esquivou ao limpar o ferimento. Passou um antisséptico e fez um curativo com capricho.

— Eu lhe agradeço — disse Terry. — Você foi uma perfeita enfermeira.

Lolly sorriu para ele.

— Está certo.

Enquanto ela guardava os remédios no armário da enfermaria, Connor falava com o pai.

— Ouça, pai. Por que não vai para casa agora? Quer que eu o acompanhe?

— De jeito nenhum. — Terry parecia sombrio. — Acho que conheço bem o caminho de casa depois de tantos anos.

“Casa” para Terry era, o ano inteiro, o chalé reservado para o encarregado da administração, localizado na entrada do acampamento. Tinha a vantagem de ficar dentro da propriedade, portanto, nem precisava de carro para chegar lá. O que era uma preocupação a menos para Connor aquela noite. Seu pai já havia recebido uma multa por dirigir embriagado, se fosse pego mais uma vez, poderia ser preso.

— Quer que eu vá com você? — Connor se ofereceu.

— Que diabos, não — disse o pai novamente. Ele parecia zangado e, sem dizer mais uma palavra, saiu da enfermaria e bateu a porta.

Connor permaneceu ali. Lolly também. Ele não olhou para ela, mas sentiu-a por perto, esperando. Respirava suavemente. De repente, ele não aguentou mais. Sua bondade, sua compreensão e o fato de não fazer estardalhaço com uma coisa tão séria estava acabando com ele. Connor sentiu que estava a ponto de desabar no choro.

— Preciso ir — murmurou, preparando-se para segurar a maçaneta da porta.

— Está bem — foi só o que ela disse.

Havia um grande significado por trás dessas duas palavras. Connor imaginava que ela sabia. Ela era Lolly, afinal. Mesmo que fossem amigos apenas durante o verão, ela

o compreendia melhor do que ninguém no mundo, melhor até do que ele mesmo. O pensamento o fez mudar de ideia. Ele já tinha controlado suas emoções. Depois de conviver com Mel durante quatro anos, ele aprendera. Nunca devia demonstrar suas emoções, caso contrário poderia se arrepender.

Detesto isso, ele pensou. Detesto quando meu pai bebe.

— Sabe o que tenho vontade de fazer? — perguntou ele de estalo.

— Dar um soco na parede? — sugeriu ela.

Não pôde deixar de sorrir para ela. Nossa, ela *realmente* o conhecia. Mas o sorriso sumiu e então ele disse o que jamais diria para outra pessoa:

— Queria que o safado parasse — ele disse. — Queria que ficasse sóbrio e fosse ele mesmo. Se fizesse isso, não me importaria com mais nada. Ele poderia jogar cartas ou fazer casa de passarinho o dia todo, não me importaria, contanto que não bebesse mais.

— Quem sabe um dia ele consegue? — ela comentou, sem se perturbar com o que ele dissera. — Minha avó Lightsey, mãe da minha mãe, é alcoólatra, mas ela não bebe mais agora, frequenta uma reunião especial na igreja dela. Minha mãe age como se fosse um segredo de família, não sei por quê. Tenho o maior orgulho da minha avó, por ela ter se livrado do vício.

Connor não sabia se estava feliz por ela ter lhe contado aquilo ou não. Por um lado, lhe dava esperança de que seu pai poderia mudar. Mas, por outro, era muito pouco provável que ele simplesmente decidisse parar de beber e frequentasse reuniões de igreja, e Connor se sentiu um tolo desejando isso.

— Não entendo como os seus avós o mantêm aqui — disse Connor. — Ele não é um funcionário totalmente confiável.

Olivia franziu as sobrancelhas por trás dos óculos.

— Ele nunca lhe contou?

— Contou o quê?

— Meu Deus, Connor, deixe que ele lhe conte. Ou o meu avô. O seu avô e o meu foram juntos para a Guerra da Coreia. O seu avô salvou a vida do meu avô.

Connor nunca conheceu Edward Davis, seu avô.

— Eu sabia que ele tinha morrido na Coreia quando meu pai ainda era um bebê, mas nada além disso.

— Você precisa perguntar ao meu avô. Ele vai lhe contar a história sobre o local em que estavam lutando, algo como Cidade da Muralha, e seu avô salvou o pelotão todo, inclusive meu avô. Quando meu avô voltou da guerra, fez uma promessa de que cuidaria da família do seu avô em qualquer circunstância.

Mesmo que o filho de Edward Davis crescesse e se tornasse um bêbado, Connor pensou. Mas a história de Lolly fez com que se sentisse um pouco melhor.

— Então — disse ela daquele jeito meio chata, meio mandona —, peça ao meu avô para lhe contar a história.

— Talvez eu faça isso.

Os dois ficaram calados por um bom tempo. Então, ele cruzou a sala até um armário de remédios e abriu uma gaveta.

— Estou pensando em colocar um brinco na minha orelha.

— Você não está falando sério.

Nesse momento ele riu. Ela era tão engraçada quando ficava formal daquele jeito.

— Estou pensando em colocar um brinco na orelha.

— Está completamente louco.

— Acha que eu não seria capaz? — Na gaveta ele encontrou uma lanceta numa embalagem esterilizada. — Isto deve servir. — Ele começou a rasgar a embalagem com os dentes.

— Espere. — Ela estava apavorada e com os óculos completamente tortos, tornando-a cômica. — Não seja estúpido, Connor. Não precisa de mais buracos na cabeça do que já tem.

— Se é o caso, mais um não fará diferença. — Ele colocou a mão no bolso procurando por uma pequena argola de prata que vinha carregando há semanas, tentando ter coragem para colocá-la. Mary Lou Carruthers, que tinha uma paixão por ele desde a segunda série, lhe dera no ano anterior. A argola estava presa a um cartão de plástico preto. Ele o despregou e o colocou sobre o balcão.

— Não pode estar falando sério — disse Lolly. Suas bochechas estavam rosadas.

— Mas estou.

— Terá uma infecção. Sua orelha vai cair.

— Besteira. Tem gente fazendo isso toda hora.

— Fazem com um médico, ou com um profissional.

— Ou então arranjam uma garota esperta para fazê-lo.

— De jeito algum — disse ela, dando um passo atrás e balançando a cabeça. Ela não usava mais o cabelo castanho preso em maria-chiquinha, mas os tinha prendido numa espécie de nó com um elástico coberto por pano. Alguns cachos perdidos se soltaram e emolduravam seu rosto.

— Tudo bem. Eu mesmo faço.

— Podemos ser expulsos.

— Só se nos pegarem. Ninguém vai nos pegar, Lolly.

Ele pegou a lanceta e inclinou-se para o espelho. Droga. Não era tão simples quanto ele pensava. Se enfiasse a lanceta na orelha, o que o impediria que furasse o crânio? E depois de furado, será que sangraria? E como se colocava a porcaria do brinco na orelha?

Pelo espelho ele viu Lolly observá-lo. *Vamos lá, sem recuar.* Ele daria uma espetada e esperaria pelo melhor. Respirou fundo e a segurou. Fechou os olhos bem apertados. Não, assim seria impossível. Ele tinha que ver o que estava fazendo.

Ouviu um estalo atrás de si e quase deixou cair a lanceta. Era Lolly, colocando

luvas cirúrgicas.

— Está bem — disse ela. — Mas não me culpe se sua orelha ficar preta e depois cair.

PESCA NO LAGO WILLOW

O lago Willow é uma fonte abundante da deliciosa truta. O limite para pescar é de três peixes por esportista licenciado. Acima disso, deve-se devolvê-los ao lago.

Capítulo 12

— Vamos lá, Daisy preguiçosa. Levante-se e resplandeça.

Quando Daisy ouviu o pai falando com aquela alegria forçada, ela logo viu que não podia ser um bom sinal. Ele estava do lado de fora do alojamento que ela dividia com ele e Max e ainda não tinha amanhecido. Ouviu seus passos perto do portão e a porta rangendo ao ser aberta.

— Daze? — ele a adulava. — Venha filha, está na hora.

— Não — ela gemeu e escondeu a cabeça debaixo do travesseiro. Será que ele não reparou que ainda não era dia? Nem sinal do sol, por que será que estava tão ansioso para levantar? Talvez ele desistisse se ela não respondesse.

Quem dera tivesse essa sorte. As pancadas na porta se tornaram mais insistentes e a porta de tela rangeu. *Droga*, pensou Daisy. *Ele vai entrar. Ele não vai desistir de mim.*

— Droga — ela murmurou alto, já totalmente desperta. Forçando-se a permanecer acordada, saiu da cama, contornou as montanhas de roupas, jogos, livros, latas de refrigerantes e embalagens de petiscos espalhados pelo chão.

— Daisy? — ele falou de novo, e sua silhueta surgiu na porta.

— Já levantei. Poxa, pai, não faça tanto barulho.

— Está bem. Vou esperar aqui fora.

— Legal.

— Não demore.

— Nem pensar.

A última coisa que gostaria de fazer era uma excursão com seu pai, antes do amanhecer. Pescaria, argh! Desde que chegaram, ele esteve tentando convencê-la a participar de todos os programas tipo família, e ela fez de tudo para escapar. Não havia muitos lugares para se esconder no Kioga sem correr o risco de se perder na mata ou ser devorada por mosquitos.

Ela e as primas Dare e Olivia ficaram acordadas na noite anterior até tarde, jogando uíste com Freddy. Uíste era um jogo de cartas muito parecido com bridge. Se algum dia aprendesse a jogar bridge, Daisy saberia que tinha se tornado a idiota do século. Uíste. Se o pai lhe tivesse dito o que realmente a esperava no acampamento, teria pedido a alguém para chutá-la, o que seria melhor do que passar o verão naquela pasmaceira que estava se tornando.

Ela havia acreditado nas histórias que seu pai e avós contaram sobre o Kioga, onde a diversão nunca terminava. Sem desconfiar de nada, nem questionou a descrição que fizeram de um retiro idílico junto a um lago cristalino. Não lhe ocorrera que quando chegasse teria que encontrar alguma coisa, além de trabalho, para *fazer* neste retiro idílico particular.

O mais engraçado é que não estava entediada. Ainda bem que suas primas mais velhas tinham bastante senso de humor. Olivia em especial percebia que a família de Daisy passava por um momento extremamente difícil. Não deixava de ser um consolo o fato de Olivia ter sobrevivido bem ao divórcio dos pais. E quando o tédio e a frustração de Daisy pareciam se tornar insuportáveis, ela possuía alguns truques guardados no bolso da blusa, que consistiam de alguns maços de cigarro escondidos debaixo da cama, uma trouxinha de maconha e até um pequeno naco de haxixe do Líbano. Uma das vantagens de frequentar a escola onde havia alunos do mundo inteiro era que muitos dos seus amigos tinham imunidade diplomática, e sabiam tirar proveito disso.

Ao pensar em seus amigos na cidade ela soltou um suspiro de saudade. Sentia falta de sair com os amigos da sua idade. Mas, ao mesmo tempo, agora que se aproximava o quarto e último ano escolar, ela ficava mais aliviada. Seus colegas eram bem focados e motivados. Muitos deles sabiam o que queriam da vida desde os tempos do jardim da infância. Todos tinham como objetivo cursar uma das melhores universidades da região nordeste dos Estados Unidos, a Ivy League ou a Julian School, ou, ainda, estudar no exterior, como na Sorbonne, por exemplo. Ao lado do talento e da ambição dos colegas, Daisy se sentia uma completa impostora. Tudo bem que suas notas eram boas, que ela frequentava uma das melhores escolas do país, tocava piano, guitarra e jogava lacrosse. Mas, mesmo assim, ela estava perdida. Não tinha ideia do que queria para o seu futuro. Certa vez, ouviu por acaso a mãe, uma advogada da maior competência, dizer ao seu avô que Daisy era igual ao pai. E isso não era um elogio. Apesar de o pai ser um talentoso arquiteto paisagista, a prosperidade da família certamente não veio dessa atividade. Era o dinheiro de família e mais o salário estratosférico da mãe que financiavam o apartamento no Upper East Side de Manhattan e as escolas particulares. Ainda assim, seus pais não conseguiam ser felizes juntos.

Quem sabe se eu fosse mais focada eles não ficariam juntos?, pensou. *Ou se eu fosse acometida de uma doença terrível, eles poderiam desistir da separação?* As ideias

mais absurdas passavam pela sua mente. No íntimo, sabia que não fazia sentido querer que permanecessem casados. Ela simplesmente seguiria com sua vida. Tinha uma pilha de folhetos e brochuras sobre as universidades que poderia cursar. Durante o verão, deveria decidir a qual delas iria se candidatar.

Daisy inclinou o corpo todo à frente e escovou os cabelos ao contrário. Depois, endireitou-se e colocou um elástico coberto por um tecido para fazer um rabo de cavalo, vestiu um short de malha com a inscrição “*Pink*” no traseiro, uma camiseta sem mangas e um agasalho de moletom do time de lacrosse da escola. Enfiou os pés nas sandálias de dedo e automaticamente pegou seu Ipod. Depois, triste, o colocou de volta. Apesar de o pai ter lhe garantido que sabia o que estava fazendo, dentro dela uma voz dizia que era mais prudente deixá-lo em casa. Se o Ipod caísse dentro d’água, ela ficaria privada de ouvir suas músicas preferidas pelo verão inteiro. Aí, sim, seria melhor se matar.

Ao escovar os dentes e lavar o rosto, ela ficou feliz por não ter um espelho sobre a pia, nem em qualquer outro lugar. Sua imagem só podia estar deprimente. Deu mais uma olhada para sua aconchegante cama e saiu do quarto para a escuridão do lado de fora para ficar em pé na varanda. Uma neblina opressora encobria o acampamento de férias.

Um maço de cigarros estava no chão da varanda próximo do jarro que usava como cinzeiro. Qualquer retardado sabia que fumar era prejudicial à saúde, mas, mesmo assim, Daisy fumava. Fumar era tão proibido, tão terrivelmente *nocivo* que, claro, ela precisava fazê-lo. Fumar era pior do que fazer sexo ou usar drogas. Portanto, era perfeito para incomodar seus pais.

E esse era o objetivo de Daisy. Pois era exatamente o que eles vinham fazendo com ela há anos.

Mas seu pai nunca lhe mandou parar. Será que não entendia que ela queria que ele a *proibisse*, pois assim poderia enfrentá-lo, dizer não e zangar-se com ele, dizer que era sua vida, seus pulmões e sua saúde, e que poderia fazer o que quisesse com eles; e, então, ele diria que ainda era seu pai, e que era responsável pela saúde dela e que, se ela não parasse, ele a obrigaria. Só precisava fazer isso. Ela o enfrentaria e depois entregaria os pontos.

— Bom dia, Flor do Dia — seu pai cantou, trazendo do fundo do baú a música da sua infância. — Como está passando hoje?

— Pago 100 dólares se parar de cantar — ela murmurou.

— Mas você não tem esse dinheiro todo.

— Como você está mal informado. Vovó mandou Olivia me pagar em dinheiro, toda sexta-feira. Já faturei quase 600 até agora.

O pai soltou um assovio baixo.

— Então você venceu. Não vou mais cantar. Nem para desejar um bom-dia para a minha menina.

Ela sabia que o pai não lhe cobraria dinheiro algum. Nunca a obrigava a nada.

— Além do mais — ela disse —, se você não notou, o sol nem nasceu ainda, portanto, tecnicamente não é dia.

— Eu sei. — Ele fez uma encenação de estar respirando o ar da manhã. — Legal, não é? É a hora do dia de que mais gosto.

— Não acredito que estamos fazendo isso. — Ela estava tremendo com o frio úmido.

— Não tive escolha. Nenhum dos meus filhos pescou sequer um peixe na vida. E esse é um ritual sagrado.

— Não entendo — disse ela. — Que diferença faz a que hora do dia vamos fazer essa grande coisa que é pescar? Não me diga que o peixe sabe ver as horas.

— O que importa é a luz e a temperatura da água. As trutas se alimentam quando os insetos aparecem, sempre ao amanhecer e ao anoitecer.

— Claro. Essa também é a hora do dia que mais aprecio. A hora dos insetos.

A quietude que dominava o acampamento tinha algo de sinistro. O nevoeiro era uma mortalha que isolava as vozes deles e o som das sandálias batendo nas solas dos seus pés. O acampamento mais parecia um cenário de filme de terror, de onde poderia surgir do meio da floresta um assassino empunhando uma machadinha.

— Dormiu bem esta noite? — perguntou o pai.

— Ainda é noite. E eu estava dormindo bem. Parece que não tem muito mais para se fazer por aqui.

— Ah! Acho que você tem se esforçado bem para se divertir por aqui. — Ele apontou para a beira do lago onde se via os restos da fogueira da noite anterior. — Costumávamos fazer isso também, quando vínhamos nas férias. fazíamos uma grande fogueira na praia e ficávamos doidões.

— Eu não... — Daisy o fitou e aprumou-se numa atitude defensiva. Por que negar? Ele, obviamente, sabia, e pelo visto não se importava. Então, por que ela se importaria? Em parte, ela queria que ele se opusesse e a mandasse parar, mas ele não mandava. Em vez disso, ele fazia graça com o fato de ficar doidão. Agindo como se isso não tivesse importância, pois ele mesmo já tinha feito. Gritar com ela para se comportar era função da mãe dela, e a mãe estava fora de cena agora. Só pelo período do verão, a mãe disse, uma separação experimental, mas no seu íntimo Daisy já sabia.

— Enfim — ela murmurou e entrou na cozinha na frente dele. — O que temos para o café da manhã?

Max já estava lá, entretido com alguma coisa que havia no verso da caixa de flocos de cereais que colocava um de cada vez na boca, mecanicamente.

— Ei! — falou Daisy. — Onde você achou o cereal?

— Papai e eu fomos até a cidade ontem à noite para comprar mantimentos — disse Max sem olhar para ela. — Dare só tem comida saudável aqui. Você quer?

— Não, obrigada. Essa quantidade de açúcar faz mal. Não há nada pior para se

colocar no organismo.

— Exceto fumaça de cigarro — disse Max. — Então, pare de me criticar.

— Cale a boca — ela retrucou, e tirou um pote de iogurte light da geladeira. Por cima, ela colocou um pouco do cereal de Dare.

— Pai, você devia fazê-la parar de fumar — disse Max.

O pai deles encontrou uma tigela e a estava enchendo de cereal.

— Ela devia parar por si — respondeu ele.

— Ela devia estar na cama dormindo, em vez de ficar aqui a esta hora com dois débeis mentais — retrucou Daisy.

— Débeis mentais, toca aqui, pai — Max repetiu, batendo sua mão na do pai.

Daisy cortou um pêssego em pedaços e colocou sobre o iogurte com cereal. Aquela manhã prometia ser magnífica.

Terminaram de comer e colocaram a louça dentro da pia. Seu pai e Max se encaminharam para a casa de barcos. Daisy levou alguns minutos para lavar a louça. A imensa pia de aço inox tinha uma torneira do tipo chuveirinho, e logo ela terminou o serviço. Guardou o cereal e o leite, será que eles pensavam que ambos iriam se guardar sozinhos? Em seguida, saiu atrás do pai e de Max para criticá-los por não lavar nada depois de comer. Não estavam sendo grosseiros, só não estavam pensando. E esse hábito era mais difícil de abandonar do que a grosseria.

Saiu da cozinha e foi até a casa de barcos e a doca. *Tudo bem*, ela pensou, agora já bem acordada, ela precisava admitir que havia algo de diferente naquela hora. Um silêncio especial pairava no ar e o lago parecia místico ao nascer do sol. A bruma avançava como se tivesse vida própria sobre as águas paradas. E, à medida que o sol surgia lentamente, sua luz ia espalhando um brilho mágico em tudo. Tudo cheirava a frescor, a água limpa, a flores do campo e a grama orvalhada, e o ar que os cercava silenciou o canto do pássaro. Se a própria Dama do Lago surgisse das águas, trazendo Excalibur na mão, Daisy não se surpreenderia.

De vez em quando uma truta aparecia para pegar um inseto, e seu movimento formava círculos concêntricos que gradualmente cediam. *Coitada da truta inocente*, Daisy pensou. Por que alguém ia querer arrancar a desafortunada do lago pacífico, pegá-la pela barriga e fritá-la na frigideira?

Porque ela e o irmão nunca tinham pescado um peixe e o panaca do seu pai acreditava que isso era importante.

— Olhe, Daisy — disse Max ao correr para ela. — Olhe o que eu e papai pegamos na noite passada! — Ele lhe mostrava uma grande lata de café. Daisy olhou dentro da lata e viu uma terra úmida e escura, apinhada de minhocas coloridas lustrosas se mexendo numa lama nojenta.

— Nossa! Que legal, Max! — Ela tentava parecer animada. — Agora, me dê licença, preciso vomitar ali no canto.

— Que medrosa — ele respondeu. — São apenas minhocas.

Ela tentou se controlar. Respirou fundo, várias vezes seguidas, nem olhou mais para a lata, mas esperou que o enjoo passasse. *Minhocas*.

O que seu pai se recusava a aceitar era que toda essa história de pescaria para unir a família não passava de uma grande bobagem. Superficialmente, parecia o melhor pai do mundo levando os filhos para pescar, mas ainda havia uma lata cheia de minhocas para enfrentar. Sempre havia latas de minhocas.

Junto da casa de barcos tinha um depósito cheio de equipamentos esportivos.

— Uau — disse Max de olhos arregalados. — Olhe só para isso. Eles têm de tudo aqui.

— Pode estar certo disso, filhão. — O pai levantou uma lona cheia de poeira que escondia uma fileira de bicicletas amontoadas.

— Bicicletas! — Daisy se surpreendeu. Ela adorava andar de bicicleta.

— Tem até algumas de dois lugares — disse o pai. — Vamos ter que encher os pneus mais tarde.

Havia muitas outras coisas ali, incluindo redes, raquetes, bolas, balizas flutuantes para polo aquático, arcos, flechas e alvos, jogo de croqué e o que mais se quisesse. Daisy programou voltar mais tarde para conferir tudo com calma. Sem nenhuma diversão normal disponível, ela e Max estavam se tornando bem criativos em matéria de passatempo. Ela nunca poderia imaginar que gostaria de jogar badminton, mas passou a encarar o jogo por uma nova perspectiva.

Uma parte do celeiro estava toda tomada por equipamentos de pescaria com varas e molinetes de todos os tamanhos, caixas de anzóis e iscas, calças e coletes com uma infinidade de bolsos. Ainda tinha uma outra caixa grande cheia de equipamentos com a inscrição Majesky.

— O que é isso? — perguntou Max ao pai.

— Equipamento para pescar no gelo — explicou o pai. — O sr. Majesky, da cidade, costumava vir até aqui para pescar, na baixa temporada. Ele e vovô foram amigos de pesca muito tempo atrás, por isso acho que esse equipamento ficou esquecido aqui.

— O que está escrito, pai?

— Está escrito...

Daisy fez sinal para o pai. Eles tinham que ajudar Max na hora certa, quando era possível, no sentido de ajudá-lo com a leitura. Desde a primeira série ele tinha dificuldade para ler. Lançaram mão de vários recursos, mas ele não progrediu na leitura.

— Qual é o problema? — perguntou o pai com o cenho franzido.

Será que ele realmente não sabia?

— Leia, Max — incentivou a irmã. — Diga-nos o que está escrito.

— Esqueça — lastimou-se ele. — Você é mandona que nem mamãe.

— Não sou, não. Se eu fosse a mamãe, você teria tentado ler.

Max saiu correndo de lá, murmurando algo sobre verificar a lata de minhocas.

O pai deles estava completamente perplexo.

— Espere um momento. A inscrição diz simplesmente “Regulamentos para Pesca para Residentes Locais”. Vai me dizer que Max não sabe ler isso?

— Ora, papai! Vai dizer que não sabia? — questionou Daisy de braços cruzados e queixo levantado.

— Sim, eu sabia que ele estava tendo problemas, mas pensei que o professor particular estivesse cuidando disso.

Este era o seu pai. Ele sempre achava que a melhor maneira de resolver um problema era contratar alguém para fazê-lo. Já deveria ter se convencido de que nem sempre isso funciona. Sua mãe também não era muito diferente. Ela costumava contratar os serviços de alguém e depois sair correndo para Seattle. Às vezes, Daisy achava que ela era a única pessoa da família que percebia a necessidade de fazer alguma coisa, sem ter que contratar outra pessoa para isso. Ah! Eles fizeram toda aquela baboseira de terapia de família, mas não adiantou nada. O dr. Granville dizia coisas do tipo “Como se sentiu com isso?”, e tinha uma habilidade para fazer as pessoas chorarem, mas e daí? Oprah Winfrey também tinha o mesmo talento, mas também nunca resolvia a situação, grande coisa.

— Por acaso já leu seu PEI? — Pela expressão do pai ela deduziu que ele precisava de uma pequena ajuda ali também. — Plano de Educação Individual — disse, dando ênfase a cada palavra. — O ponto mais importante do plano para o verão é que você leia com ele, ao menos durante uma hora por dia. Não posso acreditar que mamãe não tenha lhe dito isso.

— Você está brincando — replicou o pai.

— Exatamente, estou brincando. Imaginei que fosse cômico contar-lhe que Max não sabe ler e em seguida mentir para você sobre como lidar com isso.

O pai nem percebeu o sarcasmo, ou o ignorava.

— Quer dizer que tenho de ler para ele? Ótimo — ele disse. Na verdade, abriu um sorriso de orelha a orelha.

Daisy não tinha certeza de ter entendido bem.

— Não entendi. Você disse “ótimo”?

O rosto do pai se encheu de entusiasmo.

— Existem inúmeros livros que sempre quis ler para Max. Para vocês dois.

Então, por que não leu?, ela quis perguntar.

— Isto é, eu sei que você pode ler perfeitamente, certo?

— Está me perguntando? — Ela pegou três remos de canoa que estavam presos à parede. — Você não sabe, de fato? — Diante do olhar desanimado do pai, ela relevou. — Não se preocupe, pai. Sei ler muito bem. — Ele agia com se fosse o melhor pai do mundo só porque não perdia o controle ao saber que ela fumava cigarros e maconha. Mas não se dava conta do quanto não a conhecia, de que ela havia recebido o prêmio Dickinson de poesia naquele ano e de que fora aceita na Sociedade de Honra

Nacional. De que ela fizera um número recorde de gols no jogo de lacrosse na última temporada. De que o seu pianista de jazz preferido era Keith Jarret e de que já experimentara cocaína numa festa.

— Tem toneladas de livros para lermos — o pai disse. — *O único e eterno rei e A ilha do tesouro*. Antigamente, havia uma biblioteca no prédio principal, ao lado da sala de recreação. Vamos checar isso hoje à noite.

Seu pai ao menos tinha uma vantagem: ele nunca perdia o entusiasmo.

Pegaram caniços e molinetes, pesos de chumbo para a rede e cortiças, e partiram para o cais. O pai tinha colocado na água uma grande canoa, com seis bancos de um lado ao outro. Trouxe também bebidas, sanduíches e petiscos suficientes para alimentar um batalhão. Ela ficou imaginando a que horas teria acordado para aprontar tudo aquilo para eles e sentiu um aperto no coração. Estava fazendo o possível e impossível para passarem um verão feliz.

Ela notou uma pilha de toalhas e um tubo de filtro solar. Filtro solar? Será que ele pensava que iam ficar tanto tempo fora a ponto de precisar de filtro solar?

— Você nos pediu que plantássemos flores ao longo de todo o caminho até o prédio principal, inclusive em volta dele.

— Foi isso mesmo — ele disse ao jogar para ela uma boia salva-vidas. — As flores vão embelezar e muito o caminho. No projeto do jardim escolhi os tradicionais gerânios vermelhos e brancos.

— Então não podemos ficar fora por muito tempo — lembrou ela.

— Não se preocupe com isso. As flores não estão interessadas em que dia você vai plantá-las. De que serve o acampamento de férias se você não pode se divertir de vez em quando? — Ele sorriu. — Parece que você está presa a mim e ao Max.

— Legal.

A canoa era mais insegura do que parecia, flutuando placidamente ao longo do cais. Quando embarcaram, o casco adernou de um lado para o outro assustadoramente. Max riu a valer.

— Sente e fique quieto — disse-lhe Daisy ao pegar o remo. — Se eu cair na água por sua causa, você vai se arrepender.

— É só água.

— Sim. Mas você já colocou a mão nela?

Max passou a mão dentro d'água.

— Para mim parece ótima.

— Trate de remar, cabeça oca.

— A minha cabeça não é oca.

— Vamos, Max. Comece a remar. Ou será que você não sabe?

— Claro que sei. — Provocado, ele pegou o remo enquanto o pai impulsionava a canoa do cais.

Daisy pôs mãos à obra e ditou o ritmo do seu posto na frente da canoa. Não sabia

bem o que estava fazendo, mas remou algumas vezes nas aulas de educação física da escola, e isso ajudou um pouco. Não era muito difícil, mas ela, Max e o pai estavam totalmente fora de sincronia. Os remos batiam uns nos outros em pleno ar e espalhavam água para todo lado. Daisy se imaginou relatando a experiência familiar ao ar livre para o dr. Granville. Provavelmente, ele diria que a falta de coordenação no barco era uma perfeita representação dos problemas que vivenciavam em família. Ele adorava falar por metáforas. Ele explicaria como a imaturidade e indiferença do pai, a necessidade de limites de Daisy e a carência afetiva de Max apareciam na maneira como remavam a canoa.

— Quando eu era uma criança aqui — disse o pai —, costumávamos ter um time de tetratlo. Uma competição com quatro etapas. Primeiro, tínhamos que remar até a ilha, contorná-la e voltar. Depois, nadávamos da linha de partida, nos blocos, até as boias, para então retornar. Tinha a terceira etapa, que era uma corrida de bicicleta de quase cinco quilômetros, e finalmente uma corrida rústica de cerca de um quilômetro e meio. O primeiro a chegar ganhava o prêmio.

— E qual era o prêmio? — Max quis saber.

— Não lembro. Provavelmente, algo como uma dose extra da sobremesa de biscoito recheado de chocolate com marshmallow derretido.

— Não era muito esforço para ganhar só um doce?

— Filho, não fazíamos pelo doce.

— Então, por que faziam?

— Para ganhar. Para nos gabar por ser do time mais rápido.

— Ué, não entendo.

— Vamos lá, Max, onde está seu espírito competitivo?

— Esqueci-me de colocar na mala.

— Quando vamos começar a pescar, hein? — Daisy achou que quanto mais cedo começassem, mais depressa terminariam.

— Precisamos chegar ao ponto ideal — disse o pai. — É um lugar chamado Buraco Azul.

Levou um século para chegar ao local, porque era do outro lado do lago e eles eram péssimos remadores. E com tanto barulho que faziam falando e batendo com os remos na água na certa espantaram todos os peixes para bem longe.

Finalmente, pouco antes de fazer bolhas nas mãos de Daisy, seu pai declarou que eles tinham chegado. Ela precisava admitir que o lugar era lindo. O ponto profundo de pesca tinha como pano de fundo uma muralha a prumo que mergulhava n'água. Lá o lago era calmo como um espelho.

— E agora? — perguntou Max.

— Agora vamos colocar iscas nos anzóis e desejar o melhor. Pode pegar a lata de minhocas, por favor, Daisy?

— Eu não encostaria nessa lata de minhocas nem com uma vara.

— Medrosa — disse Max ao se levantar e cambalear em sua direção, sacudindo a canoa.

— Cuidado, cabeça oca — avisou ela, segurando-se nas laterais do barco.

Para sua surpresa, Max se moveu com cautela ao pegar a lata e entregá-la ao pai. Em poucos minutos, o pai, que parecia entender do assunto, colocou as iscas nos anzóis e a linha foi arremessada.

E aí... nada. Os três ficaram sentados com cara de bobos, olhando para suas boias e esperando um peixe fígar o anzol. De vez em quando, o pai recolhia a linha e colocava uma minhoca fresca no anzol, como se a truta fosse torcer o nariz para uma minhoca morta e intumescida. Às vezes, a boia se mexia, afundando um pouco. Quando isso acontecia, um deles puxava a linha, excitado, só para descobrir que a isca fora roubada do anzol.

— Diabinhos espertos — comentava o pai.

— A truta? — perguntou Daisy. — E desde quando a truta é esperta?

— Desde quando ela consegue roubar uma minhoca sem morder o anzol — Max explicou com sensatez. — Eu diria que é esperta, você não?

— É, esperta mesmo.

Depois de uma hora o tédio foi substituído pela distração. Os três brincavam de jogos verbais, coisas bobas de que Daisy se lembrava da época de criança, como jogos de adivinhação. O som das risadas de Max gorjeava sobre as águas do lago como o canto dos pássaros, e Daisy percebeu um sentimento estranho. Uma sensação de relaxamento, de... paz.

Pouco depois, seu pai começou a contar histórias. Contou sobre os tempos idos, quando ele era um garoto, e como foi a experiência de passar todos os verões da sua infância no acampamento.

— Era a única vida que eu conhecia — ele disse. — E eu não percebia como era boa. As crianças nunca percebem isso.

É, mas eles notam quando a vida está um lixo, ela pensou.

Max sentiu fome e desembulhou um sanduíche.

— Meu preferido!

— Não acredito que tenha feito isso — comentou Daisy.

— É o seu sanduíche preferido. — O pai encolheu os ombros.

A alegria estava estampada no rosto de Max ao comer o sanduíche nojento de manteiga de amendoim com salame.

— Conte-nos a história do dia em que tio Philip colocou isca de bagre no alojamento das meninas — ele pediu ao pai, mesmo que já a conhecesse bem.

Passaram-se dez minutos, enquanto ouviam o pai contar histórias. Max, distraidamente, tirou as cascas do pão de forma do sanduíche e as jogou para o lado. Daisy viu uma truta gorda vir à superfície e pegar o pão com manteiga de amendoim. Ficou que nem uma idiota olhando, enquanto um peixe atrás do outro vinha e fazia o

mesmo.

— Me passe o puçá — falou baixinho, mas apressada.

— Tem algum peixe no seu anzol? — perguntou Max.

— Não, mas você tem. Olhe para a água. Estão vindo atrás do seu sanduíche.

Max ficou espantado com o que via.

— Olhe, pai.

Daisy agarrou o puçá e o segurou sobre os dois peixes que se alimentavam das sobras do sanduíche. Ela só tinha que se esticar em direção à água e capturá-los com o puçá.

— Vai, Daisy — Max falou baixinho. — Você consegue.

Ela mergulhou o puçá dentro d'água o mais rápido que pôde. Os peixes sumiram.

— Que droga — disse ela ao se deixar cair sentada no barco. — Foi o mais próximo que já estive de pegar um peixe.

— Olhem, eles voltaram — anunciou Max. — Agora são três.

Daisy não pensou duas vezes e mergulhou o puçá na água.

— Peguei um deles, pai, olhe! Eu peguei um peixe! — mostrou Daisy erguendo o puçá onde o peixe prateado se contorcia e se agitava.

— Fantástico, Daisy — ele disse. — Muito bem. Agora vamos colocá-lo na cesta aqui...

— Uma truta! Daisy pegou uma truta! — Max pulava de alegria.

— Calma, rapaz — o pai alertou. — Não queremos virar o...

— Pai! — Daisy deixou o peixe escapar do puçá. Ela se esforçava para recapturá-lo.

É esse, claro, foi seu erro fatal. Ela sentiu a canoa balançar para um lado e não pôde fazer nada para evitar o pior. Ela mergulhou de cabeça e os braços dela pareciam dois cataventos. O choque da água fria e o colete salva-vidas a trouxeram imediatamente para a superfície, irritada.

Mas ela não gritou. Emergiu bem a tempo de ver o irmão falhar e o pai tentar salvá-lo e cair também. Os dois caíram provocando uma pequena onda no lago, e logo se formou um arco-íris quando a luz do sol bateu neles.

— Merda — disse o pai. — Merda, esta água está gelada.

— Você disse merda — Max chamou sua atenção, seus lábios já ficando roxos.

— Duas vezes — o pai o corrigiu. Ele nadou até a canoa, segurou o puçá, as toalhas encharcadas e dois remos que flutuavam no lago. Havia água no fundo do barco, mas não havia risco de afundar.

Max inclinou a cabeça para trás se apoiando na boia salva-vidas e olhou para o céu.

— Estou congelando! — disse rindo. — Congelando! Agora, sim, sinto minha cabeça oca.

Daisy tremia, mas, ao nadar atrás das suas sandálias de dedo, ela descobriu como era gostosa a sensação de se sentir leve e boiar. Se ela se movimentasse, a água não

pareceria estar tão fria. Daisy, o irmão e o pai brincaram de pegar dentro d'água. Simularam que um afogava o outro, e gritavam e riam, e com toda certeza afogentaram todos os peixes do lago. Passado algum tempo, os dentes de Max batiam tanto que ele mal conseguia falar, então decidiram voltar para o barco.

Fácil falar, mas difícil de executar. Não puderam voltar para o barco. Ela e o pai deram um jeito de suspender Max e colocá-lo dentro do barco, mas eles não conseguiam subir sem virar o barco novamente. Foi a coisa mais maluca, e logo estavam rindo da situação e Daisy sentiu seus braços moles e inúteis. Então, eles desistiram e puxaram o barco até a margem mais próxima, de uma mata fechada de arbustos e capim alto. A essa altura todos três tremiam de frio.

— Vou fazer uma fogueira — disse o pai. — Podemos nos esquentar um pouco e depois remamos de volta.

— Uma fogueira. Posso saber como? — quis saber Daisy.

O pai deles os surpreendeu. Na verdade, ele os deixou pasmos. Quem diria que ele fosse capaz de acender um fogo com um cordão de sapato, dois pequenos galhos e um pouco de capim seco? De alguma forma, ele montou um aparato com tanta rapidez que um puxão forte no cordão fazia uma fricção rápida até provocar faíscas nos galhos. Depois de repetir o procedimento várias vezes, o capim pegou fogo e eles cuidadosamente trataram de alimentá-lo até poder acender a fogueira que já haviam preparado. Finalmente, tinham uma bela fogueira junto ao lago. Em pouco tempo já estavam aquecidos e fizeram um pequeno lanche com um pacote de salgadinhos e umas uvas que conseguiram salvar. Depois de secos e alimentados, eles entraram no barco e remaram de volta.

Quando finalmente chegaram, os três estavam cansados de tanto exercício e de tanto cantar músicas conhecidas com versos inventados. Daisy sentia-se purificada pela água limpa do lago e sua pele estava levemente bronzeada pelo sol.

Prenderam a canoa e estavam trazendo todos os apetrechos de pescaria para guardar quando encontraram Olivia.

— Tiveram sorte na pescaria? — perguntou ela.

Os três se entreolharam e depois caíram na gargalhada.

Naquela noite, Max praticamente dormiu em cima do prato de macarrão com queijo, e o pai o carregou para a cama. Daisy foi até a biblioteca do prédio principal, uma sala aconchegante, com bancos embutidos, recantos para leitura e móveis rústicos, feitos com galhos de árvores. As prateleiras estavam abarrotadas de livros sobre todos os assuntos: romances com nomes estranhos como *O ovo e eu*, guias da vida selvagem e o que parecia ser a coleção completa dos livros do dr. Seuss. Ela pegou um livro e foi atrás do pai e do irmão. O chalé estava uma bagunça e os dois já estavam deitados na mesma cama, então ela se acomodou ao lado de Max e entregou o livro para o pai.

— Acho melhor começar com uma história curtinha — ela disse.

O pai acendeu a luz, abriu o livro *Tonho choca o ovo* e leu com tanta eficiência que Daisy ficou para ouvir.

— Eu disse o que quis dizer e quis dizer o que disse. — O pai leu com um tom de voz grave. — O elefante é totalmente fiel.

Capítulo 13

— **A**final o que existe entre você e Olivia? — perguntou Connor a Freddy Delgado. Achou que precisava perguntar, e agora talvez fosse o melhor momento. Estavam reconstruindo o mirante e conseguindo trabalhar juntos sem se engalfinharem.

Havia algo entre Freddy e Olivia, mas Connor não sabia exatamente do que se tratava. Desde o dia em que a teve nos braços e quase a beijou, nada mais havia acontecido entre eles. Será que desejava que acontecesse? Mas ele não sabia. A única coisa da qual tinha certeza era de que queria beijá-la, certamente.

Quanto a Olivia, ou ela o estava evitando, ou estava de fato muito atarefada.

Freddy marcou numa madeira a medida de quatro por quatro com um lápis de carpinteiro.

— O que existe entre nós dois?

— Exatamente, foi o que perguntei. — Connor falou com a boca cheia de pregos.

— Por que quer saber? — Sua expressão era de pura desconfiança quando colocou o lápis na mesa. Encaminhou-se até a grande caixa de isopor vermelha e branca e tirou de lá duas garrafas.

— Queria saber se vocês têm algum envolvimento. Porque, se for o caso, vou respeitá-lo.

— E se não tivermos? — Freddy quis saber ao lhe entregar uma das garrafas.

— Então terei outras opções. — Era uma água de um cidadão urbano, dentro de uma garrafa azul-cobalto em formato de gota. Ele tomou um grande gole e depois fez uma careta, pego de surpresa pela carbonatação. — Que porcaria é essa?

— Isso é Tynant, água mineral do País de Gales — disse Freddy, como se fosse um produto popular no mundo inteiro. — Olivia é minha melhor amiga, e isso é tudo que posso lhe dizer. Ela tem enfrentado alguns problemas, o que faz com que eu me sinta muito mal, pois deveria tê-la protegido contra isso.

— Que tipo de problemas? — Connor quis saber.

Freddy lançou-lhe um olhar ameaçador.

— Do tipo contra o qual não posso protegê-la.

Olivia estava no deque do prédio principal, olhando para a ilha no meio do lago e observando Connor Davis trabalhar no mirante. Estava cheia de coisas para fazer durante a tarde, mas não conseguia parar de pensar naquele beijo. O beijo que não aconteceu. O beijo que Freddy interrompeu e que Connor não se preocupou em tentar de novo, mesmo surgindo várias oportunidades para fazê-lo. Tudo levava a crer que ele se arrependera. Não o culpava. Quando o arrastou até o local onde o pai dele vivera, deve ter imaginado que o fizera para torturá-lo. Mesmo assim, ainda podia ouvir a pergunta que ele lhe fizera: *Você nunca pensa em nós, Lolly?*

Não mais do que penso em qualquer outra coisa que tenha acontecido nove anos atrás, ela respondera. Que grande mentira. Aquelas palavras deviam ter sujado sua boca.

— Sobre o que eles devem estar conversando? — Dare perguntou para Olivia quando se aproximou e viu para onde ela olhava. — Parece que estão apenas conversando e não brigando, como fazem sempre.

— Quem sabe? Pelo menos o mirante de vovó está tomando forma — disse Olivia.

Resolveram remar até a ilha para levar um almoço para eles. Dare preparava umas comidinhas incríveis para piqueniques. Sanduíches, uvas verdes, brownies e limonada. Tudo que ela fazia era de uma elegância peculiar, uma característica sua desde o berço. A cozinha do acampamento dispunha de uma coleção de cestas para piquenique e ela escolheu uma bem tradicional de vime revestida de um pano xadrez. Chegaram à ilha bem na hora em que Freddy tirava a camisa. Dare soltou um suspiro de desejo.

— Na certa, nos viu chegar e fez isso de propósito — disse Olivia, que conhecia bem a vaidade de Freddy. O que lhe faltava em altura ele compensava em forma física, e seus braços e abdome eram cuidadosamente esculpidos por uma rotina diária com uma dose exagerada de exercícios.

Ao se aproximarem, Freddy limpou o peito e as axilas com a camisa.

— Acho que me enganei — Olivia corrigiu com alguma aversão.

Ele sacudiu a camisa e depois a estendeu numa árvore.

— De jeito nenhum — ratificou Dare.

Olivia observou a prima, pensativa. Dare parecia bem interessada em Freddy. Já ia comentar isso quando apareceu Connor com uma pilha de tábuas nos ombros.

Nesse momento, ela soltou seu próprio suspiro de desejo.

Dare jogou uma corda para amarrar no cais.

— Quer dizer que depois de tantos anos você ainda tem uma queda por ele?

Depois do que ele fez a você? — a prima perguntou.

— Hoje sou outra pessoa. Sempre desejei ter lidado com a situação de forma diferente naquele verão.

— Então, agora é sua chance de repetir a história. Poucas pessoas têm essa chance.

Freddy avistou as duas vindo do cais. Quando viu a cesta de piquenique nas mãos de Dare, ele fez um gesto como se agarrasse o coração.

— Acho que estou apaixonado.

— Um homem que se satisfaz com coisas simples — observou Dare.

— Simples e poucas. Uma refeição apetitosa e uma mulher desejada com ardor. Isso basta para mim.

— Então, hoje é seu dia de sorte. Lave suas mãos e vista a camisa.

Olivia sentiu o olhar de Connor sobre si enquanto observava a prima paquerando Freddy. Pegou duas garrafas de limonada gelada e lhe entregou uma.

— Está bem adiantado o serviço aqui — disse.

— Vou lhe mostrar. Cuidado com o degrau. — Connor estendeu a mão, o que a fez se lembrar de uma cena do passado quando, todo bem-vestido, ele a tirou para dançar. Olivia piscou e a imagem se desfez, trazendo-a de volta para o presente. Este era o Connor Davis do aqui e agora, em jeans e camiseta, um lenço grande saindo do bolso de trás da calça.

Olivia ficou olhando para a mão dele estendida, com medo de tocá-la e se derreter toda. Ela já estava a meio caminho disso.

Colocou a mão na dele e aconteceu exatamente como no dia em que ele a tomou nos braços. Um calor peculiar dominou todo o seu corpo. Não era algo em que ela confiasse ou quisesse, nem podia negar.

Ele a puxou para a plataforma octogonal que ele e Freddy tinham construído e ela inclinou a cabeça para trás para ver a parte aberta do telhado.

— Eu me sinto como a Gata Borracheira no baile.

— Certo. E eu sou o Príncipe Encantado.

— Uma mulher pode ter suas fantasias.

Ele soltou-lhe a mão.

— Pode estar certa disso.

Ela se apoiou na grade do mirante e sentiu o cheiro da madeira. De olhos baixos, falou:

— Eles devem ter se casado num dia como o de hoje. Meu avô disse que era um lindo dia de verão.

Havia uma foto dos avós, em preto e branco, presa ao poste. Jovens e apaixonados, no dia do casamento, sob o mirante original. A nova estrutura parecia ser uma réplica perfeita.

Connor enganou-se com sua expressão.

- Não se preocupe. É apenas uma cópia.
- Foi você quem colocou a foto aqui?
- Isso a surpreende?
- É que... sim.
- Bem, coloquei. Que cara é essa?
- Nada. Você se tornou legal, Connor. Isso me surpreende também.
- E você se tornou... sensual. O que não me surpreendeu nem um pouco.
- Você nem me reconheceu quando me viu pela primeira vez.
- Você estava pendurada no mastro da bandeira. Não reconheceria minha própria mãe em tais circunstâncias.

Ela sentiu que se abria com ele, que confiava nele. Não era um progresso e tanto? Por algum motivo, ela nutria uma confiança razoável em Connor Davis.

Ela analisou a fotografia. Os rostos e olhos dos dois estavam cheios de alegria. O avô todo orgulhoso em seu smoking e a avó absolutamente feliz. Os amigos, reunidos em torno, estavam tão impecáveis em suas roupas bem cortadas que parecia uma caricatura. Ambos os avós eram mais jovens do que Olivia hoje. Mesmo que a foto fosse visivelmente posada, eles tinham um ar de inocência e pureza nos rostos que a emocionou. Esse deve ser um momento mágico de felicidade e esperança para um casal, principalmente quando se sabe ter encontrado a pessoa com quem quer se passar o resto da vida.

Eles eram jovens e muito apaixonados. Não havia nenhum sinal do sofrimento que enfrentaram com a família de vovô, que se opusera ao casamento. Também não havia prenúncio da vida que esperava por eles, os tempos bons e os maus. O Vietnã e a Crise do Petróleo, a prosperidade inimaginável e a tragédia insuportável. No momento em que a fotografia foi feita, havia somente a alegria inocente de embarcarem juntos na aventura de uma vida inteira.

Olivia reconheceu seus outros avós na foto também. Samuel Lightsey era o padrinho do casamento. Alguns anos depois de feita aquela foto, ele se casou com a namorada, sua avó Gwen.

— Quero que a festa das bodas de ouro seja tão perfeita quanto foi o dia do casamento deles — disse Olivia com um sorriso tristonho.

— Tenho certeza de que você e Dare farão com que seja.

Olivia ficou como que hipnotizada por ele, confiando mais a cada palavra que ele dizia. *Tudo bem*, ela pensou. Respirou fundo e resolveu se abrir com ele.

— Eu fui noiva — disse delicadamente. — Se era isso que estava se perguntando.

— Imagino que não tenha dado certo — respondeu ele sem mudar a expressão do rosto.

— Exatamente.

— Freddy tinha me dito que você estava ferida, mas não entrou em detalhes.

Por que não? Provavelmente, saberia de tudo em algum momento.

— Três vezes — acrescentou ela.

— Não entendi.

— Três vezes. Foi o número de vezes que eu fiquei noiva. Com três caras diferentes. Bem, o último não chegou a ser exatamente meu noivo. Eu, de certa forma... o mandei embora. — E Freddy tinha razão, pois ela *ficara* ferida, e a cada fracasso mais ela se convenciu de que o problema estava nela. Devia possuir um dom especial para escolher o cara errado. Olhou para Connor e tentou adivinhar em que ele pensava, mas não sabia dizer.

— Então? — quis saber.

— Então, o quê?

— Você não vai dizer nada?

— O que quer que eu diga?

— Sei lá. Que tal um “sinto muito”?

— Mas eu não sinto muito.

— Como não?

— Se um desses seus noivados desse certo, você agora estaria casada e eu estaria aqui desejando uma mulher casada.

Olivia ficou surpresa diante de tanta franqueza.

— Você está me desejando?

— E não é óbvio?

— E quem usa esse termo *desejo*, hoje em dia?

— Em geral, uma pessoa que esteja sendo sincera.

— Desejo — ela repetiu, e sentiu a pele esquentar de vergonha. — Pare com isso já.

— Pode deixar — disse Connor, rindo dela. — Não vai acontecer.

— Nunca vai se satisfazer — ela disse.

— Que droga, Lolly, você se ofende por tão pouco! Não quero ficar noivo. Só pensei que talvez quisesse ser minha namorada durante o verão.

A vontade de dar uma resposta à altura reverberou dentro dela, mas Olivia se conteve.

— Que grande negócio — Olivia soltou, sarcástica.

— Será que isso foi um não?

— Um não com um ene maiúsculo. Meu Deus, Connor, por que eu desejaria ser sua namorada?

— Então poderíamos sair por aí, nos divertir, fazer amor em qualquer lugar e mais alguma coisa.

Olivia quase engasgou com a limonada.

— Você está bem? — Ele bateu nas costas dela e ela balançou a cabeça sem poder falar. — Foi alguma coisa que eu disse?

— Os homens não costumam falar comigo assim.

- Acho que o problema todo está aí. Não foi à toa que você despachou os três.
- Você está concluindo que fui eu quem os despachou.
- Não tem importância. O bom disso tudo é que eles se foram.

Mesmo relutante, ela teve que concordar com Connor. Por mais que achasse Rand perfeito, na verdade, ela nem estava sentindo sua falta. Ela esperou a hora certa para telefonar, só para ouvir a voz dele na secretária eletrônica, quando não aguentasse mais de saudade, mas esse momento nunca chegou. Ela não estava sofrendo por ele, nem saudosa, ou querendo que eles se tornassem amigos. Esse não era um bom sinal para Olivia. Pois significava que ela não conhecia o próprio coração. O único homem por quem ela já tinha ansiado na vida era...

Connor lhe ofereceu uma bandana.

- Está limpa — disse. — Seque seu rosto.

Capítulo 14

Os momentos mais inquietantes do dia para Olivia ocorriam nas horas tardias das noites quentes de verão. Quase sempre, todos trabalhavam até a exaustão e, por isso, se deitavam cedo, com exceção de Olivia. Normalmente, ela não tinha dificuldade para dormir, mas no Kioga custava a pegar no sono. Sua mente não parava de trabalhar. E não era só pelas perguntas sem respostas quanto a Jenny Majesky, nem pelo desafio do trabalho que assumira, mas pelas suas lembranças. Resolveu pensar nelas caminhando do lado de fora da casa. E suas lembranças cintilavam nas estrelas, tão numerosas que enchiam o céu escuro de brilho. Saindo da bruma, uma lasca fina e branca da lua cortava como um arco a superfície negra do lago.

Uma brisa ondulou as águas do lago, fazendo Olivia estremecer e fechar mais a jaqueta jeans. Por morar sempre na cidade, ela se esquecera de que havia lugares como aquele, onde se podia ficar sozinha com os pensamentos rodopiando na mente como se fosse um grito estridente. Parecia estranho ouvir apenas o coaxar dos sapos e o som do vento farfalhando nas árvores. Estranho e talvez um pouco agourento.

Ela devia ir se deitar. O dia seguinte seria de muito trabalho. Connor Davis chegaria de manhã bem cedo com os orçamentos para os serviços de bombeiros e eletricitas. Uma reunião de trabalho, ela se convenceu. Seria apenas uma reunião de trabalho. No entanto, mentalmente ela já escolhia que roupa deveria vestir. Como era patética!

Connor Davis. Por que será que ela se lembrava de todos os toques e de todos os beijos que haviam trocado, anos atrás? Por que será que ainda sentia perfeitamente a pressão dos lábios dele nos dela, seu gosto, a batida do seu coração quando se abraçavam? Isso era loucura. A vida lhe dera tanta coisa boa quando veio ao Kioga já crescida e depois lhe tirou tudo. Por que será que ela ainda se sentia presa àquele momento com ele?

Porque, quando ele a pegou nos braços naquele dia na pista de dança, todos os

sentimentos voltaram imediatamente.

Olivia suspirou e se encaminhou para o refeitório, que agora se tornara o centro de comando do projeto. Seria melhor tratar de trabalhar já que dormir era impossível. Acendeu a luz e se concentrou nos esboços e planos abertos sobre as mesas e afixados na parede. Pensou em fazer um chá para analisar melhor os planos.

Estava analisando os projetos do seu tio para o jardim quando um barulho alto a tirou dos seus devaneios. Em menos de um segundo identificou que o barulho vinha de uma motocicleta. *Nossa*, pensou, mal se contendo de alegria ao se dirigir à porta para esperá-lo. Olhou para o relógio: 22h30! O que será que tinha acontecido?

Ele foi até a entrada principal, desligou o motor, as luzes, e colocou a moto no descanso.

— Espero não tê-la acordado — disse ao tirar o capacete.

— Eu estava acordada. — Tonta, ela o acompanhou para dentro de casa. Ele cheirava a couro curtido e vento, e suas botas faziam um ruído surdo sobre o piso ao caminhar pelo refeitório. Ele tirou as luvas e dobrou os dedos seguidamente.

— A noite está mais fria do que eu pensava — disse. — Quase congelei ao subir até aqui.

— Sinto muito — respondeu ela, se sentindo estranha.

— Planeja colocar um telefone aqui?

— A instalação está programada para a próxima semana.

— Que bom. Não é nada agradável dirigir 16 km morro acima cada vez que preciso falar com você.

— Você precisa falar comigo? Qual é o problema? — Olivia se sentou no banco.

— Acabei de saber que vou receber uma visita inesperada para o verão. — Ele se sentou ao seu lado e juntou os dedos das mãos. — Meu irmão, Julian.

— Jura? Eu me lembro de Julian. — Era o meio-irmão de Connor. Eles cresceram longe um do outro, Connor, com a mãe deles, em Buffalo, e Julian Gastineaux, ela ainda se lembrava daquele nome, com seu pai em Nova Orleans. — Que legal — ela disse. — Não é mesmo?

— Quem sabe? Afinal de contas, estamos falando de Julian.

Olivia se lembrava de que ele era cerca de dez anos mais novo que o irmão, e que tinha sido acampante do Kioga em 1997, no mesmo verão em que ela e Connor foram monitores.

— Lembro-me de que era uma criança hiperativa — disse.

— Julian está com 17 anos e acabou de cursar a primeira série do ensino médio. O pai dele morreu alguns anos atrás. Ele mora com a mamãe na Califórnia agora, desde que ela se divorciou de Mel.

Para Olivia, a ideia de perder o pai era inadmissível, ela não sobreviveria.

— Como ele está?

— Foi duro para ele perder o pai, e ainda é superagitado.

— Então, ele vem visitá-lo.

— Vem passar o verão todo comigo. Vai trabalhar para mim.

— Que bom. Tenho certeza de que o manteremos bem ocupado com este projeto.

— É uma determinação do juiz — completou Connor.

— Não entendi.

— Julian está sempre se envolvendo em problemas. Depois da última confusão, o Juizado de Menores lhe deu duas opções: ou ele passava um tempo na casa de correção ou deveria mudar de ambiente durante o período do verão. Isto aqui é bem diferente de Chino, na Califórnia.

Ela não o imaginava acolhendo um garoto cheio de problemas, mesmo sendo um irmão que mal conhecesse. Era muita responsabilidade.

— Que legal da sua parte.

— Bem, é que eu sou um cara legal.

— Sempre foi. — E ela quase acrescentou *Até você me humilhar e me abandonar*, mas desistiu.

— Da Califórnia até Nova York ele vem num voo noturno, depois pega um trem até Avalon, onde vou apanhá-lo.

— Claro — ela disse.

— Não podia prever que isso fosse acontecer. — Ele parecia aborrecido.

— Como poderia? Em que tipo de problema ele se meteu? Se não se importa em falar.

— Você tem tempo para me ouvir? — Ele sorriu.

— Tenho a noite toda. Não temos tevê no Kioga, lembra? — Ela se encolheu sentindo um frio repentino.

— Vou acender a lareira.

Agora ela estava intrigada. E pela primeira vez na vida estava feliz por não ter telefone. Se ele pudesse telefonar, não estaria com ela, acendendo a lareira e aproximando duas poltronas para perto do calor. O ato de acender uma lareira para uma mulher tinha algo de sensual. Talvez remetesse aos tempos da caverna. Olivia sentia uma atração especial por homens que acendiam fogueira para ela.

A madeira seca pegou fogo rapidamente, as chamas e as centelhas logo iniciaram sua dança em direção à chaminé. Ela reparou no jogo de luzes sobre os ombros de Connor e procurou ver seu rosto oculto pelas sombras.

Olivia tinha que admitir que sentia alguma coisa por Connor Davis. De novo. Ou ainda. E isso não era bom. Deveria se manter distante, mostrando-lhe o que havia perdido ao abandoná-la anos atrás.

— Você está bem? — Ele a olhava com uma expressão estranha.

Olivia percebeu que ele a pegara distraída, olhando fixamente para ele, e tentou disfarçar.

— Então, ficou de me contar sobre o seu irmão.

— Exatamente. — Ele tirou a carteira do bolso, que ficara com o formato curvo do seu corpo e Olivia não pôde deixar de reparar. Connor lhe entregou uma fotografia. — Esta é a foto da escola, no ano passado.

Julian Gastineaux tinha se tornado um rapaz dos mais atraentes que ela já vira. O rosto era perfeitamente simétrico e o sorriso, encantador. Afro-americano, sua pele tinha cor de café com leite, os olhos escuros com pestanas longas e espessas e o cabelo no estilo rastafári.

— Ele é lindo — disse Olivia. — Parece um anjo.

Connor puxou um pedaço de papel dobrado de sua jaqueta e o abriu, apoiando-o no próprio joelho.

— Ele foi autuado por andar de skate na rampa em espiral de um estacionamento, o que na verdade me parece bem divertido, tirando o fato de ter batido num carro que vinha em sentido contrário e ter sido jogado para o alto.

— Ele se machucou?

— Não. Mas em compensação arranhou o carro, que era um luxuoso Lexus, último modelo, além de deixar o motorista apavorado. Foi condenado a pagar o prejuízo, por isso teve que trabalhar de salva-vidas.

— Ótimo.

— Mas foi despedido quando descobriram que ele estava mergulhando da plataforma de dez metros de altura.

— Pensei que esse fosse o objetivo de uma plataforma.

— Só que ele fazia à noite, depois do horário.

— É, talvez não fosse uma boa ideia. E o que mais?

Ele leu uma série de aventuras assustadoras, cada uma mais perigosa do que a outra. Julian tinha tomado “emprestado” um equipamento de asa-delta e pulou do penhasco de Sansovino, e ao aterrissar ele deslocou o quadril. Além disso, surfou em ondas de seis metros de altura, saltou de *bungee jumping* de uma ponte, colocou suas iniciais com tinta spray em uma caixa-d’água suspensa e, como para coroar tudo, escondeu uma bicicleta roubada dentro do Museu Histórico.

— Fora o que ele fez e que ninguém ficou sabendo — concluiu Connor. — Quando completar 18 anos, os registros serão apagados, caso ele consiga se comportar bem durante o verão. E é aí que eu entro.

— O juiz acha que ele vai se comportar se passar o verão com você. — Olivia achou que tudo aquilo tinha lógica.

— Para ser bem sincero, acho que o juiz está querendo evitar que minha mãe o expulse de casa. — Ele gesticulou para o alto com o papel na mão e depois o jogou no fogo. — De qualquer jeito, parece que os meus planos para o verão foram alterados. E você precisa tomar uma decisão.

— Sobre o quê?

— Sobre o meu trabalho.

— Você acha que consegue lidar com as duas coisas ao mesmo tempo?

— Vou ter que fazê-lo.

— Então, não tenho nada para decidir. Ele vai adorar isto aqui, com toda certeza.

— Acho melhor pensar bem sobre isso. O garoto tem tara por esportes radicais.

— Ele vai gostar daqui. E caso ele se meta em encrenca, bem, nós fizemos seguro de responsabilidade.

Connor estava abismado, como se não esperasse tanta compreensão.

— Obrigado pelo apoio. Estarei de volta amanhã, logo que pegar Julian na estação de trem. — E fez uma carranca.

— O que foi agora?

— Estou aqui pensando onde vou acomodá-lo.

— Por quê? Não vai ficar com você?

— Vou ter que alugar algum lugar para nós dois na cidade, porque não tenho espaço para ele. Minha casa é do tipo minúscula.

— Sua casa?

— Fica na estrada à beira do rio, entre o ateliê de arte em vidros e a fazenda Windy Ridge.

Agora ela já sabia exatamente onde ele morava. Era em um terreno junto ao rio, num prado alto e ensolarado, cercado de bordos e vidoeiros. Um trailer pequenino no meio do mato.

— É ali que você mora?

— Hã-hã.

Ela tentou não parecer surpresa, mas falhou.

— Seu irmão pode ficar aqui. Temos espaço de sobra. Alojamentos, cabanas e uma fileira de chalés.

— Obrigado, mas ele vai precisar ser supervisionado de perto.

— Você também pode ficar. — Ela tentou agir como se fosse um simples acerto funcional. Na verdade, estava tentando mantê-lo o mais perto possível do Kioga sem precisar se deslocar morro acima pela manhã e morro abaixo todo dia ao pôr do sol. — É a solução ideal — disse ela. — Você estará aqui todos os dias trabalhando e assim vai evitar ter de se deslocar de um lado para o outro. — *Nossa, Olivia, essa foi fácil. Muito fácil.*

— Esta é a propriedade da sua família — ele disse. — Não é obrigada a arranjar acomodações para quem ajuda você.

Olivia reconheceu o olhar dele. Era o mesmo de quando ele era garoto e as pessoas se referiam ao pai dele. Terry Davis costumava ser esse tipo de “ajuda”.

— Do jeito como fala, parece que não está gostando da minha proposta.

Ele se recostou na cadeira, esticou as pernas na direção da lareira e cruzou os pés. O ambiente foi tomado por um silêncio constrangedor. Cada vez que o fogo estalava parecia um tiro de revólver.

— Acho que não, Lolly — Connor finalmente respondeu, mas sua voz deixava transparecer uma dose de divertimento. — É que olhar é esse?

— Eu não estava olhando para você.

— Estava sim.

De fato, ela estava, e ele viu.

— Poderia ter dito a sua mãe que não podia — disse ela. — Não tem obrigação de tomar conta do seu irmão durante o verão. Sabe o que eu acho? Acho que esse seu jeito de durão é só uma fachada.

— Fachada para esconder o quê?

— Seu coração mole.

— Ah, certamente que sim.

E ele era mesmo, pensou ela, mesmo que morresse antes de admiti-lo. Ela sempre notou que ele podia perceber muito bem quando alguém estava sofrendo.

— Julian é da mesma idade que Daisy — disse Olivia, tentando convencê-lo a aceitar sua oferta. — Poderiam fazer companhia um ao outro, assim nenhum dos dois ficaria aborrecido aqui. Ficariam ocupados com todas as atividades normais de um acampamento de férias, igualzinho como no nosso tempo.

— É exatamente disso que tenho medo.

— Mas nós sobrevivemos, não? E os garotos de hoje são bem mais sofisticados do que nós éramos. Se você ficar em um chalé com Julian, poderá controlá-lo direitinho. Então, aceita minha oferta?

Ele a fitou por um longo tempo. O olhar dele parecia estar pousado na sua boca e depois nos seus olhos. Ela já havia esquecido os seus momentos de silêncio, a maneira como parecia estudá-la, como se ele se preocupasse com ela. Olivia sentiu um calor no pescoço e nas bochechas.

— Acho que sim, Lolly — disse ele. — Eu aceito.

Meu Deus. O que foi que eu fiz?

— Agora é você que está olhando para mim.

— Ah! Desculpe-me.

Ele se encaminhou para ir embora.

— Connor?

Ele se virou.

— Por acaso... — Ela pigarreou. — Tenho a mesma pergunta para lhe fazer. Você nunca pensa em nós?

— Não. — Ele deu de ombros. — As coisas acontecem. Mas a vida passa. Há muito tempo não penso nisso.

Tudo bem. Ela pediu por isso. Tentou disfarçar, mas não sabia para onde olhar.

— Mas estou pensando nisso agora — disse Connor ao tocar no ombro dela.

Capítulo 15

Connor não contou nem a metade da história para Olivia. Desde o dia em que ele a viu no mastro da bandeira, ficara intrigado. À medida que passava o tempo, ele era consumido pelas lembranças do passado, as boas e as ruins, de todos os momentos com ela.

Ele não sabia por que era tão cauteloso com aquela mulher. Poderia ter lhe explicado a razão de ter um trailer e uma moto. Talvez até pudesse explicar por que a fizera sofrer tantos anos atrás. Mas não, por algum motivo ele achou que era melhor que ela pensasse que ele era um canalha, um aventureiro que morava num trailer. Talvez dessa forma não se apaixonasse por ele. Porque, mesmo que ainda tivesse sonhos proibidos e sensuais com ela, Connor sabia que suas chances hoje não eram maiores do que quando eram jovens.

Na noite anterior, ele quis explicar tudo, mas achou que seria emoção demais. Talvez até obsessiva.

Não fazia sentido discutir os motivos da separação deles tantos anos atrás. Com apenas 17 e 18 anos, eles tinham acabado de completar o ensino médio. Ela estava infeliz e ele apavorado por ter de enfrentar tanta responsabilidade. Não era o momento ideal para iniciar um relacionamento. Mesmo assim, não foi esse o motivo para o rompimento.

Nos últimos nove anos, ela passou por uma mudança radical. Sua aparência, seu cabelo, sua atitude, até o nome ela mudou. Simplesmente, não era mais aquela Lolly. A Lolly de quem ele se lembrava poderia ser fruto da sua imaginação: tímida, envergonhada, uma sonhadora que queria se tornar professora. Uma menina de bom coração e a única pessoa no mundo que o amou.

Connor consultou seu celular, pela enésima vez, que mostrava ser 11h15. Não havia nenhuma mensagem, também. *O que já era um bom sinal*, ele pensou, enquanto guardava o celular no bolso da camisa. Segundo a programação, Julian viria no trem

das 11h30.

Connor ficou imaginando o que Julian acharia de Avalon. A cidade poderia ser uma substituta para Mayberry, povoada de gente simpática, ex-hippies, ativistas ecológicos convictos, artistas e poetas. Connor nunca planejou viver em Avalon, um lugar onde as pessoas não se preocupavam em trancar as portas à noite. No entanto, quando a vida o colocou à beira do desastre, o que o salvou foi sua ligação com o lugarejo, e, principalmente, com a família Bellamy.

Rourke McKnight, o delegado de Avalon, apareceu na estação de trem. Connor sabia que ele estava de folga porque exibia seus dois acessórios preferidos para a ocasião: uma mulher, que parecia uma modelo de lingerie, e seus óculos escuros, para esconder os excessos da noite anterior. Ao vê-lo, ele acenou de longe, e Connor fez um cumprimento de cabeça.

A modelo de lingerie disse alguma coisa no ouvido de Rourke e se encaminhou para o banheiro. Connor achou que seria uma boa oportunidade para conversar com Rourke sobre Julian.

— Olá, Rourke.

— Connor — ele disse ao se cumprimentarem.

— Tem um minuto? — perguntou Connor.

— Claro — disse ele ao apontar para a gare da estação. — Você conhece as mulheres e suas manias de se arrumar.

Na verdade, não, mas Connor fez sinal que sim. Rourke era conhecido por trocar constantemente de namorada. Eram lindas, invariavelmente, e sempre voltavam logo para a cidade, para nunca mais voltar. Os mais desocupados achavam que seu comportamento não era condizente com um delegado, mas a maioria dos habitantes da cidade acreditava que, se não fosse ilegal, o que fazia durante sua folga não era problema deles.

— Queria lhe avisar que meu irmão mais moço vem passar o verão aqui comigo — explicou Connor. — São problemas de família. Nós dois vamos ficar hospedados no Kioga, onde vamos trabalhar.

— Tudo bem.

— Ele está vindo por ordem do juiz — acrescentou Connor. — Está com 17 anos e cometeu alguns delitos na Califórnia.

— O que houve? Você perdeu alguma aposta? — Rourke abriu um sorriso.

— Mais ou menos isso. De qualquer maneira, o nome dele é Julian Gastineaux, e ele deve estar chegando no próximo trem.

— Vou me lembrar. — Assim, McKnight retirou os óculos escuros e olhou bem para Connor. — Se precisar de ajuda, me avise.

— Obrigado. — Eles se cumprimentaram novamente e ficou claro que haviam se entendido. Quase todos na cidade, inclusive Rourke McKnight, sabiam que Connor fora preso por um período. Mas ninguém sabia o que isso provocara em Connor Davis.

Desde que a mãe determinara que ele devia ficar com Julian durante o verão, Connor pôs na cabeça que seu irmão nunca passaria pela mesma experiência que ele havia vivido.

Desde a primeira vez em que Julian foi morar com a mãe deles, Connor já desejava que o irmão tivesse melhor sorte do que a sua. A julgar pela atual situação, tudo levava a crer que ele também não teve sorte com a mãe. Connor estava determinado a convencê-lo de que o problema não era dele. Não era ele quem tinha que fazer a mãe amá-lo. Connor sofreu por muito tempo até se dar conta disso.

A namorada de Rourke apareceu e ele recolocou os óculos escuros.

— Vejo você por aí, Connor.

— Pode apostar. — Ele fez um aceno de cabeça para a mulher e se afastou.

O trem que ia para o sul chegou e a atriz de filme pornô deu um beijo demorado em Rourke e depois embarcou. Em seguida, o celular de Connor tocou. Antes de atender ele conferiu a tela para ver quem estava ligando.

— Mãe. Estava pensando em você.

— Por acaso ele já chegou?

— O trem dele deve chegar a qualquer momento. — Connor observou o trem para o sul desaparecer pela fresta entre as montanhas que tocavam o céu. Ele tentou imaginar a paisagem que ela normalmente via em Chino, Califórnia, para onde se mudara depois que Mel a abandonou. Autoestradas, currais de gado e shoppings.

— Você tem certeza que ele está nesse trem?

— Por quê? Você não tem? — Connor estava intrigado. Será que, repentinamente, ela estava tendo uma crise de preocupação materna? — O que está acontecendo?

Depois de uma pequena pausa, ela respondeu:

— Às vezes ele foge — disse ela calmamente.

— Ótimo. Obrigado por me avisar. — Connor estava tenso. Provavelmente, ela teria que pagar uma multa pesada se Julian fugisse. Connor não sabia se estava mais chateado pelo fato de a mãe tentar manipulá-lo para cuidar do irmão durante o verão ou por ele ter cedido. — O que mais está me escondendo, mãe? — perguntou ele.

— Meu Deus, Connor, não estou escondendo nada de você. Só estou querendo me certificar de que ele chegou bem.

— Certo.

— Ouça, se achava que era muita responsabilidade para você, devia ter me dito antes. Fiquei sem dinheiro depois de pagar uma passagem para ele em cima da hora.

— Como pode uma simples passagem de avião deixá-la sem dinheiro? — Ficou se perguntando se ela teria dado dinheiro suficiente para ele pagar a passagem de trem.

— Tive que pagar a passagem à vista, sem desconto.

Sua mãe tinha 55 anos de idade. Era de se esperar que tivesse dinheiro suficiente para pagar uma passagem de avião de Los Angeles até Nova York sem ficar dura. No entanto, ela nunca tinha dinheiro. Possuía a mesma compulsão por fazer compras que

seu pai tinha pela bebida.

— Vamos combinar o seguinte — disse Connor. — Assim que chegar, ele lhe telefona. E caso ele não chegue, eu mesmo ligo.

Houve uma longa pausa. E o silêncio demorado já lhe serviu de alerta.

— O que mais está me escondendo, mãe?

Ele ouviu a mãe dar um sofrido suspiro do outro lado da linha antes de responder.

— Bem, é que eu não disse ao seu irmão por quanto tempo ele ia ficar com você.

— O que você disse a ele? — Connor não precisava ter perguntado, pois conhecia bem a mãe para saber que ela mentira para induzir Julian a fazer o que ela queria. Ela sempre agia assim.

Ele nem ouviu direito sua longa justificativa ao telefone. Só entendeu que dissera a Julian que ficaria por uma ou duas semanas e que, se ele não cooperasse, ela iria à bancarrota e ele seria preso.

Connor já ouvira esta história inúmeras vezes, ou diferentes versões do mesmo tema. Ele desligou o celular para prestar atenção no trem que chegava. Vários passageiros desembarcaram, entre eles uma freira com sua pequena valise, uma professora local, um executivo e uma família de turistas que se encaminhou direto para o balcão de aluguel de carros.

É só isso. Ninguém mais.

Connor andou de um lado para o outro da plataforma. Um condutor estava pendurado na porta, olhando para os lados e pronto para tocar o apito e avisar a partida do trem.

Nem sinal de Julian. Connor estava praguejando baixinho e ao mesmo tempo gesticulava para o condutor esperar mais um pouco.

Nesse exato momento, um adolescente alto, magro e de cabelo rastafári desceu do trem. *Julian*.

Ele não usou a saída normal para deixar o trem, mas apareceu entre dois vagões, jogando na plataforma, primeiro, um saco pesado de equipamentos e uma mochila, para em seguida ele mesmo pular.

Com o olhar fixo no garoto incrivelmente alto, Connor pegou o celular e ligou para a mãe.

— Mãe, ele chegou. Liguei depois. — Desligou e guardou o telefone no bolso.

— Oi — ele gritou para o irmão. — Estou aqui.

Julian se aprumou, numa atitude defensiva como se temesse um ataque físico. Era a postura de alguém que estava habituado a ser agredido. Alguém que talvez já tivesse passado uma noite na prisão.

A última vez em que se viram, Julian devia ter uns 14 anos, estava entrando na puberdade. Connor tinha ido à Califórnia porque sua mãe, desesperada com a separação, lhe implorara que fosse.

O Julian que viu então tinha um braço quebrado, um sorriso torto e um coração

arrasado, pois acabara de perder o pai.

Três anos depois, Connor se viu diante de um rapaz desconhecido, alto, com um ar tristonho e um pouco hostil.

— Oi — disse Connor, parado a dois metros de distância de Julian.

O irmão fez um movimento brusco com a cabeça para tirar os cachos compridos dos olhos.

— Oi. — Sua voz agora era de homem, assim como a raiva que trazia nos olhos. E tinha mais tatuagens e piercings do que um marinheiro.

— Acabei da falar com mamãe no celular — disse Connor. — Estava preocupada em saber se você tinha chegado.

Julian encolheu os ombros para colocar a mochila do Exército nas costas.

— Mas eu cheguei. Sorte sua.

Eles não se deram as mãos nem se abraçaram como irmãos que não se viam há três anos.

— O carro está ali — falou Connor enquanto apontava para uma caminhonete Dodge, ano 1974. — Jogue suas coisas na parte de trás.

— Que carrão.

— Cale a boca.

O saco de equipamentos fez uma barulheira quando ele o jogou atrás, na mala do carro. Connor ficou imaginando como ele conseguira passar pela segurança do aeroporto com aquilo. Julian manteve a mochila consigo ao entrar no carro e a colocou entre as pernas grandalhonas espalhadas no banco. Abriu o zíper em cima, tirou uma barra de proteína e a devorou em apenas duas mordidas. Connor aproveitou para olhar o conteúdo da mochila e viu algumas roupas e uma quantidade surpreendente de livros. Aquilo devia pesar uma tonelada, mas Julian a carregava como se nada houvesse. Que bom. Ele ia mesmo precisar desse tipo de energia durante o verão.

— Bem, tenho boas e más notícias para você — disse Connor. — A boa é que não terá que passar o verão na casa de correção.

— E qual é a má notícia?

Connor engrenou o carro e deixou a estação para trás.

— A notícia ruim é que você vai passar o verão todo comigo.

Capítulo 16

Para Julian Gastineaux, a vida passou a ter um novo padrão de porcaria no momento em que atravessou os portões do Kioga. *A droga do Kioga, onde o verão é uma chatice total*, pensou, enquanto olhava em volta. Parecia um set de filmagem da Disney, o tipo de lugar que fazia os brancos desandarem a cantar.

Ele já estivera no acampamento uma vez, aos oito anos de idade. Só que naquele tempo ele de fato achou que seria uma aventura e tanto. Tinha acontecido mais ou menos a mesma coisa agora: sua mãe o mandou para lá porque tinha coisas melhores para fazer, e seu pai... Ele pensou um pouco. Seu pai estava num ano sabático, na Itália, ele lembrava bem.

O povo do seu pai, como se referiam a eles, morava numa cidade pobre no sul da Louisiana. Eles ficavam felizes em cuidar de Julian, mas tanto ele quanto o pai não se adaptavam ao lugar. O professor da Universidade de Tulane e seu filho tinham muito pouco em comum com o resto da família Gastineaux, portanto, quando o pai de Julian foi para a Itália, naquele ano, ele deveria ter ficado com a mãe. Mas ela não o quis por lá, como não o queria agora, por isso o Kioga tinha se tornado, temporariamente, sua casa. *A história se repetia*, pensou Julian, só que agora ele estava bem mais contrariado.

Quando criança, ele ficara impressionado com o acampamento de férias. Criado em uma casa velha cheirando a mofo, em Nova Orleans, Julian se lembrava de que sua infância tinha sido repleta de livros amarelados guardados em estantes por toda a casa. Todas as mesas e escrivaninhas estavam cheias de papel, anotações, jornais e qualquer engenhoca high-tech conhecida pelo homem. Essa casa ficava num ponto longínquo de um distrito pouco familiar, com algumas casas geminadas os separando de uma área onde moças não andavam sozinhas à noite e onde o pai o proibira de ir naquelas ocasiões em que Louis Gastineaux se lembrava de que tinha um filho.

Louis, com frequência, se esquecia do filho, pois era um gênio excêntrico. Ele era

um homem bom, um intelectual, de cabelo mal cortado, um nerd que usava óculos com lentes de fundo de garrafa. Tinha a mente brilhante e a personalidade de um bobalhão, para contrastar. A única coisa legal sobre o pai de Julian é que ele era negro, e com corpo de um zagueiro de futebol americano.

Julian costumava fazer de tudo para chamar a atenção do pai, mas nada dava certo. Não adiantava tirar as notas mais altas na escola nem matar aula todo dia. Se tentasse fingir que estava doente ou machucado, acabaria se chateando na cama porque o pai nem notaria.

— Espere só um momento — costumava dizer Louis Gastineaux, com o rosto banhado pelo brilho do monitor do computador. Apesar de seus cálculos científicos serem de uma precisão de relógio suíço, ele não fazia ideia de quanto tempo durava “um momento”. O professor Gastineaux ficava muito mais à vontade no universo do computador do que exercendo a função de pai com todas as rotinas, como merenda escolar, reunião de pais, aniversários e compras de supermercado. Às vezes, até se esquecia de que tinha um filho.

Julian se distraía procurando desafios que despertassem grandes emoções. Começou a subir em árvores, escadas de incêndio, pontes e balanços de corda. O perigo o fazia gritar a plenos pulmões, e à medida que procurava novas emoções ele começou a gostar de voar e da sensação de leveza que sentia, fosse pulando com seu skate ou de parapente nos ventos quentes do golfo do México.

Julian não podia imaginar seu pai e sua mãe num mesmo ambiente, muito menos na mesma cama. A mãe, uma loura muito bonita, e seu pai, um professor aloprado. O pai lhe falou muito pouco sobre o encontro deles dois. “Foi em uma conferência sobre propulsão a jato em Niagara Falls”, ele dissera. “O meu grupo de pesquisa apresentou um trabalho sobre uma descoberta importante na área de tecnologia de propulsão solar e a laser, e depois fomos comemorar num clube onde sua mãe estava se apresentando.”

Quando Julian era pequeno, ele não conhecia o significado do termo “sexo casual”, e seu pai não soube lhe explicar. Além disso, o pai era 15 anos mais novo do que sua mãe, o que deixava Julian bem constrangido.

Mais tarde sua mãe lhe deu algumas informações adicionais. “Depois que você nasceu, me dei conta de que não poderia sustentar um segundo filho, por isso dei a guarda ao seu pai.” Julian desconfiava de que havia muito mistério ainda na sua vida. Finalmente, ele concluiu que fora fruto do acaso, um filho não desejado que acabou caindo nas mãos da parte mais fraca.

Alguns anos atrás, seu pai se lembrou de alertá-lo sobre os riscos do sexo sem proteção. Ele o fizera do seu jeito bem típico, como se tivesse ministrando uma palestra sobre tecnologia de propulsão. Em seguida, entregou uma caixa de preservativos a Julian.

A vida de um professor universitário não era para ser perigosa, mas um gênio

excêntrico dirigindo um carro velho e enferrujado em pleno horário de rush era um risco ambulante.

O dia que mudou a vida de Julian tinha sido tão normal como outro qualquer. A última coisa que Louis disse a Julian naquela manhã não foi profunda nem profética. Só disse que não iria jantar em casa.

Somente na manhã seguinte alguém se lembrou de lhe avisar. Louis Gastineaux escapou com vida do desastre por pouco, mas ao acordar do coma induzido por causa de um edema cerebral ele estava tetraplégico e seu corpo era um simples apoio para a mente brilhante. Misteriosamente, ele não ficou incomodado com seu destino, pois com algumas adaptações ainda poderia trabalhar no computador, ainda pensava como um gênio. E uma das primeiras coisas em que pensou foi que estava impossibilitado de criar o filho de 14 anos. Julian teria que morar com a mãe.

A mãe concordou em ficar com ele e aí, de novo, Julian achou que a história não foi bem contada. Ele podia apostar que houve ali um generoso acerto financeiro. Assim, foi mandado para Chino, Califórnia, uma cidade feia, na beira da estrada, onde sua mãe trabalhava como garçoneiro no restaurante de um teatro, pois nunca desistiu da ideia de se tornar atriz. E foi lá que ele se juntou a uma turma de skatistas e delinquentes, e passava a maior parte do tempo procurando desafios e escapando da polícia. Alguns meses depois, quando chegou a notícia de que seu pai morreria em consequência das complicações do seu estado, o destino de Julian estava selado. Ele estava sem saída.

É agora, ao chegar no Kioga com o irmão, o ressentimento aflorou em todo o seu corpo. O idiota do Connor Davis. A única semelhança entre eles era a altura de 1,90m, fora isso, pareciam ser de planetas diferentes e jamais filhos da mesma mãe. Connor era um motoqueiro de cabelos compridos e um jeito de lenhador, enquanto que Julian tinha um estilo mais urbano, tipo hip-hop, com cabelos rastafári.

Sua aparência o ajudava bastante para se enturmar na escola, mas o afastava da mãe branca e loura.

Julian não se conformava de ter sido convencido pela mãe a ir para lá. Disse-lhe que seria apenas por uma semana. Só para fazer o juiz pensar que estamos seguindo suas instruções. Já devia ter desconfiado dela.

Um lago azul no meio do mato podia ser uma versão do paraíso para algumas pessoas, mas não para ele. Nem de longe. Ele preferia uma pista de skate de concreto. Em sua cidade, ele se divertia bastante andando de skate no muro que dividia as pistas da autoestrada ou surfando em Huntington Beach em plena tempestade. Lá, não sabia o que fazer para se divertir. Com a sua sorte, provavelmente o irmão o obrigaria a limpar latrinas ou outra coisa do gênero. Pois esta era outra característica de Connor. Apesar de Julian conhecê-lo muito pouco, ele sabia que o irmão mais velho acreditava que o trabalho era importante. Para Connor, quanto mais se trabalhava mais ética a pessoa se tornava. Para ele isso não tinha

lógica. Julian podia até provar isso usando um modelo de dedução lógica, mas sempre que ele usava a cabeça para algo desse tipo ele arrumava mais problema.

Eles passaram pelas Meerskills Falls e a ponte sobre o desfiladeiro. Nossa, que boa lembrança trazia a ponte. Aos oito anos de idade ele fizera seu primeiro *bungee-jump* de lá. Depois teve que arcar com as consequências, mas valeu a pena. O pulo até deu origem a um apelido dado pelos outros meninos: “O pássaro de Meerskill Falls.” Já seu irmão passou a chamá-lo de “Cabeça Oca Idiota”. Connor sempre se preocupara com ele de uma forma que seus pais nunca fizeram.

— Vamos ficar hospedados aqui — disse Connor, apontando para uma fileira de chalés no cume do morro, cercado por quilômetros de floresta. Os chalés eram todos iguais, construídos em madeira, com janelas de frente para o lago, chaminés feitas de pedra de rio e degraus que levavam a uma varanda na frente. — Todo o acampamento esteve fechado por anos — explicou Connor enquanto abria o último chalé da fileira. — Vamos ter muita limpeza para fazer.

Julian colocou suas coisas no chão e suspirou. Nuvens de poeira subiam de todas as superfícies.

— Cara — disse Julian, imitando o linguajar de surfista. — Isso aqui é sinistro.

— Hã-hã. — Connor se encaminhou para o maior dos dois quartos. — Vou ficar neste aqui — disse ele. — Você fica no outro.

— Não acredito que você vai me obrigar a ficar aqui.

— Tendo em vista sua segunda opção, acho que você vai ficar muito bem. — Connor não mordeu a isca, não retrucou. — Você pode ficar o dia todo de folga. Arrume sua cama e limpe tudo. Descanse da viagem, dê uma olhada por aí e coma alguma coisa.

Se esta era sua ideia de folga, pensou Julian, um dia de trabalho então devia ser o diabo.

— Mamãe mandou um e-mail para mim com a lista de recomendações do Juizado — continuou Connor. Ele pegou umas folhas de papel do bolso de trás da calça. — Parece que tem umas 47 regras e normas. — Ele jogou a lista sobre a prateleira do quarto de Julian. — No meu entender, você só vai precisar se lembrar de uma regra enquanto estiver comigo.

— É mesmo? E qual é?

— Não arrume problemas — disse Connor, colocando o molho de chaves no bolso.

O sol estava quase se pondo quando a fome de Julian superou seu orgulho. Infelizmente, não aguentou muito tempo, ele tinha o hábito de comer sem parar. Seu apetite parecia ser um monstro insaciável com uma necessidade voraz de sustento. Julian tinha planejado, a princípio, que ficaria no chalé o dia todo e dormiria com fome só para mostrar ao irmão o que ele achava daquela droga de acampamento de

férias.

Connor devia achar que estava sendo legal quando avisou que só teria uma regra a seguir: *Não arrume problemas*. O que Connor desconhecia é que ele estava tirando de Julian a única coisa que ele sabia fazer bem.

Agora, com a fome corroendo seu estômago, ele se dirigiu ao refeitório que ficava no prédio principal. Não parecia tão grande e suntuoso como na época em que era criança e frequentava o lugar com os colegas de alojamento.

Estava na hora do jantar e um sino tocou para avisar a todos, igualzinho como antigamente. Connor tinha avisado que ele ficaria sem comer se perdesse o horário do refeitório. E Julian queria poder evitar essa reunião ridícula para as refeições, mas, como sempre, o estômago o traiu. Ele estava com tanta fome que poderia muito bem comer a própria perna. Quando ouviu o sino tocando, ele traçou uma linha reta e foi direto para o refeitório.

Connor apresentou o irmão a todos e Julian achou Olivia Bellamy, que foi quem o contratou, uma mulher superatraente. Olivia disse que já conhecia Julian do tempo em que esteve lá, mas ele não lembrava. Na sua mente, todos os monitores tinham imagens indistintas, um bando de brancos sorridentes que ouviam músicas horríveis e cantavam canções sem graça em torno da fogueira. Havia um sujeito chamado Freddy e um monte de parentes, como a prima Dare, que estava organizando a festa, e que também preparava as refeições, um tal de Greg e o chato do seu filho Max. O garoto de bochechas rosadas, que devia ter uns dez anos, parecia ser uma das crianças da família Von Trapp, daquele filme horroroso *A Noviça Rebelde*.

— Daisy deve estar chegando — disse Olivia. — Enquanto isso, vá se servindo.

Daisy? *Daisy?*

Tentando sufocar sua curiosidade, Julian se encaminhou para a mesa do bufê. Ele tinha de admitir que a prima Dare era uma cozinheira de mão cheia. Sem constrangimento, ele encheu o prato com torta de frango, purê de batatas, salada e pão. Ao seu lado, Max o observava, boquiaberto.

— Você vai comer tudo isso? — o garoto indagou.

— Como primeiro prato — respondeu Julian. — Para o segundo prato vou querer comer criancinhas.

Mas Max não se assustou. Em vez de correr para trás do pai, ele respondeu, entre risadas:

— Estou morrendo de medo.

Sem problema. Não tinha muita graça assustar garotinhos. Julian pousou sua bandeja em uma mesa bem na hora em que Daisy chegou. Tudo levava a crer que ela fosse a prima que faltava. Talvez fosse um truque da iluminação e Julian estivesse ouvindo coisas, mas no momento em que ela apareceu na entrada em arco do refeitório tudo mudou. Houve um silêncio, como se Julian tivesse prendido a respiração.

Ela ficou ali, em pé, a silhueta delicada iluminada pela contraluz do sol que se punha, e Julian podia jurar ter ouvido um coro de vozes cantando em perfeita harmonia: *Aleluia*.

Geralmente, Julian teria que fechar os olhos para evocar tais fantasias. Mas, ali estava ela, nas três dimensões e em cores, vindo na sua direção. O coro em sua mente agora cantava “Pretty Woman” enquanto ela se aproximava no ritmo de um desfile de modas, como se ouvisse a mesma música que ele.

De repente, ele se lembrou de antigas lições de boas maneiras e se pôs de pé para as apresentações. Daisy era de Nova York e, como Julian, acabara de cursar a primeira série do ensino médio. Ela abriu um sorriso que iluminou o ambiente e seus olhos azuis brilharam intensamente.

— Posso me sentar à sua mesa? — E, mesmo sendo uma pergunta, ela não esperou pela resposta e sentou-se ao seu lado como se estivesse lhe fazendo um favor.

Mas ele não ia discutir.

Daisy tinha indiscutíveis traços familiares com o pai e o irmão Max. Isso fazia dela, também, uma Von Trapp. Era branca e loira, com feições tão bonitas que deve ter inspirado o criador da boneca Barbie. No entanto, Julian observou que sua beleza ocultava alguma coisa que ele não podia identificar, como a sombra de um espírito inquieto.

Durante o jantar Julian soube que ela frequentava uma escola elegante em Nova York, escola essa que achava que, obrigatoriamente, todos conheciam. Sua mãe era advogada e o pai um arquiteto paisagista que se dedicava ao trabalho de reforma do Kioga durante o verão.

Isso sim era aborrecido: gabar-se dos seus pais. Quem é que fazia tal coisa? Ele, com certeza, não o fazia, e era melhor que a loira intrometida não o interrogasse sobre a sua família.

Felizmente, ela mudou de assunto quando Dare surgiu com a sobremesa que consistia de generosas fatias de torta de pêssego acompanhada de sorvete de creme. A torta era tão gostosa que Julian quase chorou. E quando olhou em volta ele percebeu que todos pareciam sentir o mesmo. Estavam de olhos fechados e imóveis, como se estivessem rezando.

— A torta é da confeitaria Sky River — disse Dare.

— Não é verdade, ela veio do céu — Greg a corrigiu.

O único senão do jantar foi que Julian e Daisy ficaram encarregados de lavar a louça. Mas até que não foi tão ruim assim. A grande cozinha industrial tinha uma câmara frigorífica, prateleiras de aço inox e uma máquina de lavar louças industrial. Isso tornava o trabalho muito fácil e eles riam e brincavam enquanto ensaboavam, enxaguavam e secavam a louça toda. Quando terminaram o serviço, já estava escuro do lado de fora. Freddy foi com Max e o vira-lata chamado Barkis até a sala de recreação para jogar pingue-pongue. Connor tomava café e conversava com os outros

enquanto reviam planos e cronogramas. Tudo era tão irritantemente saudável que Julian tinha vontade de vomitar.

— Será que podemos fazer uma fogueira na praia? — Daisy pediu ao pai.

— Você e Julian? — o pai dela perguntou.

— Sim, claro, eu e Julian.

Até que enfim ele notou alguma coisa interessante. Havia uma certa disputa de poder entre Daisy e Greg Bellamy. Julian resolveu falar sem medo.

— Prometo que vou me comportar, senhor.

Os pais das meninas adoravam que os chamassem de “senhor”. E agiam como se suas filhas estivessem saindo com um cara certinho.

— Pode estar certo que sim — disse Connor. Os dois irmãos não trocaram nem uma palavra, mas Julian se lembrou daquela sua frase quando chegaram: *Não arrume problemas.*

— Então, tudo bem — disse Greg. — Eu posso ir vê-los depois.

— Claro, pai — disse Daisy com uma alegria forçada. — Será muito bem-vindo.

Olivia entregou-lhes uma caixa de fósforos e fez as recomendações de praxe.

— Mantenham a fogueira sob controle, está bem?

Fazer uma fogueira, na verdade, era mais difícil do que parecia na tevê. Usaram toda a caixa de fósforos até que a pilha de galhos finalmente se transformou em uma fogueira, porém, fazendo mais fumaça do que fogo. Fugindo das nuvens de fumaça, Julian acabou se acomodando ao lado de Daisy. *Consegui.*

— Então, qual é sua história? — Daisy quis saber.

Julian pensou em inventar uma história bem interessante para impressioná-la. Mas estava cansado demais para criar uma história e persistir nela.

— Minha mãe é uma atriz desempregada, ela canta, dança e atua — disse, omitindo seu pai de propósito. Quando ele contava a história do seu pai as pessoas normalmente se tornavam solidários e piegas, o que Julian detestava.

— Eu me meti em encrenca com a polícia em maio — ele confessou.

A verdade funcionou como um afrodisíaco. Ele achou até que estava sentindo os peitos de Daisy encostando no braço dele.

— O que foi que você fez? Roubou um carro? Participou de tráfico?

Claro. Era o que as pessoas pensavam quando olhavam para Julian Gastineaux. Um garotão negro, com o cabelo rastafári e muita personalidade. O que mais poderia ser além de um marginalzinho?

— Estuprei uma garota — ele disse. — Talvez tenha estuprado três.

— Você está mentindo. — Ela encolheu as pernas e as abraçou na altura dos joelhos.

Droga, que garota chata. Não só sabia que ele estava mentindo, como já notara que ele estava arrependido de ter inventado aquela história de estupro. Foi mesmo uma coisa estúpida de dizer.

— Fiz *bungee-jumping* de uma ponte — admitiu.

— Uau! Por que você fez isso? — Ela estava horrorizada.

— É por que não?

— Ah! Deixe-me ver. Porque você poderia quebrar todos os ossos. Ou terminar paralítico. Ter morte cerebral ou morrer simplesmente.

— As pessoas morrem todos os dias.

— É verdade, mas ao pular de uma ponte, normalmente, você apressa o processo — disse Daisy.

— É apavorante. — Ele estava acompanhando o trajeto de uma centelha que subia para o céu. — E eu faria tudo de novo, sem pensar duas vezes. Sempre adorei voar. — Voar era seu sonho, sempre fora.

— Então vai gostar disso. — Daisy alcançou seu bolso e pegou a caixa dos óculos. Abriu-a para exibir um gordo cigarro de maconha.

Com a ponta incandescente de um galho fino ela o acendeu e deu uma tragada.

— É assim que eu voo. — Ela deu mais uma tragada e estendeu a mão para oferecer-lhe o cigarro.

— Eu passo — ele disse. — Preciso me cuidar. Veja bem, o juiz na Califórnia deu a minha mãe a chance de escolher entre me manter longe da cidade durante o verão ou me fazer passar um tempo na casa de correção. Vindo para cá, fico com minha ficha limpa na polícia novamente.

— Legal. Ninguém vai pegar você. — Ela voltou a oferecer-lhe a maconha.

É agora ele teria que falar a verdade novamente. Mesmo que o fizesse parecer um escoteiro.

— Não estou a fim.

— Vamos lá! É uma erva de boa qualidade — disse Daisy. — Ninguém vai nos pegar. Nós estamos no meio do nada, aqui.

— Não é isso que me preocupa, eu só não gosto de ficar doidão.

— Você é quem sabe — disse Daisy ao colocar o graveto de volta no fogo. — Uma garota precisa se divertir um pouco.

— Então, você está se divertindo? — ele perguntou.

Daisy o olhou de esguelha através da fumaça.

— Até aqui o verão tem sido meio... esquisito. Deveria ser bem mais divertido. Isto é, pense só. É nosso último verão como garotos comuns. No ano que vem teremos nossas formaturas e passaremos parte do tempo trabalhando e outra nos preparando para a faculdade.

— Faculdade. Essa é boa.

— Você não está pensando em ir para a faculdade?

A princípio ele estava tão atordoado pela pergunta dela que se limitou a rir.

— O que foi? — ela perguntou parecendo ter esquecido o baseado.

— Nunca me perguntaram isso antes — ele admitiu.

— Você vai cursar o último ano do ensino médio agora, não é?

— Correto.

— E seus professores e orientadores não o têm pressionado desde que começou o ensino médio?

Mais uma vez ele teve que rir.

— Não é isto o que acontece na minha escola. O pessoal de lá não vai para a faculdade. Na minha escola você já está no lucro se não abandonar tudo, se não tiver um filho ou se não for mandado para cima.

— E onde é isso?

— É só uma expressão que usamos. Mandar para cima é ser enviado para a casa de correção.

— Nossa, que pesadelo — concluiu Daisy. — Você devia mudar de escola.

Julian estava impressionado. A garota não vivia num mundo real. Ela simplesmente não sabia de nada.

— Onde eu moro, os garotos costumam frequentar a escola pública mais próxima de casa. E, depois disso, arranja-se um trabalho idiota de lavar carros, joga-se na loteria ou espera-se pelo melhor.

Daisy deu uma risadinha.

— Como eu admiro gente ambiciosa — disse.

— Só estou sendo realista.

— Não estou dizendo que a faculdade seja uma espécie de nirvana, mas bem que ajuda você a arranjar um emprego melhor do que o de lavador de carros.

— Faculdade custa dinheiro. Mesmo que eu conseguisse ajuda financeira, para o que nunca estaria qualificado por causa da minha mãe, que está sempre endividada, ainda assim teria muitos gastos com os quais não posso arcar.

— Então entre para o CTOR, o Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva. Meu Deus, até eu sei disso.

CTOR. Ele já ouvira falar, vagamente. Alguém estivera na sua escola para falar sobre isso, mas Julian tinha aproveitado a chance de escapar e participar de uma corrida de motocross. Corpo de Treinamento de Oficiais... alguma coisa.

— Os militares arcam com todas as suas despesas — continuou Daisy. — Você também poderia se candidatar a uma entrevista para a academia militar, mas aí vai ter que estudar muito. Pois terá que conseguir alcançar uns 1.500 pontos no seu teste de aptidão acadêmica.

Apesar de já ter feito o teste de aptidão acadêmica e ter se saído tão bem que os professores estavam convencidos que ele tinha colado, Julian se sentia totalmente ignorante. Entrevista? Academia militar?

— Todas elas são de graça — completou Daisy. — Na verdade, eles até pagam para você estudar lá.

— Não acredito.

— Como não?

— Cite uma delas.

— West Point. Viu só? Você poderia ir para West Point.

— Tão fácil quanto ir à lua. — Ele viu o lugar num filme certa vez. West Point.

Homens marchando de um lado para o outro como se fossem soldadinhos de chumbo, gritando na cara do colega. E isso era uma faculdade? — Então você está me dizendo que eles dão quatro anos de faculdade de graça?

— Você recebe um pagamento enquanto está lá. O pai de um garoto na minha escola é coronel da Força Aérea, ou alguma coisa assim. Ele está tentando uma entrevista para a Academia da Força Aérea.

Força Aérea, pensou Julian. *Voar*. A ideia o pegou de jeito, e tão nítida que parecia estar sonhando acordado.

— Parece ser bem legal. — Daisy estava cansada de querer ficar doidona sem sucesso. Então, pôs o cigarro de maconha apagado e frio dentro de um saco plástico. — Acho que, além de todas os treinamentos militares, você ainda tem que estudar para ser engenheiro, cientista ou algo assim. Quem ia querer fazer isso?

Julian pensou no pai e sentiu tanta falta dele que chegou a doer. A ciência tinha consumido Louis Gastineaux. Fora sua paixão. Julian compreendeu bem o pai, pois ele também tinha uma paixão. Não era pela ciência, mas paixão por voar, pelo perigo e pela velocidade.

— Então, qual é a armação?

— Você não paga o custo da instrução, mas fica com uma dívida. Em troca, vai lhes dar uns cinco anos da sua vida, no mínimo. — Ela observou Julian com olhos compreensivos e solidários. — Deve ser estranho frequentar uma escola onde ninguém se preocupa em ajudá-lo a entrar para uma faculdade.

— Nunca pensei muito sobre isso. — Julian não sabia o que era pior: o fato de ninguém se importar ou que a possibilidade de fazer faculdade era tão remota que nem se deu ao trabalho de pensar no assunto.

— Bem, o fato de ninguém o estar ajudando não quer dizer que você não possa se ajudar.

— Está certa — ele disse, e jogou mais um galho seco na fogueira. — Obrigado pelo serviço de utilidade pública.

— Você é tão ressentido — ela comentou.

— E você tem a cabeça nas nuvens.

Daisy riu alto e sua voz era leve como as faíscas e a fumaça da fogueira. Ele ficou ali sentado, admirando-a.

Pensando bem, parecia que o verão não ia ser tão ruim assim.

Capítulo 17

Para Olivia, as manhãs sempre começavam com uma hora mágica. O canto dos pássaros acordava a floresta e o sol tingia o mundo de dourado. Uma névoa encobria o lago, e a suave brisa da manhã dividia o caminho em camadas que lentamente eram consumidas pelo sol nascente. Ela corria todos os dias, como sempre fez na cidade. Só que na cidade ela corria na esteira. Em Kioga, corria os oito quilômetros de pista recentemente nivelada pela equipe de paisagismo do tio.

Para não se chatear em cima de uma esteira, Olivia colocava seu Ipod no bolso interno do short. Mas aqui ela não precisava de Radiohead nem de Cake nos ouvidos pela manhã. A alegria dos passarinhos acordando, o clarim de um alce ocasional e o farfalhar da brisa matinal já eram música para os seus ouvidos.

Ao surgir do mato e entrar no refeitório, ela avistou Connor Davis estacionando seu caminhão junto ao galpão de depósito e quase tropeçou nos próprios pés.

— Levantou cedo — comentou ela, tentando não soar muito ofegante. Sorria simpática, mas por dentro se encolhia. Ele parecia escolher os piores momentos para encontrá-la, como no alto do mastro, vestida com macacão de pintor e agora na sua roupa de jogging que consistia de bustiê, sem camiseta, e um short curto laranja-néon. E para completar a aparência, ela estava encharcada de suor, sem fôlego, e o cabelo preso displicentemente num rabo de cavalo. Ao menos uma vez ela gostaria que ele a visse bem-arrumada, no seu traje preferido Marc Jacobs e seus sapatos baixos novos do Manolo Blahnik.

Mas não parecia que ele estava observando seu suor e seus cabelos desarrumados. Estava mais interessado nas pernas, nos peitos e na barriga. E ela percebeu perfeitamente o momento que ele descobriu seu piercing no umbigo.

— Então é isso que eu tenho perdido todas as manhãs?

— Exatamente.

— Vou ter que adiantar o despertador para que ele toque mais cedo.

Olivia não estava bem certa se ele estava caçoando dela ou elogiando. De qualquer maneira, esperava não ser divertida demais. Tentando aparentar indiferença, abriu a tampa da garrafa d'água, deu um gole e secou os lábios com as costas da mão.

— Como está indo seu irmão?

— Ele está legal.

A maneira de os homens se exprimirem deixava Olivia maluca, e Connor era um dos piores exemplares. “Está legal” poderia significar qualquer coisa desde “Seu coração ainda bate” até “Ele acabou de ganhar na loteria”.

Talvez fosse exatamente esse seu jeito que fazia Olivia achá-lo irritante e sensual ao mesmo tempo. Seu caminhão era um exemplo perfeito. Ela suspeitava que seus papéis e faturas espalhadas pela cabine do caminhão era a melhor maneira que ele tinha de arquivar suas coisas, no entanto sua coleção de CDs estava perfeitamente organizada, a ponto de ele poder alcançar seu álbum favorito do Rush sem tirar os olhos da estrada.

Quando ela olhou para a traseira do caminhão se espantou ao ver muitas gaiolas e dos mais variados formatos e tamanhos. Pareciam ser feitas à mão, e todas eram especiais, cheias de detalhes para dar conforto aos pássaros. Uma delas tinha uma roda-d'água na lateral e outra ostentava um toldo listrado. Umhas poucas tinham ornamentação em voluta, e várias eram réplicas perfeitas das casas dos índios adirondack.

— Foram feitas por você? — Olivia perguntou-lhe.

— Sim, foram — respondeu ele. — No meu tempo livre. — Para negar em seguida, balançando a cabeça. — Vieram de uma loja de ferragens na cidade. — Ele pegou quatro de cada vez e as levou para o galpão de depósito.

— Posso perguntar o que pretende fazer com todas essas gaiolas? — disse Olivia ao pegar duas delas e segui-lo.

— Pode perguntar à vontade. Se estiverem atrapalhando...

— Claro que não. Só queria saber se você tinha algo em mente.

— Não. — Ele continuou a empilhar as gaiolas em fileiras organizadas. — Talvez Dare queira aproveitá-las na decoração.

— Você deve gostar muito de pássaros. — Intrigada, Olivia o ajudou sem mais perguntas. Ele parecia estar ignorando-a.

O tempo foi passando e Olivia, que estava suada, começou a sentir frio. Connor logo tirou a jaqueta para lhe oferecer. Então, ele não a ignorava, afinal.

— De jeito nenhum — ela recusou o agasalho. — Estou toda suada.

— Isso não me preocupa — ele disse. — Vamos, vista-a.

Olivia colocou a jaqueta nas costas como se ela a abraçasse. *Não era para ser tão agradável*, ela pensou, enquanto sentia o cheiro e o calor do corpo dele, que ainda impregnavam o tecido. Ele não deveria cheirar tão bem assim.

— Então, o que está achando? — ela falou, tentando quebrar o silêncio incômodo.

— De voltar ao Kioga depois de tanto tempo?

— Não chega a ser muito diferente do meu trailer.

— Há quanto tempo você vive lá? Passou o inverno lá? — Logo se arrependeu de ter perguntado. Parecia estar julgando-o de alguma forma. — Me perdoe — disse. — Jamais consegui vencer minha bisbilhotice.

— Já passei invernos piores — respondeu ele, sem acrescentar maiores detalhes.

Caramba! Devo tê-lo ofendido. Um dia ela ia aprender a se calar em vez de ficar por aí perguntando sobre a vida das pessoas. Assim, resolveu nem perguntar pelo pai dele. Ou será que não ficaria bem deixar de perguntar? Ela não sabia. Terry Davis tinha sido um fator determinante na vida de Connor. Mas Olivia foi covarde. Não teve coragem de enfrentar a triste história da morte do seu pai. Ela não queria ouvi-lo dizer que o pai finalmente tinha bebido até morrer. Temia que Connor ficasse triste, pois não saberia como consolá-lo.

— Bem, espero que você e Julian tenham tido uma boa noite de sono.

— Só espero que não se meta em confusão neste verão — disse ele ao fechar a porta do galpão.

— Você conseguiu da última vez — ela o lembrou. — O último verão que nós... — Vamos reformular a frase. — Ele foi um adversário difícil quando criança, mas você conseguiu se manter à frente dele.

— Ele pode me derrotar dessa vez, mas vou me esforçar muito.

Connor era um homem zeloso. Ela sabia bem disso. As bebedeiras do pai e a rejeição da mãe foram o ambiente onde ele cresceu e forjou seu caráter. Às vezes, Olivia se perguntava como ele seria se seus pais fossem amorosos em vez de o deixarem se criar sozinho. Pensou então em outras pessoas que conhecia, pessoas que tinham sido muito amadas e que tiveram todas as regalias. Muitos desperdiçaram sua sorte para se transformar simplesmente em ricos herdeiros que alimentavam de notícias os jornais de fofocas.

— Vocês dois se dão bem? — ela perguntou.

— Nós mal nos conhecemos. E ele não gosta muito de receber ordens minhas.

— E o que sente por ele?

— Está aqui contra a vontade e age como um garoto abusado.

Olivia disfarçou para que ele não a visse sorrir.

— O que foi? — perguntou ele, notando que ela estava se divertindo.

— Acho ótimo que esteja sendo honesto. Fiquei preocupada que estivesse agindo de forma excessivamente benevolente.

— Nunca tive esse tipo de problema. Mas Julian é minha família. Quando ele nasceu, eu tinha 11 anos, e foi a melhor coisa que já me aconteceu. Durante seis meses tive um irmão. Depois, de um dia para outro, ele foi morar com o pai, e tudo se acabou. Ninguém me avisou de nada, nem me consultou. Simplesmente, cheguei da escola um dia e soube que ele não estava mais lá. Passei várias semanas sem falar

com minha mãe por causa disso. — Connor olhou para as próprias mãos marcadas e calejadas de trabalhar, e então as fechou. — Jamais contei isso para ninguém.

Foi então que Olivia percebeu quanta dor ele guardava dentro de si.

— Eu posso conversar com Julian, se você não se importar...

— Por que eu me importaria?

— Gosto de conversar com ele. — Na noite anterior, ela havia ficado acordada até tarde. E depois que Julian e Daisy entraram, ela pôde conversar demoradamente com ele. — Você sabia que ele tinha feito o teste de aptidão acadêmica no final do ano letivo e conseguiu fazer 1.550 pontos? Ele fez 800 em matemática e 750 na prova oral. — Olivia viu o ar de surpresa surgir no rosto de Connor.

— E a pontuação máxima é 1.600, certo? — ele perguntou.

— Exatamente.

— Mas ele faltou a metade das aulas — Connor salientou.

— Para mim a falta está na escola. — A discussão sobre o irmão adolescente parecia ser um assunto de gente madura. A novidade era estar relatando um fato a Connor Davis como uma pessoa adulta, com certa experiência de vida. E, então, o relacionamento deles ficou bem mais complicado. Na primeira vez em que o encontrou, ela só estava interessada em se exhibir para fazê-lo se arrepender de tê-la abandonado tantos anos atrás. Agora ela já definia aquela atitude como infantil, superficial e simplória. Mas não durou muito, claro. Seu coração ficava indefeso quando se tratava de Connor Davis. Mesmo contra sua vontade, o relacionamento entre eles estava mudando e se tornando mais íntimo a cada vez que se encontravam.

Foram juntos para a cozinha. Ao medir o pó e colocar na máquina de fazer café ela sentia seu olhar nela, mas fingiu não notar.

— Lembra-se daquele ano em que fizemos uma incursão noturna à cozinha e descobrimos potes enormes de manteiga de amendoim? — ela perguntou.

— Falk St. John deve estar tentando tirar a manteiga de amendoim do cabelo até agora. — Ele pegou a taça antiga e maltratada que ela trouxera do armário do pai. — O que é isto?

Olivia mordeu o lábio. Ela deixara aquele troféu bem à vista, todos os dias esperando que alguém perguntasse sobre ele. Correção: todos os dias ela esperava que Connor perguntasse. As perguntas que não queriam calar estavam tostando sua cabeça.

— É um velho troféu do meu pai. Sempre me esqueço de comprar o polidor de metais para limpá-lo.

Ele encontrou a fotografia e a abotoadura que estavam dentro da taça. Colocou a abotoadura de lado e, intrigado, analisou a fotografia.

— Foi por causa desta foto que eu lhe perguntei sobre Jenny Majesky naquele dia — disse Olivia.

— Parece muito com ela. Uma versão mais jovem — disse. — Deve ser a mãe dela.

— Mas é a mãe dela. Existe uma foto idêntica a esta na parede da confeitaria, só que a parte onde aparece o homem foi cortada. Você o reconhece? — ela perguntou, e sem esperar pela resposta, continuou: — É meu pai. Em 1977. Estou louca para saber a história dessa foto.

— Pergunte ao seu pai sobre essa mulher — sugeriu Connor.

— Acho melhor não.

— Por que não? Vocês dois sempre foram tão amigos. Ele não se importaria.

Connor tinha razão, mesmo assim Olivia não reunia coragem. A vida pessoal de um dos pais era uma coisa complicada. De vez em quando, ela perguntava ao pai se ele estava saindo com alguém, se pensava em se casar novamente. Ele sempre a olhava e sorria meio triste, balançava a cabeça e dizia que nunca teve muita sorte nesse departamento. Olivia estava começando a achar que era uma sina na família.

— Ficaria constrangida de fazê-lo — disse a Connor. — E não me diga para mostrar a foto para Jenny, pois isso também me deixaria constrangida.

— Mas tem uma pessoa a quem podemos perguntar.

Capítulo 18

Connor esperava estar fazendo a coisa certa, ao ajudar Olivia a investigar as histórias do passado. Mas agora era tarde demais para recuar. Alguns dias depois, eles foram juntos para Avalon, com Julian no banco de trás. Ele quis uma carona até a biblioteca, mas não explicou o que pretendia fazer, só pegou sua mochila e desceu do carro.

— Daqui a uma hora volto para pegá-lo — disse Connor. Depois ele se virou para Olivia, que estava nervosa ao seu lado no carro. — Acho difícil ele se meter em encrenca aqui.

— A biblioteca não me parece ser um lugar muito arriscado. Provavelmente, ele está desesperado para entrar na internet — ela disse. — Ele lhe contou alguma coisa sobre seus amigos?

— Na verdade, não. Acha que eu devia perguntar?

— Não — ela respondeu de pronto. — Se começar a se intrometer, ele vai se fechar.

Connor a observou por um instante. Olivia estava interessada na vida de Julian e ele não sabia bem por quê. Era surreal estar sentado ao seu lado novamente. Desde que ela voltara, Connor pensava muito no passado, de como eles tinham sido íntimos e em tudo que viveram. E no quanto tinham se magoado.

Agora, teriam que enfrentar outras questões como, por exemplo, se deviam ou não se envolver novamente.

Não, ele se alertou, sem querer se lembrar de como era boa a sensação de tê-la nos braços, suas bochechas encostadas no peito dele, ouvindo seu coração bater. Connor achou que não se lembrava mais dela, porém, quanto mais tempo ficava ao seu lado, mais as recordações voltavam, e agora bastava ele fechar os olhos e se deixar levar que num instante ele estava de volta ao acampamento, onde a vida era simples e tudo parecia possível.

— Ele pratica algum esporte na escola? — quis saber Olivia.

— Acho que está no time de mergulho.

— Combina bem com ele, já que adora altura. É um garoto interessante. Estou feliz que ele tenha vindo para cá. — Ela riu, mas ainda parecia nervosa.

— Está feliz?

— Sim. Gosto da garotada. Especialmente os adolescentes, com todos os seus traumas e angústias. — Ela olhou pela janela do carro. — Deve ser por me lembrar tão bem dessa fase, de como se sofre e de como são difíceis as decisões que temos de tomar. É de como ninguém no mundo entende.

— No entanto, você está aqui.

— Aqui estou eu.

— O que aconteceu com os planos de ser professora do ensino médio? — Connor perguntou.

— Durante os quatro anos da faculdade eu mudei muito. No início, ainda queria lecionar. Queria voltar e fazer um trabalho bem-feito. Era minha chance de transformar os anos do ensino médio em uma experiência boa, de me tornar uma pessoa popular. — Ela sorriu. — Mas enquanto estive na faculdade deixei de sentir isso. Parei de sentir a necessidade de vivenciar aquilo novamente.

À medida que Olivia falava ele olhava para seus lábios, e parecia que estavam prontos para ser beijados.

— E você queria ser treinador.

— Tem boa memória. — Seu fundamento lógico era diferente do de Olivia, no entanto. Na escola em geral e no esporte, em particular, ele sempre teve muito sucesso, além de se sentir aceito e seguro. Como treinador, ele faria parte daquele mundo para sempre. Connor teve um motivo para abandonar esse sonho, só que não estava pronto para explicar isso a Olivia.

Connor deu a partida no carro e rumou para Indian Wells, alguns quilômetros ao norte da cidade, para uma instituição para idosos, onde vivia seu pai. Terry Davis não estava doente nem era tão velho assim, mas parecia gostar de viver ali, como as mulheres intrometidas que dominavam o lugar e como um alcoólico em recuperação. Ele gostava das reuniões dos 12 passos que aconteciam lá diariamente.

Olivia ficou em silêncio novamente.

— Tem certeza de que não se importa em visitar meu pai?

— Claro que não. Quando soube por você que ele ainda estava... por aqui, fiquei surpresa. Você nunca fala sobre ele.

— Porque você nunca perguntou por ele.

— Eu sei. Desculpe-me, quero dizer, fico contente... — Ela estava perturbada. — Não perguntei pelo seu pai por temer que tivesse acontecido alguma coisa, e eu não queria deixá-lo triste. — Ela fez uma pausa. — Sou muito covarde. Nunca soube lidar com a tristeza dos outros.

E Connor imaginou que isso pudesse ter pesado para ela terminar três noivados. Ele não queria os detalhes, mas se ela não sabia lidar com os problemas dos outros, não podia ir muito longe num relacionamento. Ele entrou no estacionamento.

— Para seu governo, ele está ótimo — acrescentou Connor, sentindo orgulho e alívio.

Connor bem que gostaria que seu pai tivesse se recuperado antes, mas não tinha do que se lamentar por isso. O fato é que os problemas dos seus pais tinham possivelmente lhe roubado a infância. Seu pai se recuperava. A mãe se recusava a encarar suas dificuldades. Mas as coisas poderiam estar piores.

— Ele está muito bem ultimamente — disse Connor. — Se ocupa bastante, frequenta as reuniões e gostaria de ter netos, mas acho que o decepcionei nesse item.

Nossa, pensou Connor. Falei demais.

Olivia saiu do carro.

— Deixe-me adivinhar — disse olhando para o conjunto de casas, cada uma com sua pequena varanda na frente. — Seu pai mora naquela casa cheia de gaiolas. Seu dissimulado. Ele fabrica, coloca na loja de ferragens e você as compra.

— Me faça um favor, não diga nada a ele.

— Claro que não.

È o jeito meigo dela fez seu coração disparar. Era assim que olhava para ele anos atrás. È seu olhar significava tudo para ele.

O pai dele os recepcionou na porta.

— Oi, filho. Que bom ver você. — Ele estendeu a mão para falar com Olivia. — Muito prazer, senhora, Terry Davis.

— Olivia Bellamy.

— Srta. Bellamy, como vai? — Connor sempre ficou incomodado com o jeito excessivamente subserviente do pai. Quando reclamava, o pai sempre respondia a mesma coisa: “Foi assim que fui acostumado”, ele dizia. “Precisamos ser educados com aqueles que são melhores do que nós.”

“Como sabe que são melhores do que nós?”, Connor sempre perguntava ao pai.

“È maneira da falar. Quando alguém tem mais dinheiro, quando está em posição de lhe oferecer algo, eles são melhores do que você.”

“Isso é maluquice, pai.”

“È assim que as coisas funcionam, filho.”

È agora, ao cumprimentar Olivia, automaticamente ele a colocou no grupo dos “melhores”. De fato, ela parecia gente fina e educada. È as evidências apareciam nos detalhes, como nos pequenos brincos de ouro, no cabelo liso, na impecável blusa branca com a gola levantada e no short cáqui.

Connor imaginou que ela se sentiria pouco à vontade ali naquela casa pequena e apertada. No entanto, quando falou com seu pai, ela foi muito carinhosa e simpática.

— Espero não estar interrompendo nada.

— De jeito nenhum. — Ele a levou em direção à cozinha e apressou-se para desligar o rádio. — Adoro receber visita. — Ele alvoroçou-se em arrumar a casa. Guardou uma enorme quantidade de correspondência e pilhas de cupons de desconto que estavam espalhados sobre a mesa.

Ao observá-lo, Olivia tinha um ar pensativo, e Connor deduziu que estava aliviada. Ele não a culpava. Terry Davis, como foi no passado, era um caso perdido aos olhos de todos. Exceto para Connor. Mesmo quando ainda era garoto, Connor nunca desistiu do pai. Ele sofreu muito por causa disso, mas era seu único parente. Baseado somente na lealdade, desespero ou amor filial, ele continuou acreditando na recuperação do pai. Acreditou tanto que quando chegou a hora de escolher entre o pai e Lolly, ele escolheu o pai, sem hesitar, em um verão, nove anos atrás, em uma noite que ficou gravada para sempre na memória de Connor.

— Que bom vê-lo novamente — falou Olivia, educadamente. — Provavelmente, não está se lembrando de mim. Todo mundo me chamava de Lolly.

— Esse é um nome do qual me lembro bem — Terry assegurou. — Você era aquela gordinha bonitinha que estava sempre com meu filho.

Connor sufocou um gemido. Bêbado ou sóbrio, seu pai nunca deixou de falar exatamente o que se passava na sua mente.

— Pai...

Olivia continuou sorrindo.

— Bonitinha não sei dizer, mas, com certeza, eu era a gordinha.

— Deixou de ser gordinha.

— *Pai.*

— Quer uma água mineral?

— Aceito, obrigada. — Ela não parecia nem um pouco ofendida com sua franqueza. Aceitou de bom grado a garrafa azul de água mineral Saratoga Springs e sentou-se à mesa redonda.

— Então, aqui está você, uma mulher feita — disse Terry. — Tem quanto tempo, dez anos?

— Nove.

— Nossa. Connor era louquinho por você. Ainda está solteira?

— Pai, pelo amor de Deus...

Terry abanou a mão para o filho não se chatear com ele.

— Está bem, não creio que tenha vindo aqui para ouvir gracinhas sobre sua antiga namorada.

— Não faz mal — Olivia lhe garantiu. — É sério. Não me importo de ouvir que Connor era louco por mim, embora não seja bem assim que eu me lembre da história.

Não foi uma boa ideia trazê-la aqui, pensou Connor. Onde estava com a cabeça?

— Ele teve outras namoradas depois de você, mas nenhuma durou muito.

— Nem eu durei muito — ela o lembrou.

— Pai, escute. — Connor quis logo mudar de assunto. — Olivia encontrou esta fotografia antiga. Pensamos que você pudesse nos dar alguma informação sobre ela.

— A foto foi feita em agosto de 1977. O homem que aparece aí é meu pai — disse Olivia ao lhe entregar a fotografia amarelada.

Ao ver a fotografia, a expressão do pai de Connor se transformou. De conciliatório e agradável ele ficou tenso e agitado. Devolveu logo a foto para Olivia.

— Esta moça da fotografia é Mariska Majesky — disse ele. — É filha de Helen e Leo. Ela desapareceu há 20, talvez 30 anos.

— Isso quer dizer que ela morreu?

— Só sei que desapareceu. Ela foi embora e nunca mais foi vista por aqui. Era um pouco agitada — acrescentou Terry. — Volta e meia ela sumia por uns tempos, mas sempre voltava para ver a filha. Até que uma vez foi embora para nunca mais voltar.

— Ela teve uma filha. — Quando o pai falou isso Connor fitou Olivia e ambos pensaram a mesma coisa. *Jenny*.

— Ela era casada? — perguntou Olivia, vacilante. — Ou envolvida com alguém?

— Acho melhor falar com seu pai, senhorita — aconselhou Terry.

Depois de sair da casa pequena e atravancada de Terry Davis, Olivia teve uma sensação estranha, como se algo tivesse sido sugado dela. O que devia estar estampado no seu rosto, pois Connor logo tratou de colocar a mão nas costas dela para ampará-la. Ela não saberia explicar aquele gesto de cavalheirismo, mas homem algum a tratara com tanto cuidado assim antes.

— Fico pensando que deve haver um zilhão de explicações — ela disse. — Mas não passam de desculpas.

— Mesmo assim, pode ser que estejamos tirando as conclusões erradas. — Connor tentava ser cauteloso. — Quem sabe não exista mistério algum sobre o pai de Jenny?

— O seu pai sabe — Olivia insistiu. — Você viu a expressão em seu rosto. Só que ele não quis falar. — Olivia ainda nutria esperanças de que o pai de Jenny fosse um morador da cidade, qualquer um menos Philip Bellamy. Mas, diante do ar de frustração de Terry Davis e da sua insistência para que ela falasse com o pai, Olivia tinha quase certeza. Ela parou e colocou a foto diante do rosto de Connor. — Dê uma boa olhada. Reparou no queixo do meu pai? — Ela apontou para a covinha que o pai tinha, no estilo Cary Grant. — Jenny tem uma igual, e a mãe dela não tem.

— Isso não chega a ser uma raridade — disse Connor, sorrindo.

— É um traço recessivo, como olhos azuis. Segundo as leis da genética, uma pessoa que tem uma covinha no queixo terá que ter, fatalmente, um dos pais com a mesma característica.

— Você não terá certeza de nada se não falar com seu pai sobre ela — disse Connor, procurando as chaves do caminhão no bolso da calça.

Olivia não conseguia esquecer a forma como Terry Davis evitara encará-la. Olhou em volta do estacionamento e para o mundo que não mudara nem um pouquinho nos últimos minutos. Mas isso era uma ilusão. Uma mudança fundamental ocorrera. A Terra tinha fugido do seu eixo de rotação e estava rodopiando lentamente fora do seu curso.

— Na verdade, não preciso perguntar. Eu já sei. Fora as leis da genética, já sabemos que ele namorou Mariska enquanto estava noivo da minha mãe. Meu Deus, quem sabe até depois de se casar com minha mãe! E Jenny Majesky é...

Ela balançou um pouco, e Connor a ajudou a subir no caminhão. Sentia-se como uma vítima de um acidente violento ao verbalizar seu pensamento seguinte.

— Tenho uma irmã. — Uma irmã. Uma irmã. As palavras reverberaram dentro dela como uma onda de incredulidade.

— Por enquanto, isso não passa de especulação.

— Mas sabemos que tudo será confirmado.

— E se for? Será tão ruim assim ter uma irmã?

— Claro que não. Só será ruim constatar que crescemos sem saber da existência uma da outra. — *Eu tenho uma irmã.* Ficou imaginando como teria sido sua vida se conhecesse Jenny ao longo de todos esses anos. Alguém para contar seus segredos e brincadeiras, para aconselhá-la e até para brigar. Quem sabe sua infância não teria sido menos solitária? Talvez ela tivesse mais autoconfiança. — O que faço agora? — Ela se perguntava em voz alta. — Será que Jenny não sabe quem é seu pai? Não posso simplesmente chegar lá e perguntar a ela.

— Telefone para seu pai — disse Connor. — Faça a pergunta a ele.

— Não posso fazer isso por telefone. Isso tem que ser feito pessoalmente. Preciso vê-lo.

— Tem razão. — Connor acenou com a cabeça. Ligou a seta e acelerou em direção à estrada. — A que horas quer partir?

— Como disse?

— A que horas quer partir amanhã para a cidade? — ele perguntou. — Acho que seria bom sair às 7h. Consegue se preparar para sair de casa tão cedo assim?

— Do que está falando? — perguntou Olivia.

— Em levá-la até a cidade para conversar com seu pai.

Olivia não podia acreditar no que estava ouvindo.

— E por que você faria isso?

— Porque sou um cara legal. Sempre fui um cara legal, nós é que ainda não conversamos muito sobre isso.

— Espere um pouco. Você vai me levar até a cidade?

— Logo de manhã cedo. Esse assunto vem sendo mantido em segredo por tempo demais. Ele pode esperar mais uma noite.

— Simples assim? Vamos esquecer tudo aqui para ir à cidade?

Ele balançou os pulsos casualmente acima do volante.

— Esta é a grande vantagem de ser o próprio patrão. Podemos deixar tudo de lado quando necessário.

— Mas você não precisa me levar. Eu posso ir de trem.

— Dessa vez, não.

Olivia estava encantada. Não sabia dizer o motivo de tanta gentileza. Estava quase com medo de confiar naquele gesto.

— É uma viagem de três horas.

— E você acha que vai faltar assunto no decorrer das três horas? — Mesmo com o foco na estrada à frente, ele sorriu. — Acho que temos muito que conversar, Lolly.

TRADIÇÕES DO ACAMPAMENTO KIOGA

O acampamento Kioga serve aos jovens, de 8 a 16 anos. Uma das tradições mais importantes do Kioga é a continuidade. Acampantes de bom caráter são convidados a prestar serviços como monitores tão logo recebam seu diploma do ensino médio e que tenham treinamento de salva-vidas e de técnicas de segurança na água.

Capítulo 19

Verão de 1997

Depois da formatura do ensino médio, Lolly estava meio confusa com relação a voltar ao Kioga para ser monitora, mas, como uma Bellamy, não tinha escolha. Era uma tradição da família que todos os Bellamy prestassem serviços como monitores, e Lolly não poderia ser uma exceção.

Talvez não fosse tão ruim assim. Quando tinha 12 anos, ela passou a odiar um pouco menos o Kioga depois das férias de verão. E a razão disso era Connor Davis. Uma inesperada relação de amizade teve início naquele verão, e se tornou ainda mais sólida nos dois anos seguintes. Mesmo que o achasse grosseiro e que dissesse que ela era sabichona e afetada, de alguma forma os dois se identificaram desde o início.

Quando os dois estavam juntos fazendo caminhada, passeando de caiaque, servindo o café da manhã, ou se confrontando num jogo de mexe-mexe, em dias chuvosos, eram momentos em que ela ficava contente. Ao lado de Connor ela ficava bem à vontade. Connor não exigia que ela tivesse notas altas, amigos importantes nem prêmios em arte ou em piano. Ele não esperava que ela agisse como o palhaço da classe. Bastava ser ela mesma. Simplesmente Lolly.

Os verões subsequentes, após a sétima e a oitava séries do ensino fundamental, não foram diferentes. Mesmo que ela e Connor se estranhassem de vez em quando e se afrontassem a toda hora, os insultos eram feitos dentro de um limite de respeito e amizade.

Não havia nenhuma razão óbvia para eles serem amigos. Ele era um garoto grande, um atleta, que tinha mãe problemática, um padrasto que trabalhava em Buffalo e um pai que só o decepcionava, ano após ano. Ela era uma garota infeliz cujos pais cobravam muito dela. Em outras palavras, uma dupla que não combinava em nada. Só que eles funcionavam maravilhosamente bem juntos. Desde o primeiro dia

que se encontraram, aos 12 anos, e depois, quando se conheceram melhor, criaram uma amizade peculiar.

Todo verão eles se encontravam e retomavam a amizade de onde tinham deixado no ano anterior, como se não tivessem se separado. Então passavam um longo período repleto de incursões noturnas à cozinha, e aprontavam as mais diversas brincadeiras, idiotas mas engraçadas, para os monitores ou outros acampantes. Formavam um belo time quando juntavam a habilidade dele e a inteligência dela.

Com o passar do tempo, eles trocaram confidências. Connor confessou a vergonha que tinha do vício do pai e sobre o amor não correspondido por Evelyn Waller. Lolly contou-lhe que a matéria que mais apreciava era artes plásticas e que tinha profunda admiração por Martha Stewart. Ele a estimulava a ser melhor, corajosa e confiante do que era, e a apoiava quando estava chateada. Ele a tratava de igual para igual. Como se fosse um dos garotos. Ela gostava daquilo, pois era uma maneira de estar perto dele sem o desconforto que surgia na relação menino-menina.

Sempre, no início do mês de setembro, ele voltava para Buffalo e ela para Nova York, e eles não se viam nem se falavam até o verão do ano seguinte. Às vezes, Olivia tinha vontade de escrever-lhe uma carta, mas nunca tinha assunto: *Querido Connor. Minha vida está uma droga. Quem ia querer ler uma carta dessas?*

Olivia presumia que poderia inventar coisas. Algumas amigas da escola faziam isso. Mas ela não sabia que histórias inventar para tornar mais interessante sua vida chata.

Mas um dia, sem mais nem menos, a amizade terminou. No verão logo após o primeiro ano do ensino médio, Lolly chegou ao Kioga achando que encontraria Connor novamente, mas ele não apareceu. Quando tomou coragem e perguntou por ele ao seu pai, o sr. Davis se limitara a dizer: “Meu filho está trabalhando em Buffalo e não virá para o Kioga este ano.”

No ano seguinte, quando Lolly concluiu a segunda série, sua mãe decidiu que estava na hora de conhecer o mundo e a levou para visitar as capitais da Europa. Para não ficar atrás, seu pai a pegou para fazer um cruzeiro pelo Mediterrâneo durante todo o verão, depois da terceira série.

Era para ser uma experiência fantástica. E tinha tudo para ser. No entanto, a pressão que seus pais exerciam sobre ela roubou um pouco do encanto da viagem. Eles queriam tudo: as notas mais altas, pontuação máxima nos testes e prêmios em competições de música e em feiras de ciências.

“Só quero que você consiga ingressar em uma boa faculdade”, argumentava sua mãe, sem maiores explicações. Mas Olivia sabia bem que o fato de ter frequentado a Universidade de Yale e se casado com um aluno de lá não trouxera nenhuma alegria a Pamela Lightsey, só muito dinheiro e, depois, um divórcio. Lolly não entendia a insistência da mãe em achar que cursar uma faculdade perfeita seria a porta de entrada para algum reino mágico.

Agora que concluíra o ensino médio e tinha sido aceita em Columbia, ela esperava ter correspondido às expectativas dos pais. Eram as últimas férias de verão da sua adolescência, e ela retornou ao Kioga.

Chegou a considerar a possibilidade de não ir, sabendo que seus avós compreenderiam. Mas um telefonema da avó a fez mudar de ideia. Ela dissera: “Connor Davis vai estar trabalhando no Kioga neste verão. Achei que você gostaria de saber.”

— Este ano as coisas serão completamente diferentes — declarou Dare Yates, a prima mais chegada de Olivia.

— Quanta perspicácia, Sherlock — disse Frankie, a irmã um ano mais velha do que ela. — Nós é que estaremos no controle.

— Só espero que a função de monitor seja tão divertida quanto parecia quando éramos pequenas — disse Lolly ao caminhar até a varanda do chalé para sacudir as botas de caminhada e tirar a lama.

— Isto é legal — disse Frankie depois de observar atentamente o chalé que as três dividiriam durante as férias. — Por que será que está tão bem-arrumado?

— Agradeça a Lolly por isso — respondeu Dare. — Ela chegou um dia antes e arrumou nosso chalé.

Lolly ficou contente por suas primas notarem. Foi fácil transformar aquele chalé um lugar mais agradável. Ela foi até o depósito de guardados para vasculhar os tesouros de verões passados. Cobriu os beliches com mantas escocesas, colocou um tapete de corda no chão e arranjou mesa e cadeiras rústicas antigas do estilo dos índios adirondack. Sua avó a encorajara a retomar seus projetos de arte deixados para trás, uma canoa com a palavra Kioga formada com galhos de árvore, algumas luminárias de pergaminho e até um capacho tecido à mão. Jarras com flores do campo enfeitavam o peitoril das janelas.

— Está muito bonito, Lolly — falou Frankie através da porta de tela. — Acho que você tem um talento natural para a coisa.

— Então, sou uma garota talentosa.

Ela e as primas ficaram responsáveis pelo grupo mais jovem, as Fledgling. As meninas tinham chegado na véspera e sobrevivido à primeira noite com algumas poucas lágrimas e nenhuma histeria. Lolly adorava o jeito das meninas com suas risadinhas e gritos agudos quando se divertiam. Gostava até de fazer curativos e acalmá-las quando estavam com medo, e isso, para certas crianças, Lolly imaginava que se repetiria toda noite. Pensou especialmente na pequena Ramona Fisher, que se encolheu toda de medo no beliche na noite anterior.

Dare foi atrás de Lolly na varanda e olhou para o lago com o binóculo.

— Nossa, como gosto dessa paisagem! — Mas ela não se referia ao lago. Lolly

sabia bem disso. As lentes estavam focalizando a área onde se praticava natação. Os monitores masculinos e os meninos do alojamento Fledgling já estavam fazendo os testes iniciais de avaliação para formar os grupos.

As três primas se colocaram em fila na varanda se revezando para usar o binóculo. Os monitores usavam short, camiseta sem mangas e apitos pendurados nos pescoços. Eles brincavam com os meninos para deixá-los mais calmos.

Mesmo de longe e sem binóculo, Lolly sentiu uma emoção ao reconhecer um dos monitores. O rapaz alto e de cabelos escuros era Connor Davis.

Ela não o vira de perto ainda. A chegada das crianças tinha sido caótica e ocupou demais os monitores. E quando chegou sua vez de usar o binóculo, ela teve que fingir que olhava para todos os rapazes com o mesmo interesse. Mas claro que não.

Connor Davis tinha crescido bastante e, apesar de ainda ser magro, seus ombros estavam bem mais largos. Já estava bronzeado, talvez por trabalhar ao ar livre com o pai, e ele parecia bem à vontade com as crianças, como se tivesse nascido para a coisa.

Lolly prendeu um suspiro, imaginando se alguma coisa teria mudado entre eles, e se ainda existiria aquela antiga amizade ou não. Ela sabia que tinha mudado em alguns aspectos óbvios. Agora estava quase com 18 anos e conhecera um pouco do mundo com viagens. Falava francês e já passara em cinco exames de avaliação para faculdades.

Mas, na sua essência, Lolly não mudara. Não passava de uma amiga gordinha, comparada às meninas mais bonitas e populares do acampamento. Em vez de ir aos bailes da escola com os meninos, ela sempre trabalhava no comitê de decoração, onde se saía muito bem. Durante o ensino médio, ela havia transformado o ginásio num país encantado do Velho Oeste, numa fantasia submarina e até num cenário igual ao do filme *MIB — Homens de Preto*. Ela desenvolveu um modo de esconder sua solidão e infelicidade. O bom humor e o otimismo eram um disfarce. Todos achavam que ela adorava ser a decoradora do ginásio, a melhor amiga, a estudante inteligente, mas sem graça. Lolly tentava se aceitar assim. Tentava ser feliz, ou pelo menos contente. Às vezes, até funcionava, e ela esquecia dos seus problemas, mas logo acontecia alguma coisa que a lembrava.

Como hoje. Teria que colocar um maiô, que era a roupa que menos favorecia as pessoas. A manhã toda seria dedicada às técnicas de segurança na água, que era um dos principais enfoques do Kioga. Sempre fora motivo de orgulho para os avós de Lolly que todo acampante aprendesse as regras de segurança na água, mesmo que isso significasse que os mais gordinhos tivessem que se espremer dentro das roupas de elastano. Frankie se apoiou na grade da varanda para poder firmar bem o binóculo.

— Vocês acham esquisito alguém gostar das pernas de um garoto? — perguntou ela numa voz sonhadora.

— Provavelmente — Dare respondeu, pensativa. — Me passe o binóculo e eu

respondo já.

Lolly pegou sua prancheta e examinou cuidadosamente a relação das atividades do dia, fingindo não ouvir. Às vezes, era divertido escutar as primas ansiarem pelos rapazes. A maioria das vezes era simplesmente maçante. Ela não entendia como elas, e todas as garotas daquela idade, podiam ser tão obsessivas com a aparência das pessoas. E então, olhando de soslaio para o garoto alto de cabelos escuros junto ao lago, ela sentiu um nó no peito, e percebeu que talvez as entendesse, só um pouquinho.

— Acho melhor irmos para lá — disse Dare ao pegar sua bolsinha de maquiagem. — Temos que organizar as meninas nos grupos de natação, e depois do lanche da manhã quero começar a leitura do coral para a noite de sexta-feira. Pensei que seria legal ensaiarmos a música “Little Mermaid”. — Dare adorava organizar eventos. Ela era muito habilidosa nessa área, assim como Lolly sabia transformar e embelezar um ambiente. Juntas, elas formariam uma bela dupla naquele verão.

Frankie guardou o binóculo, e ao entrarem de volta no chalé ela logo foi tirando a camiseta pela cabeça. Lolly sentiu uma sensação familiar de inveja e pensou como deve ser bom não ter vergonha do próprio corpo. Frankie e Dare tinham razão em não senti-la. Ambas eram magras e Frankie ainda tinha colocado um piercing no umbigo, sem ninguém saber.

Lolly podia ouvir as primas brincando no quarto ao lado enquanto se arrumavam. Ela também tinha inveja das primas serem irmãs. Mesmo que brigassem, eram leais com os assuntos importantes e tinham uma ligação forte que duraria a vida toda.

Lolly trocou de roupa no banheiro. Não se importava de mostrar que era recatada. Parecia tolice, afinal eram primas, mesmo assim a gordura a tornava uma pessoa reservada. E rapidamente ela colocou sua roupa de banho.

Connor. Vou ver Connor Davis novamente. Ela tentou sufocar uma excitação, mas não conseguiu. Tentou se acalmar. Talvez ele nem fosse mais tão bonitinho como se lembrava. Talvez tivesse formado protuberâncias por causa da testosterona e o rosto fora coberto por espinhas, ou talvez se tornara um porcalhão ou um machista nojento. Lolly colocou uma camiseta cinza em cima do maiô e admitiu para si mesma que havia apenas um senão na amizade que tinham. E era um segredo tão bem guardado que algumas vezes ela se esquecia dele. Mas sempre acontecia alguma coisa para lembrá-la.

E a verdade terrível, profunda e secreta era que ela estava irremediavelmente apaixonada por Connor Davis.

Claro que estava. Como não estar? Ele era forte, rápido e gentil. E confiável, porque não enganava nem mentia. Era um amigo completo, e a amizade entre eles durante o verão era perfeita, exceto pelo pequeno detalhe de ser apaixonada por ele.

O fato de não tê-lo visto nos últimos três anos não fazia a menor diferença. Inclusive, isso o tornava ainda mais perfeito em sua mente. De vez em quando, ela

tentava descobrir em que momento exatamente isso acontecera. Será que houve um momento decisivo quando ela simplesmente deixou de gostar dele para passar a vê-lo como seu príncipe encantado?

Se tivesse de dizer em que momento exatamente ela entendeu que seu coração era dele, diria que foi na noite que furou sua orelha. Naquele momento, ela não teve essa noção, mas foi o último verão deles juntos, então deveria haver algo de simbólico no ato de torná-lo permanente. Ela suspeitava que ele quis colocar o brinco para agredir o padrasto que ele odiava. E Connor o teria colocado sozinho, mas Olivia sabia que ele faria um estrago, talvez até se machucasse. Ela se intrometeu, fingiu ser estoica quando na verdade estava a ponto de desmaiar quase o tempo todo. Na enfermaria do acampamento, usando apenas uma lanceta esterilizada e um martelo de reflexos de borracha, ela colocara um brinco em sua orelha, chorando ao ver as lágrimas de dor que ele não conseguiu segurar.

Ele usou o brinco de prata durante todo o verão, e sempre que ela o via tinha um instante de prazer. Lolly nunca duvidou que alguma outra menina se tornasse seu primeiro amor, mas de uma forma estranha ela acreditava ter certos direitos sobre ele.

Olivia gostava tanto dele que ao escrever sobre ele no seu diário sua mão tremia; nem o tempo entre um verão e outro amenizava seu sentimento. E neste exato momento, em que ela se preparava para ir até o cais de natação, ela tremia.

Ao se dirigir para a porta do chalé, ela pegou seu agasalho com capuz e o amarrou na cintura de forma a esconder seu traseiro. Não estava enganando ninguém, claro. Muito menos ela mesma.

Elas caminharam até o alojamento Saratoga e cercaram as meninas do alojamento Fledgling.

— Não deveríamos andar em fila? — perguntou uma das acampantes, uma garotinha chamada Flossie.

— Provavelmente. — Dare desmanchou os cabelos louros dela, carinhosamente. — Acha que vamos ter problemas se não fizermos isso?

Lolly examinou as meninas, um grupo de garotas alegres de alturas e formas diferentes.

— É preciso colocá-las em fila pelo menos até que eu conte as cabeças.

E mesmo resmungando elas se colocaram em fila dupla e, sim, estava faltando gente.

— Pode deixar que vou até lá — disse Lolly voltando para o alojamento. Ao entrar, sentiu o cheiro de xampu, chicletes e um tiquinho de mofo. Estava sempre correndo atrás das desajustadas e sabia perfeitamente onde procurá-las, pois conhecia todos os esconderijos. Encontrou a garotinha toda encolhida em um dos beliches, de frente

para a parede onde estava pendurado um calendário. O primeiro dia no acampamento de férias já tinha sido riscado com um xis, mas os outros dias que restavam pareciam um longo sofrimento pela frente.

— Ramona? — chamou Lolly. — Estamos todos indo para o lago agora.

— Estou com dor de barriga — Ramona fungou dramaticamente.

— Que pena! Sabe o que diz no manual do monitor? Que a dor de barriga é a doença mais comum entre os acampantes.

— Ela é a doença mais comum para *mim* — ela respondeu, chorosa.

— Sabe que minha barriga sempre dói quando estou com medo? — Lolly confessou-lhe. — Mas, em compensação, a dor vai embora quando se perde o medo.

— Não quero saber — disse Ramona. — Estou com medo do acampamento de férias e vou ficar presa aqui o verão todo, por isso a dor não vai passar.

— Ah! Mas a dor vai passar sim. — Lolly falava com carinho, vendo seus dedinhos já brancos de tanto apertar a beira da cama. — Tem muitas maneiras de se livrar do medo. Acredite em mim, porque sou especialista em matéria de sentir medo das coisas.

— Estou com medo de entrar na água. — Ramona olhou meio desconfiada.

— Eu também — disse Lolly. — Mas, mesmo assim, eu entro. E quanto mais nado, menos medo eu sinto. Até já decidi entrar para o time de natação quando chegar na faculdade.

— Nem pensar.

— Por quê?

— Por que você iria nadar?

— Porque é difícil para mim, e assustador.

— Então, por que o faz?

— Boa pergunta. Porque precisamos enfrentar nossos medos. Isso nos faz crescer como pessoa. Acho que, no meu caso, entrar para o time de natação vai resolver meu problema. — Lolly sorriu para Ramona. — Você foi a primeira pessoa para quem contei isso.

— Não sei qual a vantagem de fazer alguma coisa difícil.

— Vamos vestir o maiô para ir até o lago que vou lhe mostrar. — Lolly estendeu a mão para a menina.

A garotinha se lamuriou e depois cedeu, dando a mão a Lolly.

— Você vai entrar na água comigo? — perguntou Ramona.

— Claro, se você precisar que eu entre.

— Ah! Eu sei que vou.

Legal, pensou Lolly. Enquanto todos os outros monitores estavam fora da água e secos, flertando no cais, ela estaria no lago com a criança.

Ramona e ela foram as últimas a se juntar aos monitores, conselheiros e salvavidas. O cais comprido era equipado com blocos de largada, e o percurso de natação

era sinalizado por boias colocadas a 25 metros de distância entre cada uma delas. Ao longe estava a plataforma do trampolim, sendo que o mais alto tinha dez metros de altura. Lolly deu uma olhada no pessoal, sempre de mãos dadas com Ramona. Monitores apitavam e gritavam com as crianças para que fizessem fila diante dos blocos de largada. E, como se fosse um sonho, lá estava Connor Davis, supervisionando um desordenado grupo de garotos irrequietos.

No começo, estava tumultuado demais para qualquer outra coisa que não fosse acenar de longe por cima do mar de crianças. Mesmo assim, Lolly sentiu se derreter por dentro quando Connor olhou para ela. Era espantoso que ainda estivesse de pé. Ele era, sem sombra de dúvida, o garoto mais lindo que ela já vira.

Mas Connor Davis não tinha a menor ideia de que era tão bonito. Sua modéstia deveria ser decorrência da sua vida difícil e pelo fato de ter um pai como Terry Davis. Talvez fosse o excesso de problemas que o impedissem de se preocupar com as aparências.

Mas todas as meninas reparavam nele o tempo todo, Lolly sabia disso. O que estava acontecendo naquele exato momento, inclusive. As monitoras rondavam Connor, admirando seus cabelos longos, os olhos azuis, ombros largos e o sorriso encantador. Algumas já pareciam estar tramando maneiras de seduzi-lo.

Quando finalmente ele conseguiu se desvencilhar das crianças, para se aproximar dela, foi tarde demais. As meninas se cutucavam, apontavam, como se estivessem demarcando território. Enquanto isso, Connor se concentrava em Lolly.

— Oi — disse ele. Sua voz estava bem mais grossa do que da última vez em que se viram. Ela se perguntou se ainda cantava bem.

— Oi, tudo bem? — Lolly sabia que seu prazer em vê-lo estava estampado no rosto, mas ela nem ligou.

— Estava com esperança de que você viesse neste verão — disse ele com sua franqueza de sempre.

— Pena que não sabia seu e-mail. Se não, teria mandado um, avisando.

— Eu não tenho e-mail. Sei que posso usar a biblioteca para isso, mas também não vou lá com muita frequência.

Lolly já estava arrependida por ter levantado o assunto. Sempre fazia isso. Sempre imaginava que todo mundo tinha coisas como computador e celular à disposição.

— De qualquer jeito, os e-mails nem são assim tão confiáveis — ela tentou consertar e, apesar de detestar ter que admitir, gostava daquela forma de comunicação. E-mail parecia uma forma híbrida de comunicação entre uma carta escrita no papel, que era um ato deliberado, e um telefonema, que supunha um determinado nível de intimidade entre as partes. Para Lolly, o e-mail teria sido a maneira ideal de fazer contato com Connor. Mas ele nunca teria recebido seu recado.

Ouviu-se um apito e o capitão de segurança na água gritou para que todos formassem uma fila ao longo do cais. Ramona Fisher agarrou-se a Lolly, desesperada.

Connor sorriu novamente para ela. Ele ainda não tinha reparado que todas as monitoras estavam vidradas nele. Será que ele era assim tão desligado ou realmente não notara?

— Mais tarde nos falamos — disse para Lolly.

— Está bem, mais tarde. — Ela notou que ele ainda tinha o brinco na orelha. Ah, meu Deus, então ele o manteve. Aquilo significava alguma coisa, não?

— Oi. Ajude-me aqui — alguém berrou.

— Julian. — Connor falou a meia-voz e depois gritou o nome e correu. O garotinho chamado Julian tinha escalado uma árvore junto ao lago e estava rastejando pelo galho que se debruçava sobre a água. O garoto bonito era também magro, rápido e travesso. Balançando na ponta do galho, ele imitou o gesto do Tarzan, apontando para o peito, gritando e depois pulou para dentro d'água como um sapo.

Lolly também estava ocupada tentando organizar as meninas em grupos. Ramona tremia no cais, e olhava para a água límpida, infeliz e aterrorizada.

— Não consigo — falava baixinho.

— Vai se surpreender com o que consegue fazer — disse Lolly.

— Não vou entrar.

— Se você não enfrentar isto hoje, amanhã será pior.

— Prefiro arriscar — respondeu Ramona.

— Vamos combinar o seguinte: eu entro na água primeiro e depois você pula, e nós nadamos juntas. Acha que consegue?

Ramona deu de ombros. Ao menos não se recusou.

Que maravilha, pensou Lolly, deixando cair seu agasalho e tirando a camiseta, *serei a primeira monitora a entrar na água*. Ramona parecia tão penhorada que Lolly esqueceu-se de sentir vergonha. Mostrou à menina como era fácil entrar na água, num pulo rápido.

— Aqui, comigo — ela pediu. — Venha, Ramona. Vai ficar orgulhosa de si mesma.

— Promete que me segura?

— Prometo.

Ramona fechou bem os olhos, contraiu o rosto e se jogou na água. Para uma menina tão pequenina, ela fez um estardalhaço, espalhando água para todo lado e deixando Lolly encharcada. Mas foi uma vitória. Ela afundou totalmente e voltou à superfície se debatendo, explodindo de admiração e orgulho.

— Consegui, Lolly! Consegui!

E eu também, pensou Lolly, vendo Connor no cais novamente. E novamente estava sendo examinado e adulado pelas garotas, e parecia ignorar Lolly. *Legal*, pensou ela. Não queria nem precisava de sua atenção.

— Vamos nadar até a escada — disse para Ramona, avançando em sua direção.

— É longe demais. Vou me afogar.

— Estarei ao seu lado o tempo todo — prometeu Lolly.

A escada de madeira presa ao cais não parecia estar em boas condições e os degraus estavam escorregadios e submersos. Ramona subiu rapidamente e deu uns pulinhos de comemoração. Atrás dela, Lolly escorregou e aterrissou pesadamente no cais, quase caindo de cara no chão.

— Que elegância! — alguém disse, e saiu correndo. Lolly reconheceu a voz como sendo de Jazzy Simmons, uma das monitoras. — Fez boa viagem, Lolly?

O rosto dela queimava de tanta humilhação e Lolly resolveu ignorá-la e começou a se colocar de pé. Uma grande mão surgiu para ajudá-la a se levantar e seu rosto esquentou mais ainda quando viu que era Connor Davis.

— Você está bem?

— Estou ótima. — Ela não tinha coragem de olhar para ele. Depois que ele se afastou, virou-se para ver Ramona, que agora tremia enrolada em uma toalha.

— Viu só? Não foi o fim do mundo — Olivia disse para a menina.

Capítulo 20

Extraoficialmente, a sala reservada aos funcionários do Kioga era conhecida como o chalé de festa. Era uma sala ampla, com várias finalidades, onde monitores e funcionários se encontravam, após o trabalho, para confraternizar e ouvir música. Quando Connor ia se aproximando do chalé, ouviu um som de rap que fazia tremer as paredes e o telhado, e entendeu que a festa já estava a todo vapor.

Entrou e esperou seus olhos se adaptarem à escuridão, pois a única iluminação no ambiente vinha do equipamento de som e de umas poucas velas acesas sobre uma mesa onde também havia uns sacos de batata frita e uma tigela com molho. Corpos se contorciam no meio da sala, dançando um ritmo todo especial. Outras pessoas permaneciam em volta, bebendo cerveja e tentando engrenar uma conversa apesar do som alto demais. Connor olhou em volta, à procura de Lolly, mas não a encontrou.

Talvez ela estivesse... zangada com ele? Não poderia imaginar o motivo, mas quando a ajudou a sair da água mais cedo hoje, ela parecia bem irritada e o despachou rapidamente com um “legal”. *Meninas*, ele pensou, *quem neste mundo poderia entendê-las?*

Uma loura de pernas compridas vestida com um agasalho aberto até o umbigo surgiu diante dele com uma garrafa de cerveja na mão. A música parou enquanto trocavam o CD.

— Isto é para brindar a mais um dia na companhia dos mosquitos — falou numa voz baixa e abafada. Ela passou a língua para umedecer os lábios. — Eu não tinha a menor ideia do trabalho que essas crianças podiam dar. — Ela levantou a garrafa até a boca, deu um gole e depois ofereceu a ele.

A música recomeçou com “Do it with a Stranger”, e o som metálico estremecia o lugar.

— Quer um gole? — ela perguntou, se aproximando do rosto dele para ser ouvida apesar da música.

— Não, obrigado.

— As pessoas me chamam de Jazzy — disse ela, sorrindo.

— Legal. Sou Connor.

— Eu sei. — Ela piscou para ele. — Já me disseram. Você tem namorada, Connor?

Nesse momento ele viu Lolly entrando com as duas primas, e todas começaram a acenar e cumprimentar as pessoas.

— Não — disse ele.

— Que bom. Este vai ser um verão e tanto. Eu sou de Los Angeles.

— Buffalo — ele retrucou. Grande coisa.

Ela riu como se Connor estivesse dizendo algo engraçado, em seguida bancou a garota burra se fazendo de embriagada e depois cambaleou para o lado dele. Cheirava a cerveja e xampu de frutas. Seus peitos eram firmes demais, o que segundo diziam era sinal de que a pessoa havia colocado silicone. Ele passou o braço em torno da cintura dela e a ajudou a sentar-se num banco. Aparentemente, ela imaginou que Connor quisesse alguma coisa com ela, então, colocou os braços em volta do pescoço dele.

— Vou pegar alguma coisa para beber — ele gritou no ouvido dela. — Legal conhecer você, Jazzy.

Ele deu uma olhada no ambiente e quis fugir, mas também teve vontade de ficar e aproveitar a festa, e claro que pensou em transar com ela. Mas não. Não com Jazzy de Los Angeles ou com outra garota qualquer que topasse com ele a caminho da mesa de comes e bebes, cheia de refrigerantes e batatas fritas.

Não tinha nada contra fazer sexo, longe disso. Ele praticamente estava tendo uma ereção naquele momento, só de pensar em Jazzy encostada nele. Mas Connor não pretendia começar o verão transando com a primeira garota que encontrasse, isso era certo. Precisava explorar o território primeiro.

È agora mais duas meninas estavam vindo na sua direção. A de peito grande com uma camiseta da faculdade Mount Holyoke e sua amiga risonha cujo pai fabricava roupas muito caras.

Ele localizou uma tábua de salvação na forma de Lolly Bellamy. Ela estava à margem da multidão, observando tudo com uma expressão de tédio. Connor cruzou o salão para ir ao seu encontro, passando no meio das pessoas que agora dançavam funk.

— Oi — ele disse com naturalidade.

— Oi. — O sorriso de Olivia foi breve e ele se perguntou se ainda estaria zangada.

— Combinamos de colocar o assunto em dia — ele a lembrou.

— Como? — Ela colocou a mão em concha junto ao próprio ouvido.

— Colocar o assunto em dia — ele repetiu, gesticulando para saírem dali, pois a música os impedia de conversar. Ela abriu aquele sorriso meigo e sincero. Ele sempre gostou do rosto dela. Debaixo daqueles óculos ela possuía uma pele impecável e

olhos bonitos.

— Fiquei surpresa de saber que você viria para cá este ano — ela disse.

— Não tinha planejado isso — explicou Connor. Ele já era um homem agora, como Mel insistia em lhe lembrar. Já tinha idade suficiente para sair de casa e da vida do seu padrasto. Ele não pode sair logo. Não gostava de viver com a mãe, mas era o único jeito de economizar dinheiro para a faculdade. Pois nem sua mãe nem seu padrasto e muito menos seu pai lhe dariam o dinheiro.

O que não era problema para Connor, pois ele pagaria sozinho. E ele teria saído de casa logo após a formatura do ensino médio se sua mãe não tivesse outros planos para ele.

— O que o fez voltar? — perguntou Lolly.

Primeiro ele hesitou, sem saber o que contar a ela.

— Pensei em arranjar um emprego e um lugar para morar depois da escola. Ter uma vida independente.

— Mas você está aqui.

— Não consegui ficar longe daqui. — Havia muito mais do que isso para contar, mas era quase impossível conversar com tanto barulho. Talvez fosse melhor assim. Melhor Lolly não saber os reais motivos de ele ter voltado. Na verdade, Julian, o outro filho da sua mãe, de oito anos, viera de Louisiana para passar o verão. A mãe precisava que Connor tomasse conta dele.

Assim ela se livrava do garoto e impedia que Mel batesse nele.

Connor só conviveu com o irmão quando ele era bebê, depois a mãe o devolveu para o pai como se fosse um cachorrinho que ela não quisesse mais. Connor levou muito tempo para superar a perda, e parecia que Julian também sofrera com isso. Aos oito anos de idade ele era uma criança rebelde e cheia de energia. De acordo com a escola, ele teria que se submeter a alguns testes específicos para determinar suas reais necessidades, o que nunca fora feito. Sua inteligência nunca pôde ser avaliada, de tão acima da média que era.

Outro problema apontado pela escola foi uma longa lista de atos de indisciplina. E não se tratava de usar palavrões nas dependências da escola ou ser insolente com as professoras. Eram, em sua maioria, sobre comportamento arriscado e perigoso que só poderia vir a prejudicar ele próprio.

A mãe de Connor argumentava que o garoto a transformaria numa mulher histérica. A solução viera de onde menos se podia esperar, do seu pai, que ainda trabalhava no Kioga. A família Bellamy ofereceu trabalho para Connor durante o verão e convidou Julian para o acampamento. Ele se perguntou se a família informara Lolly de que haveria outro bolsista em Kioga, uma cortesia a Terry Davis. Ele desconfiava que não, pois Charles e Jane Bellamy eram pessoas extremamente discretas nesses assuntos.

— Então, o que tem feito? — perguntou Lolly. — Por que só voltou agora?

— Meu padrasto me disse que eu já tinha idade suficiente para contribuir com algum dinheiro em casa. — Connor imitou o jeito rude de Mel falar. — Arranje um trabalho, filho. Não quero vê-lo à toa aqui em casa, só no come e dorme.

Quanta ironia! Em primeiro lugar, ele não era filho de Mel. Bem ou mal, Connor tinha um pai.

— Que folga. Dizer-me para não ficar em casa — resmungou. — Como se tivéssemos uma casa. Moramos num trailer, o que não é casa para ninguém. Apenas um lugar para se ficar por um curto espaço de tempo.

Ele tentou decifrar a expressão no rosto de Olivia. Seria repulsa? Superioridade? O que pensava alguém como ela quando ouvia alguém como ele descrever a maneira como vivia?

— Me parece um tanto espantoso — ela concluiu.

— É mesmo?

— Pense bem. Você pode ir embora a hora que bem entender. Sair... simplesmente. Acredite, se meus pais pudessem ter feito isso quando se divorciaram, não teria sido tão sofrido.

— E foi sofrido?

— E como! E o pior disso tudo foi que, durante o tempo que chamei de anos da Guerra Fria, eles brigavam por coisas materiais. Brigavam por causa de um quadro, um abajur, uma antiguidade. Entendeu?

— Eles não brigaram para ficar com você?

— Nem pensar. Minha mãe jamais abriria mão de ficar comigo, e eles nunca brigaram por isso. Minha mãe sempre teve certeza de que ficaria comigo, assim como ficaria com os próprios ovários.

Mais ironias, ele pensou. Lolly não podia decepcionar os pais e todas as expectativas que depositaram nela. E ele não podia imaginar seus pais esperando qualquer coisa dele.

— E você? — perguntou ele. — O que andou fazendo?

— Nos dois últimos anos andei viajando.

— Para onde foi?

— Para o exterior.

— Dava para ser mais específica? Acho que ainda me lembro de um pouco de geografia.

Lolly abriu um sorriso triste.

— No ano retrasado, depois de terminar a segunda série do ensino médio, passei o verão com minha mãe e minha avó, Gwen, em Londres, Paris e Praga. Ano passado, após o terceiro ano, só para não ficar para trás, meu pai me levou para Alexandria, Atenas e Istambul.

— Parece impressionante — disse Connor. — Nossa, Istambul. E o Egito. Viu as pirâmides?

— Vi. E eram exatamente como eu as imaginava. Mentira, eram melhor ainda. Aquelas férias, os lugares que visitei, as coisas que vi pareciam... um sonho.

— Você é uma pessoa de sorte, Lolly. Lolly Feliz. Parece o nome de um cavalo de corrida lá em Saratoga.

— Claro, eu tenho muita sorte.

— Então vai me dizer que não se divertiu?

— Não. É impossível ir a Paris e não se divertir. Mas... senti-me sozinha e pouco sociável. Venho me sentindo assim desde o divórcio dos meus pais, como se tivesse que agir de maneira diferente. Meu Deus, pareço uma criança, choramingando sobre isso.

— Não se preocupe — disse Connor. — Não estou sentindo pena de você.

— Ainda bem. Porque também não sinto pena de você.

— Eu sei. Você nunca sentiu. — Este era outro motivo dele gostar dela.

— Quais são seus planos? — perguntou Lolly.

— Gostaria de ter um níquel por cada vez que me perguntaram isso. — Mas, na verdade, o que ele queria mesmo era poder responder que faria uma viagem ou iria para a faculdade, ou que teria um emprego excelente que mal podia esperar para começar. No entanto, a realidade era bem outra. Ele teria que procurar um trabalho, viver com pouco dinheiro e frequentar a faculdade comunitária por meio período. — Ainda não decidi. E você? Aposto que já fez seus planos desde pequena.

— Por que diz isso?

— Porque você sempre tem tudo planejado. Sempre me pareceu assim.

— Bem, agora que sobrevivi ao ensino médio, vou chocar o mundo ao fazer algo surpreendente — disse ela num tom dramático.

— É do que se trata?

— Vou para a faculdade.

— Não brinca! Estou chocado. — A faculdade era o passo seguinte mais do que óbvio para gente como a família Bellamy e a maioria das pessoas do acampamento. Garotos ricos treinando para se tornar adultos ricos e perpetuar a espécie.

— Gostaria de estudar para ser professora do ensino médio — disse ela. — Professora de arte. — Mesmo com a iluminação fraca, Connor podia ver Olivia abrindo um sorriso tímido e causando palpitações nele. — Você é a primeira pessoa para quem estou contando isto.

— Por quê? É algum segredo?

— Não é um segredo, mas também não é o tipo de coisa que vá deixar minha mãe radiante. Ela preferiria que eu me tornasse diplomata ou algo tão excitante quanto.

— A vida é sua, a decisão também deve ser sua.

— Mais ou menos. Detesto decepcionar minha mãe. Ainda nem discuti esse assunto com minha terapeuta.

— Você ainda tem uma terapeuta? — ele perguntou, disfarçando o riso.

— Sempre. Como você já deve ter percebido, adoro falar. A dra. Schneider é como se fosse uma amiga que cobra por hora.

— Eu poderia ser seu amigo de graça — disse ele.

De novo ela abriu aquele sorriso. Sorriso que ele vislumbrou através das sombras, meio tímido e um tanto bonito.

— Obrigada — ela disse. — É muito bom ouvir isso, Connor. Nunca tive muitos amigos.

Mesmo que houvesse passado alguns anos, Connor ainda se sentia à vontade para conversar com ela. Quando eram mais jovens, Connor achava que ela era autoritária e maçante, mas logo percebeu que sua prepotência era só fachada. Por trás daquela máscara ela possuía muito senso de humor e um grande coração, o que ele sabia ser qualidades raras nas pessoas.

Ele também gostava dos momentos de silêncio. Nunca ficava constrangido ao seu lado. Não era obrigado a falar. Mesmo quando estava calado, Lolly não o fazia se sentir como se devesse beijá-la ou deitar-se com ela. Não que ele tivesse alguma coisa contra isso, tinha até muita sorte nessa área. Por alguma razão desconhecida, conquistar uma mulher nunca foi um desafio para ele.

Mas encarar uma conquista como sendo algo realmente importante, isso sim era um desafio.

Talvez fosse uma grande besteira e tudo que lera nos livros e vira nos filmes não passasse de mentira.

Lolly era sincera como ele era com ela, e isso agradava muito a Connor. Tinha poucas pessoas no mundo com quem podia se abrir, e Lolly era uma delas.

— Tenho outro motivo para estar aqui neste verão — ele disse.

— E o que é?

— Meu irmão menor.

Connor ouviu Olivia arfar no escuro.

— Nunca soube que você tinha um irmão.

— Julian tem oito anos. Ele está no alojamento dos Fledglings. Julian Gastineaux.

A expressão no rosto de Lolly era cômica.

— Mas vi esse menino hoje, ele pulou da árvore para o lago.

— Ele mesmo. — Connor balançou a cabeça. Julian estava sempre escalando lugares proibidos. Não era de admirar que a mãe deles estivesse quase enlouquecendo. Connor achava que o jeito de ser do irmão surtia quase o mesmo efeito na mãe que o seu próprio esforço de tentar ser um bom filho, não se meter em encrencas e tirar boas notas na escola. Nenhuma das tentativas para se aproximarem da mãe deu certo. Connor já chegara a essa conclusão fazia tempo, mas ainda se lembrava do quanto sofrera, quando acreditava que seria possível fazer sua mãe amá-lo. Julian, provavelmente, ainda estava naquela fase, e tinha um comportamento descontrolado.

— Nunca poderia imaginar que vocês dois fossem irmãos — disse Lolly.

— É o comentário que mais ouvimos — disse Connor, sorrindo.

— Não se parecem muito — disse Lolly, tentando ser diplomática. — Vocês devem ser... só meios-irmãos?

— Isso mesmo. O pai dele é afro-americano. E o meu é... — *Um bêbado.* — O meu não é.

— É inacreditável que nunca tenha me dito nada sobre isso. — Lolly deu um soco de leve no braço de Connor.

— Quando Julian nasceu, eu tinha 11 anos — contou-lhe. — Nada parecia anormal nele. Era só um bebê, entende? Só quando o pai biológico de Julian apareceu foi que caiu a ficha para mim. O garoto é afro-americano.

— O que foi que aconteceu? — ele quis saber. — Por que a mãe de vocês não os criou juntos?

— Ninguém me explicou na época. Quando Julian tinha uns seis meses de idade, minha mãe começou a sair com Mel. Ele a convenceu de que não poderia sustentar o bebê, e que ele estaria melhor se fosse criado pelo pai.

Connor ainda sofria ao se lembrar desse episódio. Na ocasião em que Gastineaux foi buscar Julian, o bebê já se debatia, arrulhava e gargalhava para Connor, que o amava muito. Connor sofreu profundamente com a saída do bebê. Ficou com raiva da mãe durante algumas semanas. “Como pôde fazer isso?”, ele perguntava a ela repetidamente. “Ele é meu irmão. Como você pôde fazer isso?”

“Não é bom ficar muito agarrado”, a mãe tinha lhe dito com os olhos rasos de lágrimas. “Julian estará melhor com Louis, de qualquer forma.”

Ela devia ter razão quanto a Julian ficar com o pai. Gastineaux não era um homem de posses, mas tinha uma boa casa na cidade, um emprego seguro, o que era mais do que a maioria dos pais tinha.

— Assim, Julian agora mora em Nova Orleans com o pai — Connor informou Lolly. — Ele é professor na faculdade, um cientista aeroespacial. E foi para exterior, pois está no seu ano sabático, por isso Julian veio ficar comigo e mamãe. Ela ia deixar o garoto à toa, vendo tevê, e ele fatalmente se meteria em encrenca. Então, ela telefonou para meu pai e avisou-lhe que nós dois estaríamos vindo. Fico imaginando o que meu pai pensou quando soube que seu filho crescido e o filho da sua ex vinham passar o verão com ele.

O relacionamento de Connor com o pai era complicado pelo fato de Terry Davis não ter juízo nem ambição, e ele faria qualquer coisa para ter o filho ao seu lado. Quando sóbrio, ele era o melhor pai do mundo. As coisas seriam bem mais fáceis se o seu pai fosse um canalha. Assim, Connor poderia odiá-lo sempre, bêbado ou sóbrio.

— E seu pai não está incomodado sobre...? — Lolly calou-se como se soubesse que estava invadindo um território estranho.

— Ele não se dá com minha mãe, mas fará tudo para Julian se sentir bem aqui.

— Ele deve ser bem tolerante — disse Lolly.

Muito diplomático, pensou Connor. Aliás, os dois se deram muito bem. Connor imaginou que isso aconteceria, porque, apesar de não serem parentes de sangue, Terry Davis e Julian Gastineaux tinham algo em comum: ambos estavam se destruindo, Terry, com a bebida, e Julian pulando das alturas.

— Preciso agradecer aos seus avós por este verão. Eles me deram um emprego e convidaram Julian para o acampamento. Foram muito legais.

Connor duvidava que Julian fosse valorizar a chance que lhe tinha sido dada. Ele se perguntou se passar o verão no lago Willow mudaria a perspectiva que Julian tinha da vida, como acontecera a ele.

Nos tempos em que Connor foi um acampante aqui, usufruindo direitos e privilégios, ele soube que estava tendo uma rara oportunidade. A família Bellamy não fazia a menor ideia da importância daquelas férias para ele. Morar junto com outros 12 garotos, dormindo em camas beliches, num chalé que cheirava a gaiola de hamster, depois de uma semana não parecia muita coisa. Mas para Connor era um barato. Era sua chance de viver uma vida diferente, mesmo que só durasse o período do verão. Durante dez semanas inteiras ele podia experimentar o tipo de férias que um menino deveria ter: uma série de dias ensolarados cheios de diversão e alegria, trotes, esportes que levavam ao limite de suas forças e resistência, comida maravilhosa todos os dias, shows de talentos, histórias de fantasmas sussurradas à noite nos quartos e cantorias em torno da fogueira. Eram as férias com que qualquer garoto sonhava. E naqueles três verões que Connor passou lá suas férias foram como sonhos.

Era bom demais para durar. Os prazeres do verão eram efêmeros, assim como a infância.

Calvin, o monitor chefe, foi até a mesa deles.

— Preciso de um voluntário para cumprir a tarefa de apagar as luzes. — Ele mostrou um cassetete iluminado igual ao da polícia. — Lolly, escolhi você.

Ela zombou, apesar de pegar o cassetete e se dirigir para a porta.

Connor a observou por alguns segundos. Aí ele percebeu que Jazzy, com seus lábios grossos e peitos de silicone, vinha em sua direção.

— Eu também vou — disse ele bem a tempo de escapar de Jazzy, que estava pronta para dar o bote.

Apesar da música alta do aparelho de som, Connor pôde ouvir alguém falando para ele.

— Nem vale a pena provar.

Idiotas, pensou. Quando alcançou Lolly, já estava sem fôlego.

— Ei! Espere por mim.

Lolly parecia surpresa, seus olhos iluminados apenas pela luz tênue das estrelas.

— Não precisava sair da festa antes da hora por minha causa.

— Ainda teremos muitas outras neste verão. Inclusive, se você preferir ficar na festa, eu mesmo faço a ronda.

— Não, tudo bem. A música estava muito alta mesmo. E também estava calor demais.

— Foi exatamente o que achei.

Os dois andaram pelo caminho entre as sombras. A Via Láctea deixava um rastro em curva no céu e os dois pararam para admirar. Foi nesse momento, finalmente, que Connor voltou a sentir aquela antiga ligação que tinha com Lolly, a amizade que significava muito para ele.

— Está falando sério? — perguntou ela. — Não estava gostando do assédio constante das garotas?

— Eu nem... — Ele tentou se justificar e ela riu.

— Impossível não ver.

— Todo mundo se paquerava ali. — Ele ficou feliz pela escuridão esconder seu rosto vermelho.

— Menos eu.

— Porque você é esperta — disse ele. — Não sei a razão de tanta pressa.

— Porque não querem perder as mais sensuais — disse ela. — Nunca pensou nisso?

— Não.

— Vi pelo menos três garotas interessadas em você. Ninguém se interessa em ficar com aqueles que não fazem sucesso.

— Está dizendo que você é uma delas?

— Por acaso viu alguém interessado em mim?

— Não. E se tivesse visto, teria botado para correr.

— É uma droga — disse ela. — Tudo se baseia na aparência. Você não concorda?

— Todos dizem que minha mãe se parece com a Sharon Stone e isso nunca a ajudou em nada. Pelo contrário. Ela só arranhou homens safados que a trataram da pior forma possível.

— Nossa, Connor — disse Lolly.

Ela o fez sorrir mesmo assim. Connor gostava de ficar ao seu lado, e, se os monitores não conseguissem entender o motivo, então eles eram uns idiotas. Ele se sentia perfeitamente feliz andando com ela pelo caminho marcado na grama por gerações de garotos que passaram por ali. Já se passara uma hora do horário de apagar a luzes, e pelas telas das janelas dos chalés eles ouviam sussurros das crianças do grupo Fledgling. Lolly se aproximou da janela do chalé Saratoga e Connor foi checar os meninos no chalé Ticonderoga. Não entrariam, pois assim as crianças ficariam ainda mais alvoroçadas. Só deveriam entrar caso houvesse indício de alguma coisa séria acontecendo. Quando ele voltou ao encontro dela, Lolly colocou o dedo nos lábios para que ele não fizesse barulho.

Ouviam sons de risos abafados de meninas que imaginavam estar enganando os monitores. Claro que não. Lolly se segurou por mais alguns minutos. E logo fez sinal para Connor ir em frente.

— Estou de olho em uma garotinha chamada Ramona, que está sofrendo com saudades de casa.

A ideia de sentir saudades de casa era totalmente estranha para Connor. Ele não sabia o que era ter uma casa da qual pudesse sentir falta se viajasse. Talvez Julian estivesse sentindo falta do pai e de Nova Orleans. O pouco que conhecia da vida do garoto não era assim tão ruim. Louis Gastineaux nunca se casou e, de acordo com o que disse Julian, não namorava ninguém. Segundo o irmão, eles viviam como dois solteirões.

Lolly não parecia ter pressa em voltar para a festa, e Connor não lhe tirava a razão. Ele gostava de ficar do lado de fora, onde era escuro o suficiente para se ver as estrelas impossíveis de serem vistas na cidade, e tão quieto que se podia ouvir o chacoalhar das asas da coruja e as águas do lago ondeando contra o cais e contras os cascos das canoas. A distância, o som da festa ficou abafado e agradável, passando de um lado para o outro do lago.

A lua já estava alta e agora banhava todo o complexo com uma luz tênue e misteriosa. O rugido distante da cachoeira soava como uma multidão eufórica num estádio de futebol. As luzes dos chalés dos funcionários tremeluziam entre as árvores, e Connor pensou no pai, passando mais uma noite bebendo cerveja e escutando músicas antigas no rádio. Há cerca de 20 anos ele vivia sozinho em um dos chalés, o ano inteiro, nos limites da propriedade, se perdendo enquanto sua vida passava.

Colocando de lado o pensamento deprimente, Connor seguiu o voo de uma coruja e então algo prendeu sua atenção. Um brilho de luz, talvez fosse uma lanterna. Ele agarrou o braço de Lolly.

— Olhe bem para a ponte estreita sobre Meerskill Falls — ele disse. — Está vendo alguma coisa?

— Não. São apenas sombras, mas... Nossa, acho que tem razão. Tem alguém lá em cima. — Ela ligou o cassetete noturno e se encaminhou para a trilha, focada e destemida como se fosse um vigia noturno. — Vamos ver o que está acontecendo.

A trilha subia íngreme junto ao desfiladeiro rochoso. A queda-d'água tombava num estrondo sobre as pedras, lançando uma névoa finíssima que cultivava uma camada de musgo exuberante onde caía.

À medida que subiam, iam ziguezagueando e se desviando das pontas das pedras, enquanto animais noturnos fugiam por entre os arbustos.

— Está tudo bem? — perguntou Connor ao ouvir Lolly tropeçar.

— Está. O problema é que estou usando sandálias de dedo. Não podia adivinhar que faria uma excursão noturna hoje.

— Você não precisa vir.

— E você acha que eu ia perder isso?

Ele sabia que ia ouvir isso. Lolly Bellamy sabia que era chata, mas não desistia fácil das coisas.

— Se você sentir que pode cair, agarre-se em mim.

— Você está é querendo que alguém o agarre, não é?

— A ideia é essa.

Já estavam retomando sua antiga maneira de implicar um com o outro, coisa que faziam desde os 12 anos. E era um comportamento bem familiar e conhecido.

Connor vislumbrou duas silhuetas na passarela. Sendo que uma delas parecia estar do lado de fora da grade de proteção. Ele teve uma sensação ruim naquele momento.

— Mas que garotinho estúpido — disse ele a meia voz.

— O que foi? — perguntou Lolly.

— É Julian. — Connor saiu em disparada.

Nesse exato momento um grito cortou a noite.

— Geroooooooooonimo!

Lolly virou a luz da lanterna em direção à passarela e, horrorizados, viram um corpo de menino se soltar da grade de proteção e mergulhar para a escuridão. Lolly sufocou seu grito.

A longa faixa de luz emitida pela lanterna iluminou uma pequena figura fugindo na ponte, que não era Julian, mas outro menino, que Connor não reconheceu. Em seguida, a faixa de luz começou a tremer quando Lolly apontou para a área debaixo da ponte.

— Julian — disse Connor com voz entrecortada.

A luz oscilou na mata enquanto Lolly procurava algum indício do garoto. Connor estava tão apavorado que não ouvia nada. De repente, ele reparou que Lolly falava com ele e iluminava uma longa corda amarrada na ponte.

O ritmo do coração de Connor desacelerou, no entanto seu sangue parecia estar a ponto de ferver.

— Safado — disse ele ao correr pela trilha. — Que safado estúpido!

Logo depois, ele chegou no deque da ponte e agarrou o cúmplice, um garoto chamado George, do Texas, que balbuciou como um covarde que não tinha culpa de nada, que Julian o forçara a ir junto.

— Cale a boca — berrou Connor, e o pequeno George obedeceu. Lolly iluminou o local onde a grade havia sido cortada. Então, direcionou a lanterna para baixo, acompanhando a corda, e lá estava Julian na ponta da corda praticando *bungee-jumping*.

— Peguei você — ele falou para o irmão que pendia da corda.

— Droga — respondeu Julian.

Só meia hora depois conseguiram resgatar Julian para então descer com ele e o cúmplice pela mata.

— Seu cretino maluco — esbravejou Connor enquanto desfazia o sistema complicado de cadeirinha e mosquetões os quais Julian tinha prendido ao corpo para praticar *bungee-jumping*.

— Acho que você não poderia falar comigo assim — disse Julian. — Regra n°11 do Kioga: Não será tolerado o uso de linguagem indecente ou vulgar, em nenhuma circunstância, nem por acampantes, nem por funcionários.

— É mesmo? E quais são as regras que proíbem os idiotas de pularem de pontes? — rebateu Connor.

— O que você tem na cabeça, garoto? — perguntou Lolly.

Julian olhou para ela e, sob o luar, o garoto parecia ingênuo e angelical como um menino de coro de igreja. Ele abriu um sorriso doce e desprotegido e Connor logo imaginou que estaria derretendo o coração de Lolly.

— Moça — disse Julian, bem sincero. — Eu queria conhecer a sensação de voar.

Connor achou que Lolly seria contaminada pelo charme do garoto, mas, em vez disso, ela respondeu:

— Engraçadinho. O que você fez não foi voar. Aquilo foi uma queda livre.

Mais meia hora se passou até colocarem os meninos na cama e os alertarem de que ambos sofreriam uma advertência, talvez até expulsão. *Legal*, pensou Connor, sabendo que, se seu irmão se fosse, ele não ficaria ali. As férias de verão, que mal haviam começado, estariam terminadas para ele.

— Me desculpe. Teria sido melhor se você tivesse permanecido na festa — disse Connor quando saía do alojamento com Lolly.

— Está brincando. Não é toda noite que tenho a oportunidade de ver alguém pulando da ponte sobre a Meerskill. Não ia perder isso por nada deste mundo.

— O que vou fazer agora?

— Conversar com ele sobre a carreira de dublê?

Os monitores tinham a obrigação de relatar as infrações cometidas para o reitor. Connor tentou ver o rosto de Lolly, mas estava escuro demais para decifrar seus pensamentos.

— Eu não vi nada — disse ela. — Você tem de admitir que ele foi bastante criativo e engenhoso.

Lolly tinha razão. Julian e George haviam descoberto os equipamentos de alpinismo do Kioga, como cadeirinhas, cordas, mosqueteiros, fitas tubulares, freios de segurança e as ferramentas. Os meninos consultaram um diagrama num livro e montaram todo o aparato. O irmãozinho de Connor era uma combinação desajeitada de criança prodígio, dublê e idiota.

— Segundo o pai, ele começou com essa mania de pular das coisas ainda bem pequeno — contou para Lolly. — Sempre foi fissurado por altura.

— Amanhã vamos colocá-lo nas aulas para aprender a pular do trampolim. Se ele gosta de pular, é melhor pular em segurança. Também temos aulas de esportes radicais como tirolesa e rapel.

Connor sentiu um alívio gostoso dentro do peito. Teve vontade de beijá-la naquele momento. Perder seu irmão novamente era a última coisa que queria no mundo.

— Seria bom demais.

— Acho que devemos seguir nossos impulsos mesmo que eles nos levem para lugares estranhos.

— Pode deixar, ele não vai aprontar de novo.

— Tudo bem.

— Ei, que tal uma incursão na cozinha? — perguntou Connor.

— Eu topo.

A cozinha era trancada todas as noites, principalmente para evitar a entrada de quatis e ursos, mas uma cópia da chave ficava guardada no lintel da porta, e eles rapidamente entraram. A cozinha do acampamento, com seus odores de condimentos, pão fresco caseiro, pilhas de enlatados e câmara frigorífica, parecia um local de abundância sem fim.

Connor pegou um pão de fôrma integral, da confeitaria Sky River, a mesma de quando ele era um acampante. Essa era uma das coisas de que gostava do Kioga. Nada mudava ao longo dos anos. O pão vinha sempre da mesma confeitaria, o leite vinha em embalagens reutilizáveis e as frutas e hortaliças procediam das fazendas do condado de Ulster.

Lolly abriu uma embalagem imensa de manteiga de amendoim e entregou para ele. Connor colocou camadas generosas de manteiga de amendoim no pão, adicionou mel e ofereceu um sanduíche para Lolly. Serviu um copo de leite e ofereceu-lhe, mas ela não quis.

— Sua família é muito interessante, Connor — disse ela. — Legal você passar o verão aqui com ele. — Ela lambeu o mel que estava escorrendo do sanduíche.

Ouvir as palavras de Lolly fazia Connor se sentir melhor acerca de Julian. Ele era muito doido, mas Connor estava feliz. Terminaram o lanche e em seguida limparam as evidências.

— Já é tarde — disse Connor, estendendo a mão para ela se levantar da mesa. Ela não precisava de ajuda, mas parecia a coisa mais educada a fazer. Apagaram as luzes, trancaram a porta e saíram para a noite, dominada pelo canto dos grilos.

— Vou acompanhá-la até seu chalé.

— Conheço bem o caminho — disse Lolly.

— Claro que sabe, isso foi só um código — replicou Connor brincando.

— Código para o quê?

— Quando um cara diz para uma garota que vai acompanhá-la até sua casa é porque ele quer lhe dar um beijo de boa-noite.

— Que engraçado. — Ela riu com desdém, do mesmo jeito quando eles eram garotos, que o deixava aborrecido. — Você não quer me dar um beijo de boa-noite, Connor.

— Tem razão — concordou ele, parando no caminho e colocando um braço em volta de sua cintura. — Eu quero beijá-la agora.

SCOUT VESPERS (TRADITIONAL)

*Softly falls the light of day
As our campfire fades away.
Silently each Scout should ask,
Have I done my daily task?
Have I kept my honor bright?
Can I guiltless sleep the night?
Have I done and have I dared,
Everything to be prepared?**

Nota

* Cânticos dos escoteiros (tradicional): A luz do dia suave cai / E a nossa fogueira se vai. / Em silêncio perguntar o escoteiro deveria: / Será que cumpri bem minhas tarefas deste dia? / Será que minha honra eu poli e preservei? / E sem nenhuma culpa esta noite dormirei? / Será que eu ousei, será que agi da forma certa, / Fiz tudo que podia para estar sempre alerta? (*N. da E.*)

Capítulo 21

— Qual é a roupa mais apropriada para se usar quando se vai confrontar o pai sobre seu amor secreto da juventude? — perguntou Olivia a Barkis.

O cachorrinho surgiu em seu quarto quando ela estava pintando as unhas do pé, num rosa-bombom.

— Lilly Pulitzer — ela concluiu, e pegou uma roupa no armário. Era um vestido estampado em tons de verde-limão e turquesa, suficientemente confortável para passar algumas horas dentro do carro e também elegante para chegar em Nova York. Depois de calçar a sandália de salto alto, pegar sua bolsa Longchamps e colocar os brincos, ela se deu conta de como gostava de se arrumar, mesmo às 6h30. As semanas de trabalho a tinham deixado um lixo. Agora, com as unhas das mãos e dos pés pintadas, e mais a maquiagem, sentia-se uma nova mulher.

Entretanto, não podia imaginar que Connor Davis se arrumasse todo para ir à cidade também. Quando ele chegou para pegá-la, Olivia quase não o reconheceu. Usava uma calça que parecia ter sido feita sob medida. Vestia uma camisa branca de boa qualidade com as mangas cumpridas dobradas. Um paletó e uma gravata estavam pendurados no cabide na parte de trás do carro, para não amarrotar. Deixara o boné de sempre em casa e fizera alguma coisa no cabelo com gel. No seu rosto barbeado e bronzeado, os olhos estavam mais azuis do que nunca.

— Uau — disse ela, e espantou-se de sentir uma certa atração por ele. — Olhe só para você, está muito legal.

— Uau! Eu que o diga — Connor retrucou. — Você está parecendo uma das personagens de *Sex and the City*.

Elogios vindo de homens sempre deixavam Olivia desconfiada. Será que os homens assistem àquele seriado? Não sei não. Aí ela se lembrou de Freddy. Eles viam, sim.

Julian surgiu, vindo do chalé que dividia com Connor. Vestia calça de moletom,

sem camisa, e estava com uma cara de quem acabara de acordar.

— Bom dia — disse para Olivia.

— Acordou cedo — replicou Olivia, sorrindo para ele.

— Não por escolha minha.

— Eu queria ter certeza de que estaria acordado na hora em que meu pai chegasse. — Ele se virou para Olivia. — Ele vem fazer alguns consertos.

— Hã-hã — disse Julian. — Ele vem tomar conta de mim.

— Sem querer ofender, mas do jeito como você está se comportando, precisa mesmo de supervisão.

— Que besteira. Quando chegamos aqui você disse que não era para eu estragar tudo. Por acaso fiz isso? — Ele olhou para Connor e depois para Olivia. — Causei algum estrago?

— Olha como fala — disse Connor.

— Você tem sido de muita ajuda — disse Olivia. — Sou muito grata a você.

— Estaremos de volta ao anoitecer — disse Connor. — Talvez depois disso.

— Vou tentar não sentir muita falta.

— Só estou avisando...

— Eu sei. — Julian acenou com a mão e sorriu.

Olivia colocou a guia na coleira de Barkis.

— Cuida dele para mim? Ele come uma colherada de ração no almoço e outra no jantar.

— Sem problema. — Julian o segurou pela guia. — Sabe dizer se aquela máquina de fax do escritório funciona?

— Acho que sim, agora que já foi restabelecido o serviço de telefone. Está precisando enviar um fax?

— Alguns documentos. — Ele evitou olhar para Connor. Olivia conteve um riso. Ela havia conversado com Julian sobre suas perspectivas para o futuro, e ele estava surpreendentemente aberto a sugestões. Ele próprio levantara a ideia do CTOR, Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva, e a Academia da Força Aérea, e Olivia o estimulou a se aprofundar mais nas pesquisas, se informar sobre tudo aquilo. Depois que soube de suas chances de pilotar um jato supersônico, ele ficou entusiasmado.

— Pode mandar fax para quem você quiser. — Ela se sentou do lado do carona no carro, jogou o suéter sobre o apoio da cabeça e colocou os óculos escuros. — Estou pronta — disse para Connor.

— Olhe só — replicou ele. — Fico contente por você querer ajudá-lo, mas Julian é responsabilidade minha. Não precisa tentar reabilitá-lo, ou o que quer que esteja fazendo.

— Interferindo — disse ela com simplicidade. — Chamo isso de interferência. Tenho dito a ele que a faculdade não é um sonho impossível. — Olivia viu, tarde demais, o efeito que suas palavras causavam em Connor. Um dia, ele também havia

sonhado em ir para a faculdade. Só que não acontecera, e ela não tinha coragem de perguntar-lhe o motivo.

— Ele não tem dinheiro nem rendimento escolar necessário. — Connor foi categórico na resposta.

— Ele não recebeu nenhum dinheiro de indenização pela morte do pai? Nada do Seguro Social? Nem uma pensão da universidade?

— Não tomei conhecimento dos detalhes, mas sei que não houve negligência no acidente. O dinheiro que cabia a Julian no acordo evaporou-se depois que cada um, entre advogados, parentes e nossa mãe, pegou sua parte. Mesmo que tivesse dinheiro, não creio que a faculdade seria uma boa opção, pois ele não vai se adaptar ao ambiente.

— Não desista dele assim tão fácil — disse Olivia. — Ele só tem 17 anos. — Ela gostava de Julian, com seu rosto angelical e inteligência de um Prêmio Nobel, sua obsessão com altura e perigo. — E não descarte a possibilidade de conseguir uma bolsa para o Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva. Ele pode muito bem canalizar toda aquela energia para alguma coisa útil na vida dele.

— Para isso ele precisaria de muita motivação. — Connor estava descrente.

— Talvez ele tenha essa motivação. — Olivia aproveitou que Connor estava concentrado na estrada para poder observar bem seu perfil bonito e másculo. — Você é contra a ideia de Julian ser um militar, é isso?

— Ele não sabe avaliar os riscos que pode correr.

— E por que acha que sua vida seria mais perigosa lá do que as coisas que ele já faz agora? — ela perguntou.

— Esta é uma questão interessante.

— Você está zangado por eu ter conversado com ele sobre o seu futuro?

— Claro que não. Só que a opção me parece um pouco ambiciosa demais.

Seria para alguém que tivesse crescido como Connor. No mundo de Connor, o simples fato de ter onde viver já poderia ser considerado excesso de ambição. Mas Olivia imaginou que ainda tinha mais alguma coisa que o preocupava.

— Você está apreensivo, não está? — disse. — Com seu irmão?

— Às vezes acho que sou o único que se preocupa com ele.

— Ele tem muita sorte de ter você — disse ela depois de notar a aflição em sua voz. — Acha que ele ficará bem?

— Isso vai depender se ele conseguir se manter longe de confusão e decidir o que fazer da vida.

È era exatamente por isso que Olivia estava tentando ajudar o jovem. Aparentemente, seu esforço não estava sendo muito bem recebido. Ela era uma intrometida por natureza e estava indo para a cidade exatamente para se intrometer mais um pouco. Por mais surreal que parecesse, ela ia perguntar ao pai se ele havia tido um filho fora do casamento nos tempos de faculdade. Só de pensar nisso seu

estômago já revirou, então ela tentou se distrair com a paisagem, variando desde cidades bucólicas e fazendas localizadas em colinas irregulares até postos de gasolina e shoppings.

— Está quieta demais agora — ele disse. — Quase não falou nada nos últimos 60 quilômetros. Tente não ficar tão tensa.

— Como não ficar tensa? — respondeu Olivia. — Acha que vai ser fácil perguntar ao meu pai se ele tem uma filha de quem nunca me falou?

— Talvez ele nem saiba da existência de Jenny Majesky.

Subitamente, Olivia teve vontade de vomitar. Era muito estranho imaginar que seu pai, que ela achava que conhecia, levasse uma vida dupla. Depois que juntou todas as peças do quebra-cabeça, a foto, o pingente e as informações de Terry Davis, tudo em que acreditou um dia se evaporou.

— Esse assunto me deixou completamente descontrolada — confessou. — Se eu estiver certa e Jenny for mesmo minha irmã, então ela me faltou a vida inteira quando poderia ter feito parte dela.

— Na minha opinião, foi melhor você não saber — ele disse em voz baixa. — Para mim, crescer sabendo que tinha um irmãozinho foi bem sofrido.

Meu Deus! Olivia tentou imaginá-lo um garotinho pequeno com um irmãozinho bebê para, logo depois, voltar a ser filho único. Talvez ele estivesse certo. Poderia doer muito se ela sempre soubesse da verdade.

Para surpresa de Olivia, Connor dirigiu com muita tranquilidade na estrada e depois, na cidade, conduziu o carro no tráfego com paciência e habilidade. Se fosse em outra circunstância, ela poderia tê-lo levado para conhecer melhor a vizinhança do seu pai, a delicatessen, o jornaleiro, os jardins e os seus vizinhos extravagantes. No entanto, seu estômago dava nós e a garganta doía. Ele alinhou o carro junto ao meio-fio, em frente ao prédio do seu pai, onde havia um toldo aberto sobre a calçada.

— Quero lhe pedir um enorme favor — disse Olivia.

Connor sorriu e balançou a cabeça em negação.

— Por favor...

— Você não vai querer que eu fique, Lolly. Eu lhe garanto.

È ele estava certo, claro. Não era certo lhe pedir que entrasse com ela. A situação já era esquisita com todas as perguntas que precisaria fazer e respostas que temia ouvir.

— Você é mais forte do que pensa — disse Connor.

Olivia gostou de ouvir que alguém acreditava nela, sem demonstrar grandes expectativas, mas com uma certeza firme de suas habilidades. Uma onda de ternura tomou conta dela, dissipando um pouco a tensão. Isso era novidade para ela: conviver com um homem que ao mesmo tempo a deixava relaxada e confiante.

— Ligue para mim quando acabar — disse ele. — Estou indo para o centro.

— Para o centro? — Ela tentou imaginá-lo no Village ou no píer no Chelsea. —

Tem alguma coisa em mente? Ou gostaria de uma sugestão?

— Não pense você que vou bancar o turista. Tenho uma reunião no centro, na Greenwich and Rector.

— Ah! É alguma coisa... Meu Deus, me perdoe. Fui inconveniente demais.

— Tenho uma reunião com meu corretor — disse Connor.

Seu olhar de espanto a traiu.

— Até construtores do interior podem ter suas aplicações.

— Eu não...

— Estava sim. Mas tudo bem. Vá, Olivia. Boa sorte com seu pai.

— Obrigada. — Ela pegou a bolsa e a sacola.

Connor se virou para vê-la e, de novo, ela parecia completamente seduzida pelos seus olhos azuis, cabelos escuros e camisa aberta no colarinho. Olivia poderia jurar que Connor queria beijá-la. Houve um instante de tensão entre eles, e ainda havia muito que conversar, mas não agora. Ela soltou o cinto de segurança e rapidamente se inclinou e deu-lhe um beijo no rosto. *Dane-se*, ela pensou. Ela queria aquele beijo. E, quando sentiu o calor de sua pele e o cheiro do seu perfume, ela quis mais.

— Para dar sorte — disse ela para em seguida sair apressadamente do carro. Se ele disse alguma coisa, ela não ouviu.

Olivia percebeu que o porteiro a observava, mas ainda assim permaneceu na calçada e esperou Connor sair. Para encontrar seu corretor. Não deveria estar surpresa por ele possuir uma carteira de ações sendo tão jovem. Para quem cresceu num ambiente sem a menor segurança ou controle, monitorar suas finanças provavelmente tornara-se um hábito. Convivendo com ele agora, diariamente, Olivia quase se esqueceu de que ele vivera toda uma vida sobre a qual ela nada sabia, com outros clientes e outros projetos. Talvez até tivesse uma namorada, mas, se fosse o caso, ela ficaria arrasada.

Quem ela pensava que estava enganando? *Todo* o seu mundo estaria arrasado. Ele não poderia, disse a si mesma. Não havia hipótese de ele olhar para ela daquele jeito se tivesse uma namorada. Só o ardor do seu olhar já seria considerado uma traição.

Olivia ajeitou a alça da bolsa no ombro, virou-se e encaminhou-se para a portaria.

— Srta. Bellamy — o porteiro a cumprimentou.

Seu pai se mudara para aquele prédio depois do divórcio. Quando criança, Olivia só dormia na casa do pai quando iam juntos a um jogo dos Yankees, a uma ópera ou na véspera de alguma viagem dos dois. Fora isso, era sabido por todos que seu lugar era ao lado da mãe, no luxuoso apartamento da Quinta Avenida. É lá que estava tudo que era seu, inclusive o piano, seus livros preciosos e Degas, seu gato adorado. Ainda assim, seu pai tentava atraí-la para junto dele. O seu apartamento elegante, de construção moderna, tinha um pequeno quarto só dela, com uma escrivaninha embutida na parede, cama beliche e um tapete de chenile branco.

Olivia resolveu subir pela escada em vez de pegar o elevador. Seu pai, que já fora

avisado pelo porteiro da sua chegada, a esperava na porta. Graças aodia quente as janelas estavam abertas, mas ele usava um cardigã. Engraçado, ela não se lembrava de tê-lo visto usando um cardigã antes. Aquela roupa o envelhecia. Não gostava de pensar no seu pai como um homem velho. Até bem pouco tempo ela só pensava nele como o “papai”. Agora tinha de encará-lo como um simples ser humano, alguém que tinha os impulsos, paixões e motivações que ela nunca levou em consideração. O que será que o estimula? Ele era um advogado de sucesso, um filho presente e pai devotado, e o que mais, além disso? Sempre quis escrever. Ela sabia, mas nunca conversaram sobre isso e agora gostaria de tê-lo feito. Quem dera tivessem conversado sobre tantas outras coisas!

— Oi, pai — disse Olivia se pondo nas pontas dos pés para beijar seu rosto.

— Como vai minha feliz acampante? — perguntou ele.

— Incrivelmente feliz — disse ela. — Tendo em vista se tratar do Kioga. Fazer uma reforma na propriedade é bem melhor do que acampar.

— O que gostaria de tomar? — ele perguntou. — Uma limonada, água mineral?

— Primeiro vou me refrescar, depois eu mesma me sirvo de alguma coisa. — Ela foi até o toalete, em seguida parou na cozinha e abriu a geladeira para pegar uma garrafa de água mineral. Foi então para a sala, ao encontro do pai.

O pai sentara na sua poltrona predileta.

— Conte-me tudo. Algo muito bom deve estar acontecendo no Kioga, você está radiante.

Depois de passar três horas num carro com Connor Davis qualquer mulher ficaria bem, ela pensou.

Olivia tomou uns goles da água mineral para então colocá-lo a par dos últimos acontecimentos.

— É incrível, pai — ela disse. — Aquele lugar guarda tantas lembranças! Para nós todos. Talvez seja pela ausência de tecnologia. Temos que nos divertir à moda antiga.

— Como vai indo Greg?

— No início, não muito bem. — Olivia observou no pai um ar desapontado. Apesar de Philip ser dez anos mais velho do que Greg, eles eram muito próximos. E ela, então, rapidamente, prosseguiu: — Mas ele está melhorando a cada dia. Aliás, todos os três. Para mim, o maior problema de tio Greg foi ele ter se distanciado dos filhos. Logo que chegaram, ele e Daisy mal se falavam, e com Max, ele parecia um estranho. Agora eles praticam canoagem, pescam, brincam com diferentes jogos e leem livros juntos. Eles vão acabar bem, papai.

— E você — ele perguntou. — Como está?

Olivia pôs o copo sobre a mesa antes de falar.

— Sabe, pai, a vida é engraçada. Superei rápido demais o fim do noivado com Rand. Foi como se eu tivesse me curado de uma cutícula inflamada. No início dói tanto que não se pensa em outra coisa. Mas se colocamos o remédio certo, a dor vai

embora logo e você até esquece onde estava doendo.

— Esse trabalho no Kioga foi um remédio para você, então. Ou ele não era o homem certo para você.

— É por que será que eu achava que era?

— Você se iludiu.

Olivia precisava refletir se tinha sido apenas seu orgulho que ficara ferido. O que a preocupou, pois não podia ser tão superficial assim. Olivia imaginou uma vida para ela e fez algumas escolhas dentro desse panorama, que incluía uma casa, um marido e uma família. Mas será que era apenas uma ilusão sua, como disse seu pai?

— Esteve com seus avós?

— Não sei se terei tempo de vê-los hoje. Pensei em telefonar para eles, e para mamãe também — acrescentou, cautelosa. Chegou a pensar em dar um pulo para ver se estava tudo bem em seu apartamento, mas não havia necessidade disso. Earl estava mantendo as coisas arrumadas, regando as plantas e cuidando de tudo. E ainda por cima não tinha certeza se seria uma boa ideia levar Connor até lá, e deixá-lo ver o luxo em que ela vivia.

Olivia percebeu que estava evitando o real motivo da sua visita. *Entre logo no assunto*, pensou. Ela respirou fundo e... escapuliu de novo.

— Não sei se lhe contei que o construtor que está trabalhando em Kioga é Connor Davis.

— Connor... — O pai coçou o queixo, pensando. — O garoto de Terry Davis?

— Não é mais um garoto, pai.

— Acha que não lembro?

— E lembra? — Olivia estava surpresa.

— Que tipo de pai eu seria se não me lembrasse da primeira vez que minha única filha sofreu por amor? Tive vontade de matar o garoto.

— Pai, eu nunca soube disso. — As palavras única filha ficaram ecoando em sua mente. — Bem, esse sofrimento eu superei, tanto quanto os outros, que vieram depois — disse ela. Mentirosa. Ela não superou Connor Davis. Uma parte dela, uma parte importante, tinha ficado para trás, e só agora ela se deu conta. Está na hora de mudar de assunto. — Quanto ao que você disse de eu ser sua filha única, preciso lhe perguntar algo. É um assunto pessoal.

— Pergunte qualquer coisa. Sou um livro aberto.

E ele parecia sincero. Olivia nunca o considerou uma pessoa falsa. No entanto, agora parecia estar envolvido em segredos e mentiras. *Vamos lá*, pensou.

— Pai — disse ela. — Eu estava imaginando como teriam sido suas férias em Kioga.

— Como assim? — ele sorriu. — Passei tantos anos indo para lá, o que quer saber exatamente?

Olivia tomou coragem para perguntar.

— Me conte sobre suas férias de verão em 1977.

O pai ficou pensativo.

— Vou me lembrar, espere. Provavelmente, fui monitor nesse ano. Por que a pergunta?

— Encontrei uma fotografia antiga sua, com data de agosto de 1977, e fiquei curiosa. — Ela tirou um envelope pardo da bolsa e lhe entregou.

A mão de Philip estava ligeiramente trêmula ao colocar os óculos de leitura e pegar o envelope.

— Nossa! Quase me esqueci...

Alguma coisa dizia a Olivia, talvez a suavidade em sua voz ou os olhos marejados, que ele estava mentindo.

— Do que exatamente você se esqueceu?

— De ter ganhado um troféu. Ainda gosto de tênis até hoje. Preciso voltar a treinar.

— Existe uma outra cópia dessa foto exposta na parede da confeitaria Sky River. Só que cortaram você fora.

— Eu não... sabia disso.

— Você e Mariska eram muito amigos? — Olivia o encarou ao perguntar.

Ele virou a foto ao contrário, mas Olivia sabia que só estava escrita a data e mais nada.

— Terry Davis me contou que vocês dois eram inseparáveis — explicou Olivia.

— Mostrou esta foto para Terry Davis?

— Sim. Hoje em dia ele vive em Indian Wells. — Mas Olivia não queria se desviar do assunto Mariska. — Ela é muito bonita — continuou. — Vocês eram... namorados?

Ele soltou um longo suspiro e recostou na poltrona.

— Acho que poderia dizer que sim.

— Você estava com ela no verão de 1977 — salientou Olivia. — E naquele mesmo ano você se casou com mamãe.

Ele ficou pálido e evitou seu olhar.

— Meu Deus, *papai*. — Ela desejou que ele negasse tudo. Que se defendesse.

— Olivia, essa é uma história muito antiga. Aconteceu antes de você nascer. Não vejo por que tanto interesse.

Nesse momento ela pegou outra fotografia, sendo que essa era uma reprodução da Biblioteca Pública de Avalon. Ela a encontrou quando pesquisava nos arquivos do jornal *Avalon Troubadour*. A legenda dizia: “A confeitaria Sky River comemora seu Jubileu.” Na foto estão as proprietárias, a sra. Helen Majesky e sua neta, Jennifer Majesky.

Era uma foto boa de Jenny Majesky, mostrando sua beleza. Ao lado da foto antiga de Mariska ficava bem evidente a semelhança entre mãe e filha.

Olivia observou a expressão no rosto do pai. Ele ficou lívido e na sua testa

brotaram gotas de suor. Estava profundamente chocado, Olivia pôde ver isso. Antes disso, ele não sabia de nada.

— O nome dela é Jennifer Anastasia Majesky — Olivia contou ao pai. — Ela nasceu no dia 23 de março de 1978. — Foi fácil obter esses dados. Connor perguntara ao delegado, Rourke McKnight, que era seu amigo. — Está vendo a corrente que ela está usando no pescoço? Não é possível distinguir pela foto, mas tem um pingente que combina com este. — Ela entregou ao pai a abotoadura de prata.

Ela precisou se controlar para permanecer sentada enquanto o pai assimilava aquela informação. Lentamente, ele abaixou a mão que segurava a foto e se forçou a fitá-la.

— Você tem certeza?

Olivia entendeu o que ele queria saber. *Você tem certeza de que ela é minha filha?*

— Não. Você é que terá que investigar essa história.

Philip tirou um lenço do bolso e secou o rosto.

— E Mariska? — ele perguntou. — Ela está em Avalon?

— Não. Segundo o delegado McKnight, ela foi embora quando Jenny tinha três ou quatro anos e nunca mais voltou.

— Meu Deus, Mariska — seu pai sussurrou. Ele baixou a cabeça e apoiou os cotovelos nas próprias coxas. Ele parecia arrasado, como se aquela revelação tivesse destruído uma parte vital dele.

KOLACHES DE GELEIA DA CONFEITARIA SKY RIVER

½ xícara de manteiga amolecida
100g de cream cheese
1 ¼ de xícara de farinha de trigo
1 pote pequeno de geleia (damasco, framboesa ou maçã)
Açúcar de confeiteiro para polvilhar

Bata a manteiga com o cream cheese até ficar uma massa leve e fofa. Adicione a farinha, trabalhe a massa. Abra a massa em uma superfície esfarinhada. Com uma faca afiada, corte em quadrados de mais ou menos 5cm de lado e acomode-os num tabuleiro ligeiramente untado. Coloque uma colherada de geleia em cada biscoito, feche as pontas na diagonal e aperte nas beiradas. Asse em forno a 190°, por 15 minutos. Depois de frio, polvilhe açúcar de confeiteiro. Esta receita rende cerca de 24 biscoitos.

Capítulo 22

Setembro de 1977

Estavam encerradas as atividades daquele ano no Kioga. Philip Bellamy era um dos últimos monitores a partir. Seus pais o deixaram na estação de trem da cidade e ele chegaria em New Haven por volta da hora do jantar. Ele foi esperar pelo trem Número Dois com destino a Nova York. Mathew Alger também estava na estação, sentado num banco com sua namorada, uma estudante de Barnard que trabalhara na cozinha do Kioga no verão.

— Oi, Alger — disse Philip. — Oi, Shelley. Vocês vão voltar para a cidade?

— Eu vou — disse Shelley. — Mas Matt vai ficar em Avalon para seu estágio em administração municipal.

Alger jogou seus cabelos louros para trás fazendo pose.

— Vim aqui apenas para me despedir da minha namorada. — Ele envolveu a cintura de Shelley com o braço.

Philip sentiu uma pontada de inveja ao observá-los. Ele fora obrigado a se despedir de Mariska secretamente, na véspera. Mesmo querendo gritar seu amor por ela para o mundo inteiro, precisava manter segredo até resolver sua vida e ficar livre de Pamela. Mentalmente, ele reviu seu plano inúmeras vezes. Em primeiro lugar, faria sua matrícula na faculdade. Em seguida, terminaria o noivado com Pamela, e depois voltaria a Avalon para propor casamento a Mariska. *Simples*, ele pensou. Mas não seria fácil.

Ele não ia se enganar. Sua vida ia mudar radicalmente. Ele tinha programado ir para a faculdade de direito, mas isso não era o que queria realmente. O que ele queria de fato era escrever. Já concluíra duas histórias durante o verão e estava cogitando enviá-las para a revista *Yale Literary Review*.

Ele viu a própria imagem refletida num grande cartaz de vidro que anunciava o

filme *Annie Hall*. Estava de camisa e gravata porque não teria tempo de trocar de roupa quando chegasse no campus essa noite, quando haveria um jantar oficial. Como tesoureiro da classe, ele não poderia faltar.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e sacudiu as moedas para tentar aplacar sua impaciência. Os dedos encontraram a abotoadura de prata e ele se consolou ao se lembrar de que Mariska tinha outra, igual. Andou de um lado para o outro e depois ficou observando os trilhos como se isso fosse fazer o trem chegar mais rápido. Consultou o relógio, andou um pouco mais. Várias pessoas chegaram para embarcar, turistas que voltavam para a cidade depois do feriado do Dia do Trabalho, comemorado sempre na primeira segunda-feira de setembro, gente com crianças, muitas malas, bronzeados e manchas rosadas de pomada nas mordidas de mosquitos.

No meio de tanta gente, ele avistou uma jovem magra, de cabelos escuros e brilhantes correndo em sua direção. Seu coração deu um pulso.

— Mariska?

— Philip — disse ela, já ofegante.

Seu rosto estava pálido, cansado e ainda assim lindo. Logo ele se virou para se certificar de que ninguém os via. Era arriscado demais. Não poderia pegá-la nos braços como era sua vontade.

— Não sabia que você vinha até a estação — disse ele enquanto mantinha as mãos junto ao corpo.

— Não posso continuar com isso — ela disse. — Preciso lhe dizer uma coisa.

A expressão de frieza no rosto dela era tão impressionante que cortava seu coração. Naquele instante, ele entendeu tudo. Antes mesmo que ela falasse.

— Mariska.

— Vamos sentar. — Ela apontou para um banco na extremidade da plataforma, ao lado da banca de jornal. A manchete do jornal *The New York Times* falava sobre o lançamento da segunda nave espacial, enquanto que o *Avalon Troubadour* proclamava que o acampamento Kioga encerrava sua 45^a temporada.

— O que foi que aconteceu? — O peito de Philip estava esquisito, parecia que ele tinha acabado de engolir um cubo de gelo.

Ela sentou de frente para ele.

— Está na hora de encararmos os fatos.

Apesar de o sol esquentar a plataforma, Philip teve de controlar sua tremedeira.

— Meu amor. Passamos o verão todo encarando os fatos, e o fato é que estamos apaixonados.

O semblante de Mariska era uma máscara calma e fria, como se ela fosse uma estranha.

— Imagino que sim, durante um tempo. Nos divertimos bastante, Philip, mas nós deixamos as coisas irem longe demais.

— Que loucura é essa? — disse ele.

Ela se sobressaltou quando ele falou mais alto e olhou ao redor para ver se alguém os escutara.

— Não é loucura — ela falava quase sussurrando. — Loucura é fingir que isso vai dar certo. Fingindo que nosso romance vai dar certo.

— O que está dizendo? Claro que vai dar certo. Nós temos um plano.

— O plano não vai funcionar, e fui estúpida por insistir nele. Pertencemos a mundos diferentes. O que senti por você foi algo passageiro.

— Eu não acredito em você — disse Philip. Ele tentou segurar-lhe a mão, mas ela a recolheu. — O que foi que aconteceu? Ontem à noite você... — Ele não encontrava as palavras para descrever o que tinham vivenciado sem dar uma conotação grosseira e vulgar.

— Na noite passada, eu ainda estava mentindo — ela disse, fitando-o com uma calma lúgubre. — Para você e para mim.

— Não pode ser. Está mentindo *agora*. Está com medo porque vou partir. Mas, meu amor, não precisa se preocupar comigo. Eu fiz uma promessa, e pretendo mantê-la. Pode confiar, eu voltarei.

Mariska continuava séria, encarando-o.

— Estou lhe pedindo, lhe dizendo que respeite minha decisão e que se afaste de mim. Não quero ser mais sua namorada, Philip. Diverti-me bastante com você neste verão, mas as coisas foram longe demais.

— Nós nos apaixonamos.

— Foi o que eu disse. Nós dois dissemos — ela explicou com um ar de uma pessoa bem mais velha. — Mas nos enganamos. Foi um romance que não foi feito para durar, e agora terminou. Tenho outros planos para a minha vida. Vou viajar, visitar novos lugares e conhecer gente nova...

— Claro que vai, meu amor. Comigo. Eu não lhe disse que a levaria a qualquer lugar que quisesse? — Philip ouvia o próprio desespero em sua voz. Odiava ouvir o som dele mesmo suplicando, mas não sabia mais o que fazer.

— Você não está me escutando — disse Mariska. — Não quero ver o mundo com você. Você é um cara legal, Philip, e estas férias foram ótimas, mas agora acabou. Eu deveria ter tido a coragem para lhe contar antes. O verão terminou, e nós também. Você precisa retomar sua vida e eu vou enfrentar a minha.

— Mas não tenho vida nenhuma sem você — ele disse.

— Está sendo dramático. — Ela agarrou a bolsa e a apertou contra a própria barriga. As unhas dos seus dedos tinham sido roídas até o sabugo e ela manuseava a alça da bolsa com visível nervosismo. — Você tem a faculdade, todos os seus amigos e qualquer futuro que queira. Além da sua noiva, Pamela.

— Já lhe disse que meu noivado com Pamela será desfeito. — Philip já estava ficando enjoado do estômago. — Eu entendo você... ficou zangada por ter que se

esconder o verão todo.

— Não estou zangada. Nós somos de mundos totalmente diferentes, e precisamos parar de fingir que isso não importa. — Ela deu uma risada estridente, desprovida de humor. — Pode imaginar nossas famílias reunidas? Meus pais são imigrantes poloneses. Os seus são Bellamy, meu Deus!

— Nossa, Mariska. Por que tudo isso agora? — E de repente ele teve um lampejo e deu um tapa na própria testa. — Isso tudo foi muito bem ensaiado, como se você estivesse recitando um texto decorado. Isso não partiu de você. Quem é que está por trás disso?

— Você está prestando atenção em mim? Está ouvindo minha voz? Finalmente estou lhe dizendo algo que deveria ter dito muito tempo atrás. Venho mentindo o verão inteiro para nós dois. Eu me convenci de que queria ficar com você mesmo sabendo que jamais daria certo. Agora, chega. Não quero mais mentir.

Ele não conhecia aquela pessoa. A pessoa que estava diante dele era uma estranha.

Mariska se levantou segurando a bolsa na frente do corpo como se fosse um escudo.

— Se o magoei, sinto muito, mas vai passar logo, acredite. Adeus, Philip.

— Não vá. — Ele não se controlou. Levantou-se e segurou-lhe o braço e a trouxe para perto de si. — Não vou deixá-la ir. Nem agora, nem nunca.

— Basta — disse ela, levantando a mão. — Estou terminando nossa relação, entendeu? Acontece com todos os relacionamentos, exceto com um deles. Quando é com a pessoa certa.

— E no nosso caso é — disse ele, já furioso.

— Nós dois sabemos que não. — Ela lançou-lhe um olhar frio. Philip nunca vira aquela expressão. — Não quero criar problemas aqui, mas se você não me soltar, vou gritar por ajuda.

— Voltarei para você — ele disse, recuando.

— Não estarei mais aqui. — Ela se virou e afastou-se dele.

Philip correu até alcançá-la novamente.

— Vamos lá, Mariska, não desista do nosso amor assim tão facilmente.

Ela parou de andar, esquivou-se dele e disse, ríspida:

— Eu não queria ser muito dura, mas você já está me irritando. Nosso caso acabou e ponto final. Agora vou embora, e se você me seguir vou acusá-lo de assédio sexual. Se tentar fazer contato comigo, não atenderei ao telefone nem lerei suas cartas. Nada, Philip, juro por Deus. — Girou e encaminhou-se para as escadas da saída.

Ele ainda deu alguns passos na direção dela, como se uma força invisível o puxasse. *Nosso caso acabou e ponto final.* As palavras dela martelavam em sua cabeça, e aí ele parou. Não pôde chamá-la, pois sua garganta fechou. Sentiu um torpor ao observar a figura de Mariska, cada vez menor, à medida que se distanciava, sem

correr e sem olhar para trás. Ela desceu as escadas e dirigiu-se para a passagem subterrânea de pedestres sob a rua principal, desaparecendo sem deixar rastro.

O apito estridente do trem fez Philip pular. A locomotiva se aproximou barulhenta e espalhando vapor. Automaticamente, ele pegou a mala e esperou que o trem parasse. Na outra ponta da plataforma estava Matthew Alger se despedindo da namorada. As pessoas reuniam suas bagagens e se preparavam para entrar no trem. Philip hesitava, pronto para correr. Ele tinha de correr atrás de Mariska, dizer-lhe que estava enganada, que eles deviam permanecer juntos.

Um casal elegante surgiu da gare e se juntou aos passageiros que iriam embarcar no trem.

Os Lightsey, Philip percebeu, contrariado. Que encontro fora de hora. Gwen Lightsey o viu imediatamente.

— Olá, Philip — disse ela. — Bem que sua mãe havia me dito que você estaria neste trem hoje.

— Olá, senhora — disse Philip, inclinando a cabeça. E virou-se para cumprimentar Samuel Lightsey também.

— Como vai o senhor?

— Muito bem, Philip.

O apito do trem soou e abafou completamente a conversa deles. Philip deu passagem para a sra. Lightsey embarcar, seguida pelo marido, que carregava as malas.

— Venha sentar-se conosco — a sra. Lightsey gritou da janela semiaberta. — Guardei um assento para você. Teremos uma visita interessante ao voltar para a cidade e chegaremos logo.

As palavras de Mariska martelavam em sua mente. *Está tudo terminado. Tenho outros planos para a minha vida.*

O condutor do trem apitou para a plataforma.

— Philip, sente-se, filho — disse o sr. Lightsey. — Por acaso esqueceu alguma coisa?

Meus pais são imigrantes poloneses. Os seus são os Bellamy, pelo amor de Deus!

O apito soou novamente. Ele segurou com força a grade de segurança. Arrasado, caminhou lentamente até o assento de frente para o casal Lightsey. Guardou a mala no compartimento de bagagem, acima da cabeça, e sentou-se.

Os pais de Pamela eram as últimas pessoas que ele gostaria de encontrar naquele momento. Na verdade, ele não queria ver ninguém. Tal como um animal ferido, ele queria abraçar-se no escuro e tentar se recuperar.

Mas, em vez disso, viu-se diante dos melhores amigos de seus pais. O sr. e a sra. Lightsey eram pessoas gentis e sérias que tinham todos os motivos para acreditar que seriam seus sogros um dia.

Philip estava no piloto automático, e tudo indicava que estava se saindo bem, pois

eles não pareciam perceber nada de errado. Aparentemente, ter seu coração pisoteado e ver todos os seus sonhos e desejos reduzidos a pó não produziram qualquer sintoma visível.

Ele ouviu alguém falar sobre Yale, e seu plano de trabalhar na monografia e seus desejos para o futuro. Até que concluiu que esse estranho era ele mesmo.

A sra. Lightsey, “Me chame de Gwen, ela insistia”, estava radiante na frente dele, enquanto sua figura elegantemente vestida balançava no ritmo do trem que se dirigia para o sul. Suas joias eram discretas e bonitas. Um pequeno relógio de ouro, um anel de diamante e um colar de pérolas de uma volta apenas. Pamela certa vez lhe falou que, tendo em vista a fortuna da família em joias, a mãe poderia se cobrir de ouro e diamantes. Mas claro que seria vulgar demais. Só porque se podia não queria dizer que se devia.

Ele se recostou e providenciou uma expressão agradável para ouvi-los.

— Não poderíamos estar mais satisfeitos com o desenrolar dos acontecimentos — ela declarou.

— Sim, senhora. — Era só o que Philip sabia dizer.

— Pamela vai ficar tão contente em vê-lo — dizia a sra. Lightsey.

Philip sorria porque não sabia o que mais fazer.

— Sim, senhora — ele disse, lá pelas tantas.

I slept and dreamed that life was beauty.
*I awoke — and found that life was duty.**
— Ellen Sturgis Hooper, poeta americana

Nota

** Ao dormir eu sonhei que a vida era de pura beleza. / Acordei para descobrir que a vida era compromisso. (N. da E.)*

Capítulo 23

— Aquela foi a última vez que vi Mariska — explicou o pai de Olivia com voz cansada e emocionada. — Ela me deixou naquele dia e nunca mais a vi, nem falei com ela.

— Inacreditável — disse Olivia, tentando visualizar seu pai jovem e desesperado ao ser abandonado pela garota que ele amava. — Se você a amava tanto, por que não tentou encontrá-la depois disso? Por que não deixou o trem partir, simplesmente?

Ele esfregou a testa como se ela doesse.

— Imagino que tenha sido o choque. E alguma coisa nela... me convenceu de que estava tudo terminado. Mas, claro, quando cheguei à faculdade tentei inúmeras vezes falar com ela. Escrevi cartas, mandei telegramas e cheguei a pegar um trem para ir a Avalon num fim de semana. Finalmente, a mãe dela me disse que ela partira e que era para eu parar de procurar por Mariska.

— Então, a mãe de Mariska sabia o que estava acontecendo?

— Talvez. Não sei. Imagino que nunca saberei se Mariska desconfiava da gravidez ou se realmente terminara o romance comigo. — Ele balançou a cabeça. — Nunca deveria ter acreditado nas coisas que ela me disse naquele dia. Deveria ter prestado mais atenção nas coisas que ela *não* disse. Na sua linguagem corporal, em seu nervosismo e no fato de ter roído todas as unhas.

Olivia estava tonta. Sabia perfeitamente que ele só estava lhe dando um resumo da história, omitindo os detalhes. Mas o fato era que ele tinha sido apaixonado por Mariska Majesky.

— Então você retomou seu noivado com mamãe só para reduzir suas perdas?

— Não foi bem assim. — Ele olhou para o céu pela janela do apartamento. — Não me sinto nem um pouco orgulhoso com o que fiz, e o fato de ser jovem não justifica a estupidez.

— O que disse a mamãe quando a viu novamente?

— Disse-lhe que deveríamos terminar o noivado. Pensava que não estava mais apaixonado.

— Não pensou sobre isso? — Olivia estava irritada. — Você teve o verão todo para pensar. Até se encontrar com mamãe já devia saber.

— Eu sabia — admitiu ele.

Ela olhou para a foto sobre a mesa e estremeceu. O que doía mais não era ele ter estado com outra mulher durante o noivado com a mãe. O que mais doía era ver o quanto ele parecia estar feliz ao lado de Mariska. Olivia nunca o vira assim tão feliz.

— Querida — disse ele. — Diga-me, em que pensa?

— Você não vai querer saber, acredite em mim.

— Deixe-me resolver se vou acreditar ou não. Chega de tantos segredos.

— Legal — disse ela. — É que quando olho para esta foto, sinto inveja. Gostaria de tê-lo visto feliz assim com mamãe.

— Você está exagerando um pouco na sua interpretação — replicou ele. — Todo mundo fica alegre assim quando é jovem e tem a vida inteira pela frente. — Ele pôs sua mão sobre a de Olivia. — Bem que tentamos, eu e sua mãe, ambos tentamos fazer o casamento dar certo.

Ela retirou a mão. Mesmo naquele dia quente, suas mãos estavam frias.

— Depois que desmanchou o noivado com mamãe, ela... o que aconteceu? Ela o forçou a se casar? Não entendo, pai. Está faltando alguma coisa nessa história.

Novamente ele olhou pela janela.

— Sua mãe não aceitou terminar o noivado. A seu pedido, voltamos para a faculdade e continuamos a agir como um casal. Só por alguns dias, ela dissera. Mas depois as coisas mudaram entre nós. A situação melhorou. Eu me lembro por que comecei a namorar sua mãe, em primeiro lugar, e por que a pedi em casamento. Ela era, e ainda é, linda, inteligente e atenciosa.

— E era bem disponível, não se esqueça disso — disse Olivia.

— Eu não queria ficar sozinho naquele tempo.

— É melhor do que ficar com a pessoa errada.

— Você é mais esperta do que eu fui. — Ele a fitou nos olhos. — Escute, sinto muito se os seus noivados não deram certo. Sinto muito que tenha sofrido. Mas tenho orgulho de você, orgulho por você saber que tinha de cair fora. É que tem a coragem de esperar até encontrar a pessoa certa.

Apesar de estar zangada com ele, Olivia sentiu que compreendia o pai. No dia em que ela e Rand terminaram, seu pai lhe falara com um discernimento surpreendente: *Existe um tipo de amor que tem o poder de salvá-la, de conduzi-la pela vida. É como respirar. Se não o fizer, morrerá. E quando ele termina, sua alma sangra, Livvy. Não existe dor igual no mundo, eu juro.*

Agora, finalmente, ela sabia exatamente de onde vinha aquela percepção. O pai já vivera isso. Essas palavras não eram simples chavões. Ele falava com conhecimento

de causa. Ele já amara alguém intensamente. Só que o objeto do seu amor fora uma estranha. Mariska Majesky.

— Eu queria fazer sua mãe feliz — ele disse. — Queria merecê-la. Queria isso mais do que tudo. Às vezes, quando se quer muito alguma coisa, é possível que essa coisa venha a acontecer, só com a força do pensamento.

— Meu Deus! Você não aprendeu nada? — ela perguntou, frustrada. — E mamãe? Vocês se casaram em dezembro de 1977. Por que a pressa? Vocês eram tão jovens, e você tinha que terminar a faculdade de direito... — Ela parou de falar ao ver que o pai olhava para o teto. — Pai, você tem que me contar. Eu já sei de muita coisa.

Ele hesitou por um bom tempo. Parecia muito velho para ela. Quando foi que seu pai, tão bonito e vigoroso, homem de sociedade, tinha se transformado em um velho deprimido? Finalmente, ele falou:

— Essa história também é da sua mãe.

— E é minha também, droga — cortou Olivia. — Mereço saber. — Ela não podia imaginar por que o pai estava querendo preservar sua mãe.

— Sua mãe não queria que você soubesse.

— Não me faça ligar para ela — disse Olivia. — Não faça isso com ela.

— Tinha uma criança envolvida — disse o pai.

— O quê? — Olivia espantou-se.

— Eu e sua mãe estávamos tentando uma reconciliação. Achávamos que as coisas podiam funcionar. Ela estava grávida quando nos casamos. Ninguém soube porque antecipamos a data do casamento. Combinamos que o bebê seria “prematureo”, como as pessoas costumavam dizer naquela época, mas estávamos felizes com a novidade. — Ele juntou as pontas dos dedos e fitou o espaço vazio entre elas. — Mas logo após o casamento Pamela perdeu a criança. Foi muito triste para nós dois.

Olivia ficou imaginando. O casamento deles foi uma estrutura frágil, fincada em terreno instável — um jovem profundamente decepcionado e de consciência pesada, com uma mulher ambiciosa e determinada a fazer a combinação “perfeita” pelos motivos errados. Provavelmente, depositaram todas as esperanças naquele bebê, e quando ele deixou de existir só restou ao casal continuar tentando salvar o casamento.

— Sabe, pai, não entendo muito dessas coisas de carma e destino, mas devo dizer que talvez você tenha interpretado o aborto como um sinal.

— Sinal de quê? De que nunca deveríamos ter casado ou de que era preciso trabalhar mais nossa relação? — Ele soltou um suspiro. — Você queria saber o que aconteceu, então eu lhe contei. Bem que eu queria que tivesse dado certo, mas não me arrependo de ter me casado, de forma alguma, pois o casamento gerou você.

Apesar de revoltada e frustrada com o pai, Olivia sentiu um estalo e se lembrou do motivo que a fizera estar ali.

— É sua ligação com Mariska lhe deu Jenny Majesky.

O semblante do pai estava branco de choque e arrependimento.

— O que você vai fazer a respeito disso?

— Bem, em primeiro lugar, quero lhe agradecer por ter me contado.

— E por que eu não lhe contaria? Você é filha única. Minha única herdeira, o fato de existir uma irmã vai mudar essa situação.

Ela soltou uma risada breve. Sentia tantas emoções conflitantes, como ressentimento pelos pais terem escondido tanta coisa dela; inveja pelo pai ter sido mais feliz com outra mulher; e medo, também, de que a existência de outra filha estava abalando seu mundo. Mas não pelas razões que seu pai apontara.

— Fique tranquilo, a herança é minha última preocupação. E você ainda não me respondeu.

— Tenho que fazer muitas coisas — disse ele. — Preciso checar algumas, depois ir a Avalon para conhecer e verificar se de fato sou o pai biológico dela e descobrir se sabe alguma coisa sobre mim. Descobrir onde está Mariska. E se Jenny foi criada por alguém que pensa ser seu pai?

— Pelo que eu soube, ela foi criada pelos avós.

— É possível, mas pode ser que imagine que outra pessoa seja seu pai. Eu poderia causar um problema para a família se aparecesse de repente, dizendo ser o pai dela. Quero fazer a coisa certa, mas não quero mais magoar ninguém.

— Por que será que sinto que preciso de um drinque?

— Porque são 17 horas em algum lugar do mundo. — Ele se levantou e foi até o bar.

Capítulo 24

— Meu pai vai nos perturbar por causa disso — sussurrou Daisy para Julian. Os dois passaram a manhã colocando vários carregamentos de seixos sobre o caminho principal que ligava a casa até o cais. Quando os convidados chegassem para a celebração, teriam uma trilha novinha em folha para caminhar. Ela se perguntou se alguém iria apreciar o fato de Julian ter trazido dúzias de carrinhos de mão cheios de seixos enquanto ela os alisava com ancinho. Eles trabalharam rápido, para terminar antes do almoço.

— Quem sabe ele não a surpreenda? — perguntou Julian ao jogar a pá e as luvas de trabalho no carrinho de mão. Tomou então um grande gole de água da sua garrafa.

Sua camiseta estava ensopada de suor e na bermuda bem abaixo da cintura e de bolsos cheios só Deus sabia o que ele trazia. Coisas de garoto. Quando os garotos ficavam encardidos depois de tanto trabalhar, até que ficavam bonitinhos. O que não acontecia com as meninas. Ela estava molhada e esquisita.

— Nossa! — ela disse. — Já tenho 17 anos. Mal posso esperar até poder fazer as coisas sem ter que pedir permissão para tudo. — Ela viu o rosto de Julian ao tampar a garrafa, caramba. — Me desculpe, Julian. — Ela não sabia o que mais poderia dizer.

— Desculpar de quê? — Os olhos dele ficaram apertadinhos. Julian tinha olhos lindos, esverdeados, que faziam um contraste bonito com a cor de sua pele.

— Por reclamar do meu pai. Olivia me contou sobre o seu pai... puxa, sinto muito. Ele acenou a cabeça, mas sua expressão era indecifrável.

— Não ligue para isso. Se o meu velho estivesse por aqui ainda, na certa eu estaria reclamando dele também.

Ela retirou as luvas de trabalho e jogou-as no carrinho de mão.

— Você é bom demais para ser verdade. Sabe de uma coisa?

— Ninguém nunca me disse uma coisa assim. Nem parecida — disse Julian, rindo.

— Deve ser porque nunca o viram do jeito como eu o vejo — disse Daisy ao limpar

as mãos na calça jeans. Tinha vontade de tocá-lo, simplesmente, mas não o fez. Ela e Julian estavam se dando muito bem sendo apenas amigos, sem aquela loucura de querer transar, e ela não queria estragar tudo. — Seja como for, se quiser conversar sobre isso, ou não, sou uma boa ouvinte.

— É verdade — disse ele.

— Por que será que percebo uma certa surpresa na sua voz?

E de novo ele riu.

— Olhe só para você.

Daisy sabia do que ele estava falando. A maioria das pessoas que olhavam para ela via cabelos louros e peitos grandes, ou seja, uma garota que gostava de cair na farra. Poucas pessoas se preocupavam em analisá-la mais profundamente. Ela colocou o ancinho e o resto das ferramentas dentro do carrinho de mão e o empurrou pelo caminho. Os pés deles sobre os seixos provocavam um barulho de mastigação.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou ela quando guardavam as ferramentas no depósito.

— Que diabo! É melhor ver logo do que se trata.

Daisy olhou bem para ele e analisou seu bonito rosto de modelo, seu corpo esguio e seus cabelos incríveis. Ele era deslumbrante! Em outra situação, ela poderia se apaixonar por ele, mas não agora. Não quando sua família estava se desfazendo. Estava com problemas demais para pensar em paixões.

— Tudo bem — disse. — Vamos lá pedir ao meu pai.

Encontraram o pai fazendo jardinagem com Max num canteiro entre os dois chalés maiores do Kioga.

— Oi, pai. O sr. Davis vai nos levar até Kingston para... o que vocês estão fazendo?

Greg se endireitou, tirou o boné de beisebol e limpou o suor da testa.

— Plantando um jardim memorial.

Daisy olhou para o pai e depois para Max. O garoto tentou imitar o pai e tirou o boné e secou a testa.

— Em memória de quem? — perguntou ela.

— Do Alceu — disse Max inocentemente. — E do Zé Colmeia. E todos os seus amigos.

— Troféus de caça — explicou Greg.

Daisy sentiu vontade de rir.

— Você enterrou os troféus de caça? Aqueles que estavam no salão principal?

— Sim. E estamos plantando rosas e sálvia para o memorial — informou Max.

— As cabeças o assustavam.

— A mim também, cara, bate aqui — disse Julian, tocando a mão de Max.

— Todo mundo se assustava com elas. — Daisy não gostava de ver aqueles olhos de vidro, sem vida, os dentes para fora e a pele dos animais comida por traça. — Ninguém quer olhar para troféus de cabeças de alces ou gatos selvagens empalhados.

Mas temos umas cinco caçambas de lixo por aqui — ela acrescentou. — Poderia ter jogado fora, simplesmente.

— Demos a eles um enterro digno. Para mostrar respeito — disse Greg.

O pai dela sempre conseguia surpreendê-la. Ela passou mais tempo com ele neste verão do que nos últimos anos, mesmo assim não conseguia entendê-lo muito bem.

— Está bem — disse Daisy. — Então, posso ir a Kingston?

— O que vão fazer em Kingston?

— Pai...

— Senhor — disse Julian. — O pai de Connor, o sr. Davis, nos ofereceu uma carona porque há um escritório de recrutamento para oficiais da Força Aérea em Kingston. E pretendo me inscrever para poder cursar a faculdade.

Daisy quase riu da expressão do seu pai, que ficou boquiaberto com Julian. Estava acostumado com os amigos preguiçosos da filha e não soube o que fazer ao deparar com um garoto com um pouco de iniciativa.

— Bem — disse —, isso é muito louvável.

— O crédito é de Daisy — Julian corrigiu. — Nunca sequer pensei em ir para a faculdade, mas talvez agora eu consiga.

— Bom trabalho, Daisy — Greg falou. — Que tal você fazer seus próprios planos para a faculdade agora?

— Eu sabia que você ia dizer isso.

— E então?

— Então é que você me matriculou numa escola que só vai me dar um diploma se eu já tiver sido aceita na faculdade.

— É mesmo?

— Ou quase isso.

— Que boa notícia. Então não vou ter que gastar dinheiro com aulas particulares este ano.

Quando foi apanhar Olivia naquela tarde, Connor viu que ela e o pai o aguardavam no hall de entrada do edifício. De longe pareciam simples descendentes da população americana branca, protestante e anglo-saxônica, pois eram ricos, bem-sucedidos e residiam na parte nobre de Nova York. Mas, quando se aproximou, Connor viu que os ricos não eram assim tão diferentes, afinal. Igualzinho a todo mundo, eles cometiam enganos, se magoavam e guardavam alguns segredos da sua vida.

Philip era alto e magro, seus sapatos pareciam caros e não havia um único fio de cabelo fora do lugar. Depois que Olivia o apresentou, Connor se lembrou de que já tinha visto o sr. Bellamy uma ou duas vezes, quando eles eram crianças, no dia dedicado aos pais no acampamento de férias.

— Quero lhe agradecer por ter trazido Olivia à cidade — disse Philip.

— Não foi nada — respondeu Connor. Ele se sentiu constrangido, meio sem assunto. Que diabos se dizia para um homem que acabara de saber que tinha uma filha já crescida? Parabéns?

Bellamy não estava distribuindo charutos.

— Olivia me disse que você está fazendo um trabalho muito bom lá no Kioga. Meus pais ficarão muito agradecidos.

— Espero que sim.

— Precisamos ir agora — disse Olivia. — Vamos tentar evitar o pior do engarrafamento. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou o pai no rosto. — Vamos nos falar em breve, está bem?

— Claro, meu bem. Obrigado por ter vindo. — Depois ele acrescentou: — Amo você.

— Amo você também, pai.

Connor a ajudou a entrar no carro, depois deu a volta para sentar-se no banco do motorista. Só de vê-la naquele mundo de prédios com porteiros e entradas de serviço ele se lembrava de como suas vidas eram diferentes. Ela se transformara na mulher que deveria ser: privilegiada e determinada. Ele se perguntava por que ela não parecia mais feliz por isso. Claro que o encontro com o pai deve ter sido bem difícil, mas não foi tão ruim descobrir que um de seus pais tinha um passado. As pessoas faziam coisas idiotas sempre e seus entes queridos é que tinham de arcar com o sofrimento. Só Deus sabia que ele era uma prova viva disso.

Ele esperou até eles cruzarem para Jersey e se dirigirem para o norte, onde o tráfego ficou menos pesado, para então tentar conversar.

— Fale comigo.

— Agora não. — Ela olhava para a frente.

— Devia se abrir comigo. — Ele sabia bem que esconder as coisas e fazer segredo nunca dava certo.

— Se você não se importar...

— Tudo bem. Vamos para outro assunto. Você e seu pai sempre se despedem assim?

— Assim como?

— Dizendo que se amam. Ou foi pela emoção do momento?

— É normal fazermos isso. Por que a pergunta?

— Por nada. Só que... é muito legal. Na minha família não nos falamos assim.

— Não dizem que se amam?

— Minha querida, este é um conceito exótico na minha família — ele riu.

— Se amarem ou dizerem que se amam?

— Eu nunca disse isso. — Connor estava focado na estrada à sua frente.

— Nunca disse isso para ninguém?

Droga, ele pensou. Por que foi tocar nesse assunto?

— Isso é porque nunca amou ninguém ou por que não disse que amava?

— Ambos, acho.

— Isso é triste.

— Não me sinto triste. Parece uma coisa normal.

— Acha normal não amar sua família?

— Agora está fazendo com que eu me sinta um sociopata. — E por que diabos estavam falando da família *dele*?

— Não foi a minha intenção. E acho que você é cheio de história, também. Para alguém que nega amar sua família, você tem sido muito generoso.

— Sim, tem razão — ele disse, rindo. E depois disso o silêncio tomou conta do carro. Ele sintonizou sua estação preferida e por acaso estava tocando a música “500 Miles”, interpretada pelos Proclaimers. Connor estava irritado por ter deixado a conversa sair de controle. Ele nunca falava com ninguém com a intimidade com que conversava com Olivia. Sempre foi assim, desde que eram crianças.

O silêncio perdurou por pelo menos 20 quilômetros mais, quando finalmente ela se dispôs a falar. Olivia virou-se de lado no banco, puxou uma perna lisa e nua para cima e apoiou o cotovelo no encosto.

— A história é a seguinte: meu pai teve um romance sem-vergonha quando estava noivo da minha mãe e gerou uma criança de quem nunca soube da existência até hoje. Depois, em vez de terminar o noivado, ele a engravidou, casou às pressas e, em seguida, minha mãe sofreu um aborto. Acabei de saber de tudo isso, então me desculpe por não estar louca de vontade para lhe contar as novidades.

Connor teve que se policiar para não olhar para aquela perna nua, pois poderia levá-lo a sair da estrada. Esforçou-se para se manter concentrado no que ela estava dizendo, sem demonstrar nem surpresa ou crítica. Ele achava que gente como a sua mãe fazia escolhas ruins por falta de educação e oportunidade. Philip Bellamy era a prova de que escolhas estúpidas podiam cruzar as fronteiras da riqueza, da educação e de classe social. Quando o assunto era o coração, até um gênio como Louis Gastineaux podia errar.

— Sinto muito — disse Connor. Nada disso era culpa sua, no entanto foi ela quem se magoou. — Quero que saiba que me importo, e se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, sou todo ouvidos.

— Você me levou até a cidade hoje, quando eu podia ter ido de trem. Isso já foi de grande ajuda.

— Fiz com prazer — ele disse.

— Só espero ter feito a coisa certa. Pois Mariska nunca fez contato com meu pai. Nunca falou sobre Jenny para ele. Talvez tivesse um motivo para isso.

— Você fez o que tinha de fazer. Agora a bola está no lado da quadra do seu pai, o problema é dele, não seu — filosofou Connor. Ele saiu da estrada principal e pegou uma secundária. — Decisão executiva. Vamos fazer uma parada em Phoenicia. —

Com uma calçada larga de madeira coberta de antiguidades, lojas, cafés, a cidade pitoresca atraía turistas e colecionadores.

— Sei que está tentando me distrair, fazer com que eu me sinta melhor.

— Relaxe. — Connor parou o carro, saiu e deu a volta para abrir a porta para ela.

— Obrigada, mas seu plano não vai funcionar — ela disse.

— Se você permitir, vai funcionar.

Ela pegou a bolsa e abriu um sorriso para lá de forçado.

— Por que está fazendo isso?

— Você disse que faltam enfeites para o refeitório e que queria cadeiras para o hall de entrada. — Connor colocou uma das mãos nas costas de Olivia, guiando-a para o Armazém de Antiguidades e Artesanatos instalado em uma antiga cocheira, pintada de vermelho, com uma propaganda enorme de fumo para mascar ainda visível na lateral.

— Eu não disse que precisava deles hoje, mas... — Ela parou de falar para observar as barracas da cooperativa de artesãos e colecionadores, instaladas num local espaçoso e arejado. — Que coisa incrível! — comentou Olivia quando examinava uma coleção de luminárias *vintage*. — É exatamente o que eu estava procurando. Pronto, eu me tornei superficial e horrível. Acabei de descobrir que meu pai tem outra filha e, no entanto, diante da perspectiva de comprar luminárias de ferro batido já estou me sentindo melhor.

— Não seja tão dura consigo mesma. Não vai adiantar nada. Seu pai cometeu alguns enganos no passado, mas continua sendo seu pai. Ele disse que estaria aqui na próxima semana. Ficar por aí se lamentando não vai resolver nada.

— Então, é melhor escolher o que vou querer levar — ela se conformou.

Eles encontraram de tudo, desde roda de fiar até duendes de jardim. Ambos gostavam de garimpar objetos de arquitetura. Uma escada em caracol, em ferro batido, levava a um terraço onde havia uma coleção de pôsteres de paisagens das Catskills. Olivia já foi logo separando vários deles, só para começar. Agora Connor estava vendo Olivia Bellamy, dona de sua própria empresa, em ação. Olivia se apresentou à vendedora e fazia suas escolhas rapidamente, com muita objetividade. Em pouco tempo havia adquirido algumas preciosidades como quadros para o refeitório, luminárias, lustres e uma mesa antiga de toras de madeira descascada para a entrada. Encomendou também móveis de varanda em vime, inclusive uma rede para o chalé que preparava para seus avós. Achou até um livro alto com capa de couro para registro de hóspedes, com pouco uso, onde a última anotação datava de 1929, e ela queria usar como livro de presença. A vendedora tomou nota de tudo e agendou a entrega.

— Você fica tão sensual fazendo compras — comentou Connor.

— Depois de descobrir o segredo da vida do seu pai, nada melhor para a cabeça do que fazer umas comprinhas. — Olivia estava tentando fazer graça, mas Connor

percebeu seu lábio tremer discretamente. Às vezes, ele pensou, *era fácil esquecer que ela já tinha sofrido tanto*, mas ele sempre conseguiu, mesmo quando os outros não o faziam.

— Então aconteceu — ele disse, querendo amenizar-lhe a dor. — Você e sua família vão superar isso.

— Por que você insiste em me consolar?

— Porque você está sofrendo com o que descobriu hoje, e não tem como desfazer o que foi feito. E porque gosto de você.

— Você gosta de mim — repetiu ela.

— Foi o que eu disse.

— Como?

— O quê?

— Gosta de mim como? Como uma pessoa de quem sente pena porque acabei de receber uma notícia ruim? Por ser a pessoa com quem trabalha? Como uma ex-namorada por quem você ainda sente algo?

— Chegou perto. Como uma ex-namorada por quem tenho novos sentimentos. — Pronto, ele falou. Talvez não fosse o melhor momento, mas ele queria colocar para fora.

— *Sentimentos*. Este é um termo tão amplo — ela disse, desconfiada.

— É por isso que os homens gostam. Muitas maneiras de interpretar ou de interpretar mal.

— Entendo. Então, no futuro, quando você partir meu coração, eu direi: pensei que você me amasse, e você dirá: não, eu disse que tinha *sentimentos* por você, e nós discutiremos sobre isso, sobre o que disse e o que quis dizer.

— Você está supondo que vou partir seu coração.

— E você está supondo que não.

— Bela atitude, Lolly. — Ele pensou nos três noivados fracassados dela. Tudo indicava que tinha medo de homem.

— Você nunca disse o que significava um sentimento para você, e não tenho a obrigação de prestar atenção nisso. Bem, sabe de uma coisa? Acontece que prestei atenção.

Connor praguejou baixinho e passou a mão nos cabelos.

— Quando digo que tenho sentimentos por você — falou com toda a paciência — significa exatamente o que você ouviu.

Ela deu uma olhada rápida em volta, e Connor sabia que sua preocupação era ver se alguém tinha escutado. Duas senhoras que estavam próximas, examinando as etiquetas das toalhas de mesa, pareciam cochichar sobre eles. Um senhor mais velho tratou logo de se afastar, como se quisesse evitar servir de testemunha.

— Mais tarde conversamos sobre isso — disse ela, com o rosto vermelho.

Mas Connor não estava preocupado se alguém ouvia a conversa.

— Vamos conversar sobre isso agora — disse. — Estamos falando sobre os meus sentimentos e escolho a melhor hora de falar sobre eles.

— Que tal discutir isso no carro?

— Que tal discutir isso agora? — Ele começou a ficar irritado. Foi isso que tinha arruinado a relação deles no passado, a insistência dela em valorizar a opinião dos outros. — É muito simples. Quando falei que tinha sentimentos por você, eu quis dizer que penso em você o tempo todo. Fico pensando em como seria tê-la em meus braços novamente. Penso que toda música triste, sobre romances que terminaram, é sobre nós dois. Um sopro do seu perfume me deixa com desejo, não consigo parar de pensar...

— Pare — disse ela. — Não posso acreditar que esteja falando sobre isso em... em público. Você precisa parar.

— Por Deus — murmurou uma vendedora de dentro de uma das barracas de toalhas de mesa. — Não pare.

Connor tentou segurar o riso. Ele também estava se divertindo a valer.

Mas não era o caso de Olivia. Pelo contrário, cada vez ela ficava mais vermelha.

— O que tenho de fazer para você se calar? — ela perguntou.

Connor então abriu os braços e se entregou.

— Dê-me outra coisa para fazer com minha boca.

Olivia o surpreendeu, e a si própria também, quando segurou sua cabeça com as duas mãos e o beijou na boca. Seu sabor era maravilhoso, mas ele sentiu que ela ia recuar cedo demais. Então a envolveu com os braços, prendendo-a e assumindo o controle do beijo até sentir Olivia se entregar. Teria ficado ali o dia todo naquele ambiente de pouca luz, mas depois de um tempo ela se afastou e o fitou. Parecia não se lembrar de onde tinham parado e o que as pessoas poderiam pensar.

— De qualquer jeito — disse ele como se nunca tivesse interrompido a conversa —, acho que você já conseguiu sua resposta.

— Que resposta?

— Sobre o que significa ter sentimentos por você.

Capítulo 25

A cabeça de Olivia estava girando quando o seguiu para sair da loja de Antiguidades. Sentiu como se estivesse sendo varrida por um beijo. Não podia acreditar que tinha feito aquilo em público. Ela simplesmente o agarrou e o beijou. Não era um comportamento habitual seu, ela nem pensava em fazer esse tipo de coisa até poucos minutos atrás.

No caminho de volta para Avalon, ela ficou quieta enquanto repassava mentalmente aquele discurso. Mesmo que não tivesse confiança para se abrir, também sentia alguma coisa por ele. Só que ainda não sabia definir bem o tipo de sentimento que era, além do desejo.

— Estou com fome — disse Connor. — Vamos parar para jantar.

— Acho que devíamos voltar logo.

— Vamos jantar — ele determinou.

— Legal — disse ela. Se ele fazia questão de parar em algum lugar para comer um hambúrguer, tudo bem. Ela percebeu que seria inútil resistir. E admitiu para si mesma que sentiu certo alívio ao se render, só por hoje. Ela, que era a rainha do controle, ia se render a Connor Davis. Era uma sensação boa, a de abandonar o controle. Porque isso também a eximia de responsabilidade.

Connor a levou para um restaurante chamado Apple Tree Inn, uma histórica fazenda adaptada, no meio de um pomar, entre o rio de um lado e a estrada do outro. Um pequeno anúncio em luz néon vermelha indicava “Jantar Dançante Diariamente”. Do lado de dentro, o restaurante tinha cadeiras confortáveis, mesas enfeitadas com candelabros e vista para o pomar e o rio. O piso era de madeira e as luminárias, douradas. A recepcionista os conduziu para uma mesa de canto iluminada pelos últimos raios de sol que atravessavam a janela.

Está certo, pensou Olivia, então ele tinha outra coisa em mente, diferente de hambúrguer e fritas. Olivia olhou desconfiada para Connor. Aquele era um local

típico para encontros românticos. Será que estava tentando seduzi-la?

— Seja bem-vindo, sr. Davis — disse a recepcionista.

Era um restaurante romântico onde a recepcionista chamava Connor pelo nome.

— Você já fez algum trabalho para eles? É por isso que conhecem você? — Logo percebeu que tinha falado demais. — Meu Deus — disse. — Eu não pretendia...isto é...

— Você não poderia aceitar que eu fosse um cliente de verdade neste lugar? — ele sugeriu.

Sim. Foi exatamente o que ela pensou. Magnânimo, ele não parecia nem um pouco insultado. Pelo contrário, sorriu para ela, o que fez seu coração disparar.

O sommelier foi até a mesa.

— O senhor vai querer um vinho esta noite? — quis saber.

— Sim, claro — disse Connor. — Tem alguma preferência?

— Vinho branco, por favor — disse Olivia automaticamente.

— Uma garrafa de Hamilton Russell Chardonnay.

Olivia ficou surpresa, pois a maioria dos homens que conhecia só fingia conhecer vinhos, e, na hora de resolver qual tomar, disfarçava e escolhia pelo preço. Connor, por sua vez, havia escolhido um vinho excelente da África do Sul. Talvez fosse pura coincidência, ou não. Podia muito bem saber o que estava fazendo. Aquele homem a surpreendia mais e mais a cada momento.

A comida estava muito bem-apresentada em uma louça branca. Eram filés de truta na manteiga com vegetais da casa, e de sobremesa, uvas-do-monte. Enquanto comiam, anoiteceu. Uma linda lua ocupou o céu e um trio de música composto de piano, clarinete e bateria iniciou uma apresentação. Olivia apreciou o som enquanto tomava os últimos goles de vinho.

— Obrigada — disse baixinho para Connor.

— De nada.

— Não sei o que faria sem você hoje.

— Você se virou muito bem sem mim por vários anos. — Ele estendeu a mão para ela e falou: — Aceita dançar comigo?

Êstranho pensar que três palavrinhas pudessem ter o poder de fazer seu coração dar um pulo. Mas foi assim que ela reagiu, com o coração em disparada e ligeiramente arfante.

Em vez de esperar uma resposta, ele pegou-lhe a mão e a conduziu até a pista de dança.

— Eu a deixo nervosa?

— Por acaso pareço nervosa?

— Está parecendo, sim.

— É porque isso foi um tanto inesperado.

— O que foi inesperado?

— Que fôssemos tão atraídos um para outro. Que esse projeto se tornasse algo mais do que um simples trabalho. Eu não esperava por isso. E você?

— Bem, sim, eu esperava. — Ele mal acreditava que ela estava discutindo aquilo. — Então, agora você está começando a se interessar por mim, certo?

Ela engoliu em seco antes de responder.

— Não estou começando a me interessar por você. — E ela teve que reunir coragem para falar. — Comecei muito tempo atrás.

Os casais em volta deles, de idades variadas, estavam dançando juntinhos, à moda antiga. Olivia só tinha olhos para Connor. Embaixo da sua mão esquerda ela podia sentir os músculos do braço de Connor, e a mão dele na sua era uma tentação. Connor a conduzia com suavidade e confiança. Ele até cantava baixinho, acompanhando a música. Ele ainda tinha uma bela voz, e encontrava o tom perfeito, como quando era criança e eles dois se conheceram.

Olivia se sentiu tentada a passar a noite toda ali dançando, mas quando terminou a música ela decidiu ir embora.

— Acho melhor irmos agora.

— Por quê? Tem toque de recolher?

— Pior do que isso. Tenho uma prima. A prima mais curiosa do mundo, e nós dividimos o mesmo chalé.

— Não se preocupe — ele disse. — Ela saiu com Freddy esta noite.

— Como sabe?

— Conteí a eles sobre o festival de filmes de Jerry Lewis, no drive-in de Cocksakie. Com direito a distribuição de bonequinhos.

Ele a fez rir. Olivia não se lembrava da última vez que saíra com um homem que a fizera rir. Só se lembrava de como isso podia ser sensual.

Dançaram mais uma música, até que Connor cedeu.

— Está bem, Gata Borracheira. Vamos para casa.

Espantosamente, ela estava mais relaxada e confiante depois do vinho, da dança e das risadas.

— Está bem. — Ela inclinou a cabeça para trás para fitá-lo. — Vamos embora.

Olivia se afivelou ao banco do lado dele e pôs a bolsa no colo. Ela fechou os olhos e recostou-se no apoio para a cabeça.

— Você está bem? — perguntou Connor.

— Estou bem — disse delicadamente. Ela sorriu e ficou surpresa, pois era um sorriso genuíno. Segurança. Era isso. Ela estava com um homem que a fazia rir e que a deixava segura. Que bom.

Nesse momento, ela abriu os olhos e o observou. Ali na estrada, longe da iluminação da cidade, ela mal podia ver seu perfil só com a luz do interior do carro. A estrada à noite era ocupada por animais selvagens. Cervos, quatis, gambás e texugos pareciam rondar as margens da estrada e frequentemente invadiam o asfalto.

— Cuidado — ela disse.

— Estou sempre atento.

Entravam no perímetro urbano da cidade e passavam sobre trilhos de trem. A estação de trem e a cidade estavam iluminadas artificialmente por holofotes. As pousadas tinham placas acesas nas janelas convidando possíveis hóspedes.

— A vida noturna deste lugar termina cedo — comentou Olivia.

— Parece que sim.

— Isso não me preocupa. Durante a semana eu durmo cedo também.

Rand costumava implicar com ela sobre isso. Ele adorava ficar na rua até tarde da noite, indo de bar em bar, para ouvir o som de baterias, encontrar pessoas conhecidas e trocar ideias sobre as bebidas caras trazidas por garçonetes lindas. No dia seguinte, raramente se lembrava das pessoas com quem havia se encontrado. E nunca se lembrava do conteúdo das conversas.

Em Avalon, passaram em frente da confeitaria Sky River. A placa pendurada tinha uma pequena lâmpada para iluminar. Através do vidro da vitrine ela podia ver os balcões dentro da loja e a máquina de fazer café, e uma luz de segurança piscando acoplada ao sistema de alarme.

— Um sistema de segurança em uma confeitaria — ela comentou. — Não entendo. Especialmente se estão a poucos metros de distância da joalheria Palmquist. Se eu fosse um ladrão, roubaria as joias, não os doces.

— É claro que você nunca provou o folheado com melado da Majesky.

— É tão bom assim?

— Como um pequeno orgasmo.

Nossa, pensou ela. Isso era uma cantada. Eles tinham feito um programa e agora estavam flertando.

As luzes de Avalon desapareciam à medida que se afastavam e subiam a serra. Ao longo do percurso passaram por algumas casas de fazendas, com suas janelas acesas. E, depois de um longo trecho, eles se aproximaram do desvio que levava para a casa de Connor, onde a caixa de correio tinha os números pintados com tinta fosforescente.

— Lar, doce lar — murmurou ele.

— Sente falta da sua casa?

— Não. Gosto de ficar em Kioga. E você? Sente falta da sua vida na cidade?

— Achei que sentiria, mas não — admitiu ela. — Nem um pouquinho. — Ela estava tentando descobrir a razão de não sentir falta. Seria porque sabia que o verão passava rápido e que logo estaria de volta em casa? Ou porque encontrara algo melhor?

O carro passou direto pela casa de Connor.

— Não conheço sua casa — ela comentou. *Deus, Olivia. Poderia ser menos óbvia?*

— Quer conhecê-la?

— Nunca vi o interior de um trailer feito o seu.

— Então, não tenho escolha. — Ele parou no meio da estrada e deu ré. — É uma questão de honra.

— Boa ideia — disse ela, sorrindo por dentro.

O batimento cardíaco de Olivia acelerou quando ele dirigiu sobre os seixos da estrada, e ela fingiu que estava apenas curiosa sobre como seria o interior do trailer. Connor parou o carro e desligou o motor. E ela achou interessante o fato de ter desligado o motor.

Antes de pensar em sair, ele já estava abrindo-lhe a porta e ajudando-a a descer do carro. Seu toque era macio. Sólido e forte. E os efeitos do vinho ainda perduravam. Ela se sentia tão à vontade com aquele homem que parecia que nada de mal poderia lhe acontecer enquanto estivesse ao seu lado.

Ele abriu a porta e acendeu a luz. Olivia entrou e logo percebeu que tudo estava perfeitamente arrumado. Na área da cozinha havia um compartimento de jantar, com alguns armários, um fogão embutido de duas bocas e uma pequena geladeira. No espaço da sala havia um pequeno sofá embutido com uma mesa baixinha na frente e com uma estante na parede oposta onde estavam colocados um aparelho de tevê e um som. E um corredor estreito, com mais armários, ela imaginava que levaria ao quarto na parte de trás.

Olivia estava abismada com a organização e a limpeza do lugar. Sentiu que Connor olhava para ela, então sorriu.

— Estava tentando analisar sua personalidade com base na forma como mantém tudo organizado.

— É verdade? — Ele se virou e pegou algo na geladeira. — Então me diga a que conclusão chegou, sou algum assassino serial? Um travesti?

— Nem um, nem outro — disse ela. — Sou formada em psicologia. Por isso, eu sei.

— Então, o que descobriu?

— Num primeiro momento, pensei que poderia ser um obsessivo-compulsivo, mas não é. Ex-militar?

Ele não disse nada.

Não era isso. Olivia se perguntou se ele não teria uma tendência a ser meticuloso por causa da infância caótica que tivera. Talvez, por instinto de preservação, ele tivesse sido uma criança muito organizada, tão cuidadoso com seus pertences quanto reservado com suas emoções. Connor nunca foi de falar da sua vida, e ultimamente ela sentia uma curiosidade maior ainda sobre ele. Queria conhecê-lo melhor. Não como criança ou como o garoto por quem ela teve uma paixão, mas como um adulto.

— Foi por que estava sempre de mudança? Talvez tenha desenvolvido esse hábito de organizar suas coisas para não perder o controle.

— Nunca pensei sobre isso. Se tudo estiver no lugar certo, você não perde tempo pensando aonde vai encontrar o que precisa.

Olivia suspeitava de que ele estava omitindo alguma coisa. Talvez fosse a única maneira de lidar com o caos que era a vida da mãe dele. Sua mãe parecia gostar de emoções fortes, era carente de atenção e aprovação e negligenciava os filhos.

— Essa resposta não é muito reveladora.

— E nem você revelou muita coisa quando disse que se formou em psicologia. Este é o objetivo de um casal sair em encontros. Para se conhecerem melhor.

— Espere um pouco. Estamos saindo para encontros? Quem disse?

— Isto que fizemos hoje, por exemplo, jantar, dançar e um último drinque antes de deitar, na minha casa. — Ele apresentou duas taças esguias. — Para mim, isto é bem romântico.

— Pulamos a parte de convidar para sair, se arrumar e todo o nervosismo que antecede um programa.

— Certo, e quem precisa disso? — Ele tirou a rolha da garrafa e serviu as duas taças.

Ela bebericou seu vinho e analisou as quatro fotos emolduradas que estavam apoiadas na estante. Em uma delas, Connor estava abraçado ao pai, ambos em frente a um muro de pedras, com jardins e prédios de tijolos aparentes atrás deles. Terry Davis parecia magro e abatido, com a pele pálida e olheiras. Connor era muito novo, parecia o garoto que ela conhecera.

— Onde foi tirada esta foto?

— Este é um centro de recuperação. O último que ele frequentou.

— Estou muito feliz por você e seu pai — ela disse. — Você deve ter muito orgulho dele.

— Eu tenho. — Por um momento ela achou que ele diria mais alguma coisa, porém deve ter mudado de ideia.

Olivia se perdoou por ter sido tão enxerida, sabendo o quanto ele tinha sofrido, crescendo ao lado de um pai alcoólatra. *Mas não agora*, pensou. Connor estava chamando isso de um encontro romântico. Falar sobre sofrimentos passados só iria estragar tudo. Ela pensou como suas vidas tinham sido diferentes, e como seus caminhos se desviaram bruscamente. Ela sempre achou que eles tinham se separado por causa da maneira como ele a tratara no último verão que passaram juntos, mas não foi isso. Os destinos seguiram direções opostas. Ela foi estudar na Universidade de Columbia, enquanto que ele foi tratar de uma pessoa que deveria cuidar dele.

— Gostou do vinho? — perguntou Connor.

— Está delicioso — respondeu Olivia depois de dar mais um gole. Ela notou uma mulher desconhecida, mas muito bonita, numa das fotos. — É sua mãe?

— Sim, é ela.

— Mas ela se parece mesmo com Sharon Stone. Uma vez você me disse isso e, de fato, tem razão.

Connor não respondeu. Além de linda, ela era enigmática. Seus olhos eram

difíceis de decifrar. Olivia queria saber mais sobre aquela mulher, e sobre sua família dilacerada, mas não sabia como perguntar. *Acovardou-se*, pensou, mas aí avistou um canudo de papel escondido na prateleira. Seria menos arriscado tratar daquele outro assunto.

— Este aqui é algum projeto?

— Pode vê-lo, se quiser.

Curiosa, ela desenrolou o canudo e o colocou sobre a mesa com o saleiro e o galheteiro para segurar as pontas dos lados e mais o porta-guardanapos.

— É a planta de uma casa — disse Olivia.

— Vou começar a fazer as fundações em setembro — ele disse. — Deve levar um ano para ficar pronta.

Finalmente ela entendeu. O trailer era só uma moradia temporária. Ele ia construir sua casa bem ali naquele terreno. Pelo desenho ela podia imaginar a casa pronta, no alto do morro, com uma varanda contornando a casa toda, com vista para o rio. A construção de pedra e madeira tinha um estilo à moda antiga que combinava perfeitamente com a paisagem.

— Mas que beleza — ela disse, observando a planta da cozinha, o grande quarto e a lareira.

— Obrigado.

— E o que é isso? — ela apontou para a planta.

— Acho que está na moda chamá-lo de jardim de inverno. Um lugar de lazer com estantes para livros.

Ela ainda pôde notar um piano de cauda no desenho.

— Você ainda é ligado em música.

— E você, não?

— Não tanto quanto eu gostaria.

Ela pensou em explicar que seu apartamento pequeno não tinha espaço para um piano, mas era mais do que isso. Ela estava sempre tão ocupada que não tinha tempo para o piano, mesmo que o amasse. Ao ver a casa que Connor planejava construir para si mesmo, ela sentiu surgir um desejo estranho dentro de si. Ela se sentiu ali, talvez. Criar a casa onde você queria viver sua vida era algo com o qual se identificava. Examinando com atenção a planta baixa, estranhou um detalhe.

— Quatro quartos?

— Nunca se sabe, não é?

Ela resolveu parar para evitar a pergunta que realmente queria fazer: *Por que não tem ninguém especial na sua vida para dividir isso tudo?* Havia vários detalhes nos planos de Connor que a deixavam espantada. Porém, o que mais a surpreendia, e talvez até a assustasse, era que aquelas ideias refletiam exatamente o que ela queria para si. Tudo bem, alguns dos seus desejos não eram tão originais, mesmo assim ele desenhara a casa dos sonhos dela.

— O seu arquiteto é muito talentoso — disse ela vagamente.

— Não tenho arquiteto. Eu mesmo fiz estas plantas.

As plantas pareciam ter sido feitas por um arquiteto com habilidades para desenhar.

— Não fique tão surpresa, Lolly — ele disse, rindo. — Tem um escritório de engenharia aqui na cidade onde os donos me deixam usar suas instalações para que eu possa elaborar meus projetos. Não acredita que eu possa ser um autodidata?

É ela o fez de novo. Subestimou-o mais uma vez. Deixou-se levar pelas aparências. Connor crescera pobre, fruto de um lar desfeito, filho de um bêbado com uma mulher frustrada. Ela se limitou a ver somente isso. Estava percebendo, agora, que havia muito mais coisas que desconhecia. A vida não lhe dera muitas oportunidades, mas, ainda assim, ele conseguira guardar suas economias, ter uma empresa de construção, além de um dom natural que muitos arquitetos estudavam anos até alcançar. Ela estava envergonhada. Mesmo com todas as informações que já tinha dele, ela ainda o via como um aventureiro morando num trailer. Não se deu ao trabalho de se aprofundar em sua análise.

— Ora! — disse ela. — Estou curiosa.

— Que bom. Então, tire a roupa.

— O quê? — O rosto dela ficou vermelho.

— Só estava testando você. — Ele riu.

— Testando o quê?

— Queria ver se estava curiosa o suficiente.

— Não achei graça nenhuma.

— Mas ainda está curiosa.

— Talvez.

— Que bom. Já é um começo.

— Para quê?

— Para isto. — Ele a beijou, com movimentos lentos, deliberados e controlados.

É a resposta foi imediata. No instante em que seus lábios se tocaram, ela sentiu um fogo interior. Chegou a temer que seu cabelo pegasse fogo. Ele tinha gosto de vinho e ela abriu os lábios como um sinal para que intensificasse o beijo. As mãos de Connor seguraram seus ombros, desceram pelos braços e depois pousaram nas costas. Ela se agarrou a ele com um desejo físico que nunca sentira antes. O que tinha aquele homem que a deixava tão desesperada para sentir cada pedacinho do corpo dele junto ao seu? *Foi isso*, pensou ela, com um pouco de medo e um pouco de admiração, *que a fez se esquivar de tantos encontros amorosos e dos três noivados desfeitos*. A sensação de que um só homem pudesse fazer desaparecer o resto do mundo. Seu beijo, o toque de suas mãos, a levaram para algum lugar muito distante, um lugar de sonhos.

Ele a conduziu de costas por uma passagem estreita. O quarto estava escuro, a

veneziana deixava entrar uma brisa com cheiro de pinho. Ela afundou seu corpo na cama, ainda presa a ele.

— Que diabos — sussurrou ele. — Você é sensual demais, Lolly.

Ela também o desejava, e queria ser assim tão sensual como ele a via. Quando estava com ele, Olivia não era mais a mesma mulher que teve três noivados desfeitos, a mulher que não tinha sorte no amor. Ela sentia um calor que vinha de algum lugar oculto de seu corpo. Percebeu a mão dele vasculhando sua perna nua e, para seu espanto, descobriu que estava prestes a se entregar. E ele nem tinha... só precisava... Ela começou a se mover, pressionando o corpo contra a mão dele e querendo apressá-lo.

— Connor — conseguiu dizer seu nome. — Por favor...

Ele então recuou, levantando-se rapidamente e acendendo a luz de uma luminária na parede.

— Sim — ele disse num lamento. — Sinto muito.

Nossa! Ele não entendeu nada. E ela não podia nem se mexer, pois ainda estava hipnotizada, paralisada de desejo. Ela devia estar parecendo promíscua, deitada ali com a saia levantada até as coxas.

— Você sente muito? — ela sussurrou.

— Perdi o controle — disse ele. — Eu me esqueci... — Ele balançou a cabeça, ao dar-lhe a mão para ela se levantar da cama. — Isso não está certo. Não quero me aproveitar de você. Sinto muito — repetiu.

Ela ficou sem forças. Os joelhos estavam bambos. Ela caiu sobre Connor num estado de letargia com os beijos dele. Sinto muito? *Sinto muito?* Mas ela fora arrebatada, e quis gritar de frustração.

Ele a segurou e com uma das mãos apoiou sua cabeça no peito dele. O coração de Olivia estava em disparada. Ela queria que ele a beijasse mais, pois queria continuar hipnotizada.

Logo quando ela estava se preparando para lhe falar, ele a soltou. Espere, ela quis dizer. A cama está aqui, eu estou aqui e... meu Deus. Em vez disso, estava ali sentada, sem entender nada, sem saber o motivo de estar sendo punida. Quem sabe se no momento em que se beijavam Connor teria se esquecido de quem ela era? Devia ter se esquecido de que ela era Lolly Bellamy, a garota de quem todos riam. A garota que se tornara uma piada graças a ele. Talvez fosse um problema com o gosto dela, ou como ela respirava nele, que o fazia se lembrar do passado e o espantava. E parte dela, uma grande parte, estava presa ao passado, em um lugar de onde jamais conseguiu sair.

— Ei! — ela sussurrou. — Você está me deixando muito confusa.

— Tem razão. Desculpe, Olivia. Isso não vai voltar a acontecer.

Ela quis perguntar por que ele mudara de ideia, porque tinha sido do zero ao 60, para voltar ao zero, tudo em menos de um minuto. Mas então percebeu que não

queria saber. Após ouvir por três vezes a mesma coisa, já tivera o suficiente. Você é legal, Olivia, mas... Depois dos “mas” eles encontravam várias maneiras criativas de preencher a lacuna. Quando o assunto era arranjar uma desculpa, os homens eram bem inventivos.

Capítulo 26

A onda de calor do mês de agosto chegou ao Kioga como uma muralha de fogo. Daisy, Max e o pai deles não tinham melhorado seu desempenho na pescaria após tanto tempo, mas pelo menos quando estavam na canoa dentro do lago a brisa refrescada pelas águas oferecia um certo alívio. Estavam remando melhor agora, e quando chegava a hora de voltar, depois de algumas horas jogando a linha, eles deslizavam maciamente até o cais. Max, muito esperto, enrolava a linha em volta de uma braçadeira e eles saíam enquanto o pai firmava a canoa. Os ombros de Daisy doíam de remar e de jogar a linha tantas vezes.

Pescar era uma das atividades mais inúteis conhecida pelo homem, ela concluiu. Não podia entender por que aquilo era considerado um esporte.

— Vou nadar, pai — disse Daisy, ao pegar sua garrafa de água, frustrada e suada. — Você quer... — ela parou de falar ao ver a expressão do pai. Nem precisaria se virar, pois já imaginava quem ela veria no cais.

— Mãe! — Max gritou e saiu correndo para se atirar nos braços dela.

Daisy, preocupada com a reação do pai, olhou para ele.

— Tudo bem — ele disse. — Vá falar com sua mãe.

Daisy se aproximou da mãe lentamente, fazendo um esforço para conter as lágrimas. Max estava grudado nela como uma sanguessuga, o rosto enterrado no corpo da mãe. Ela destoava totalmente daquele ambiente descontraído. Usava calças com vinco e uma blusa branca impecavelmente passada que ela não era nem louca de amassar. Seu cabelo fora penteado para trás e a maquiagem estava perfeita. A acampante executiva.

Só que sua mãe tinha lágrimas nos olhos, também, e Daisy sabia o que estava para acontecer.

— Você veio, mãe — disse Max. — Viu como é legal isto aqui? Venha, vou lhe mostrar tudo por aqui. Todos nós trabalhamos aqui...

— Quero ver tudo, sim, Max — ela disse. — Mas deixe-me falar com Daisy também.

Elas duas se abraçaram e Daisy se sentiu pouco à vontade, o que era muito ruim. Quando era pequena, ela se jogava nos braços da mãe, e então se sentia protegida e dominada pela sensação de conforto. Isto era diferente. Tudo aqui era diferente. Até o cabelo da mãe estava diferente, muito curto. No início do ano ela cortou e doou o cabelo para ajudar uma amiga com câncer de mama. Como podia ser uma amiga tão leal e ao mesmo tempo uma esposa tão infeliz?

— Oi, meu amor — disse a mãe ao recuar. — Senti tanto sua falta.

— Eu também, mãe. — Daisy se afastou. Aquilo não era totalmente verdade. Do que ela sentia falta mesmo era da antiga convivência familiar. Agora olhava para aqueles rostos familiares e tentava se lembrar de como riam juntos, como se sentia segura e feliz, todos vivendo debaixo do mesmo teto. Para onde foi aquela família? Parecia que estavam congelados em outra dimensão, deixando estas outras pessoas em seu lugar, pessoas com linhas de preocupação na testa, lábios trêmulos e olhos que nadavam em lágrimas sem deixá-las cair.

Greg parecia tanto na defensiva quanto amedrontado. Poucos minutos atrás estava rindo e fazendo estardalhaço, ensinando aos filhos músicas bobas de acampamento.

— Sophie — disse, e o cumprimento soava enfastiado, com traços de derrota.

— Venha, mãe, vou lhe mostrar tudo por aqui. — Max estava disposto a ser alegre, agindo como se nada estivesse errado. Ele a pegou pela mão e agiu como seu guia turístico, mostrando todas as novidades que estavam sendo providenciadas para a festa da vovó e do vovô. O jantar foi tenso, apesar de todos parecerem emocionados com a chegada da mãe. Dare serviu melão com frios, mas Daisy só beliscou a comida. Depois do jantar organizaram jogos de cartas e pingue-pongue na sala de recreação, e Daisy não estava com muita disposição para jogos. Max também não. Ela o viu de pé na porta do refeitório olhando para o deque, onde os pais conversavam em voz baixa. A mãe tinha os braços cruzados como se sofresse uma dor de barriga. O pai estava com a cabeça pendurada como se tivesse sido derrotado.

Daisy foi ao encontro de Max e colocou a mão em seu ombro. Ele se virou para ela com os olhos grandes e assustados. *Coitadinho do Max*, pensou, *bem que queria poder poupá-lo de sentir medo*. Mas isso era impossível.

— Vai acabar tudo bem — disse ela, apertando seu ombro. Isto, provavelmente, seria uma mentira, mas ela não sabia o que dizer. Ela empertigou-se, pigarreou e abriu a porta para o deque. — Vamos lá.

O pai e a mãe tentaram sorrir quando Max e Daisy chegaram, mas não deu certo. Mamãe abraçou os dois filhos e os segurou.

— Sinto muito — disse. — Sinto muito mesmo. Amo vocês demais, mas não posso continuar com isso. — Naquele momento, ela deu um passo atrás e olhou para os dois filhos. — Seupai e eu estamos discutindo esse assunto há muito tempo — disse a

mãe. — Vamos fazer umas mudanças na nossa família.

Naquela mesma noite, mais tarde, os pais de Daisy fizeram café no refeitório e se sentaram para analisar alguns papéis que a mãe trouxera em uma pasta. A mãe não estava só deixando seu pai, mas ia morar algum tempo em Haia, na Holanda, trabalhando com direito internacional.

— Fui treinada para isso toda a minha vida — explicou. — Não posso perder essa oportunidade.

Claro que pode, Daisy queria dizer. Mulheres que têm família deixam passar essas oportunidades o tempo todo. Ou então esperam até que os filhos cresçam e não precisem mais delas. Daisy mordeu o lábio inferior para não lhe dizer isso. Já havia amargura demais.

Max perguntou onde ficava Haia. Daisy o levou até a biblioteca para mostrar em um atlas. Depois levou Max até o chalé. Seu irmão mal falou enquanto escovava os dentes e lavava o rosto, se preparando para dormir. Enquanto estava em Kioga, Max nunca reclamava da hora de dormir, e hoje não foi diferente. Daisy se deitou ao seu lado no beliche e ligou a luz de leitura.

— O que está lendo agora? — perguntou Daisy.

— *A ilha do tesouro* — ele disse baixinho. — Papai está lendo para mim.

— Legal. — Ela abriu o livro na página marcada e começou a ler. Apesar do calor, Max se aconchegou ao seu corpo enquanto ela lia sobre Ben Gunn, abandonado na ilha. E quando chegou na parte em que Jim Hawkins se aproximava do tesouro, o irmãozinho de Daisy estava quase dormindo.

Alguém bateu de leve na porta. Olivia e Barkis entraram. O cachorro correu pelo quarto, subiu na cama e imediatamente se aninhou do lado de Max.

— Oi, cachorrinho — disse Max com um sorriso tímido. — Ele pode ficar, se quiser — disse para Olivia.

— Eu acho que ele quer ficar — disse Olivia ao puxar uma cadeira para junto da cama. — Continue lendo, Daisy.

— Claro. — Ela continuou a leitura onde havia parado, mas enquanto sua boca proferia as palavras, a mente vagueava a quilômetros de distância. Depois de um certo tempo, tanto Max quanto Barkis tinham adormecido. Daisy saiu da cama com cuidado, marcou a página onde parara e apagou a luz de leitura. Ela e Olivia sentaram juntas no alpendre do chalé, olhando por cima do prado para o lago. As estrelas já tinham aparecido e os vagalumes brilhavam na vegetação rasteira. Uma brisa agradável soprava no local.

— Eu devia ter a idade de Max quando meus pais se separaram — disse Olivia. — Talvez fosse um pouco mais velha, mas me lembro de pensar que o mundo estava acabando. Senti-me perdida por um longo período.

— Como assim, perdida?

— Não sabia o que pensar ou sentir. Cheguei a rezar, esperar e desejar que eles voltassem a viver juntos. O que quero dizer é que é normal um filho desejar isso, mas, se permitir ser consumido por isso, não sobra lugar na sua vida para mais nada, e vai acabar desapontada. Eu nem reparei que determinadas coisas ficaram melhores depois da separação.

— Como o quê, por exemplo? — Daisy puxou um naco de grama. Teve vontade de fumar, mas sabia que Olivia detestava cigarros.

— Sabe como fica pesado o ar dentro de casa quando seus pais estão se esforçando para conviver, por causa de vocês?

Ela definiu bem a situação. O ar pesado de um lar infeliz. Daisy entendeu exatamente o que a prima dizia. Ela conhecia bem aquela atmosfera fria e pesada dentro de casa e o terror insuportável de que um passo em falso poderia por tudo a perder.

— Eu costumava andar na ponta dos pés — disse Olivia. — Você conhece a expressão pisando em ovos? Pois eu andava assim, torcendo para não quebrar nada. Mas isso não é o pior. Nossa família já estava dilacerada. A culpa não era minha, mas eu tinha que lidar com isso. E durante um bom tempo eu não soube enfrentar essa situação.

— Como foi isso?

— Usei a comida para me consolar e acabei engordando.

— Você? Não acredito.

— Eu fui gordinha dos 12 anos até o meu primeiro ano na faculdade.

— Não me lembro disso. Sempre a achei linda. Você é linda.

— E você é uma bonequinha — disse Olivia. — Mas não, eu fui bem gordinha. Foi um comportamento um pouco doentio, mas ninguém fez nada para me deter. E só fui melhorar quando descobri que estava me punindo e me isolando para fugir do sofrimento, o que estava errado.

Como faço com o cigarro, pensou Daisy. Os cigarros e a maconha.

— Quando fui para a faculdade, melhorei. Comecei a gostar de mim, consultei uma nutricionista, comecei a praticar natação. — Ela fez uma pausa. — Esta conversa está ajudando em alguma coisa?

— Não sei — Daisy encolheu os ombros.

Olivia passou a mão nos cabelos de Daisy.

— Você e Max estão apenas começando esta jornada. Gostaria de poder poupá-la da dor que vai sentir, mas não é assim que funciona o divórcio. Toda família tem que passar por isso, não existem atalhos. Mas uma coisa lhe prometo: também terá algumas surpresas. Boas. Seus pais estão se dando uma segunda chance de ser felizes. — Olivia deu um tapinha no joelho de Daisy. — Só espero que você e Max não demorem tanto quanto eu para se adaptar a essas mudanças.

— Sempre vou odiar essa fase, e sei que Max também.

— Parece razoável. Mas, Daisy, tente não se isolar ou se culpar. Não culpe ninguém. Não tem motivo para isso. Esta noite você está se sentindo péssima, assim como Max, mas vocês têm uma nova oportunidade aqui, uma nova maneira de ver sua família e sua vida. Uma nova maneira de ser feliz. Têm um pai e uma mãe que os amam. Isso é mais do que muito garoto tem por aí. acredite em mim, Daisy, é tudo de que você mais precisa.

Capítulo 27

Connor ficou muito entretido com seu trabalho nos dias seguintes, e de vez em quando fazia umas pausas para tomar fôlego e se certificar de que estava bem. Conseguiu manter o controle da situação na noite em que levou Olivia ao trailer, parando antes de fazer um estrago.

Mas chegara bem perto. Se tivesse prolongado aquele beijo, por mais dez segundos, ele estaria morto. Não que ele não quisesse tê-la nos braços. Ao contrário. Ele queria tê-la para sempre ali. Mas tendo em vista seu estado naquela noite, seria uma péssima ideia. Olivia, na certa, devia estar pensando a mesma coisa, agora que esfriara a cabeça. Ela era uma mulher sofisticada e experiente, portanto compreendeu bem o que acontecera. Olivia sabia, tanto quanto ele, que não era correto se aproveitar de alguém que está abalada emocionalmente.

Ele tratou de trabalhar no chalé de inverno, se refugiando na clareira de madeira onde ficava a casa que um dia foi a residência dos fundadores de Kioga. Segundo Olivia e Dare, era a mais importante de todas as reformas, pois seus avós ficariam acomodados ali. Todo o material elétrico e hidráulico já chegara e hoje iniciariam as trocas.

Connor tinha acabado de decidir que não passaria o dia todo pensando em Olivia quando ela surgiu correndo pela trilha. Carregava um grande caixote nos braços e Barkis vinha a seu lado. Só de vê-la, Connor já ficava tenso. Ela estava limpa e fresca como uma flor, ainda úmida pelo orvalho da manhã. O rosto estava lavado e o cabelo louro brilhava. Estava vestida para trabalhar, de jeans e camiseta sem mangas. Nossa! Lolly de camiseta sem mangas era uma coisa! Agora seu cinto de ferramentas assumira uma nova função: a de esconder sua reação.

— Ei! — disse ele tentando parecer desinteressado.

Mas alguma coisa em seu olhar o traiu porque ela parou e apoiou o caixote na grade da varanda.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada. — Ele pegou a trena e procurou desesperadamente algo para medir. O batente da porta? A distância entre ele e Lolly? O comprimento da sua ereção ou a profundidade do seu desejo?

— Você está me encarando — afirmou ela.

— Desculpe. Eu, hã, gostei da sua roupa. Parece com... — Droga, ele não sabia o que dizer.

— Com o quê?

— Como se tivesse seu próprio programa televisivo sobre reformas. — Ele fez uma pausa. — Foi um elogio. — Se Olivia visse o canal HGTV, saberia. As mulheres naquele programa tinham cabelos bonitos, corpos malhados enfiados em jeans apertados e camisetas justas e cavadas.

— Ah! — disse ela. — Então, obrigada.

Quando ela se curvou para colocar o caixote no chão, a pequena camiseta subiu alguns centímetros, e foi aí que ele a viu. Nas suas costas, abaixo da cintura.

Uma tatuagem. Lolly Bellamy tinha feito uma tatuagem. E era seu tipo preferido também, uma minúscula borboleta, no seu lugar preferido, na parte mais baixa das costas, bem onde ficava sua mão quando dançava com ela. Bem onde ele a queria tocar naquele exato momento, talvez até beijá-la. Sim, beijá-la.

Uma tatuagem! Connor agora teria problemas. Se soubesse disso na outra noite, ele a teria segurado no trailer, quem sabe a teria amarrado ao pé da cama.

— Tem certeza de que está bem? — Ela se endireitou, enganchou os dedos nos bolsos de trás e soprou os cabelos para tirar uma mecha dos olhos.

Ele se perguntou se as mulheres sabiam que aquela posição, em especial, fazia seus peitos sobressaírem. Ela devia saber. Fazia de propósito.

— Tenho. — Ele pigarreou. Connor ouviu o som distante de um motor que se aproximava. Os operários chegariam a qualquer momento.

— Ouça Lolly. Sobre aquela noite...

— Não precisamos falar sobre isso — ela o interrompeu.

Bem. Que mudança. Normalmente, as mulheres queriam analisar cada minuto de um relacionamento, como se fossem investigadoras legais. Mas Olivia não queria falar do assunto.

— Está bem — disse ele. — Só queria ter certeza de que você entendesse, porque nós, porque eu...

— Eu entendo, pode acreditar.

O barulho do motor do caminhão aumentava à medida que o veículo se aproximava da clareira. *Tudo bem*, pensou Connor. Não insistiria mais no assunto. Olivia sempre foi muito esperta e intuitiva. Além do mais, ela era especializada em psicologia. Ela entendeu.

Que bom. Olivia entendeu por que ele a evitara, mesmo quando ela queria se

deitar com ele. Teria sido um grande engano, e ambos sabiam disso. Ela estava vulnerável, suas emoções à flor da pele depois das revelações bombásticas do pai. Não estava em condições de dormir com alguém. Se ele tivesse se aproveitado dela naquela noite, talvez ela passasse o resto da vida se perguntando se dormira com ele pelo motivo certo ou porque estava carente e precisando de um colo. No estado de espírito em que se encontrava, provavelmente o associaria a trauma e crise, segredo e traição.

Não era a maneira correta para se iniciar um relacionamento com uma mulher.

Pronto, ele já estava assumindo que queria um relacionamento com Lolly Bellamy.

Talvez quisesse se apaixonar por ela novamente. Só que dessa vez seria como um homem feito, que já tinha um rumo na vida, e não como um garoto confuso e assustado.

Foi o bastante para transformar seu desejo em submissão.

Bem a tempo de o seu mestre de obras e os operários chegarem e descerem do caminhão, carregados de rádio, caixas d'água, ferramentas e equipamentos diversos. Connor os cumprimentou com um aceno de mão e indicou o cronograma de obra afixado na porta principal do chalé.

— Me dê licença, por um minuto — ele disse para Olivia, e se encaminhou para falar com os operários. Levou mais tempo do que precisava para rever as listas de tarefas com seu mestre de obras. A equipe estava acostumada a trabalhar junto e não precisava de tanta supervisão. Connor permaneceu ajudando um dos operários a consertar uma serra elétrica. Sentiu que Olivia o observava o tempo todo e ele não sabia mais o que fazer para evitar seu olhar.

Ao ver que Connor limpava as mãos de graxa numa estopa, Olivia colocou os polegares nos bolsos de trás novamente.

— Fez um bom trabalho consertando aquele motor. Tem muitos talentos ocultos.

Ele deu mais uma olhada nela. E ela também não fazia mistério dos *seus* talentos.

— Você acha? — perguntou ele.

— Acho.

— Tenho outras habilidades que você não conhece. — *Aposto como poderia fazê-la gritar muito ao atingir o orgasmo*, ele pensou. Ele jogou a estopa de lado. — Tenho muita sorte em tê-los. — Ele apontou para o caixote que ela trouxera. — E o que é isso?

Olivia passou a agir com profissionalismo ao mostrar os diversos esboços que ela e Freddy chamavam de desenhos e passou para ele.

— Temos a mobília de vime e a rede para a varanda da frente — ela disse. — Freddy vai trazer outras coisas que compramos em Fenícia. — Ela entrou no chalé. A cozinha e a sala eram interligadas, com uma enorme lareira de um lado e um aquecedor a lenha do outro. A luz entrava profusa pelas janelas panorâmicas que se abriam para o lago e por janelas fixas em arco que iluminavam o quarto de dormir no

sótão acima.

No banheiro maior havia uma banheira antiga repleta de teias de aranha e forrada de serragem. O quarto ao lado estava quase sem nada, apenas uma cama de casal antiga, feita em toras de madeira. Uma cama do tipo box e um colchão novo estavam apoiados na parede.

— Quero que tudo saia bem — disse Olivia. — Quero que fique suntuoso para eles.

— A suíte de lua de mel — disse ele.

Ela bateu de leve nele com seu bloco de anotações.

— Não seja malicioso.

— Pare com isso — ele brincou. — Eles foram amorosos por 50 anos. Acha que um casal pode ficar tanto tempo junto sem ter desejo pelo outro?

— Deve ser bem mais complicado do que isso, tenho certeza.

— Tem certeza? Como sabe que precisa mais do que atração sexual para um casamento dar certo por tanto tempo assim?

— Não seja ridículo. Qualquer casal pode provocar um pouco de atração sexual.

Pode ser, pensou. Como naquela noite na casa dele. Devia ter aceitado o que ela lhe ofereceu, careta. Ela teria dormido com ele.

— É preciso muito mais do que isso para segurar um casamento por meio século — ela insistiu.

— Discordo — ele disse abruptamente. — Você está errada. Está complicando demais a situação. Se eles ainda sentem desejo um pelo outro, então eles têm tudo de que precisam.

— Isso é bobagem.

— Então sou assim, bobo — ele disse. — Mas não sou eu quem está transformando este local em um palácio de luxúria para um casal de velhos.

— Dane-se, Connor.

Ela sempre aceitou facilmente uma provocação.

— Não se preocupe, Lolly. Vamos aprontar tudo exatamente do jeito como você quer.

— Não sei como vai conseguir consertar essa porta — disse ela. A porta para o quarto de vestir parecia ter sido chutada.

— Sem problema — disse ele. — Vou tirá-la. Você não precisa dela.

— Mas que maluquice é essa?

— Não é maluquice. — Ele resolveu mostrar-lhe em vez de falar. — Preste atenção. Digamos que sua avó, isto é, a noiva, esteja aqui se arrumando. — Ele pegou Olivia pelos ombros e a conduziu até o espelho velho acima da pia embutida numa bancada antiga de mármore. — Então — continuou ele — o homem fica impaciente por ela estar demorando demais...

— Espere um minuto. — Ela o fitou através do espelho. — O que é que está fazendo para demorar tanto, escovando os dentes?

— Sei lá. Só sei que está demorando. Mulheres sempre demoram.

— Certo.

— Então o cara acha que pode começar a se lamentar e reclamar, o que não é muito estimulante...

— Até que enfim disse alguma coisa certa.

— Ou ele pode simplesmente agarrá-la e levá-la para a cama. — Dito isso, ele pegou Olivia no colo.

Ela soltou um grito sufocado e agarrou-se ao pescoço dele.

— Viu? — explicou ele ao passar com ela nos braços. — Com um vão espaçoso, isso fica fácil. — Parado ali ao lado da cama, bem que ele gostaria de que isso fosse realidade. Foi a falta do colchão que salvou a mocinha.

Naquele momento, Freddy entrou, e quase não deu atenção ao casal. Ele já estava resignado em pegar os dois em flagrante, com a atmosfera carregada de desejo.

— Trabalhando duro, hein? Nunca vi ninguém trabalhar tanto quanto vocês dois. — Freddy falou e passou batido por eles.

Uma vez quebrado o encanto, Connor a colocou no chão.

— Sabichão — murmurou Olivia.

Capítulo 28

A onda de calor continuava intensa, tremeluzindo como mercúrio nas estradas e transformando campos e prados em mares de mato amarelado. Ao redor de Avalon, o Corpo de Bombeiros espalhou avisos proibindo queimadas e fogos de artifício. A loja de ferragens vendeu todo o estoque de ventiladores e os veranistas chegavam aos montes da cidade, à procura do clima ameno na região remota e fresca das montanhas.

Olivia estava com seu pai na varanda de uma pequena casa de madeira na Maple Street, em Avalon. Ela achou que o pai estava pálido e tenso, mas não sabia se era devido à viagem ou pelo nervosismo de encontrar Jenny Majesky pela primeira vez.

Philip notou que a filha estava olhando fixamente para ele.

— Você não precisa ficar, sabe — ele disse. — Isto é, se você não quiser ficar, darei conta do recado sozinho.

— Claro que quero ficar. — Mesmo que não tivesse criado a situação, foi Olivia quem descobriu tudo. No caminho para Avalon o pai insistiu que cometera um erro que precisava ser reparado, não era dela. No entanto, ela fazia parte disso, e entendia bem de enganos.

— Já vai — disse alguém de dentro da casa depois que Olivia bateu na porta. No instante seguinte, a porta se abriu, e lá estava Jenny.

Por um momento, Olivia viu os olhos castanhos da moça fitarem os do pai. O pai *delas*. Era tão óbvio, agora que os via juntos. Apesar de Jenny ser a cópia da mãe, a semelhança com Philip Bellamy estava presente também no refinamento inato na inclinação da cabeça ao olhar para ele, na sutileza da covinha no queixo e na maneira elegante de colocar a mão na maçaneta da porta.

— Sou Philip Bellamy — o pai falou. — Obrigado por nos receber.

— Sejam bem-vindos — disse Jenny. — Confesso que fiquei um pouco intrigada com seu telefonema. Se for sobre o bolo de casamento, posso lhes garantir...

— Não é sobre o bolo. Podemos entrar?

— Claro. Como vai, Olivia? — Jenny deu um passo para o lado e deixou os dois entrarem.

— Eu vou bem, obrigada. — Olivia se perguntou se elas duas pareciam irmãs, mas aquela ideia era tão devastadora que não podia ver em Jenny nada além de uma mulher agradável e digna de confiança.

Um ventilador na janela refrescava a sala que estava repleta de bugigangas e móveis fora de moda. Uma senhora vestida com simplicidade e usando chinelos estava acomodada numa cadeira de rodas. Seu cabelo fora arrumado com cuidado e seus lábios pintados com batom. Pelo telefone, Jenny havia explicado que sua avó, viúva por dez anos, sofrera um AVC e por isso não falava nem andava. Olivia sentiu um aperto no coração ao se lembrar dos próprios avós, tanto o casal Bellamy quanto o Lightsey, ambos felizes e cheios de energia. Tentou se lembrar da sra. Majesky no passado, mas só recordava do carro de entregas: uma van branca com o logotipo pintado na lateral. Pena que não tivesse prestado mais atenção naquela época. Pensar que ela devia ter cruzado por Jenny várias vezes, sem saber que eram irmãs, era muito estranho.

— Vovó, este é Philip e sua filha, Olivia Bellamy — disse Jenny. — Você lembra da família Bellamy do acampamento Kioga.

A senhora torceu a boca e emitiu um som ininteligível.

— Prazer em vê-la, sra. Majesky — disse Philip.

Os olhos escuros da senhora pareciam compreender, mesmo por trás das lentes dos óculos.

— Minha avó vem visitá-la quando chegar, na próxima semana — disse Olivia, segurando a mão da sra. Majesky. Sua pele fina era seca e fresca apesar do calor.

— Pensei em ficarmos na varanda de trás — disse Jenny. — É o lugar mais fresco da casa, a esta hora do dia. Vovó, você quer vir conosco?

A velha senhora emitiu um som que Jenny interpretou como sendo um não. Olivia percebeu que o pai sentiu certo alívio. Explicar a situação para Jenny já seria bem difícil. Fazê-lo diante da avó seria bastante embaraçoso.

— Está bem. — Jenny pegou o controle remoto da tevê e aumentou o volume do programa da Oprah. Em seguida, ela os conduziu pela cozinha antiga com bancadas em fórmica e armários com portas de vidro, apinhados de louça. Ela pegou três copos de chá gelado, colocou-os numa bandeja ao lado de um prato com bolinhos.

— São folheados de limão. Eu os comprei na melhor confeitaria de Kingston, hoje de manhã.

Um notebook e pilhas de papéis ocupavam toda a mesa da cozinha.

— Acho que interrompemos seu trabalho, com nossa visita — disse Philip.

— Não, isso não é trabalho. Pelo menos não é trabalho remunerado. — Ela abaixou a cabeça, envergonhada. — São coisas que gosto de escrever.

— Você é escritora? — Philip ficou curioso.

— Estou escrevendo um... não sei bem como classificá-lo. — Ela parecia aturdida, mas de um jeito charmoso. — Imagino que possa ser chamada de uma coletânea de histórias sobre minha vida, e como cresci dentro da confeitaria de meus avós. E tem ainda algumas receitas. Algumas são bem antigas, foram escritas em cadernos de escola pela minha avó da Polônia. — Ela mostrou-lhes a pilha de papéis amarelados com uma caligrafia de menina. — Vovó me ajudou a traduzir a maioria delas, mas depois do AVC... — Jenny colocou de volta os papéis com cuidado. — De qualquer jeito, é um daqueles projetos que talvez nunca termine.

Sem saber por quê, Olivia sentiu uma certa melancolia. Talvez fosse de pensar em Jenny, aquela moça agradável, despretensiosa, que cresceu sem um pai e que perdeu seu avô tão cedo. Não era de admirar que quisesse preservar as memórias e receitas da família.

Olivia fitou o rosto do pai e percebeu que havia outro motivo para estar apreensiva. Seu pai sempre quis ser escritor, também, mas tinha optado pela carreira de advogado, por ser uma profissão mais prática e estável, o tipo de coisa que era esperado de um Bellamy. Agora que sabia o verdadeiro motivo de ele ter se casado com sua mãe, Olivia pôde compreender por que ele deixara seu sonho para trás. É mesmo que soasse terrível, sentia uma ponta de inveja ao ver que Jenny, sem saber, tinha a mesma habilidade do pai.

Foram para uma varanda envidraçada, onde batia uma brisa refrescante, e sentaram-se em cadeiras de vime em torno de uma mesa baixa. O pai de Olivia, nervoso, tomou um pequeno gole de chá e colocou o copo de volta na mesa.

— Obrigado — disse ele. — Peço desculpas por soar tão misterioso quando lhe pedi para vir aqui. Mas não sabia como abordar o assunto. Não existe uma maneira simples de lhe dizer isso, srta. Majesky. Jenny.

Alguma coisa em seu tom de voz deve ter sinalizado a gravidade do assunto, tanto que Jenny segurou firme nos braços da cadeira e se concentrou no rosto de Philip. Nesse ponto ela já sabia perfeitamente que a visita não tinha nada a ver com o bolo.

— Pois não?

— Não tenho a menor ideia do quanto você sabe sobre essa situação — ele continuou. — Sei que sua mãe tem estado longe há muito tempo.

Jenny confirmou com a cabeça e franziu o cenho.

— Desde quando eu tinha quatro anos. Quase não me lembro dela.

Nossa, pensou Olivia.

— E ela nunca entrou em contato com você? Nunca escreveu ou telefonou?

Jenny balançou a cabeça, e seus olhos eram tristes.

— Não estou entendendo o interesse de vocês nessa história.

— Eu a conheci — ele disse. — Mariska e eu éramos... ela foi minha namorada no verão de 1977. Sua avó nunca lhe contou?

Uma gota solitária de suor escorreu pela face de Jenny. Os olhos tristes agora estavam desconfiados.

— Não. Por que ela me diria?

— Não sei lhe responder isso.

Ele apertava e soltava as mãos repetidas vezes, e também suave. Olivia fitava um e outro.

— Fiquei sabendo de algumas coisas recentemente — continuou Philip. — E me perguntei se por acaso alguém já lhe falou sobre o seu pai. Seu pai biológico.

A brisa parou de soprar. Pelo menos assim achou Olivia. Tudo estava parado naquele momento: o vento, a hora, o batimento cardíaco deles. Jenny parecia estar congelada. Seu rosto estava mais pálido, mas os olhos ainda desconfiados. E, apesar de ser uma estranha, Olivia teve uma vontade incontável de segurar sua mão ou até abraçá-la. *Eu tenho uma irmã*, pensou Olivia. *Eu tenho uma irmã*.

— Peço que me perdoe por aparecer assim, do nada, e dizer essas coisas para você. Não sabia de que outro jeito poderia me apresentar.

Jenny colocou seu copo de chá sobre a mesa. Analisou bem o rosto de Philip e parecia estudar cada traço, tentando descobrir que semelhanças eles poderiam ter.

— Está me dizendo que você... — As palavras se evaporaram como se Jenny não pudesse pronunciá-las. — Isso é um absurdo. Não sei por que está me dizendo isso.

Philip então lhe entregou a foto em que ele aparecia ao lado de Mariska.

— Isto foi encontrado recentemente entre os meus pertences, da época em que eu frequentava o Kioga. Esta foto foi feita em 1977. Durante todo aquele verão fomos muito felizes. Amei demais sua mãe e pretendia me casar com ela.

Jenny olhou para a foto e ficou visivelmente triste. Olivia imaginou que ela já tinha feito os cálculos em sua mente.

— Mas não foi o que aconteceu — ela salientou. — Você não se casou com ela.

— Não. Logo depois do feriado do Dia do Trabalho Mariska rompeu comigo. Disse que queria conhecer o mundo, queria ir atrás de uma vida só dela. Tentei convencê-la do contrário, mas ela nunca mais quis me ver nem falar comigo. Escrevi milhões de cartas, e todas foram devolvidas pelo correio. A mãe dela, sua avó, me disse para não telefonar mais, então peguei um trem e vim.

Ele fez uma pausa. Seus olhos se encheram de lágrimas com as lembranças distantes.

— Mas ela fora embora. Alguém na joalheria me disse que ela viajara. Foi conhecer o mundo, ou coisa parecida. — Ele trançou os dedos e olhou para Jenny, mas ela não levantou a cabeça. — Foi então que desisti dela. Imaginei que estava falando sério quando rompeu comigo. Por isso, aceitei. No inverno seguinte eu me casei com a mãe de Olivia, Pamela Lightsey. — Felizmente, ele não detalhou as circunstâncias do noivado e do casamento. — Pamela e eu nos divorciamos há cerca de 17 anos e nunca mais me casei.

Olivia se deu conta de que eles não tiveram uma chance. Quando era pequena, Olivia tentou inutilmente descobrir o motivo da separação dos pais, porém mal sabia que a razão existia bem antes de ela nascer.

Jenny não disse nada. Segurou a fotografia enquanto deslizava o dedo sobre a imagem da mãe, alheia a tudo mais.

— Naquele dia, eu que fui à confeitaria — disse Olivia —, notei que vocês tinham a mesma fotografia pendurada na parede, só que fora cortada.

— Deve ter sido minha avó quem a cortou.

Olivia entendeu, de repente, que quando a foto foi tirada Mariska já estava grávida. Jenny continuou olhando para a foto. Distraída, ela levou a mão ao pingente que tinha no pescoço.

— Também notei o pingente que está usando — acrescentou Olivia. — Lembra que lhe perguntei sobre ele?

Jenny balançou a cabeça.

— Foi da minha mãe. Meus avós me deram quando eu fiz 16 anos.

Philip tirou do bolso o outro par da abotoadura e a colocou sobre a mesa.

— Isto era um par de abotoaduras que eu tinha na época. Dei uma delas para Mariska e fiquei com a outra.

Jenny soltou um suspiro. Ao longo da conversa suas reações foram medidas e controladas, mas agora parecia a ponto de perder o controle. Seus dedos tremiam ao pegar a abotoadura.

— Nunca soube qual era a história desse pingente ou de qualquer coisa deixada por minha mãe. Mas você tem certeza de que não é uma enorme coincidência ou...

— Estou quase certo — ele disse. — Claro que podemos fazer o teste do DNA, se você quiser, mas estou certo de que só vai servir para confirmar o que descobrimos. Tomei a liberdade de contratar um investigador particular para verificar as datas e alguns outros detalhes.

Jenny engoliu em seco. Seus olhos escuros estavam atormentados.

— Um investigador particular? Mas isso é tão... invasivo.

— Tem razão, mas não sabia mais o que fazer. O sr. Rasmussen, que também presta serviços para o meu escritório de advocacia, só pesquisou os registros públicos. Sinto muito, Jenny. Não quis me aproximar de você para depois descobrir que estava enganado. Não pretendia magoá-la de forma alguma. Tive medo de você pensar que seu pai fosse outra pessoa.

Com todo o cuidado, ela colocou a abotoadura na mesa.

— Sempre perguntei aos meus avós, mas eles juraram que ela nunca lhes contou. Onde deveria ter o nome do meu pai na minha certidão é um espaço em branco. E o seu investigador, por acaso descobriu alguma coisa sobre ela?

Sim, pensou Olivia. Como, por exemplo, por que abandonou a filha.

Philip tirou da pasta uma cópia de um e-mail.

— Provavelmente, nada será novidade para você. No final de 1977, Mariska Majesky deixou Avalon. Tirou um passaporte e viajou com frequência mesmo que aparentemente não tivesse meios para tal. Enquanto esteve em Boca Raton, em março de 1978, ela teve uma filha, a quem deu o nome de Jennifer Anastasia. Em 1982, ela e a filha voltaram a Avalon, para ficar com seus pais. Mariska continuou viajando assiduamente, mas nunca levou a filha. — Ele consultou o papel. — Em 1983, Mariska deixou Avalon. Dessa vez ela não retornou, e não existem mais registros sobre ela. Seu passaporte expirou em 1988 e nunca foi renovado. — Ele colocou o papel sobre a mesa, olhou para Jenny e analisou seu rosto com intensa curiosidade. — Se você quiser, posso providenciar que Rasmussen continue as buscas.

— Não, obrigada — ela disse baixinho enquanto estudava o breve relatório.

Todos estavam tão calados e quietos que Olivia podia ouvir o gelo derretendo e se deslocando nos copos esquecidos. Finalmente, Jenny pigarreou e olhou para um e depois para o outro.

— Não sei o que dizer.

— Nenhum de nós sabe — disse Olivia. — Estou feliz de tê-la encontrado e por aceitar conversar. Espero que, em breve, você também se sinta feliz por isso.

— Você não precisa dizer nada — disse Philip.

— Que bom, porque não tenho a menor ideia do que estou sentindo.

Mas alguma coisa ela estava sentindo. Olivia percebia bem isso. Seus olhos, meigos e puros, de que Olivia havia gostado logo que a viu da primeira vez, estavam lacrimosos.

— Bem, eu estou feliz por conhecê-la — sussurrou Olivia. — Sempre quis ter uma irmã. — Olivia estava emocionada observando o rosto da irmã. Será que os narizes eram parecidos? Será que não tinham nada em comum? Olivia não saberia dizer. — Espero poder recuperar o tempo perdido — disse. — Se você também quiser, claro.

— Ah, sim, claro. — Jenny piscou como se acordasse de um sonho. — Pensei que nunca o encontraria — ela disse a Philip. — Pensei que nunca saberia quem você era.

Philip tocou sua mão.

— Eu sinto muito.

Olivia sentiu o coração apertado. Não conseguia imaginar o que Jenny passara na vida, e o sofrimento que deve ter vivido por ter sido abandonada pela mãe e nunca saber quem era o pai.

Jenny olhou para as mãos.

— Depois de passar a vida sem saber de nada, agradeço a honestidade. Sempre me perguntei quem você seria — disse ela. — Como seria e se algum dia eu o conheceria.

— Espero não desapontá-la — disse Philip.

Finalmente, uma lágrima escapou, descendo pelo rosto de Jenny. Ela limpou a lágrima com as costas da mão. Olivia não sabia dizer se Jenny estava alegre, triste ou

simplesmente surpresa. A própria Olivia estava muito abalada. Ela estava comovida por ter descoberto uma irmã, mas, ao mesmo tempo, permanecia na defensiva. Claro que queria que o pai conhecesse Jenny, mas... *Olivia, sua infeliz*, ela pensou, *nem pense em começar a sentir ciúmes*.

— Vai demorar um pouco até você se acostumar com a ideia — disse ela para Jenny. — Espero que queira passar um tempo com... papai e comigo.

— Acho que sim.

— Está livre para jantar esta noite? — o pai perguntou.

Jenny parecia confusa. E depois balançou a cabeça.

— Terá que ser depois das 21h. Minha avó se deita muito cedo.

— Está bem para mim — disse ele. — Olivia?

— Jantem vocês dois, desta vez — Olivia falou, sorrindo. — Irei da próxima vez.

— Olivia...

— Está tudo bem, pai. De verdade. Aliás, conheço um lugar muito legal. O Apple Tree Inn, na Route 47. — Ela se virou para Jenny e perguntou: — Já esteve lá?

— Apenas uma vez — Jenny confessou. — É um lugar para ocasiões especiais.

— Bem, se esta não é uma ocasião especial — falou o pai —, não sei quando será.

Capítulo 29

Nada mais relaxante do que um passeio de caiaque, especialmente com o calor que fazia, refletia Olivia, enquanto remava no lago tranquilo ao pôr do sol. Ela observava seus remos mergulharem na superfície imóvel da água, revolvendo-a ao sair. Era difícil acreditar que em breve estaria indo embora daquele lugar. O verão passou tão depressa! E os dias foram de muito trabalho e cheios de significado e propósito. Finalmente, como adulta, Olivia entendeu por que seus avós gostavam tanto de Kioga.

Percebeu, com certa surpresa, que sentiria muita falta do lugar, com a água plácida do lago, os cheiros de mato, o som do vento nas árvores e o canto dos pássaros ouvidos todas as manhãs. Mas o aperto e a pressa da cidade a esperavam. Os clientes a chamavam. Cada vez que checava sua caixa de mensagens ou e-mails, lá estavam eles, perguntando quando ela voltaria, precisando dela para ajudá-los com suas propriedades, seus planos, suas vidas. Precisando de *Transformações*. Essa era Olivia, a embelezadora. Ela podia passar pela casa de alguém e em poucos minutos fazê-la ficar mais bonita, mais alegre e mais acolhedora.

Não era uma coisa tão complicada de fazer para os outros. Mas para si mesma...

Entre as mensagens, tinha até uma de Rand. Telefonou para lhe falar que pensava nela, o que devia ser um código para dizer que queria se deitar com ela. Que coisa inacreditável! Até pouco tempo, esse homem tinha sido o repositório de todas as suas esperanças e sonhos. Parecia ter sido tanto tempo atrás! Como fora ingênua. Agiu como filha de sua mãe. Acreditando que se a sua vida parecesse perfeita, marido, casa, amigos e filhos, então certamente ela o seria. E, claro, Olivia fizera toda a sua carreira com base nesse princípio. Não devia ter caído nessa. Deveria saber que poderia transformar desde um apartamento ruim, num prédio sem elevador na cidade, até uma propriedade no campo, suja e dilapidada, em lugares bonitos e agradáveis. Mas bastava se aprofundar um pouco para descobrir a mentira que estava

oculta ali.

O passeio ao pôr do sol não a estava relaxando como era de se esperar. Olivia não conseguia pensar em outra coisa que não fosse Jenny Majesky. Há poucos meses ela nem sabia da existência de Jenny. De repente, possuía uma irmã. Bastou um gesto apenas, como deixar uma pedra cair dentro de um lago de águas paradas, para provocar a irradiação de pequenas ondas em todas as direções. Por causa de uma decisão tomada naquele verão tão distante, vidas, futuros e planos seriam afetados. Era impossível prever onde terminariam as pequenas ondulações na superfície da água.

Mesmo que tudo tenha começando antes de Olivia nascer, ela ainda tinha um papel a desempenhar, o de filha, defensora, amiga. Irmã.

Tenho uma irmã. A simples ideia de ter uma irmã já era um misto de entusiasmo, medo e apreensão.

Olivia remou ao longo da margem, onde salgueiros e bordos se curvavam para molhar seus galhos na água e famílias de patos deslizavam por entre as tifas. Da perspectiva do lago, Kioga parecia exatamente como deveria ser no crepúsculo, com algumas poucas luzes fulgurando pelas janelas do chalé principal e seus anexos, e a luz titubeante do fogo da churrasqueira à beira do lago. Tio Greg estava preparando hambúrgueres e cachorros-quentes essa noite, por serem os favoritos de Max. O garotinho acabara de descobrir que uma das poucas vantagens de um divórcio era que os adultos tentavam satisfazer os caprichos das crianças. Olivia esperava que isso não se tornasse um modelo de comportamento, algo que sua própria família havia feito. Era difícil ver o primo passar pelos mesmos problemas que ela enfrentara quando criança, mas, por outro lado, seu tio se transformava num pai mais presente, numa pessoa melhor, à custa do seu casamento.

Escureceu, mas Olivia não acendeu sua lanterna. A lua logo surgiria e lhe forneceria iluminação suficiente para encontrar o píer da Spruce Island. Que era afinal seu destino desde o início. Ela sabia que Connor ainda estava lá trabalhando e queria encontrá-lo sozinho.

Sim, ela estava atrás de Connor. Talvez Freddy tivesse razão ao dizer que ela adorava se punir. Aqui estava ela, descontrolada por causa de Jenny, mas também tão frustrada — não, estava furiosa com Connor a ponto de não enxergar direito, no entanto precisava vê-lo.

Se fechasse os olhos ainda podia sentir o gosto dos beijos e o calor do desejo que sentiu naquela noite em que se ofereceu a ele. Ele interrompeu o romance rapidamente, e não contente com isso ela lhe deu outra chance no chalé de inverno, flertando com ele inutilmente. *Nada*, ela pensou, *mas nada mesmo pode ser pior do que rejeição sexual.*

É qual o melhor lugar para tirar isso a limpo do que aqui, nesta ilha minúscula, no meio do lago?

Ela prendeu o caiaque e subiu no pequeno cais flutuante.

— Oi — ela gritou.

— Aqui.

O coração dela tropeçou e depois disparou enquanto acompanhava o som da sua voz.

— Oi — disse Olivia num tom propositalmente neutro.

— Oi. — Ele estava trabalhando apenas com a luz da lanterna. Ele soltou uma braçadeira de madeira e deu um passo atrás para analisar seu trabalho. — Não esperava ninguém aqui agora.

— Como você não apareceu para jantar, vim me certificar de que está tudo bem.

— Você remou até aqui só para isso?

— Claro.

— Mentirosa. — Ele usava uma bandana para limpar as mãos. — O que faz aqui, Olivia?

Ela não conseguiu responder. Até porque tinha certeza de que ele sabia. Ele sempre a chamava de Lolly, e não Olivia, quando percebia que não dizia a verdade. Olivia pensou em lhe contar como tinha sido a reunião com Jenny, mas não estava preparada para falar sobre isso ainda. Ela fora até ali, pelo menos em parte, para evitar isso. Não queria pensar que naquele momento seu pai estaria jantando com Jenny Majesky no Apple Tree Inn.

Connor não a pressionou para responder, mas se ocupou do trabalho guardando braçadeiras e ferramentas. Depois ligou um interruptor e, como num conto de fadas, luzes tremeluziam nas vigas do mirante restaurado.

Olivia se virou lentamente num círculo e esqueceu, por um instante, todos os seus problemas e frustrações. Esqueceu-se de tudo, exceto do fato de que aquele homem trabalhara durante horas seguidas para recriar esse lugar para seus avós, o que fez desaparecer toda a sua contrariedade com Connor.

— É exatamente assim que eu queria que ficasse.

— Ainda bem que você gostou. — Ele estava muito sensual. Aliás, em qualquer momento.

— Tive sorte de encontrá-lo — ela disse, mas logo quis consertar. — Como construtor. Depois cheguei a ficar preocupada de não dar certo, por que, você sabe... — Pura conversa fiada. Ambos sabiam disso.

Ele parecia sereno ao abrir duas latas de cerveja sem sequer perguntar se ela queria ou não.

— Saúde — ele disse.

Olivia não bebia cerveja com frequência, mas às vezes, como agora, a noite mais quente do ano, era a melhor coisa para se fazer. O líquido gelado e borbulhante desceu macio na sua garganta.

Connor apagou as luzes e pegou sua lanterna.

— Vamos sentar ali — disse ao iluminar o caminho até a ponta do deque. — Não fosse pelo calor que está fazendo aqui, eu acenderia uma fogueira para você.

Olivia jogou a cabeça para trás e encostou a lata fria na própria garganta. Fechou os olhos e soltou um leve suspiro.

— Está tão quente aqui fora, mal posso enxergar direito — ela disse.

— Tem um remédio para isso.

— Hum. Nadar pelada. — Ela chutou as sandálias de dedo e se sentou, com um dos braços para trás.

— Claro. Uma das tradições mais secretas de Kioga.

— Só que todo mundo a conhecia. — Ela se encolheu, afastando-se assustada das lembranças indesejáveis. Os pensamentos dela tornavam a voltar. Ia deixar que ele fizesse isso? Estaria preparada? E ele estaria?

— Vou lhe contar sobre o meu dia — disse ela. Era justo ele saber o que ela vinha passando ultimamente. — Fui apresentar Jenny ao meu pai. Foi estranho e triste, e neste momento ele está jantando com ela no Apple Tree Inn para se conhecerem melhor. É tudo por culpa minha. Mas como não fazer isso?

— Ei, nada disso foi culpa sua.

Olivia teve um ímpeto de se apoiar nele, como se buscasse consolo.

— Foi tão difícil! — disse ela. — Não me entenda mal, Jenny é maravilhosa. Mas também foi cautelosa. Ela não nos abraçou como a família que finalmente reencontrou. Também não nos rechaçou. Não pude evitar de pensar em quanto deixamos de conviver e tudo o que perdemos. Minha vida toda eu tive uma irmã. Uma irmã mais velha. E nunca soube disso. Fico imaginando como minha vida teria sido diferente se tivesse crescido ao lado dela.

Ele a abraçou e o simples calor do corpo dele já a fez chorar. Ele não disse nada, talvez não houvesse o que dizer.

— O que posso fazer por você? — ele perguntou.

— Acho que vou precisar de um pouco de sexo desvairado e um ombro para me consolar.

— Então você veio para o lugar certo.

Só que Olivia não sabia se devia aceitar sua oferta. Ela possuía um bom amigo, Freddy, e uma prima que adorava, Dare, que poderiam servir de ombro amigo. Quanto ao sexo desvairado, bem, este ia demandar um especialista.

Ela e Connor já tinham tentado fazer sexo antes. Fora um desastre. A dimensão do desastre ela ainda não sabia. Pensou que fosse um simples caso de humilhação-rejeição de adolescente, porém nunca superou isso. Pelo contrário, deixou que aquele momento definisse e determinasse suas escolhas durante anos.

— O que diz então, Lolly? — sussurrou ele com os lábios junto aos dela, sem beijá-la, mas perto o bastante para imaginar que iria beijá-la.

Meu Deus, ela estava se apaixonando por ele. Tudo de novo, quando deveria ter

aprendido a lição muitos anos atrás. Mas ela o queria muito, mesmo sabendo que isso poderia ser um erro.

Talvez, como adultos sinceros, eles fariam melhor agora. Não poderiam fazer pior dessa vez.

CANÇÕES DO ACAMPAMENTO KIOGA

Taps (Day Is Done)

*Day is done, gone the sun,
From the lake, from the hills, from the sky;
All is well, safely rest, God is nigh.**

Nota

** Toque de silêncio (Fim do Dia)*

O dia se foi, o sol se pôs, / Do lago, dos morros, do céu;/ Tudo está bem, descanse em paz, Deus está aqui. (N. da E.)

Capítulo 30

Verão de 1997

Acampantes felizes, mas exaustos, invadiam o gramado principal no dia do encerramento das atividades no Kioga. Alguns pegariam o ônibus de Kioga para ir até a estação do trem. Outros seriam levados por pais animados em caminhonetes e vans. Depois de dez semanas longe de casa, até as crianças mais irritantes deixavam saudades. Uma última checagem nos chalés já fora feita e as crianças se dispersaram, reunindo seus equipamentos, ostentando bronzeados e mordidas de mosquitos e, como disseram os avós de Lolly durante a despedida no café da manhã, várias lembranças para a vida toda.

Lolly viu Connor conversando com Julian. O garotinho que pulava de um pé para o outro ainda era a criança mais cheia de energia de Kioga. O coração dela disparou como sempre ao ver Connor, ou só de pensar nele. Contrariando suas expectativas, algo sensacional acontecera neste verão. Connor se tornara seu namorado, seu primeiro namorado, e ela estava tão apaixonada que perdeu a vontade de comer, de dormir e de pensar. Ela foi ao encontro deles e entregou a Julian a tabuleta do Fledgling para ele segurar.

— Segure-a bem alto para que todos possam ver. Isto é para ajudar os pais a localizarem seus filhos.

— Meu pai vem. Ele vem da Itália para me buscar.

— Foi o que ouvi dizer. Isto é muito legal — disse Lolly.

Caminhando de um lado para o outro, Julian agitava sua placa e observava os carros que chegavam.

— Foi uma boa ideia dar a Julian uma tarefa, assim ele ficará ocupado por mais de um minuto, talvez.

— Mal posso acreditar que tenha chegado inteiro ao final do verão — disse ela. A

aventura do *bungee-jumping* fora só o começo. Felizmente para Julian seu irmão era esperto e cuidadoso. Em vez de lutar contra a fascinação do garoto por altura, Connor encontrou maneiras de ele dar vazão aos seus instintos. Ele levou Julian e alguns amigos para explorar os penhascos brancos escarpados e grutas de gelo da Shawangunk's Ridge, pendurou uma corda para servir de balanço no topo de uma árvore junto ao lago e levou um grupo ao ponto mais alto da torre de vigilância. Ontem, durante a comemoração de despedida, promoveram uma corrida de mountain bike. Lolly sabia que nunca esqueceria os gritos de satisfação de Julian ao descer de bicicleta morro abaixo, assim como também não esqueceria o orgulho estampado no rosto de Connor.

— Esta foi a primeira vez na minha vida em que tive pena de ver as férias terminarem — disse Lolly.

— E eu sempre tive.

Ramona Fisher veio correndo ao seu encontro.

— Estava procurando você, Lolly. Disse para minha mãe que não iria embora enquanto não falasse com você.

Lolly abriu os braços para receber a garotinha. Levou muito tempo e um bocado de atenção, mas ela conseguiu fazer a garota superar a saudade de casa que a deixara bastante arredia no início da temporada. Convenceu a menina de que era normal sentir falta das pessoas que amamos, e que a falta deles não era para fazê-la sofrer.

Olhando de esguelha para Connor, Lolly se perguntou se seria capaz de aceitar os mesmos conselhos quando fosse para a faculdade. Só de pensar que ficaria dias, semanas e até meses sem vê-lo já a deixava arrasada.

— Isto é para você — disse Ramona. — Para se lembrar de mim. — Ela entregou uma pulseira da amizade, um trançado de linhas e contas coloridas. Feita com muito capricho, a pulseira tinha bordada as iniciais RF e LB.

— Que linda, Ramona. — Lolly esticou o braço para que a menina amarrasse a pulseira em seu pulso. — Vou usá-la com muito orgulho.

— E eu vou fazer aquilo — disse Ramona enquanto amarrava. — Vou me inscrever no time de natação quando voltar para a escola.

— Que sorte a deles em tê-la — Lolly disse.

Apitos soaram e carros buzinaaram, e todo mundo tratou de encaminhar as crianças para os carros e ônibus. Entre Lolly e Connor havia um fio invisível. Durante as semanas do verão, a ligação entre eles ficou mais forte e mais profunda, e agora ele parecia ser o mundo para ela. Lolly lhe confessara que ele fora o primeiro garoto a beijá-la.

— Isto me deixa feliz. Gostei de ser o primeiro — disse ele.

Esta noite também seria uma primeira vez, e ambos sabiam disso. Ela pensou sobre os planos deles e sentiu um puxão naquele fio. Ele deve ter sentido a mesma coisa, pois cercado de meninos junto ao ônibus, ajudando com as bagagens, parou o

que estava fazendo e virou-se para fitá-la. Trocaram um sorriso fugaz de conspiração e depois voltaram sua atenção para o que faziam.

— Papai! É papai! — Julian ficou histérico balançando a placa como se fosse uma bandeira branca de paz. — Connor, meu pai está aqui! — o garoto berrava. Ele largou a placa e saiu correndo ao encontro do pai.

— É o Professor Aloprado — Connor disse para Lolly quando iam cumprimentar Louis Gastineaux.

Ele era truncado e jovial, usava óculos com lentes grossas, calças largas demais puxadas acima da cintura e camisa de mangas curtas num tom feio de amarelo. Julian estava tão excitado que pulava sem parar, puxando o pai com força para mostrar o acampamento.

— Você vai sentir muita falta de Julian, não é mesmo?

— Sinto falta dele desde os 11 anos — admitiu Connor. — Garotinho extraordinário.

— Estou feliz que tenha vindo este verão. Quem sabe vocês dois não voltam ano que vem?

— Talvez — Connor sorriu para ela. — Se seus avós... Droga. — Seu sorriso desapareceu.

— O que houve? — ela perguntou, mas nem precisou esperar a resposta. O pai dele, Terry Davis, vinha dirigindo o caminhão da manutenção. Julian, que gostava muito do pai de Connor, puxou Louis para apresentá-lo.

— Com licença — disse Connor, saindo para encontrar o pai.

Lolly os observou de longe, os pais e os filhos, com suas vidas tão sofridas. Ela sabia que Connor amava seu pai, mas o vício da bebida o deixava triste e envergonhado.

— Aquele é o garoto com quem tem ficado o verão todo? — Lolly ouviu uma voz atrás de si.

— Oi, mãe. Quando foi que você chegou?

— Cerca de uma hora atrás, mas você nem notou. — A mãe de Lolly tinha o cabelo e a maquiagem impecáveis, usava um vestido de algodão, sapato baixo, óculos escuros de grife e bolsa Chanel. A seu lado, Lolly se sentia gorducha e despenteada.

— Venha, vou lhe apresentar a Connor — disse Lolly depois de abraçar a mãe.

— Não creio que seja necessário — ela disse, arredia.

Lolly riu com desdém.

— Meu primeiro namorado e você não quer conhecê-lo?

— Meu amor, não tem necessidade. Vamos todos embora amanhã mesmo.

— Sei o que está pensando — disse ela, fazendo um estilo esnobe. — Não considera apropriado que sua filha conviva com gente como Connor Davis.

— Não seja sarcástica.

— Então venha conhecê-lo. Mãe, ele é tão legal, sei que vai gostar dele. — Lolly

parou de insistir quando viu o jeito como a mãe olhava para Connor, com seu cabelo comprido, ao lado do pai vestido de macacão de trabalho e fumando um cigarro. Ao lado estava o Professor Aloprado e seu filho birracial. Diante da expressão no rosto da mãe, Lolly resolveu desistir. Sua mãe jamais aprovaria Connor, portanto ela decidiu poupá-lo de uma situação constrangedora.

— Preciso ir — ela disse. — Prometi ajudar com os tira-gostos para esta noite. Sobraram muitos ovos na cozinha, por isso vamos cozinhá-los e depois incrementá-los.

Ao se dirigir para o chalé principal, tentou se livrar do ceticismo da mãe e se concentrar na noite que tinha pela frente. Ela foi interceptada por Jazzy Simmons, que se apressou para alcançá-la com um ar de conspiração.

— Não se esqueça — disse ela. — Não desligue a máquina de gelo pelo menos até enchermos todos os barris.

— Fique tranquila. Não vou me esquecer — Lolly disse. Nesta noite seria realizada a tradicional festa de despedida dos funcionários e monitores. Teriam uma fogueira junto ao lago. E muita cerveja contrabandeada, claro. Lolly não se importava de providenciar o gelo. Ela e Connor estavam esperando que todo mundo se distraísse na festa para eles fugirem. Sem crianças para tomar conta, sem as rondas na hora de dormir, os dois finalmente teriam privacidade. Eles tinham um plano. Esta noite fariam amor pela primeira vez.

A festa não foi um martírio. O que já era uma vantagem. Depois que começou a namorar Connor, Lolly ficou mais confiante em si mesma. Em vez de ficar só observando os outros dançarem, ela agora participava da festa. Aprendeu a rir e se divertir e deixou de se preocupar com o que os outros estavam pensando. Sentiu falta das primas Dare e Frankie, mas elas tinham partido na véspera porque iam para a faculdade na Califórnia.

Felizmente sua mãe não estava por perto. Ela resolveu passar a noite em uma pousada de luxo da cidade, a Truning Maple. Amanhã as duas voltariam de carro para a cidade. Lolly sabia que nada mais seria dito sobre Connor Davis. Esta era a maneira de sua mãe reagir. Se você não fala sobre um assunto, ele deixa de existir.

Mas Lolly não se importava com isso. Não tinha certeza se saberia o que dizer a respeito do que sentia por Connor. Ela chamava de amor, mas parecia ser bem mais do que isso. Para Lolly, era a sensação de um tornado dentro de si, um incêndio florestal. Eles dançaram juntinhos e ela pensou que fosse ser arrebatada para o céu, tal a força das suas emoções. Ao final da música, Connor foi pegar uma bebida e Lolly ficou parada, em total deslumbramento.

Jazzy Simmons surgiu vestida em uma calça de Exército, larga, de cintura baixa, e um top que deixava à mostra as alças do sutiã. Os seus peitos enormes sempre

chegavam primeiro, onde quer que ela fosse.

— Nossa! Você está mesmo a fim dele, não? — disse Jazzy, que sempre falava o que lhe vinha à cabeça.

— Cale a boca, Jazzy — disse Lolly sem maldade. Ainda estava flutuando.

— Lolly Bellamy, sua assanhada. Você vai dormir com Connor. — Jazzy ficara chateada durante todo o verão porque Connor a rejeitara para ficar com Lolly. — Lolly e Connor — ela disse ao abraçar um garoto chamado Kirk. — Isto eu vou gostar muito de ver.

— Todos nós — disse Kirk entre risadinhas.

Lolly nem se preocupou. A ideia que ela e Connor tinham de fugir dali era tão deliciosa quanto aterrorizante. À medida que as pessoas se dirigiam à beira do lago para acender a fogueira, uma manta de nuvens ralas se movimentava para esconder a lua. Ela sentiu uma ligeira excitação antes da hora e se encaminhou para ir ao encontro de Connor no local combinado. Os dois tinham um local preferido, perto da cachoeira, onde havia se formado uma piscina depois de anos seguidos de queda d'água. A luz do luar entrava por uma abertura no dossel formado pelas árvores da floresta e o estrondo das águas caindo sobre as pedras criava uma música estranha, mas relaxante. Ela já encontrara Connor lá, e num primeiro momento ele pareceu intimidativo, com suas feições um pouco encobertas pelas sombras e a silhueta alta delineada pelo luar e pela garoa fina da cachoeira atrás dele.

— Não tive certeza de que você viria — disse Connor quando Lolly se aproximou, ligeiramente ofegante pela subida.

— Claro que eu viria. — Mas ela estava encabulada e insegura. — Lembrou-se de trazer tudo?

— Está tudo aqui — ele disse suavemente. — Não temos pressa. — Ele abriu uma lata de cerveja e entregou a ela.

— Onde conseguiu isso? — ela perguntou, sentada de pernas cruzadas sobre um cobertor.

— Onde você acha? — Ele riu. — Meu pai tem um estoque enorme.

Ela fez um aceno de cabeça e tomou um gole da cerveja. Não apreciava muito o gosto de cerveja, mas sentiu que precisava prolongar um pouco mais o momento.

— E, então, sobre o que conversaram hoje, você, seu pai e o professor Gastineaux?

— Não me lembro direito. Louis estava agradecendo ao meu pai. E meu pai, subserviente como sempre, disse que era o mínimo que podia fazer. — Havia uma certa contrariedade em sua voz.

— Seu pai só quis ser educado.

— Está bem, na certa ele vai se embriagar esta noite para comemorar o excesso de educação. Ele tem uma boa desculpa esta noite, já que ia jogar sinuca na Hilltop Tavern.

Lolly não sabia o que dizer. Sabia que Connor não estava preocupado pelo pai

querer jogar sinuca. O problema seria se o sr. Davis bebesse e tentasse dirigir depois.

— Sinto muito. — Não sabia o que mais poderia dizer.

— Deixa para lá. Também não sou seu protetor. — Ele tomou um gole da cerveja, irritado. — Era sua mãe que falava com você esta manhã?

— Era. Ela chegou da cidade hoje — ela disse, espantada que ele tivesse notado.

— Você se parece com ela.

— É o que dizem.

— Se não, como acha que eu saberia que era sua mãe? — Ele tomou outro gole de cerveja. — Por que não me apresentou a ela?

Nesse momento, Lolly já estava ficando ruborizada.

— Minha mãe não é uma pessoa muito simpática.

— Você sabe muito bem que essa não é a razão. Escute, se você tem vergonha de ser vista comigo...

— Você está redondamente enganado — ela se apressou em dizer. — Vergonha de você? Droga, Connor, todas as manhãs eu acordo e me belisco para ter certeza de que você existe. Eu juro, não tenho vergonha de você, mas...

— Mas o quê?

— Da minha mãe. Da maneira como critica as pessoas. Não queria submeter você a uma situação constrangedora. Está bem? De qualquer forma, você é que devia ter vergonha de mim.

— Que diabos você quer dizer com isso?

— Ora, Connor, você acha que não vejo os garotos rindo de você por estar namorando uma gordinha?

— São uns idiotas — ele disse.

— Assim como minha mãe. — Lolly deu um suspiro. — Eu queria... — Ela não sabia o que queria. Que tivesse uma mãe diferente? Que Terry Davis fosse um pai melhor para ele? Ela se calou, e eles ficaram quietos ali por uns minutos, esperando a tensão se dissipar. Ela bebeu um pouco mais de cerveja. Não demorou muito para sentir os efeitos da bebida. — Sabe o que mais me assusta quando penso em ir para a faculdade? — ela perguntou. — É ficar longe de você.

— Nós vamos nos ver.

— Nós nunca falamos seriamente sobre isso. — Eles não tinham discutido os detalhes sobre como o relacionamento deles ia ficar quando o verão terminasse. Ela preferia que o tempo parasse e que todos sumissem, deixando Connor e ela sozinhos, como Adão e Eva. Então fantasiou como seria a vida deles na cidade. Ela iria às aulas e Connor para o trabalho, e voltariam a se encontrar todas as noites. Seria perfeito.

— As pessoas têm uma tendência a fazer o que é importante para elas.

— Você é importante para mim — ela disse. — Você é tudo para mim. Amo você, Connor. — Ela parou. Nossa. Então ela confessou. Agora, se ele dissesse o mesmo, não significaria nada exceto que ela o colocara num apuro.

Mas não foi o que aconteceu. Ele disse algo até melhor.

— Não fiz nada para merecê-la — ele disse. — Mas ainda quero fazê-lo. Acontece, Lolly, que você espera muito de mim. Não estou acostumado a isso. Nunca ninguém quis nada de mim, a não ser que eu saísse do seu caminho. E agora você me quer na sua vida. Isso é muito importante para mim. Você não tem ideia de quanto é importante.

— Não pretendo pressioná-lo — ela disse.

— Você não entendeu. Esse tipo de pressão... é legal. Acho que se alguém tem alguma expectativa com relação a você é porque acredita em você. Em toda a minha vida, apenas uma pessoa sentiu isso por mim. Você, Lolly.

Ele a beijou furiosamente, deixando-a em brasa e a ponto de explodir. Durante todo o verão esperaram por aquele momento, e ela estava apavorada. Mas disse a si mesma que não deveria ficar. Afinal de contas, tratava-se de Connor, e já estava mais do que na hora. Todo mundo dizia que devíamos nos guardar para a pessoa que amamos. Bem, se o que sentia por Connor não fosse amor, então ela não saberia o que era.

Ainda assim, toda a emoção do seu coração não estava ajudando em nada, e de alguma forma ele sabia disso. Parou de beijá-la e se afastou.

— Lolly, se você não quiser...

— Eu quero, juro. Mas me dê um minuto. — Ela abraçou seu pescoço e respirou fundo. O cabelo dele estava limpo e cheiroso como o ar da noite. Um vento morno varreu a floresta, separando as copas das árvores. Ela podia avistar o brilho da fogueira na beira do lago abaixo e chegou a sentir um tremor incômodo. Será que alguém os vira saindo da festa?

— Você está mais tensa ainda — disse ele. — Se tiver mudado de ideia, vou compreender.

— Não é isso — disse Lolly. — Me sinto um pouco envergonhada. Bastante, para dizer a verdade. — Não conseguiu dizer nada além disso. Era impossível explicar exatamente o quanto estava insegura.

— Sabe de uma coisa? — disse Connor com um sorriso engraçado. — Acho que devíamos nadar.

— Como assim? Nadar pelados? — Ela engoliu em seco. — Aqui? Agora?

— Claro.

Nadar pelado era uma tradição em Kioga, praticada na escuridão da noite e debaixo de uma profusão de risadas.

— Nunca participei disso — admitiu Lolly. — Sou inibida demais. — *Ele sabia bem disso*, ela pensou. Será que não ouviu as brincadeiras? Ela costumava ficar ali sozinha, no calor, louca de vontade de mergulhar para sentir como era nadar pelada.

Connor tomou um grande gole de cerveja e sacudiu a cabeça.

— Acredite em mim, não estávamos olhando para os outros. Estávamos

preocupados em sermos rápidos, não levantar suspeitas e não ser pegos. Então, o que acha? — A voz dele era doce e baixa, quase um sussurro. — Que tal agora?

— Que tal agora? — Lolly sabia o que ele estava perguntando. Ela sabia exatamente o que ele estava perguntando.

— Você se sentiria insegura agora? — Ele se sentou e colocou a lata de cerveja no chão.

— Acho que não vou deixar de ser assim nunca.

Sem desviar os olhos de Lolly, ele esticou o braço e desabotoou o primeiro botão da blusa dela.

— Está escuro, Lolly. E só estamos nós dois aqui.

Lolly ficou imóvel. Esqueceu até de respirar por um momento. Ele buscou o segundo botão.

Seu coração estava batendo com tanta força que parecia que ia saltar pela boca a qualquer momento. Mas ao olhar para a mão dele, aparentemente, tudo estava normal. Bem, normal é maneira de dizer, já que era a primeira vez que um garoto tirava sua blusa e seu sutiã. Não entre em pânico, disse para si mesma. Aproveite o momento. Lolly se sentia protegida pela escuridão e por Connor. E ela sabia que enquanto estivesse nos braços de Connor nada de mal lhe aconteceria. Estava segura com ele, e tudo ia dar certo, mesmo que passasse por momentos de grande constrangimento e vergonha.

— Lolly, fique em pé para que eu possa tirar isso — ele falou baixinho, e ela quis morrer. Connor então tirou seu short. O momento foi tão intenso e de uma emoção tão forte que a fez esquecer-se de sentir vergonha. Ela se esqueceu de tudo, exceto de que amava Connor Davis profundamente.

O mais engraçado é que ficar ali nua, diante dele, não a deixou em pânico como imaginara. O que a deixou apavorada foi quando Connor começou a tirar a roupa. Lolly já o vira sem camisa um milhão de vezes, mas, quando ele abriu a braguilha, ela se apavorou.

È ele percebeu isso, tanto que afundou rapidamente e voltou borrifando água como se fossem estrelas. Agora era a vez de Lolly. Mas antes que ela saísse do lugar uma luz vacilante chamou sua atenção. Connor olhou em volta como se esperasse algum tipo de interrupção.

Quase como se tivesse sido planejado.

Passaram-se poucos segundos até que um bando de monitores bêbados e bagunceiros surgiu do mato, gritando e torcendo, e apontando as lanternas direto para Lolly. Depois tudo ficou envolto num grande borrão. Ela se lembrava de ter gritado, gesticulado para ter algo com que se cobrir. Até que apareceu um cobertor grosseiro para protegê-la. As risadas eram ensurdecedoras. Ela perdeu Connor de vista, ou talvez ele não quisesse ser encontrado. Mas ela não queria vê-lo e a ninguém, nunca mais. Ficou tão atormentada que saiu correndo, descalça, pelo caminho de

pedras.

O TROVADOR DE AVALON
15 DE SETEMBRO DE 1997

O Acampamento Kioga Encerra suas Atividades Definitivamente

O acampamento Kioga, um ponto de referência em Avalon desde 1932, em breve fechará suas portas definitivamente. Fundada por Angus Neil Gordon como um acampamento de férias em plena mata virgem para receber as famílias da cidade, Kioga criou fama por proporcionar atividades esportivas estimulantes e gratificantes a várias gerações de acampantes. A propriedade é famosa por sua beleza inigualável que engloba um lago de águas cristalinas, uma cachoeira e montanhas cobertas de florestas.

A propriedade de 400 mil metros quadrados vem sendo administrada por Jane Gordon Bellamy e por seu marido, Charles Bellamy. Quando indagados sobre o futuro da propriedade, a sra. Bellamy declarou: “Espero que a propriedade continue com a família, se isso for possível.”

Capítulo 31

Olivia estava muito receosa. Não devia ter ido àquele lugar esta noite, procurar por ele, procurar por... o quê? Um desfecho para o passado ou um recomeço? Ou apenas respostas para uma nova série de perguntas?

— Você sabe que a última vez que tentamos isso as coisas não funcionaram muito bem para nós — ela lembrou-lhe.

— E aqui estamos nós, tendo uma segunda chance. — Ele inclinou a cabeça e a beijou com ternura, quase casto.

— Que sorte a nossa, hein?

Ele não se perturbou e continuou a tirar-lhe a blusa, expondo-a ao calor da noite e ao seu olhar fixo, cheio de doçura. Ela se perguntou se ele percebia que seu coração disparara. E se ele podia ver uma única gota de suor que corria pelo seu pescoço até escorrer para o sulco entre os seios. Ele viu, sim, tanto que percorreu com o dedo o mesmo caminho.

— Que noite quente — disse ele ao soltar o fecho do seu sutiã.

— É verdade — concordou ela, sem fazer um movimento sequer para detê-lo. Uma coisa ela aprendeu com os romances do passado: não se deve interromper alguém que nos faz sentir assim tão bem. Deixe a coisa acontecer. O tempo de racionalizar ficou para trás. O momento agora era de sentir, simplesmente.

— Você não devia usar roupas nunca — disse ele. — Nunca.

— O que disse?

— Por que esconder isso tudo?

— Não podia imaginar que você quisesse fazer isso, Connor.

— Por que diabos pensaria assim?

Ela não acreditava que ele estivesse fazendo uma pergunta. Na noite em que voltaram da cidade, ela quase implorou para fazer amor, e ele a interrompeu sem maiores explicações. Seu comportamento despertou dúvidas, desconfianças e até

lembranças mal resolvidas. Mas tudo foi apagado por uma necessidade premente, não só de proximidade e intimidade, mas dele, do seu abraço forte e do contato dos seus lábios nos lábios dela. Do que será que ele se lembrava daquela noite, se é que pensava naquilo? Uma das coisas que compreendera neste verão foi que a memória podia ser uma coisa tênue, facilmente moldada pela percepção.

— No dia em que fomos a Nova York — ela lembrou-lhe —, naquela noite eu praticamente me joguei para você, e você me mostrou o caminho da porta.

E ele riu com o que ela disse. Ele *riu*.

— Não acredito — disse ela enquanto se cobria com a blusa. — Acha isso engraçado?

— Que diabos, eu acho engraçado sim. Garanto que bati todos os recordes aquela noite, pelo tempo que permaneci debaixo da água fria do chuveiro. Minha ereção não regredia. Está brincando?

— Então por que...

— Você estava arrasada naquele dia, por causa do seu pai. Não quis me aproveitar de você.

Ela ficou ali querendo saber se ele estava falando sério. Será?

— Você me parece um tanto descrente, srta. Bellamy — ele disse.

— Estou tentando descobrir se isto é mentira sua ou se está sendo sincero.

— Vamos deixar uma coisa clara aqui. Naquela noite, em minha casa, eu queria tanto ter você que chegou a doer. Quando paramos, fiz o que pude para não chorar como um bebê. Nenhum homem em sã consciência aceitaria se submeter àquele tipo de tortura. O que estou tentando dizer é que não fico no meu juízo perfeito quando o assunto é você, Lolly. Você é importante demais para mim. Mesmo que eu fique louco, não vou fazer nada se não tiver a certeza de que ambos queremos fazê-lo. E se para você isso soa como mentira, que seja.

Ela ficou sem palavras, boquiaberta. Ela nutria algumas expectativas ao se dirigir para ali esta noite, mas nem tanto assim.

Ele se curvou e a beijou com uma delicadeza surpreendente. Segurou a cabeça de Lolly com as duas mãos, encostou os lábios em sua boca, pressionando-a cada vez mais até chegar a um beijo profundo. Ela arqueou o corpo de encontro ao dele, mas Connor não tinha pressa.

Mal acabara de deixá-la nua da cintura para cima e ela já estava se jogando para ele. E Connor só queria beijá-la, delicadamente contornando seus lábios com a língua e depois provando-a num ritmo lento que a deixou hipnotizada.

— Vamos nadar — ele disse quando parou de beijá-la.

Não podia ser. Mesmo que ele a ajudasse a se levantar, cada pedacinho do seu corpo protestaria. Estava enlouquecida de vontade de fazer amor com ele, aqui, agora, e ele queria nadar? Talvez não quisesse mais fazer amor. Talvez o beijo o tivesse convencido de que não estava tão atraído por ela, afinal.

Connor tirou a camisa pela cabeça com um único movimento.

— Então, vamos?

— Quer mesmo fazer isso, ou só quer me ver nua?

Com a mão tocou-lhe a barriga e deslizou um dedo por dentro do cós do short dela.

— Minha missão ainda não terminou. — Ele desabotoou o short, desceu o zíper sem tirar os olhos dela. — Sabe por que temos que nadar? — perguntou. — Porque se fizermos amor logo, vai acabar rápido demais. — Ele correu os dedos até as costas dela. — Isso foi um elogio, por sinal. — Então ele deu um passo atrás, acabou de tirar a roupa e mergulhou n'água.

Olivia o seguiu, pulando para a água no final do deque. Aproveitaram aquela água fresca e cristalina nadando, brincando, mergulhando e perseguindo um ao outro. A lua desenhava ondulações prateadas na superfície da água e quando ela jogava a cabeça para trás, as estrelas pareciam rodar em baixa rotação. Ela nadou ao encontro dele e eles se deram as mãos, batendo os pés ligeiramente enquanto boiavam.

— Eu tinha que me segurar um pouco — ele disse.

— E funcionou? — Ela se movimentou para perto dele até Connor pegá-la pelos ombros.

— Não muito. — Então ele a beijou novamente com repentina intensidade, e ela sentiu um choque e uma vontade tão grande que chegou a doer.

— Vamos sair da água — ela falou baixinho.

Foi maravilhoso e terrível ficar ali de pé diante dele, toda molhada e desejando-o tanto que mal podia enxergar. Era estranho, esquisito e irresistível, e quando ele finalmente a beijou, nada mais importava. O importante era estar ali com ele, poder tocá-lo, todo o seu corpo, sentir seus músculos, a maciez da sua pele.

Lolly entendeu a mudança que estava para acontecer na vida deles ao se deitarem nas toalhas estendidas na beira do lago. Connor então puxou meticulosamente uma embalagem com vários preservativos.

— Você é bem ambicioso, não? — murmurou ela.

— Não vou querê-la uma única vez esta noite, Olivia — ele disse.

Deitada de costas, ela olhou para ele e para as estrelas e sentiu-se totalmente vulnerável. Mas ela confiava plenamente nele, queria isso e qualquer coisa que acontecesse depois desta noite, bem, lidariam com isso mais tarde. Finalmente ela entendeu o que não realizara até agora, que todos os seus fracassos anteriores com homens tinham uma única razão, e essa razão estava em seus braços.

Com os outros, ela precisava se agarrar a uma esperança, e fantasiava que o romance daria certo, mas sempre alguma coisa destruía suas ilusões. Amor não podia ser aquilo que ela se esforçava tanto para sentir. Com Connor era completamente diferente. Não precisava fazer nenhum esforço agora para sentir.

Capítulo 32

Connor estava determinado a seduzir Olivia, mas sequer imaginava que fosse acontecer esta noite, ao ar livre, depois de um longo dia de trabalho. Ele se convenceu de que devia esperar a hora certa, quando ela não estivesse tão abalada emocionalmente. Agora ele sabia que se tivesse esperado pelo momento ideal, quando ambos estivessem nos seus momentos certos, talvez nunca tivesse acontecido.

Normalmente, ele tinha facilidade em se controlar. Com Olivia não conseguia se conter. Os sentimentos de Connor estavam transbordando e ele não podia evitar. Impossível resistir a uma noite quente de verão, a água fria convidativa e Olivia aparecendo do nada, tão carente e linda. Ela era a lembrança viva de histórias que ele deixara para trás, mas que até hoje invadiam seus sonhos. Finalmente ele fez amor com ela, do jeito como havia imaginado milhares de vezes, e não foi nada igual às fantasias sobre ela em sua mente. Foi melhor. Ela foi espontânea como sempre, foi engraçada e emotiva, e mais sensual do que uma dançarina de cabaré.

A água fria não resolvera seu problema. Connor tentou pensar em outras coisas para se distrair. Calma. Vamos devagar. Ele não era exatamente um gentleman, mas sabia muito bem que o certo era deixar a mulher ter prazer em primeiro lugar. Sempre, em qualquer situação. E Olivia tinha a vantagem de ser incrivelmente sensível, e se oferecia para ele emitindo sons de prazer que reverberavam dentro dele. Ele a beijou, a provou, e acariciou demoradamente sua pele nua e macia, e finalmente a penetrou com uma sincronia tão perfeita que parecia ensaiada. Connor se perguntou se ela teria experimentado a mesma pressa ardente que ele. A julgar pelos sons que ela emitiu e a maneira como trançou suas pernas longas e macias em volta dele, bem, tudo levava a crer que eles gozaram juntos.

Durante vários minutos ele ficou ali sem poder se mexer, mas depois, com um gemido relutante, ele se desvencilhou dela. Nenhum dos dois disse coisa alguma, e Connor achou que era um bom sinal. Conversar depois de fazer amor era sinal de

nervosismo ou arrependimento. Quanto ao silêncio, era... um bom sinal. Além disso, ele ainda estava sentindo um resquício daquele prazer tão intenso.

Olivia soltou um suspiro e se aconchegou ao corpo dele. Ela era toda macia, sua pele, seu cabelo, seu corpo. Os cabelos ainda estavam úmidos e com o cheiro adocicado da água. Ele sentiu alguma coisa no seu coração, algo raro, suave e pouco familiar. Ela mexia com ele, não por ser doce, sensível e exageradamente sensual, mas também porque era uma pessoa que conhecia desde garoto, mesmo que só se encontrassem no verão.

Talvez fosse apenas isso que ela quisesse dele: sexo desvairado e um ombro para lhe consolar. Não foi isso que ela disse, mesmo que de brincadeira? Tentou imaginar se aquilo bastaria para ele, e, nesse caso, quanto tempo duraria.

Este verão poderia terminar igual a muitos outros. Quando acabava a temporada, os dois se separavam, cada um ia para seu lado. Sempre foi assim que funcionou.

Correção, ele pensou. Foi assim que sempre funcionou no passado. O futuro é outra história. A história deles. Talvez eles conseguissem colocar suas vidas no rumo certo dessa vez.

Enquanto ficaram na ilha viram a lua surgir e desaparecer. Ela se virou de lado, a cabeça apoiada no braço, e o encarou com uma expressão de tanta felicidade que ele não se conteve e sorriu.

— Qual é a graça? — ela perguntou.

— Nada. Estou feliz, só isso.

Ela se espreguiçou com lascívia, acariciou-lhe o braço e depois o peito.

— É mesmo?

— Não me custaria nada ficar feliz novamente — disse ele, abrindo outra embalagem de preservativo.

— O quê? — ela sussurrou. — Não custaria?

Dessa vez deixaram de lado as preliminares e Connor soube que aquela sensualidade explosiva de quando eram adolescentes ainda existia. Só que naquela época era intensa demais, confusa e, como previsível, terminara mal. Nenhum dos dois tinha estrutura emocional para suportar uma paixão como aquela. E agora era exatamente isso que ele queria, ambos queriam.

— Acho que já consegui a resposta que desejava — ela disse ao beijá-lo.

Connor poderia ficar ali para sempre, se alternando entre fazer amor, descansar, sonhar e fazer amor novamente. Quando estavam juntos daquele jeito, não importava quem eram ou de onde vinham. Por alguma razão, eles simplesmente combinavam. Ele não sabia dizer por que, ou se aquilo duraria, ou se a necessidade que um tinha do outro algum dia cessaria.

— Fui só eu que senti ou isso foi... incrível? — perguntou ela.

— Não foi só você. Mas eu já imaginava que íamos nos dar muito bem.

— Você imaginava? Você *imaginava*? — Ela se apoiou no cotovelo. E, mesmo que

seu rosto estivesse na sombra, ele podia sentir que ela o encarava.

— O que foi, está zangada com o que eu disse?

— Estou querendo entender por que você esperou o verão inteiro para...

— Eu também não entendo. — Disposto a recuperar o bom humor dela, ele a forçou a se deitar novamente e abriu um largo sorriso. Sob o luar o rosto dela era pálido e delicado, os lábios, tentadores e vulneráveis.

— Olivia, acredite em mim, eu estava planejando fazer isso. Não esta noite, especificamente, mas estava programado.

— Por quê?

Ele se preparava para a pergunta inevitável que toda mulher fazia: *Você fez amor comigo porque me ama?*

Mas em vez de perguntar ela se levantou e começou a se vestir. Connor tentou disfarçar seu desapontamento. Ele passou a mão sobre a tatuagem que ela possuía no final das costas.

— Isto é muito sensual — disse ele.

— Freddy e eu fizemos juntos para comemorar nossa formatura.

— E ele fez uma borboleta cor-de-rosa também?

— Tenho certeza de que vai lhe mostrar a dele se você pedir com educação.

— Nunca sou educado com Freddy.

— Já notei. Aliás, todos já notaram.

— É porque tenho ciúmes dele.

Ela riu enquanto colocava o sutiã.

— Do Freddy? Mas por quê?

— Porque você o adora — disse Connor com franqueza. — Porque ele tem feito parte da sua vida.

Olivia, que estava abotoando a blusa, parou e o fitou.

Ele falou demais, abriu seu coração demais. Ele se levantou rapidamente e vestiu a calça jeans. Era um idiota. Deveria ter esperado mais, dado tempo para saber o que iria acontecer entre eles. Agora ela se calara, na certa insegura, desejando que ele não tivesse dito aquilo.

— Não estou muito certa, mas acho que esta foi uma das melhores coisas que já ouvi de você — confessou Olivia.

— Não foi tão bom assim. — Connor sorriu. Tudo bem, então ele se enganara. Não deve ter sido tão louco, comparado a ela.

— Sabe o que realmente me incomodou em você, no início do verão? — ela perguntou.

— Tudo — respondeu ele rindo.

— Talvez. Mas o pior de tudo foi você não ter me reconhecido da primeira vez que me viu.

— Talvez eu estivesse me fazendo de idiota, já pensei nessa hipótese?

— Meu Deus, Connor. Então foi pior do que eu pensava.

— Escute — disse ele ao puxá-la pela cintura de forma a tocar-lhe os lábios. — Você não jogou limpo comigo naquele dia, trocou tudo, até seu nome.

— Acho que esse foi sempre nosso problema — ela sussurrou. — Não gostamos de jogar limpo.

Connor não se conteve. Inclinou a cabeça e a beijou novamente, e ao senti-la ele já a queria outra vez. Com o dedo, delineou o contorno do seu queixo, do pescoço, e foi descendo até ela segurar-lhe a mão e dar um passo para trás.

— Precisamos ir — disse ela com delicadeza.

— Por quê?

— Porque... não sei. — Ela riu e deu mais um passo atrás. — Porque já esta quase amanhecendo.

Ela estava mais sofisticada, pensou Connor enquanto ainda a beijava. Aprendeu a lidar melhor com as emoções e também a se proteger, pois sabia agora que alguns homens só serviam para ir para a cama.

Ele deveria se sentir gratificado com sua resposta, mas, em vez disso, ele estava se sentindo vazio. Prescindível, talvez. Pela primeira vez em sua vida ele queria ser mais do que um cara sensual para uma mulher.

O TROVADOR DE AVALON
19 DE AGOSTO DE 2006

Os Proprietários de Kioga Comemoram suas Bodas de Ouro

Charles Langston Bellamy e Jane Gordon Bellamy, proprietários de longa data do lendário acampamento Kioga, no lago Willow, retornam ao acampamento de férias na próxima semana para comemorar seu 50º aniversário de casamento. Os dois se casaram lá, no dia 26 de agosto de 1956, e passaram as quatro décadas seguintes administrando o lugar, fundado pelo avô da sra. Bellamy, Angus Gordon, em 1932. O acampamento de férias encerrou suas atividades em 1997, mas o local ainda é de propriedade da família Bellamy. Durante o último verão, o acampamento de férias passou por uma total transformação para se preparar para as festividades. No próximo sábado, amigos e familiares dos Bellamy voltarão no tempo enquanto comemoram um marco de extrema importância para o casal. A festa terá como principais atrações um banquete, música ao vivo e uma réplica do bolo de casamento feito pela confeitaria Sky River.

Ao longo do verão especulou-se sobre o futuro do Kioga, que abrange em seu terreno uma parte de mata virgem. A família não foi encontrada para comentar a notícia.

Capítulo 33

Enquanto andava pela propriedade, Julian pôde reparar como o lugar fora transformado. Kioga agora se parecia com uma fotografia tirada de um livro, ou de um folheto de viagem, com seus elegantes chalés, a grama aparada e os jardins bem tratados. Os gramados estavam bonitos e bem cuidados, e os caminhos de pedestres cobertos com novas camadas de seixos. As jardineiras das janelas exibiam gerânios de um vermelho vivo e lobélias roxas em abundância. Agora ele já conhecia todos os nomes das plantas porque trabalhara arduamente na reforma dos jardins. Não ligava a mínima se nunca mais em sua vida visse uma calêndula.

Mas hoje, ao se encaminhar para o refeitório para tomar o café da manhã, Julian tinha um estímulo especial. Levantara ao amanhecer para terminar cedo seu trabalho e poder ir até New Paltz para fazer escalada em Shawangunks, algo que vinha querendo o verão todo. Nas costas ele levava sua mochila barulhenta com os equipamentos necessários como luvas sem dedos, grampos de escalada com e sem trava, sapatilhas, capacete, cadeirinha e pó de magnésio. Julian usava uma bermuda de cintura baixa e uma das camisetas velhas de seu pai. Depois que Louis Gastineaux morreu, as tias de Julian tentaram dar todas as suas velhas camisetas, sendo que a maioria ele recebera como brinde durante as conferências de engenharia de que participava. Julian conseguiu resgatar algumas e adorava usá-las. Ele tinha sorte. A de hoje trazia escrito “Isto é Ciência Espacial”.

Ele encontrou Connor engatando a escavadora ao caminhão. Com o trabalho quase todo concluído, já estava na hora de tirar o equipamento pesado do caminho.

— Oi — disse Julian.

Connor prendeu as conexões de um veículo no outro e se levantou.

— Oi, Julian.

— Pensei em lhe pedir emprestado o caminhão. Mas estou vendo que você vai precisar dele.

— Preciso levar a escavadeira lá para o meu terreno à margem da estrada. Pretendo iniciar a obra de lá em breve.

Julian balançou a cabeça. Seu irmão tinha um projeto todo elaborado para construir uma casa para ele mesmo morar.

— Para que precisa do caminhão? — perguntou Connor.

— Pretendia fazer escalada esta tarde.

— Sozinho?

— Não, vou tentar convencer Daisy a ir comigo.

— Acho que isso não será muito difícil — ele disse, encostado no caminhão.

— Espero que não — ele sorriu.

Connor esticou o braço com o chaveiro nos dedos.

— Estacione a escavadeira na parte plana da entrada de automóveis — ele disse.

— E não dê marcha à ré, só desengate e vá em frente. Você sabe como desengatar, não sabe?

— Claro que eu sei. Você já me ensinou um milhão de vezes. Obrigado, Connor. Estava na dúvida se você ia querer me emprestar.

— Só não fique surpreso demais — Connor disse enquanto Julian colocava sua mochila na parte de trás do caminhão. — Eu tinha minhas dúvidas no início do verão, mas estou feliz que tenha vindo.

O mais engraçado era que Julian também estava feliz por ter vindo. Sim, ele trabalhou muito, mas até que não foi tão ruim. Connor pagara a ele um dinheiro decente. Aliás, tudo em Connor era decente. Ele ainda fazia Julian se sentir como um idiota algumas vezes.

Eles foram juntos até o refeitório. Os outros já deviam estar se aprontando para o almoço.

— Então... você e Olivia — Julian disse.

— Qual o problema entre mim e Olivia?

Julian abriu um sorriso.

— Você trabalhou até tarde ontem. Muito tarde. Mais ou menos, a noite inteira. — Ele quase soltou uma gargalhada quando as orelhas de Connor ficaram vermelhas.

— Me faça um favor e não diga nada para ela — pediu Connor. — Nem para ninguém.

Julian não iria se comprometer com isso. Gostaria de ter dito antes, mas se controlou.

— Ela está caidinha por você — disse, dando um soco de brincadeira no braço do irmão.

— Bem, também sinto o mesmo por ela. — E Connor devolveu o soco.

— É o que você vai fazer?

— Vou ficar com ela por um tempo. Acho que posso pedi-la em casamento, e talvez ela não aceite.

- Que legal, Con.
- Costumo me preparar para o pior, e aí me surpreendo com o melhor.
- Por que não esperar pelo melhor? Tente alçar voos mais distantes.
- Anda lendo muita publicação de recrutamento da Força Aérea, hein?

Como Julian esperava, Daisy estava no refeitório. Durante a temporada do verão, ele pensou várias vezes em dormir com ela. Daisy era sofisticada e experiente, obviamente, mas ele tinha uma ligação extraordinária com ela. E ela estava enfrentando muitos problemas de família, o que o deixava constrangido de querer se deitar com ela só para se divertir. Não parecia a coisa certa a fazer.

— Está a fim de fazer escalada? — ele perguntou enquanto fazia um sanduíche.

— Eu prometi a Dare que a ajudaria com os centros de mesa para a festa. Ela resolveu fazê-los com gaiolas de passarinhos — disse Daisy.

Legal. Ela não ia nem fingir que estava interessada.

— Ah! Isso é muito importante — ele disse. Às vezes as garotas eram bem chatas.

— Estava planejando ir com você — ela disse casualmente.

— Verdade? — Ele mal conseguiu disfarçar o riso.

— Tem certeza, Daisy? — perguntou Greg. — Escalada é um esporte arriscado.

Um pai que se preocupava com a filha, pensou Julian. Que legal.

— Ela ficará bem — disse ele. — Já pratiquei muita escalada em Joshua Tree, na California, pode confiar. Temos todo o equipamento necessário, e só vou escolher as subidas mais fáceis, para iniciantes, no máximo com grau 5.1 de dificuldade, não se preocupe. Além disso, usarei corda dinâmica e mais um freio de segurança.

— Que maneiro — Max palpitou enquanto dava a casca do pão do sanduíche para o cachorro. — Posso ir também?

— Não. — Falando ao mesmo tempo, Daisy e o pai foram enfáticos.

— Mas eu posso, não é, pai?

Greg se recostou na cadeira, de braços cruzados, e pensou.

— Faça um trato com você. Pode tirar uma folga esta tarde para fazer escalada.

Mas só se me prometer que vai pescar conosco mais uma vez.

Como uma boa menina, Daisy não revirou os olhos nem fez beicinho.

— Negócio fechado — ela disse, já se encaminhado para a porta.

Estacionaram o caminhão na Reserva Mohonk e caminharam por uma trilha sinalizada até os penhascos.

— Mas *isto* é aflitivo — disse Daisy. Ela chegou para trás, colocou a mão acima dos olhos como proteção e analisou o paredão de rocha, cheia de fissuras e saliências, com alguns tufos de vegetação que cresciam nas fendas. Havia alguns

montanhistas subindo na frente deles, suas rotas marcadas por fitas da cor da pedra e grampos fincados na parede.

— Cara — disse Julian, já escolhendo seu caminho ao acompanhar o olhar dela.

— Não é bem o que eu imaginava.

— Podemos procurar uma outra subida, se você quiser — disse Julian. — O guia do montanhista relaciona vários caminhos mais desafiadores.

— Você não se sente bastante desafiado com este aqui?

— É uma pedra.

— Uma pedra vertical.

— É por isso que é divertido — ele riu.

Ele fez uma demonstração das técnicas básicas de escalada, que ela já conhecia de ter feito escalada interna. Ele passou o pó de magnésio nas mãos e pegou uma subida rápida pela lateral até o topo, onde prendeu a corda para então descer de rapel.

— Nem tão assombroso — comentou, já alegre pelo ritmo e balanço da escalada. Mostrou-lhe um movimento simples salientando o caminho pelos pontos de segurança e depois até o topo. — O mais importante é não se apressar. Não segure a coisa errada por estar com medo ou com pressa.

— Como posso saber qual a escolha certa?

— Porque uma escolha leva a outra escolha certa.

— Poxa, Julian.

— Não tenha medo. Sempre pode esticar as coisas além do que imagina.

— Agora você está parecendo o orador de uma cerimônia de formatura.

— Na minha escola não temos isso não. Vamos lá. Vamos tentar.

Daisy respirou fundo e se encheu de coragem.

— Está bem.

Ele a ajudou com o equipamento, o que provocou uma série de momentos estranhamente íntimos, especialmente quando ela colocou a cadeirinha e ele foi se certificar que estava corretamente presa.

— Me desculpe, só preciso verificar que você está segura.

— Tudo bem. Isso foi o mais perto que cheguei de um romance durante todo o verão.

Ela era uma iniciante, mas não estava perdida. Ele a ensinou a escalar, e foi gostoso, esticando e alcançando, vencendo a parede de pedra a cada ponto de segurança enquanto ela o avistava.

— Vou cair — ele disse quando estava no meio da escalada.

— Para mim você está indo muito bem, o próprio Homem Aranha.

— Estou dizendo que vou cair de propósito. Para que você veja como a fita funciona. Vou cair e você vai me segurar, exatamente como lhe mostrei.

— Não...

— Confio em você. — Ele soltou as mãos. Houve um momento de total leveza e um momento menor ainda de queda livre, até o equipamento de segurança entrar em ação e ele ser puxado.

— Você é louco — ela o repreendeu.

— Que nada. Eu adoro a adrenalina. — Ele repetiu a escalada para mostrar a ela. Subindo com cautela, sempre de olho no próximo movimento.

— E se não puder ver qual o próximo movimento que terá de fazer? — ela perguntou.

— Então, o jeito é se agarrar em alguma coisa e esperar pelo melhor.

Eles fizeram uma escalada relativamente curta, nenhuma saliência na pedra ou nada perigoso. Ela sentiu um pouco de medo, mas se comportou bem, um gritinho ali outro aqui, nada demais. Ele a vigiou enquanto subia. Ela foi lenta e cautelosa, mas era forte e não cometeu muitos enganos. E quando os cometeu, foi bastante esperta para consertá-los. Finalmente, os dois chegaram ao topo, encharcados de suor. Daisy dançou para comemorar seu feito.

— Sinto-me como o Frodo ao chegar ao topo da Montanha da Perdição.

Eles brindaram com suas garrafas de água. Depois disso, Daisy pegou seu maço de cigarros da mochila.

— É mais fácil isso matar você do que uma queda numa escalada — Julian comentou, mal-humorado.

Ignorando-o, Daisy se abaixou e acendeu o isqueiro. Despejou os cigarros todos sobre uma pedra e ateou fogo neles, um por um, adicionado alguns gravetos para alimentar a fogueira. Daisy ficou agachada observando enquanto o monte de cigarros se modelava num bloco, transformando-se em cinzas.

— Estou querendo fazer isso desde o início das férias.

— E por que não o fez?

Ela se levantou e apagou o resto do fogo com o pé.

— Porque isso se tornou um problema entre mim e meu pai. Fiquei esperando que ele agisse com firmeza, que me proibisse, e ele nunca fez nada. Então, percebi que se eu esperasse meus pais me proibirem de fumar, poderia levar muitos anos, e até lá eu já estaria irremediavelmente viciada. Seria melhor parar agora, por conta própria, sem ninguém me mandar.

— Gostei. — E num impulso Julian se abaixou e a beijou na boca rápida e delicadamente. — Estou querendo fazer isso desde o início das férias.

— E por que não o fez?

— Não tinha certeza se você queria. — O coração dele batia descompassado. — Vamos tentar descer fazendo rapel. — Ele recuou, pulando, experimentando e medindo a corda com suas mãos enluvadas. Quando ele aterrou, ela se inclinou sobre a saliência do rochedo e bateu palmas para ele.

— Está pronta para tentar ou vai querer outra demonstração?

— Hmm. Não sei. O que lhe diz seu instinto aracnídeo?

— Acho que você vai se sair muito bem.

Daisy ficou indecisa no princípio, testando o equipamento, e depois finalmente se soltou. Sua descida não foi tão suave, mas ficou ruborizada pela vitória quando tocou o chão.

— Apavorante — ela gritou, e sua voz ecoou nas paredes do rochedo.

— Você é um bom professor — disse. — Você faz muito isso?

— Você é minha primeira aluna.

— Sério? Então isso é um dom natural. Isso vai lhe ser muito útil se você decidir se inscrever para uma bolsa no CTOR.

Inúmeras vezes eles tinham conversado até tarde da noite sobre as vantagens e desvantagens disso. Agora Julian já entendia o processo. Era bem mais difícil do que se candidatar para a faculdade porque havia o componente da condição física e exame de saúde, além das exigências habituais de qualquer outra escola.

— Resolvi não me inscrever — disse ele, taciturno, considerando a longa estrada pela frente.

— E por que não?

— Porque tiram sua liberdade, vigiam você o tempo todo. Sua vida é totalmente regulada por eles. Qual a diferença entre isso e uma prisão juvenil?

— Não tem muita diferença — ela admitiu.

— Vim para cá este verão só para evitar ser preso. Por que iria me encarcerar por quatro anos? — Ele balançou a cabeça. — Além disso, seria uma perda de tempo.

— Por que diz isso?

— Minhas notas são ruins. Minha escola é ruim. Não tenho nada a meu favor.

— Bela atitude, Gastineaux. É o que era mesmo que você me falava há pouco sobre me esforçar e dar o máximo de mim?

— Estava só lhe provocando para que escalasse.

— Não estava. — Ela ajustou o capacete. — Estou pronta para tentar subir novamente.

O entusiasmo dela ao quicar na parede o fez rir. *Ela* o fazia rir. Mais do que isso, ela o obrigou a pensar, a ter ambições maiores. Só porque ele vivia em uma cidade miserável e frequentava uma escola miserável sua vida não tinha que ser obrigatoriamente miserável.

Se ele se arriscasse e se saísse bem, poderia ser mandado para todos os cantos do mundo. Poderia aprender a pilotar um avião.

— Talvez você esteja certa — ele disse. — Então acha que devo tentar?

Daisy retirou o capacete e afastou o cabelo da testa suada.

— O que diz seu instinto aracnídeo?

Capítulo 34

As pescarias de Daisy com o pai e o irmão tinham virado motivo de piada no acampamento. Ao longo de todo o verão, nem uma única truta eles trouxeram ao retornar da pescaria. Mas Daisy não estava se importando com isso. Ela e Max tinham aprendido que o objetivo da pesca não era capturar o peixe, de fato. Era mais sobre treinar a própria paciência. Acalmar a mente, relaxar o corpo e saber aproveitar o momento. Simples assim.

Mas eles não perdiam as esperanças e saíram, mais uma vez, talvez a última daquele verão. Ao menos ela teve uma chance de sonhar acordada com Julian. Ele era diferente de qualquer outro garoto que conhecera. Julian era extremamente bonito, mas não era esta a característica que mais a atraía nele, e sim a maneira como ele a fez ver as coisas na sua vida, na sua família. Poucos meses antes ela achava que sua vida estava um lixo, diante da separação dos pais. Julian a fez ver que havia muitos tipos de definição de família, e que não precisam ser seus parentes, que viviam sob o mesmo teto. Também a convenceu de que não existiam famílias perfeitas, mas isso não significava ter que abolir a ideia de família. Aqui estava ele, o garoto que perdera o pai, cuja mãe parecia ser uma fracassada, vindo do outro lado do país só para ficar com a única pessoa com quem poderia contar, o irmão que mal conhecia.

— Está olhando para o quê? — perguntou Max. — Está me olhando com uma cara engraçada.

— Só pensando em como é bom ter um irmão.

— Ah, está certo — disse o irmão, rindo com desdém.

Daisy balançou a cabeça sabendo que nunca o convenceria de estar sendo sincera. Nesse momento aconteceu o inimaginável. A boia da linha de Max mergulhou na água. Daisy pensou que estava vendo coisas, mas aí aconteceu de novo. A boia estremeceu e afundou.

— Está prestando atenção, Max? — ela falou baixinho.

— Estou — ele disse. — Papai já conferiu. Acho que peguei um peixe.

— Pode contar que sim, filho. Quer ajuda?

— Não, pode deixar comigo.

— Lembre-se de puxar com força. Tem que puxar logo que...

— Peguei. — Como se fosse muito experiente, Max puxou a vara para trás com força. Logo começou a recolher a linha no molinete. O peixe estava fazendo muita força, pulando e espalhando água para todos os lados. Max caiu de joelhos no piso da canoa, totalmente concentrado no que fazia. Suavemente, com a paciência que aprendeu a ter com o treinamento de todo um verão, ele enrolou a linha no carretel. O pai pegou o peixe com o puçá e o colocou dentro do barco, onde permaneceu deitado como se estivesse exausto com sua luta para escapar.

O primeiro peixe fora fígado pelo lado. E era de bom tamanho, também. Grande o suficiente para ficar com ele.

— Até que enfim — disse Max, levantando com cuidado a linha de náilon e exibindo seu troféu.

O pai fez a foto.

— O que me diz? — falou ele. — Truta fresca para o jantar? Ou, quem sabe, não o empalhamos para pendurar na parede?

O peixe apresentava três círculos concêntricos em torno dos olhos. Ele era muito lindo e fazia jus ao nome: truta arco-íris. Ao longo do corpo todas as cores refletiam a luz do sol.

Em poucos minutos, o peixe começou a morrer. Ele se afogava no ar, suas guelras se debatendo de um jeito que Daisy interpretou como desespero. Ela podia enxergar a delicada estrutura das guelras, uma série de pétalas vermelhas brilhantes se esforçando para encontrar água.

A truta mexeu a boca e parecia suplicar em silêncio.

— Jogue-a de volta, Max — disse Daisy com uma urgência repentina.

— O quê? Nem pensar. Durante todo o verão eu tentei pescar uma dessas.

— E já consegui. Mas agora você devia jogá-la de volta antes que ela morra.

Max olhou para o pai deles.

— O que faço, pai?

— Você é quem decide, filho.

Não, não era. Meu Deus, ao menos uma vez ela gostaria de ver seu pai se levantar e tomar uma decisão. Ela tentou ser delicada ao tirar o anzol e sobressaltada à medida que retirava a ponta afiada.

— Diga adeus ao peixe, Max — ela disse.

E Max não protestou, e alisou o peixe com um dedo encardido.

— Tudo bem. Pode deixar ele ir agora — ele disse.

Daisy inclinou o corpo sobre a borda do barco para colocar o peixe dentro d'água. Para seu horror, a truta ficou ali boiando, de boca aberta, arfando.

— Tarde demais — ela disse. — Nós o matamos.

Era apenas um peixe estúpido. Ela se perguntou por que sua morte parecia uma tragédia tão grande.

— É mesmo — disse Max, desanimado. — Nós o matamos.

O pai não disse nada, mas se abaixou, pegou o peixe com as duas mãos, mas não o retirou da água. Ele correu com o peixe pela água, com o nariz para a frente, em longas braçadas, e depois o soltou. O rabo oscilou e depois propeliu lentamente em frente até o peixe deslizar para longe.

Daisy ficou emocionada. Max olhou boquiaberto para o pai.

— Às vezes, é preciso fazer a água fluir através das guelras para revivê-los — disse o pai.

— Legal — disse Max. — Você o salvou.

— Não fui eu, filho, foi Daisy quem o salvou. — Greg secou as mãos no short.

— Desculpe-me por isso, Max — disse Daisy. — Só achei que devíamos deixá-lo ir. — Ela não pôde explicar a compulsão, não sem falar sobre o sofrimento que sentia diante do divórcio dos pais, uma dor sobre a qual ela não tinha controle.

— Não me importo — disse Max com delicadeza. — Não ia querer comê-lo de qualquer maneira. E nós tiramos uma foto, então temos uma prova.

— Você dois são fantásticos — disse Greg. — Fizeram um belo trabalho.

— Só que levou o verão todo até conseguirmos — disse Daisy, rindo.

— Não estávamos com pressa — disse Greg.

— Prontos para encerrar? — perguntou Greg, pegando os remos.

— Prontos — disse Max. — Estou louco para comer um sanduíche de salame com manteiga de amendoim.

Remaram de volta num ritmo perfeitamente sincronizado, em gestos fortes e seguros.

— Podemos não ser os melhores pescadores, mas somos ótimos remadores — disse Daisy.

O pai, que tinha uma memória excelente para música, cantou todas as canções sobre peixe que tinha na lembrança. Max e Daisy cantaram também, pois não havia mais necessidade de fazer silêncio para não assustar os peixes. As vozes deles pareciam flutuar por cima da superfície das águas e naquele momento Daisy se sentiu mais animada e esperançosa, como há meses não ficava.

O que era uma bobagem, claro, porque não tinha acontecido nada de diferente, exceto que Max havia pescado um peixe e depois o devolvera para o lago. O que havia de tão animador nisso?

Então, olhou para os rostos risonhos do seu pai e seu irmão e entendeu que não importava a razão. Às vezes, bastava ser feliz, sem nenhum motivo aparente.

Capítulo 35

A excitação no ar era palpável. Os convidados foram chegando ao longo da semana e alguns deles Olivia não via desde criança. À medida que chegavam e se acomodavam, o acampamento de férias criava vida novamente, refletindo os dias de glória de tempos mais inocentes. Olivia observava as famílias se adaptando a um estilo de vida diferente, a um ritmo mais lento. A nova geração, que nunca conheceu um acampamento de férias, estava encantada diante de um mundo totalmente novo. Para os dias que antecederiam os festejos foram programadas várias atividades, como corridas, esportes aquáticos, travessuras diversas e excursões noturnas à cozinha, tudo dentro de um clima de nostalgia.

O dia das bodas de ouro foi favorecido pelas condições meteorológicas perfeitas, como todo mundo desejou. Alguns convidados surgiam dos alojamentos e chalés lindamente vestidos. Outros chegaram de carro, no próprio dia, direto da cidade. A cidade de Avalon foi representada pelo prefeito, que fez uma menção honrosa ao casal Bellamy.

Olivia estava comovida com o número de pessoas presentes. O fato de os avós terem tantos amigos leais era uma demonstração da maneira admirável como viveram suas vidas. Houve momentos comoventes também, ao se lembrarem daqueles que tinham partido.

No meio dos preparativos, ela nem teve tempo de sonhar acordada com Connor Davis, apesar de querê-lo. Talvez fosse melhor assim. Seus sonhos, em geral, se transformavam em preocupações e até paranoia. Será que o que viveu foi só sexo casual? Será que iriam traçar caminhos opostos agora que o verão chegara ao fim? A apreensão já estava começando. Então, quando a caminhonete da Sky River chegou, ela ficou feliz por ser forçada a se ocupar e parar de pensar. Jenny Majesky e sua assistente, a adolescente loura chamada Zach Alger, trouxeram o bolo dividido em partes que seriam montadas no centro da mesa.

— Vai ficar lindo — disse Olivia.

— Obrigada. — Jenny sorriu para ela. Ela se vestia com discrição profissional: um tubinho preto sem mangas, sapato de salto baixo e sem joias, exceto por pequenos brincos de ouro. Por cima do vestido usava um guarda-pó curto e o cabelo estava preso num caprichado rabo de cavalo.

— O refeitório ficou lindo, Olivia — disse Jenny, analisando a decoração.

— Obrigada. Tive ajuda de muitos. — Ela hesitou, querendo dizer algo mais. Ela e Jenny ainda eram estranhas, ainda cautelosas. Ela ouviu um ronco de motor de carro e espichou o pescoço para olhar atrás de Jenny. Não era Connor, mas Rourke McKnight, o delegado.

— Parece que estava esperando outra pessoa — disse Jenny ao observá-la.

— Connor Davis — confessou Olivia.

Jenny abriu uma caixa com pequenas rosas brancas dentro de tubos de vidro e começou a arrumá-las em torno da base do bolo.

— Ele vai ser seu par na festa?

— Não sei exatamente o que ele é — disse Olivia, partindo para ajudar Jenny com as rosas. — Nós dois não funcionamos direito. — E depois de parar para pensar melhor, respirou fundo e concluiu: — Não, não é isso. *Eu* é que não tenho sorte nos meus relacionamentos, nem com Connor.

Jenny colocou o talher de servir sobre o prato de porcelana e deu um passo atrás, com um olhar crítico para o arranjo.

— Ele está planejando construir uma casa. Ele mesmo fez o projeto, você sabia?

— Vi o projeto.

— Então deve ter visto também que ele vai construir uma casa com quatro quartos. Homens que gostam da sua vida de solteiro não constroem casa de quatro quartos para morar sozinhos. — Ela ajeitou o noivo no topo do bolo.

O discurso de Jenny era tranquilo e racional e, de certa forma, serviu para amenizar a aflição de Olivia. Tudo indicava que ela ia gostar de ter uma irmã.

Olhou para fora novamente quando viu chegar uma limusine e reconheceu o senhor alto de cabelos grisalhos que saiu do carro.

— O senador McKnight é parente do delegado McKnight?

— São pai e filho.

Uau, isto sim era um enigma. O senador era um dos homens mais ricos e poderosos do estado. O delegado morava em um apartamento em um prédio de tijolos aparente na parte histórica da cidade, e quando estava de folga dirigia um carro velho. Os dois passaram próximos um do outro sem se falarem. Olivia viu o jeito como Jenny olhava para Rourke McKnight, com seus cabelos louros, lábios grossos e olhos melancólicos, e constatou que não havia mistério ali.

— Vocês dois estão...?

— Nossa, não — respondeu Jenny rápido. — Isto é...

— O que há de errado com ele? — Olivia sorriu, irônica. — Não acha ele parecido com Ryan Philippe?

— Não há nada de errado com ele, exceto ele ser Rourke. Ele gosta de sair com mulheres sensuais e burras.

— Ah! Isso não é bom.

— Não. Isso não é bom. — Ela abriu um sorriso. — Acha mesmo que ele se parece com Ryan Philippe?

— Imagino que existe uma razão para que metade das mulheres na cidade estacionem seus carros em locais proibidos. Na certa, querendo que ele mesmo as prenda. — Fitando Jenny nos olhos, ela emendou: — Tirando seu péssimo gosto para mulheres, ele parece ser um cara legal.

— Imagino que sim. — Jenny falou e deixou escapar um suspiro de tristeza.

Elas saíram do refeitório e foram para o lado de fora.

— Ele me ajudou a descobrir que você... que nós somos parentes — disse Olivia.

— Rourke fez isso? — Jenny parecia pasma.

Quando as duas chegaram ao lado de fora, Olivia ouviu bater uma porta de carro e alguma coisa a fez se virar. De repente, ela se viu num dilema imediato.

— Venha — disse ao pegar Jenny pelo braço e levá-la para o lado. — Não quero que se assuste.

— Mas o que foi?

— Minha mãe, Pamela, acabou de chegar. Ela veio acompanhada dos meus avós, Gwen e Samuel Lightsey.

— E eles sabem da minha existência? — perguntou Jenny.

— Falei para papai que já estava na hora de explicar. Ele é um advogado, Jenny, sabe usar as palavras. Ele vai saber resolver isso.

— Então — ela disse, endireitando os ombros —, vou deixar que ele me apresente.

Olivia sentia-se solidária com Jenny, mas também estava bem aliviada de não ser ela a fazer as apresentações. Jenny já entrara em casa quando a mãe e os avós de Olivia se aproximaram.

— Oi, mãe — ela disse. — Oi, vovó e vovô. — Deu um beijo em cada um deles. Em seguida notou que o rosto da avó estava branco como uma folha de papel. — Vovó? — Olivia pegou a avó pelo braço.

Gwen Lightsey praticamente caiu sobre o marido. Eles a ampararam até um banco próximo e a colocaram sentada.

— Vou procurar um médico — disse a mãe de Olivia.

— Não, Pamela — disse Gwen. — Não é nada... Ficarei bem. — Ela abanou o rosto. — Tive uma surpresa desagradável ao vê-la, tão parecida com aquela mulher...

Pamela franziu o cenho, olhou para Olivia e depois se voltou para a mãe.

— Você viu a mãe daquela moça? — perguntou Pamela.

— Isso foi há muitos anos — disse Samuel, acenando com a mão para descartar o

comentário.

— Você nunca me disse que a tinha visto — insistiu Pamela.

— Não havia nada a dizer. — Gwen começou a recuperar a cor do rosto. — Ela era uma mulher horrenda, sem moral, e Philip fez muito bem em se livrar dela.

— Tive uma ideia — disse Olivia, forçando-se a sorrir. — Vamos dedicar o dia de hoje exclusivamente a vovó e vovô, está bem? É para isso que estamos aqui, certo?

— Claro. — E Pamela a surpreendeu ao lhe dar um abraço. — Você está certíssima. — Ela deu um passo atrás e analisou bem Olivia. — Você está radiante. O que está acontecendo, Olivia?

— É uma longa história, mãe — disse Olivia, rindo.

— Então me faça um rápido resumo — disse a mãe, puxando-a de lado.

— Deixe-me ver. Descobri que tenho uma meia-irmã, reformei todo o acampamento de férias e... ah, sim, me apaixonei por Connor Davis pela segunda vez na vida. — Ela riu novamente com a expressão do rosto da mãe.

— Connor Davis? Você quer dizer o garoto de Terry Davis?

— Ele não é mais um garoto.

— Ele não serve para você, Olivia. Não servia no passado e não serve agora.

— Você não sabe nada da vida dele, mãe.

— Mas conheço bem você. Não faça nenhuma bobagem, Olivia.

— Ora, mãe — disse ela. — Eu já fiz.

— Que idiota — disse Julian para Connor. — Está quase perdendo a cerimônia. — Julian estava encarregado de levar e trazer os convidados na balsa cujas grades foram enfeitadas com folhas e flores. Ele estava apressado para desatracar do cais. O pequeno motor começou a funcionar e Julian rumou em direção à ilha onde os convidados estavam reunidos para a renovação dos votos. Os únicos passageiros que faltavam eram um casal de idosos que acabara de chegar.

— Veja como fala — Connor alertou o irmão. — Mostre um pouco de respeito.

O senhor e a mulher dele deviam ouvir pouco ou então estavam muito distraídos. Eles se sentaram na balaustrada da balsa e olhavam para o outro lado, de mãos dadas. Havia algo de peculiar nas pessoas casadas há muitos anos. Eles conheciam o ritmo um do outro, e pareciam se adaptar com naturalidade, assim como as árvores que cresciam lado a lado e acabavam entrelaçando seus galhos.

Connor endireitou o nó da gravata.

— Acha que estou bem?

Julian o estudou com um olhar crítico, depois esticou a mão com o polegar para cima.

— Por que demorou tanto?

— Precisei ir até a cidade para pegar uma coisa.

— Hã-hã. É o que foi?

Connor bateu de leve no peito para sentir a pequena caixa preta da joalheria Palmquist.

— Depois lhe mostro.

— *Legal*. — Julian abriu um sorriso de aprovação.

— Se disser uma só palavra para alguém eu...

— Cara, não se preocupe. Até porque não vai ser surpresa para ninguém, exceto para Olivia. — Julian fez uma pausa. — Muito bom, Con. Ela é bacana.

Modéstia, pensou Connor. Ela era muito mais do que bacana. Olivia era adorável, afetuosa, divertida, e Connor estava perdidamente apaixonado por ela. Queria envelhecer ao lado dela, entrelaçando sua vida à dela. Todo esse tempo ela fez falta em sua vida, e ele nem percebeu.

— Acha mesmo que Olivia vai se surpreender? — perguntou ao irmão.

— Quem pode saber o que se passa na cabeça das garotas?

— Talvez você possa pesquisar sobre isso na faculdade — disse Connor, rindo.

— Pode ser — ele disse. — Acha que é loucura eu tentar entrar para a Força Aérea?

— Que nada. Você é exatamente o que eles querem. — Connor queria que o irmão se empenhasse para ser aceito. Se o garoto aguentasse a rígida disciplina, seria muito bom para ele, pois era um lugar onde ele poderia fazer uso proveitoso tanto da sua inteligência quanto do seu espírito de aventura.

— De qualquer jeito, preciso de um bom corte de cabelo — disse ele ao tirar um cacho de cabelo dos olhos.

— Você está atrasado — comentou Olivia sem olhar para Connor quando ele se acomodou na cadeira de armar ao seu lado. Tudo ficava diferente quando Connor estava perto dela. A qualidade do ar melhorava, mas ela parecia ser a única a notar isso.

— Sinto muito.

Como a maioria dos homens, Connor não gostava muito de casamentos. Ela se acalmou e o fitou. Nossa! Ele parecia sair de um sonho, metido num smoking, perfeitamente barbeado, o cabelo penteado com classe. Usava um perfume delicioso. Se Connor Davis era o homem mais sensual que ela conhecia, Connor Davis de smoking era algo mais do que isso. Ele era bonito *demais*, chegava a ser intimidador, como um ator das produções da BBC.

— Algum problema? — ele perguntou, e sua respiração era quente ao aproximar-se do ouvido de Olivia para falar.

— Você se produz muito bem — comentou Olivia.

— Ah-ah.

— Meus amigos — disse o pastor —, em 26 de agosto de 1956, neste mesmo lugar, meu pai realizou a cerimônia que uniu estes dois corações. Hoje, meio século depois, nossos queridos amigos, Charles Bellamy e Jane Gordon Bellamy voltaram para celebrar seu amor e renovar seus votos na presença daqueles que mais amam. Meu próprio pai já faleceu, mas hoje, neste dia luminoso de verão, sinto seu contentamento. Certamente, isso agrada também ao Senhor, esta gloriosa celebração de graça do amor eterno.

Olivia sabia que logo muitos começariam a chorar. Que haveria choradeira era coisa certa. Olivia, as primas e as tias tinham todas tomado o cuidado de usar rímel à prova d'água. Mesmo assim, definiram algumas regras. O choro deveria ser baixo e sem soluços perceptíveis. Óculos escuros seriam aceitos nos casos mais arriscados. As mulheres tinham feito um pacto de não se olharem na hora dos votos já que, nesse caso, poderia desencadear um processo de reação em cadeia.

No entanto, Olivia foi tomada de emoção no momento em que seu avô se virou para sua avó e lhe pegou as mãos de uma maneira tão gentil que pareciam dois passarinhos prontos a alçar voo.

Havia algo de sublime na forma como se olhavam, com o amor estampado nos rostos. Vovó estava esplêndida em um vestido de cetim de seda pura com gola de renda, de cor creme, os cabelos prateados presos num gracioso coque banana. Vovô, alto e distinto no seu smoking, pigarreou antes de começar a falar.

— Quando eu era jovem, me diziam que a maior ambição de uma pessoa devia ser a de se casar bem. Na família Bellamy isso significava que eu deveria encontrar um tipo especial de moça, vinda de um certo tipo de família. Mas não foi isso que encontrei aqui, nesta pequena cidade na serra, longe de tudo que conhecia. Durante um verão, quando eu menos esperava, conheci a garota mais linda do mundo. Ela não era do tipo específico que eu deveria estar procurando. Mas era a pessoa certa para viver ao meu lado. E hoje, passados 50 anos, posso dizer honestamente que me casei muito bem. Eis aqui minha linda Janie. Tem sido uma formidável aventura.

— Eu também casei bem — respondeu-lhe sua avó, exultante. — Casei-me com meu melhor amigo, o amor da minha vida, aquele que caminhou do meu lado durante nossa jornada, o pai de nossos quatro filhos, amados e maravilhosos. Estou orgulhosa de me casar com você novamente. Sinto-me tão abençoada por ter convivido com você todos esses anos, Charles, e prometo dividir com você os anos que vierem, e amá-lo sempre, de todo o meu coração.

Daisy e sua mãe Sophie executaram uma ária de Brahms em um dueto de flauta e clarinete. Charles e Jane, num ritual solene, trocaram as alianças que foram forjadas especialmente para a ocasião por um ourives da joalheria Lightsey Gold & Gem. Com a mão apoiada sobre o missal, o pastor fez uma oração.

Olivia estava a um passo de descumprir a promessa que fizera de não chorar, tal a sua comoção. Já havia cometido uma audível fungada. Ela estava trêmula e piscava

constantemente. Se abrisse a boca, ia soluçar, com toda certeza.

— Alerta máximo. — Ao seu lado, Dare murmurou para Freddy. — Olivia está quase se derretendo. Faça alguma coisa para distraí-la, rápido.

O que era uma total perda de tempo, pois Freddy já estava chorando.

— Você mal conhece as pessoas aqui — Dare chamou sua atenção, mas quase se juntou a ele no vale de lágrimas.

— Fique firme, Lolly — disse Connor em seu ouvido. — Você está se comportando muito bem.

Após a formalidade da cerimônia, a celebração que se seguiu foi um frenesi de comida, bebida, música e cumprimentos. Dare criara um lindo cenário composto por lindas toalhas brancas, centros de mesas com flores coloridas, cristais e talheres que brilhavam com os últimos raios de sol que penetravam pelas janelas. O champanhe corria solto, brindes aos Bellamy eram feitos repetidas vezes e a felicidade era tangível no grande refeitório e no deque ao lado.

— Até que não ficou tão mal — disse Freddy, cutucando Olivia ao ver a pista de dança se encher de casais.

— De forma alguma — ela concordou. — Obrigada por tudo, meu amigo.

— Está brincando? Foi um dos melhores espetáculos que já montei.

Olivia sorriu ao reparar seu olhar atento em Dare, que tirava Max para dançar. Todos dançavam, até os convidados mais idosos, que precisavam da ajuda de andadores. O ambiente era de riso e alegria. *O verão fora inesquecível*, pensou Olivia.

— Você está bem? — Freddy perguntou-lhe.

— Muito bem.

— O que está acontecendo entre você e o bonitão?

Absorta com a emoção da cerimônia e depois com a supervisão da festa em andamento, ela mal teve tempo de falar com Connor. E mesmo que tivesse tido, não saberia o que dizer. *Apaixonei-me por você novamente? Será que vai dar certo dessa vez?* As perguntas eram tão novas e tão naturais que ela nem saberia respondê-las para si mesma, muito menos para ele.

— Não sei — disse para Freddy.

— Claro que sabe. Posso vê-lo em seus olhos. — Ele a conduziu até a pista de dança quando tocava a música “Somewhere Beyond the Sea”.

Ela mordeu o lábio, tentou se controlar, porque sua vontade era de chorar. Sentiu-se assim o dia todo.

— O problema é minha história de vida — ela o lembrou. — Temos três chances para acertar, caso contrário saímos do jogo, não é assim que funciona?

— Não nesse caso, boba — disse Freddy. — Os últimos três fazem parte do seu passado. Tudo bem que cheguei a pensar que eu fosse o pivô das suas separações,

mas isso foi pura fantasia da minha cabeça.

— Ah, Freddy!

— Pense na história que seu avô contou hoje sobre a família dele querer boicotar seu casamento, ameaçando deserdá-lo. E se ele tivesse se sujeitado à vontade do pai? — Freddy soltou a mão dela e gesticulou para o salão. — Nada disso estaria acontecendo. Este é um motivo para se ficar e lutar por ele.

— Tenho uma vida organizada na cidade, minha empresa...

— Detalhes, simples detalhes — ele falou, impaciente. — Para cada problema que você citar, eu lhe darei uma solução. Sublocarei seu apartamento, você sabe. Tomarei conta do seu negócio.

— Mas é o meu trabalho.

— E isso poderá ser a sua vida, se parar de resistir.

— Não vou me esquecer. — Ela o beijou no rosto.

Olivia não pensava em outra coisa ultimamente, seu coração batia em desespero, mas ela não sabia do que tinha medo. Pior do que imaginar seu futuro ao lado de Connor, era pensar no que seria da sua vida sem ele.

— Faça melhor do que isso — disse Freddy enquanto a trazia para a beira da pista e delicadamente a trocava pela prima Dare. Antes que Olivia pudesse responder, os dois já estavam dançando, rindo e absortos um com o outro, fazendo crer que o amor fosse algo tão simples.

— Disse que não choraria durante a cerimônia. — Olivia ouviu uma voz familiar atrás de si. — E você quase *me* privou desta festa, imagine como seria desastroso.

Olivia se virou e deu um grande abraço na avó.

— Me desculpe, vovó. A cerimônia foi tão emocionante que não pude me controlar.

Sua vovó deu o braço para Olivia e as duas saíram andando, passaram pelas portas envidraçadas que davam para o deque acima do lago. As águas refletiam o colorido tênue. Os últimos minutos de sol coloriam delicadamente a superfície das águas e impregnavam o acampamento de um brilho intenso. Os sons da música, das risadas e dos copos se fundiam lindamente com o silêncio da brisa de verão e dos pássaros. Pamela deu um suspiro de felicidade.

— Foi você quem fez tudo isso, Olivia — ela disse. — Você tornou este lugar mais bonito do que era antes. É muito mais do que desejei.

— E adorei fazê-lo, vovó.

Logo que chegaram, seus avós pareciam duas crianças passando apressados de um lugar a outro, vasculhando tudo e admirando a transformação realizada.

— Ainda bem que você aceitou a incumbência. Eu queria tanto que você voltasse aqui. — E a avó deu um olhar matreiro. — Você tinha um assunto mal resolvido aqui.

— Connor Davis — disse Olivia. — Imagino que Dare já tenha posto você a par das notícias. Mas é muito complicado, não tive tanta sorte quanto você, vovó...

— Sorte. — A avó estalou a língua. — Não seja ingênua, minha filha. Um amor

monumental e um casamento perfeito não são fruto da sorte, assim como se ganha na loteria. É preciso construí-lo, alimentá-lo, e geralmente dá muito trabalho fazer isso. Não é como ir a um spa para ser paparicada o tempo todo.

— Eu sei, não sou tão ingênua assim. O problema é que tenho muito medo de me arriscar.

Sua avó estalou a língua outra vez.

— Você vai ter que se arriscar em alguma coisa. Por que não no amor?

Porque sou um desastre em matéria de amor, está bem?, pensou Olivia, mas não disse.

Um garçom ofereceu champanhe e as duas fizeram um brinde, que funcionou como um relaxante. Pamela tomou um gole e suspirou.

— Charles e eu tomamos uma decisão sobre o Kioga — ela disse. — Já adiamos demais o assunto.

— É o que vão fazer?

— Estávamos com esperança de reabri-lo, não só para crianças, mas para famílias inteiras. Acho que seria interessante para as famílias que procuram um refúgio para passar o verão. Hoje em dia as pessoas vivem ocupadas demais e acabam convivendo pouco. Este é um lugar que pode servir para reuni-las de novo, com chalés privativos, refeições comunitárias e atividades programadas. Claro que as pessoas só ficariam por uma ou duas semanas, mas manteríamos todas as tradições e algumas inovações como degustação de vinhos à noite para os adultos. Tem havido muito movimento nessa direção, para recuperar o espírito de vida familiar. — Ela terminou o champanhe e colocou a taça sobre a mesa. — De qualquer forma, a ideia é muito boa, mas deparamos com um obstáculo.

— E o que é?

— No início do ano conversamos com Greg e Sophie sobre esse projeto e eles pareceram bem interessados. Infelizmente, esses planos foram por água abaixo, por motivos óbvios. Greg agora já vai ter problemas demais para ainda se ocupar do Kioga. — A avó de Olivia parecia muito desapontada.

— Quem sabe não encontramos uma outra solução? — disse Olivia, dando o braço à avó. — Não se preocupe.

— Charles disse a mesma coisa. Tudo me leva a crer que ele tenha uma carta na manga.

As duas voltaram para o salão e se juntaram ao pai dela, que estava com o avô e com Jenny Majesky. Philip fizera as apresentações, em particular, na véspera. Jenny estava adorável, mas parecia um pouco perdida. Seus grandes olhos escuros devoravam vovó e vovô, assim como a todos os parentes ainda desconhecidos na pista de dança e nas mesas do bufê.

— Acabei de dizer a Jenny que conhecemos seus avós antes de nos casar — comentou vovô.

— É verdade — disse Pamela. — E comprei um *kolache* de queijo no dia da inauguração da confeitaria Sky River, no dia 4 de julho de 1952.

— Você se lembra? — Jenny estava impressionada.

— Os *kolaches* de Helen eram inesquecíveis. Espero poder visitá-la amanhã.

— Claro que sim — disse Jenny, e Olivia viu que ela estava a ponto de chorar.

— Você dança, Jenny? — O pai delas se apresentou gentilmente. Ele devia ter percebido o mesmo que Olivia, que Jenny estava se emocionando. Olivia não fazia ideia do que era descobrir tantos parentes praticamente da noite para o dia.

— Não muito bem — confessou Jenny.

— Nem eu, mas adoraria dançar com minha filha.

— Eu ia ajudar a servir o bolo — disse Jenny, hesitante.

— Pode deixar. Eu cuido disso. Dance com papai — falou Olivia.

Jenny colocou a mão na dele, eles se aproximaram, e ambos se sentiram estranhos. Então riram. Olivia ficou ali olhando, sentindo um nó na garganta. Para se acostumar com a ideia de ter uma irmã, ia demorar. Ela viu os pais de sua mãe, Gwen e Samuel, observando os dois dançarem.

— Se olhar matasse... — comentou Dare baixinho para a prima quando foi ajudar com o bolo.

— Vou até lá falar com eles. — Olivia levou dois pratos com bolo para a mesa dos Lightsey. — Estão gostando da festa? — perguntou, risonha.

— Ah! Sim, estamos — disse seu avô.

— Onde está mamãe? — perguntou Olivia enquanto varria o salão com os olhos procurando pela mãe.

— Infelizmente, Pamela não estava se sentindo muito bem, então resolveu voltar para o hotel.

Olivia ficou triste pela mãe.

— Pode parecer meio estranho, mas espero que entendam. Jenny é uma pessoa maravilhosa.

— Ela parece adorável — vovó Gwen falou ao pôr o bolo de lado, sem prová-lo. — E nós entendemos que ela não tem culpa de nada. Ainda assim, tem de considerar o que isso pode significar para você, Olivia.

Olivia entendeu bem o que ela queria dizer. Como sua irmã, Jenny iria dividir com ela as atenções do pai, além da fortuna, claro.

— Não estou preocupada com isso. Já conversei a respeito com papai e ela é tão filha dele quanto eu.

— Você deveria fazer valer seus direitos, não é mesmo, Samuel?

— É verdade — repetiu o avô. Aliás, era só o que vovô dizia desde que perdeu parte da audição.

Olivia fugiu, pois não queria mais ouvir aquela conversa. Ela compreendia bem a lealdade deles com a mãe dela, mas não era o momento para discutir o assunto. De

repente, sentiu os excessos do calor, da multidão e do champanhe que bebera e resolveu sair para tomar um pouco de ar fresco. Como estava tranquilo ao ar livre! O sol já se fora e a escuridão da noite exalava mistério.

Olivia torcia para que Connor a tivesse visto sair. Não ficaram juntos nem um minuto e ela se sentia perdida sem ele, o que era novidade para Olivia. Ela não estava acostumada a desejar dividir todos os momentos da sua vida com alguém.

Olivia andava de um lado para o outro pensando nisso quando os faróis de um carro apareceram na área do estacionamento. O carro parou e os faróis foram desligados. Momentos depois, a sombra de um homem alto cruzou o caminho. Um cigarro incandescente voou em curva para o chão enquanto o homem se aproximava.

— Sr. Davis? — disse Olivia. — Entre, por favor. Meus avós queriam muito vê-lo.

Terry Davis estava de calça escura e camisa estalando de nova.

— Não posso me demorar — disse ele. — Só vim parabenizá-los.

— Você sabe que eles terão um imenso prazer em revê-lo.

Ele deu de ombros e olhou em torno. Era um homem grande e alto. Ao observá-lo, Olivia pôde ver de quem Connor herdara a beleza. Mas em Terry a beleza não sobressaía.

— Para dizer a verdade, só vim para lhe falar, srta. Bellamy. Se não se importa.

— Não me importo, mas me chame de Olivia, por favor.

— Sim. O fato é que estou trabalhando no nono passo.

— Não entendi.

— No programa dos 12 passos. O nono passo é sobre compensar as pessoas que magoamos no passado. Magoei muita gente, inclusive você.

— Eu? — Olivia nem desconfiava do que ele teria feito para prejudicá-la. — Mas eu não...

— Preciso tentar consertar meus erros, se possível.

— Oh! É alguma coisa que eu possa ajudar?

— Só precisa me ouvir.

Olivia hesitou e depois se sentou no primeiro degrau da escada, na entrada principal.

— Está bem — disse.

Ele se sentou ao lado dela.

— É sobre aquela noite, nove anos atrás. Sabe de que noite estou falando.

— Por que não me contou? — Olivia perguntou a Connor. A noite passou depressa e ela só o reencontrou por volta da meia-noite.

Connor saíra do bar onde, muito civilizado, conversava com Freddy. Quando Olivia o viu, ela quase se esqueceu de que assunto iria falar. Era sua primeira oportunidade de olhar direto para ele, e por alguns segundos foi impossível encarar e falar ao

mesmo tempo.

— Contar o quê?

Olivia ficou vermelha ao perceber que vários pares de olhos voltaram-se para eles, então ela o conduziu até um canto mais discreto no deque, que agora estava iluminado por pequenas lâmpadas piscantes.

— Seu pai me encontrou mais cedo. Ele me contou algumas coisas sobre aquela noite quando éramos crianças. Coisas que você nunca se preocupou em me explicar.

— Por exemplo?

— Ele disse que tinha bebido demais naquela noite.

— Todas as noites meu pai bebia demais.

— Mas naquela noite ele disse que foi beber na Hilltop Tavern e que, depois disso, acabou enfiando o carro numa vala. Disse também que você apareceu pouco antes da polícia, e que ficou ao volante para convencê-los de que era você quem dirigia. Assim seu pai não iria preso.

— Sim, e daí?

— Daí que você nunca me contou isso.

— Não era uma história minha para lhe contar. Existe uma coisa irritante chamada anonimato...

— Você me deixou pensar... — Ela estava começando a perder a calma, e voltou a sentir toda a raiva daquele dia.

— Então está falando de si mesma?

— Seria tão mais simples se você tivesse me explicado o que aconteceu — ela disse.

— Nossa, acha mesmo que é fácil falar que meu pai estava bêbado? Que diferença faria?

Até hoje Olivia sofria com a lembrança.

— Você foi meu primeiro namorado. Naquela noite, o que planejamos fazer era de grande significado para mim. *Era tudo*. E quando aquilo se tornou motivo de chacota, você sumiu.

— Lolly, foi você quem me largou lá naquela noite.

È Connor tinha razão. Ela sempre o culpou, mas foi ela quem fez a escolha e nunca se preocupou em descobrir o que realmente acontecera. Olivia passou nove anos acreditando que Connor a abandonara naquela noite, e agora tinha de encarar o fato que isso não era verdade. Ela saíra da piscina sem olhar para trás. È agora sabia que se tivesse olhado para trás teria visto Connor ignorando a zombaria dos monitores bêbados e se vestindo rapidamente para ir atrás dela. Finalmente, poucos momentos atrás, Terry Davis explicou por que Connor nunca foi até ao seu chalé aquela noite. Alguém o avisou que seu pai estava em apuros. O que ocorreu depois disso parecia mais um pesadelo. Connor disse ao policial que era ele quem estava dirigindo.

— Seu pai me contou que você foi mandado para a prisão em Kingston.

— Isso mesmo.

O rosto dele era inexpressivo, mas ela sabia que escondia muita dor. Ele era apenas um menino assustado querendo proteger o pai, querendo evitar que ele fosse parar na prisão. Olivia podia imaginá-lo, sendo levado preso, jogado entre prisioneiros e espancado, conforme o relato do pai dele.

— Você devia ter me dito. Devia ter me chamado ou...

— Lolly, não ia dar certo. E depois, se eu fosse tentar lhe explicar, seria pior para nós dois.

E ela concordou inclinando a cabeça, sofrendo por aquele menino que escondeu tanto sofrimento, até mesmo dela. Ela teve medo do seu vigor e da sua vida tão complicada. E esta era a diferença fundamental entre eles. A infância dela não fora nenhuma maravilha, mas ela *teve* uma infância. Quando os dois estavam juntos no acampamento de férias, facilmente se esquecia de suas diferenças. Mas, na realidade, Connor cresceu sem ter ninguém para defendê-lo, e ainda teve que cuidar do pai, exatamente como fizera naquela noite.

Segundo Terry, ver o filho na cadeia por sua causa foi a gota d'água para ele tomar jeito e se tratar do vício. Então, ele se internou em um centro de reabilitação por 90 dias.

Olivia, sem saber de nada, voltou para Nova York, fez sua mudança para a faculdade e tentou esquecer o que acontecera naquele verão.

— O que poderia ser pior do que perder você sem uma explicação sequer? — ela perguntou, lembrando a agonia que sentira.

— Perder você agora — respondeu ele com simplicidade. E abriu um sorriso afetuoso. — Isso seria bem pior. — Ele se inclinou e a beijou na boca rapidamente, mas com firmeza. — O que importa é que estamos juntos agora.

Olivia sentiu uma ligeira tontura com aquele beijo e queria que ele a beijasse mais. Fez uma breve pausa para deixar que a brisa fresca clareasse suas ideias.

— Não vou contestá-lo. — Olivia queria que ele a colocasse na garupa da moto e zarpasssem para longe, para nunca mais voltar. Ela queria que suas vidas se encaixassem da mesma forma que seus corações. — Só quero... — Olivia fez um pausa. Era difícil dizer o que ela queria. — Quero ter certeza de que não estou cometendo um engano dessa vez. Já errei tanto que nem confio mais em mim mesma.

— Não posso evitar que cometa enganos, Lolly. Ninguém pode, nem você. E por que iria querer isso?

Tão simples, pensou ela. Ele tinha esse dom, o de abordar os problemas com clareza, ao passo que ela dificultava as coisas com sua tendência de pensar e repensar.

— Mas...

— Às vezes você precisa ter fé.

Ela não podia acreditar que ele sorrisse, como se estivesse se divertindo.

— Temos vidas completamente diferentes, Connor. Não vejo como possa funcionar.

— Você se muda para Avalon e construiremos nossa casa juntos. E dirá aos seus avós que se encarregará da reabertura do acampamento de férias. — Tudo que ele dizia parecia muito normal.

— Você andou conversando com vovô e com Greg.

— Longamente — ele admitiu.

Olivia mordeu o lábio e o encarou. Pressionou as palmas das mãos contra o tecido fino do paletó do smoking e sentiu o calor do corpo dele. Seu coração disparou, mas ela se controlou. Connor estava lhe pedindo o mesmo que Rand Whitney. Que abandonasse a vida que construiu, o negócio que criou e batalhou para dar certo.

— Acho que estão relutando em vender a propriedade. A ideia é muito boa, criar um refúgio para famílias. Mas é apenas um sonho — disse.

— Tudo isso começou como um sonho. Eu nunca lhe contei, mas meus sonhos também partiram daqui. Na primeira vez em que vim para cá, fui capaz de sonhar que poderia ter uma vida que não fosse uma droga. E foi fundamental para mim. Não pode imaginar o quanto foi importante.

Olivia se lembrava daquele garoto zangado, de olhos azuis, com roupas no estilo hip-hop e fita isolante no tênis. Desejou voltar no tempo, abraçar aquele menino e lhe dizer que tudo acabaria bem. Mas ela teve essa chance, anos mais tarde. E não soube aproveitá-la.

— Estou tão contente... — começou, e depois riu, um pouco nervosa. — Não sei dizer por que estou contente. Que tivemos este verão. Que talvez...

— Talvez o quê? — Ele pegou sua mão e entrelaçou seus dedos nos dela. — Preste atenção. Serei bem tolerante. Se não gostar da ideia de ficar aqui, viveremos onde você quiser.

Novamente, tão simples.

— Você se mudaria para a cidade por minha causa?

— Eu moraria na Terra do Fogo se você quisesse.

Ela olhou para as mãos dele, as palmas juntas, dedos entrelaçados. Foi assim que ficou com ele na última vez em que fizeram amor.

— Não tenho certeza se quer que eu fique — ela admitiu.

— Então me escute. Amo você, Lolly. Amo você desde quando éramos garotos, e isso não mudou, nunca, mesmo que não tenha lhe dito. Pelo contrário, eu a magoei e a deixei ir embora. Não vou fazer isso de novo, meu amor. Nunca mais. Somos adultos agora. Sabemos bem como fazê-lo. Entende o que digo?

Olivia estava aturdida, seu coração repleto de alegria.

— Parei naquela parte em que você disse que me amava.

— Uma parte interessante para se prender. Amo você e sempre amarei, todos os dias da minha vida. Somos de mundos totalmente diversos e levamos vidas bem

diferentes, mas existe algo importante que nos une. Diga-me que não estou imaginando coisas.

Olivia ficou sem palavras, mas se recusava a chorar. Não queria estragar o momento, um momento tão perfeito, com lágrimas.

— Também amo você, Connor — sussurrou. As palavras vieram de dentro dela, e brotaram como uma nascente escondida. — Sempre o amei, mesmo quando o odiei.

— Sei disso, meu amor. Eu sei.

Ao inclinar a cabeça para fitá-lo, sentiu lágrimas deslizarem rosto abaixo, substituídas por pura alegria. Ele a fez sorrir, e se sentir segura. Será que o amor era assim, tão simples?

Connor a soltou por um instante para consultar o relógio.

— Algum problema? — ela perguntou.

— Estou com uma certa pressa. — Ele sorriu com algum nervosismo. — Preciso fazer isso antes da meia-noite.

— Fazer o quê?

— Imaginei que seria interessante pedir você em casamento no dia das bodas de ouro dos seus avós.

O coração de Olivia disparou. Apavorou-se, mas era exatamente o que ela queria. Era meio louco, mas fazia sentido.

— Está me pedindo em casamento?

— Ainda não pedi. Ainda estou criando coragem.

Olivia riu alto de felicidade e sem medo.

— Faça-o agora — disse. — Peça minha mão agora.

— Agora?

— Agora — disse Olivia. — Mal posso esperar para dizer sim.

Epilogo

O TROVADOR DE AVALON 2 DE SETEMBRO DE 2006

O sr. Philip Bellamy, de Manhattan, e a sra. Pamela Lightsey Bellamy, também de Manhattan, comunicam o noivado de sua filha, Olivia Jane, com Connor Davis, filho de Terence Davis, de Avalon, Nova York. A srta. Bellamy, formada pela Columbia University, vai se mudar para Avalon logo após o casamento. O sr. Davis é dono da empresa Davis Contracting and Construction, com sede em Avalon, e estará iniciando a construção da residência do casal na estrada junto ao rio. O casamento está planejado para o próximo mês de agosto. O casal vai assumir a administração do acampamento Kioga, que será reaberto como um resort para famílias, no próximo verão.

Palavras Finais

Cara leitora,
Existe algo de eterno e mágico em um acampamento de férias. Longe da correria e das preocupações cotidianas, o acampamento de férias pode levar o coração a lugares inimagináveis. O calmo marulho das águas do lago, o bater das asas dos pássaros entre uma árvore e outra, o céu coalhado de estrelas à noite, estas são as imagens que inspiraram a criação do acampamento Kioga, no lago Willow.

Existem outras histórias sobre a família Bellamy, seus amigos, seus rivais, e outras pessoas que invadem suas vidas inesperadamente, sem que sejam convidadas. *Pousada de inverno*, próximo livro da coleção *Diários do Lago*, conta uma história cheia de amor e humor, segredos e surpresas.

Visite o meu site, www.susanwiggs.com, para se cadastrar e conhecer melhor os outros títulos.

Feliz leitura!

Susan Wiggs

Rollingbay, Washington

Agradecimentos

Minha mais profunda gratidão vai para Elsa Watson, Suzanne Selfors, Sheila Rabe e Anjali Banerjee; e para Kysteen Seelen, Susan Plunkett, Rose Marie Harris, Lois Faye Dyer e Kate Breslin por sua enorme perseverança e paciência ao ler os primeiros rascunhos. Agradeço a Dale Berg e Mike Sack por compartilharem suas reminiscências de acampamentos nas Catskills. E agradeço especialmente a Meg Ruley e Annelise Robey, da Jane Rotrosen Agency, e a minha incrível editora, Margaret O'Neill Marbury.

Susan Wiggs

Pousada de Inverno

{ Diários do Lago }

Livro 2

Jenny Majesky e Rourke McKnight guardavam um segredo que tornava a proximidade entre eles cada vez mais proibida. Separados pela fidelidade e atraídos pela paixão, eles passaram anos se evitando. Mas, com o último refúgio de Jenny destruído pelo fogo, Rourke reaparece, oferecendo segurança, apoio... e afeto. Em um chalé de inverno às margens do lago Willow, Jenny encontra um abrigo seguro, o lugar onde ela e Rourke tentarão curar as feridas que os consomem há tantos anos. No entanto, quando uma nevasca os prende dentro da casa, o perigo ronda o novo lar de Jenny, ameaçando sua vida e seu amor.

Susan Wiggs

O Cais

{Diários do Lago}

Livro 3

Nina Romano já criou sua filha, e agora pode aproveitar a vida. Mas, justamente quando está começando a desfrutar sua nova fase, apaixonou-se por Greg Bellamy, dono da charmosa Pousada do Lago Willow. Recém-divorciado, ele deseja recomeçar do modo certo antes que seja tarde demais. Equilibrar o trabalho, o cuidado com uma filha adolescente e a educação de um menino demanda muito tempo e esforço. No entanto, com Nina, tudo parece mais fácil do que antes... até mesmo o amor.

Wiggs, Susan

W653v Verão no lago [recurso eletrônico] / Susan Wiggs; tradução Ana Helena Garcia. — Rio de Janeiro: HR, 2012.
Recurso digital (Diários do lago; v.1)

Tradução de: Summer at Willow Lake

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Continua com: Pousada de inverno

ISBN 978-85-398-0569-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Garcia, Ana Helena. II. Título. III. Série.

12-7636

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:
SUMMER AT WILLOW LAKE
Copyright © 2006 by Susan Wiggs

Ao casal das bodas de ouro da vida real: Nick e Lou Hlist

Copyright da tradução © 2009 by EDITORA HR LTDA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Editoração eletrônica da versão digital: Ranna Studio

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela HARLEQUIN
ENTERPRISES II B.V./ S.À.R.L. para
EDITORA HR LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0569-3

Capa

Rosto

Bem-vindos ao acampamento Kioga

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Epílogo

Palavras Finais

Agradecimentos

Teaser

Créditos

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Susan Wiggs

Verão no Lago

{Diários do Lago}

Livro 1

"A interação e a intimidade entre os personagens são preciosas. Suas evocações dos eternos prazeres do verão, especialmente atraentes." – *Publishers Weekly*



HARLEQUIN
BOOKS